



Deo **INDOMÁVEL**

autora bestseller de *De Repente, Você!*

ELISETTE DUARTE



O
INDOMÁVEL

autora bestseller de *De Repente, Você!*

ELISETTE DUARTE

CEO
INDOMÁVEL

ELISETE DUARTE

Copyright © 2018 Elisete Duarte

Capa: Thais Lopes

Copidesque: Renata Margaria e Carla Santos

Revisão: Cleidi Natal

Diagramação: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora e/ou editora.



Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Biografía

Obras



Prólogo

CAROLINA

Sabe aquela frase muito conhecida: “Confie que tudo vai dar certo e que sempre há uma luz no fim do túnel?”. É a frase mais falsa que já ouvi na vida.

Euzinha sou a prova disto! Confiei, esperei e sonhei demais, criei mil e uma expectativas e o que foi que ganhei? Um belo tombo do cavalo!

E o que estava pesando era o fato desse animal dos infernos estar a apenas alguns quilômetros daqui. Em aproximadamente quinze minutos, eu corria o risco de me deparar com ele. *É a morte! Ninguém merece algo tão horripilante assim!*

Lá fora, o vento soprava em rajadas fortes no dia que amanheceu triste, do céu nublado caía uma garoa fina embaçando o para-brisa do carro alugado para a minha rápida estadia em São Paulo. Acessando neste instante a Rodovia Castelo Branco com o cenário chuvoso, entrei em descontrole total.

Meu coração e respiração estavam acelerados e meus olhos cheios de lágrimas. Respirei profundamente pressionando meus dedos no volante, em uma tentativa vã de recuperar o equilíbrio dissipado. Era sempre assim quando vinha a esta cidade, seis anos se passaram sem que esses sentimentos tivessem me abandonado.

“Calma, não vai dar de cara com ele! Nas outras visitas não aconteceu, não vai ser desta vez. Relaxa!”, a voz dentro da minha cabeça se manifestava.

— É isso! — falei em voz alta e foi da boca para fora. A reação à ansiedade intensificou ao pegar a saída 23 de Alphaville, em Barueri, São

Paulo. Levei uma das mãos à testa, e subi esfregando até a raiz do cabelo secando o suor pingando, já entrando na avenida predominantemente comercial do bairro, em horário de pico e com trânsito lento nos dois sentidos.

E era justamente esta paralisação que me assustava.

Nestes seis anos morando em outro Estado, estive aqui com frequência visitando minha família, o detalhe era que todas as minhas vindas ocorreram nas madrugadas e permanecia o tempo mais curto possível. Tudo a fim de evitar um indesejado confronto. Apaguei meu passado, obriguei a todos a não comentarem nenhuma novidade daqui. Ou seja, a concentração foi apenas no meu presente, uma forma de sofrer menos.

Poderia muito bem fazer uma procuração dando plenos poderes ao meu irmão e minha mãe para resolverem qualquer situação da empresa do meu pai, inclusive a venda dela. Mas não podia ficar mais um dia sem ver o meu pai querido, com meu coração se remoendo de saudades. Infelizmente, após o AVC hemorrágico há quatro anos, hoje ele não reconhece ninguém, não fala, não se mexe, a princípio suas chances de sobreviver não passava de 6% devido às sequelas, mas ele continua vivo, vegetando, porém vivo.

A Uchoa Indústria Farmacêutica era a empresa fundada pelo meu rei, meu herói, meu pai, e já liderou as vendas dos medicamentos genéricos, hoje no vermelho por falta de uma administração focada. O ramo do meu irmão era outro, e a venda acabou sendo inevitável com a minha falta de tempo. Depois que me mudei para Brasília, recebi todo apoio do meu pai, já formada em Bioquímica, ele investiu pesado no meu estudo de especialização, e após o estágio na área de Análises Clínicas e Medicina Diagnóstica, eu fiz jus ao seu esforço. Diante da minha inspiração empreendedora, logo montei o meu primeiro laboratório; e adquirindo credibilidade junto à classe médica, tornou-se um grupo com laboratórios espalhados pelo Brasil.

Por não precisar deste dinheiro, tinha a intenção de transferir a minha parte da venda para o meu irmão e a minha mamãe. Fui arrancada dos meus devaneios com meu celular vibrando no banco do passageiro ao lado.

— *Vai demorar muito para chegar, Carol?* — Guilherme, o meu irmão, dois anos mais velho, desatou a falar sem ao menos eu dizer um alô. — *Estamos todos aqui aguardando você...*

Entrei no estacionamento do condomínio corporativo moderno, com duas torres com mais de vinte andares inaugurado há menos de um ano, que era o escritório do Derek Kumar, um advogado renomado, que prestava serviço a minha família, e também um grande amigo de infância.

— Está um trânsito maluco, hoje! — expliquei rapidamente. — Acabei de entrar no estacionamento. Me dê alguns minutos que já apareço por aí. — Soltei o ar, exausta, e joguei o aparelho de volta ao banco. Entreguei meu documento e o número da sala do Derek ao porteiro, assim que cheguei à catraca.

— Senhorita, a sua entrada já está liberada — informou ele. — Entretanto, peço a gentileza de estacionar em um dos boxes reservados aos proprietários, fica no final do complexo, que está com uma vaga disponível — finalizou entregando meu documento.

— Obrigada!

Cruzei a área comum descoberta entre as duas torres, que é usada como estacionamento. No muro, de um extremo ao outro do condomínio, estavam os vários boxes com capacidade para dois veículos, ao qual o porteiro mencionou, e ficava numa parte restrita e silenciosa, sem circulação de pessoas e veículos. Entrei na vaga ao lado do carro preto e de luxo, que deduzi ser do Derek. O telhado retrátil daqueles de vidro que abria e fechava, estando aberto era um problemão com a garoa engrossando.

— Droga! — praguejei olhando ao redor pensando numa solução para me proteger. — Não me lembro nunca de deixar uma sombrinha dentro do carro.

E parei os olhos em minha bolsa de mão tipo maleta no banco ao lado. Sobre ela havia uma blusa de reserva e com ela sobre minha cabeça, saí do carro correndo até a entrada do prédio à direita, livrando meus cabelos da derrocada das águas. Minha entrada já havia sido liberada quando me apresentei no balcão arredondado em madeira escura. Saí do elevador no décimo andar, e andei pelo espaçoso corredor, apreciando o piso em porcelanato cinza, dando um toque legal às portas brancas.

— Meu pai, que mulher mais linda! — Derek, que sempre teve os cabelos na altura dos ombros, agora estavam penteados certinhos e alinhados, parecendo mais loiros com a pele bronzeada, abriu os braços tão logo atravessasse a porta de vidro e adentrei na pequena sala.

Embora compacto, o ambiente provido de uma mesa ao canto e vazia, que possivelmente fosse de uma secretária, e na outra parede um sofá de três lugares em couro preto caiu no meu agrado.

— E você, um verdadeiro deus nórdico — retribuí o elogio sem modéstia. O cara estava de fato mais forte, lindo e perfeito! Atirei-me em seus braços fortes dentro do terno azul-marinho de corte italiano, aninhando a cabeça no peitoral duro e aspirando seu perfume fantástico. — E mais cheiroso do que nunca!

— São seus olhos, amiga! — Riu de forma carinhosa e apartou permanecendo com as mãos grandes em meus ombros, seus olhos puxadinhos verdes de cílios longos varriam curiosos pelo meu rosto, expelindo uma enorme interrogação.

Motivos bem óbvios! Ele era o cara ideal para se apaixonar; sempre que estava em sua frente, eu me perguntava o porquê ele nunca tocou o meu coração, sendo tão maravilhoso! Sim, porque a nossa relação extrapolou a

muralha da amizade, e não foi uma vez, e sim várias, várias tentativas, retificando. E na nossa última tentativa de transa, há um ano, larguei o cara falando sozinho após ele me satisfazer apenas no amasso. Com ele nunca deu. Pode estar classificando minha atitude como mancada, mas não era! O cara era um galinha sedutor... Não havia como seguir a trilha da afeição. Aliás, o amor era uma utopia que nos aprisionava e resultava na insanidade mental e eu estava muito bem em posse do meu equilíbrio... *Estou fora!*

— Quando foi que você ficou tão gato assim, hein? — Colocando a mão sobre a barba cheia, saí pela tangente.

Ele explodiu num riso gostoso e alto, chamando a atenção do meu irmão que saía por outra porta indicando que lá seria a sala onde aconteceria a reunião. Como de praxe, estiloso e abusando do corpo atlético, ele usava um terno preto, os botões do paletó abertos revelavam a camiseta de gola redonda na mesma cor.

— Está parecendo um lobisomem polaco com esta cara peluda, isso sim! — zombou Guilherme, colocando as duas mãos no bolso da calça social.

— Não dê ouvidos ao seu irmão, é despeito pelo meu brilho no jogo de ontem à tarde — rebateu Derek todo cheio de si se aproximando do amigo e lhe deu um murro leve no peito.

— Larga de ser metido, Derek! — Guilherme ria, desdenhando.

— Inveja mata! — revidou Derek. Eu ria dos dois ali naquela disputa de egos. — Sabe muito bem que o título de melhor jogador da temporada é meu.

Ambos eram uns fofos que adorava demais. Aliás, o assunto futebol americano era o principal por estas bandas, em nosso meio social. Estudávamos no mesmo colégio quando os nossos pais nos proporcionaram um intercâmbio no ensino médio (*High School* no exterior). Foi um ano extraordinário, como o esporte era parte fundamental no currículo de todos os estudantes nos Estados Unidos, os meninos da nossa turma ingressaram para

o futebol americano. Se apaixonaram tanto que, no retorno ao Brasil, os pais dos garotos se uniram e patrocinaram a criação de um clube relacionado exclusivamente ao esporte. E claro! Com tamanha dedicação acabou crescendo.

Com vários adeptos, formaram-se alguns times e com isto começaram os campeonatos. Além do mais, o esporte era o responsável pelos portes físicos invejáveis e cobiçados.

— Para de cuspir merda, cara! — ralhou Guilherme sacudindo a cabeça impaciente, vindo à minha frente, passando o braço ao redor da minha cabeça e me puxando para beijar a minha testa. — Já estava preocupado com a sua demora, maninha. — E me abraçou forte em seguida.

— Perdão! Acabei parando numa cafeteria no aeroporto e perdi alguns longos minutos degustando de um delicioso café. O comprador já chegou?

— É... — Embrenhando as mãos enormes pelos cabelos bem ajeitados, Derek começou e foi interrompido pelo Gui, apelido como meu irmão era conhecido.

— Ainda não, mas não deve demorar. — Segurando em meu braço, arrastou-me em direção à porta por onde saiu. — A mamãe está lá dentro esperando por você.

Senti um gelo na boca do estômago, pensando na bronca que levei da minha mãe ontem ao telefone. Aliás, esta devia ser a razão por não ter vindo me recepcionar. Minha mãe era destas: quando algo a contrariava, ela se isolava, permanecendo à distância. Ficou possessa e inconformada quando expus a minha vontade de abrir mão dos meus direitos.

Na parede que entramos, à direita da espaçosa sala arejada e iluminada pela grande janela toda em vidro, estava uma mesa oval de madeira escura, uma cadeira de presidente e duas mais simples. E à esquerda, havia uma mesa retangular grande da mesma madeira da outra com capacidade para oito

peessoas. E numa das cadeiras de frente à porta estava a minha mãe, jovem e linda aos 50 anos, cabelos loiros escuros presos num coque frouxo, com alguns fios moldurando o rosto com maquiagem levíssima. Seus dedos estavam cruzados sobre o tampo de madeira e me olhava com semblante severo.

— Oi, mamãe! — produzi uma voz respeitosa. No fundo, eu sabia o quanto ela tinha razão! “A herança é direito de todos os filhos”, frase corriqueira do meu pai quando possuía saúde.

Ela suspirou longamente, notei muito mais medo do que contrariedade em sua expressão. Em seguida, a pressão do meu olhar até deixou uma linha de sorriso se abrir em seus lábios.

— Oi, filha!

Derek e Guilherme se entreolharam transmitindo um clima pesado e tenso, que fiquei intrigada. Gui quebrou o silêncio constrangedor.

— Sente-se ao lado da mamãe, maninha! — Segurando em meu braço, ele me guiou contornando a mesa e puxou a cadeira ao lado dela. Ressabiada, deposei a bolsa sobre a mesa e a blusa ao lado antes de me sentar.

Sabe aquele aperto enorme que a gente sente no peito? Era exatamente este que sentia, assemelhava-se a duas mãos agarradas em meu coração esmagando-o. Eu desejava, no fundo do meu coração, ganhar seu abraço caloroso. Aquele que tantas noites acalentou o meu coração sofrido há seis anos. Um sofrimento ao qual acreditei que nunca teria fim. Mas suspirei profundamente. Passou... Superei aquela fase maldita.

Neste instante, os ruídos na porta de vidro ecoaram pelo ambiente e logo ouvimos gente batendo palmas.

Branco como cera, o Derek, ainda em pé, apontou em direção à porta que entramos.

— Deve ser o comprador que chegou. — Olhou estranho para o Guilherme, que, suspirando, assentiu e foi se sentar do outro lado da mamãe.

— *Não contratou uma secretária ainda?* — Meu coração disparou ao ouvir a voz rouca masculina tão conhecida, num tom divertido.

Não é possível! Fechei meus olhos engolindo duro a fim do meu coração arremessado à garganta, descer. Ainda abobada com o tropel dentro do meu corpo, delirei achando ter ouvido o grunhido insatisfeito do Derek.

— *Não querendo ser indelicado, mas sendo, faz mal algum cuidar da própria vida, ao invés da alheia?* — Não delirei. O Derek realmente se ofendeu. — *O resultado ficou claro no jogo de ontem. Reduzi seu timinho a pó* — ironizou carpindo uma gargalhada explosiva debochada do Marcelo. *Não, não, não!* Balançava a cabeça em absoluta desordem. Por que ele estaria aqui? Pelo que eu saiba, ele e Derek não eram amigos. Não mais... *Meu Deus!*

— *Nada mais além de sorte! E não conte vitória antes da hora, ainda temos o jogo decisivo* — contestou, ainda brincando. — *Seu timeco ainda tem muito de técnica a aprender.*

“Fodeu! É ele sim...”, pensei ofegante e girei a cabeça em busca de uma explicação dos dois ali na mesa.

De cabeça baixa, minha mãe olhava para seus dedos sendo entrelaçados nervosos sobre a mesa. O Guilherme ergueu a cabeça ao teto, permanecendo assim.

— Que palhaçada é essa?

Não houve tempo de resposta.

— *Meu tempo é precioso, vamos logo ao que interessa!* — Parei de respirar travando os olhos na porta e na maior expectativa, observando os passos vindo. Ainda restava uma estúpida esperança de que me enganai, afinal de contas há timbres de vozes bem semelhantes neste mundão afora.

Meu controle foi ribanceira abaixo com aquela presença masculina de 1,85m surgindo à porta, na roupa encaixando perfeitamente em seu corpo visivelmente mais musculoso. Os seus hipnotizantes olhos cinzas e o sorriso arrogante estão exatamente do jeito que me lembro. *Lindo, admito!* A calça e a camisa preta com os primeiros botões abertos revelavam um pouco do seu perturbador peitoral esculpido. E o blazer numa tonalidade crua dava um toque elegantemente espetacular. E estava de lascar aquele olhar ciente de que era divino, parecendo tão surpreso quanto eu. Trazia em uma das mãos grandes uma maleta de couro no mesmo tom da roupa.

— Carol! — Erguendo as sobrancelhas grossas munido de um sorriso impressionado, porém safado, Marcelo pronunciou baixo com uma voz grave e rouca tão arrasadora, chegando a me arranhar de leve. O fato agravante foi eu perder a noção do tempo e espaço, hipnotizada na figura masculina e sexy.

Senti todos os pelos do meu corpo se eriçarem. Eu posso até ouvir meu coração retumbando como um trovão

“Não coração, não faça isso comigo!”, implorei em vão.

Abri a boca inalando o máximo de ar possível, buscando o equilíbrio fugitivo. Eu não o achava bonito, ele era o homem mais lindo que eu já vi nestes 29 anos de minha vida.

“Acorda, Carolina! Acorda!”, a voz da minha consciência gritava dentro da minha cabeça e ela estava correta. “Eu o odeio, eu o odeio, eu o odeio!”, repetia quase no mantra desviando os olhos para o Derek entrando logo atrás dele. Meus olhos denunciavam o quanto eu estava abalada.

— Será que poderiam explicar o motivo da presença deste cidadão aqui na reunião? — exigi tentando um tom de voz controlado.

Naquela expressão enervantemente cínica, ele torceu a boca se fazendo de desentendido. Derek passou à frente dele na intenção de expor uma justificativa, e neste instante notei o Cauã, no mesmo porte atlético que os

demaís, vestindo uma calça jeans escura despojada, camisa branca e por cima um blazer preto, entrando na sala. A cabeça raspada era uma novidade, nunca pensei que ele abandonaria o estilo *black power*, o que fazia dele um homem de estilo e personalidade forte. Formado em Direito, deduzi que ele poderia ser o advogado do Marcelo.

Guilherme esticou o braço até sua mão vir sobre o meu punho fechado esquerdo, apertava fortemente escondendo o tremor na mão sem conseguir controlá-la, ela tremia demais.

— O Marcelo é o comprador da Uchoa e... — explicava quando reagi me levantando subitamente. Uma autodefesa, talvez.

— A reunião está encerrada! — Com a mão direita espalmei sobre o tampo da mesa.

Imagina! Nunca na minha vida aceitaria uma provocação como esta, JAMAIS!

— Onde está indo, Carolina? — advertiu minha mãe segurando a minha mão esquerda. Eu puxei encarando-a.

— Deveria se sentir envergonhada em conspirar contra a sua própria filha. Ela sacudia a cabeça com os olhos se enchendo de lágrimas.

Sem paciência e condições, peguei a minha bolsa sobre a mesa, e afastando a cadeira com a parte de trás das pernas, a derrubei. Contornei e segui em direção à porta. O problema era o armário do Marcelo, atrapalhando a minha passagem. Na realidade, o seu perfume magnífico, num leve amadeirado, me deixando zozza. Precisei ser firme a fim de não despencar no chão de tão bambas que estavam minhas pernas.

Meu coração batia numa frequência altíssima, mas estava longe de ser ódio. O sentimento de amor por ele continuava ali em total e completa posse. Um dos motivos da minha partida foi justamente o fato de não cair em tentação e me tornar um fantoche em suas mãos. Infelizmente constatei que a

distância não me fortaleceu, continuava ainda mais ligada e não podia permitir. Precisava correr e sair dali com um iminente perigo de recaída.

— Sai da minha frente — solicitei evitando seus olhos, quando seus dedos determinados e quentes fecharam em meu pulso. Fechei meus olhos com o choque, demorou alguns segundos até a corrente elétrica deslizar por todo o meu corpo e eu me recuperar. Abrindo meus olhos, deparei-me com os dele apertados e fodásticos, aliás, os traços brutos sempre foram o seu ponto forte. O queixo quadrangular e a barba cerrada intensificavam o ar masculino.

— Eu não vim aqui para perder tempo — elucidou num tom autoritário, assumindo uma expressão com impossível identificação. E num tom sedutor e irresistível pra cacete extraiu de mim todo meu autocontrole. Tê-lo assim tão perto, além de causar um abalo generalizado pelo meu corpo, causou uma fogueira ardente. *Está dando bandeira, Carol! Sai daqui logo, mulher!* Como se ouvisse o meu pensamento, os olhos cinzas declinaram até meus lábios. Ele deu uma inalada profunda, antes de voltar aos meus olhos.

Respirei fundo buscando forças e arranquei meu pulso de seus dedos magnéticos.

— Engraçado! É justamente o que estão fazendo... tomando o meu tempo valioso. — Estava nervosa e tremendo muito. Não aguentei ficar nem um segundo a mais e saí pela porta aos tropeços. O som do impacto do salto da minha sandália sobre o piso sólido da antessala denunciava meu desatino. Respirando fundo, eu diminuí o passo, tornando-o mais leve e foi quando ouvi a frase do Derek:

— *Eu avisei que iria dar merda!*

Espalmei na porta de vidro abrindo-a e saí em disparada dali.



MARCELO

— Por que a Carol veio? — irado e inconformado exige explicação com a mandíbula apertada completamente. — Combinamos que vocês dois — aponte para a dona Viviane e o Gui — teriam a procuração dela.

Derek limpou a garganta, e foi o Guilherme quem esclareceu:

— Acontece que a minha irmã fez questão de vir pessoalmente.

— Então, ela não sabia de mim?

Na maior cara deslavada, Guilherme meneou a cabeça negando.

— Se ela soubesse jamais teria vindo até aqui.

Revirei os olhos e começando a rir, indignado, e foquei na dona Viviane, sentada de cabeça baixa, paralisada.

— E a senhora, dona Viviane, não tem nada a dizer?

Ela suspirou e ergueu o rosto pálido.

— Para dizer a verdade, ando muito ocupada cuidando do meu marido.

Pelo menos faz algo digno!

Perturbado, depositei minha maleta sobre a mesa.

— Como pôde ser tão inconsequente com a sua irmã, Guilherme? — cobre. — Ela tem razão em ficar em choque, se fosse comigo eu ficaria puto também.

— Espera aqui, vou lá falar com ela — se prontificou, e eu o impedi de se levantar.

— Coloquei muito dinheiro neste negócio e não pretendo perder — expliquei severamente, estava realmente bravo. — Eu mesmo vou resolver.

— Vai preparando as documentações que já volto — pedi ao Cauã, que assentiu e já puxou a cadeira se sentando perto de Derek, enquanto saí da sala atrás da Carol.

Da porta de vidro, percorri os olhos pela área comum lotada de veículos estacionados, não notei nenhum com indícios de que sairia.

“Será que ela veio de táxi?”, pensei saindo pela porta e caminhei na calçada à direita, rente à parede sob as pequenas coberturas, me protegendo da chuva. E no final parei petrificado.

Ali, dentro do box do Derek, com a cobertura de vidro aberta, aquela maldita chuva torrencial grudou o vestido champanhe, transpassado com detalhes em preto no corpo esbelto e delineado dela, me matando de tesão. Meu desejo se reacendeu com toda essa gostosura, seus cabelos loiros caramelos molhados e mais compridos, quase na cintura abraçavam seu corpo, as coxas grossas deliciosamente torneadas, a bunda redonda, absurdamente arrebitada. Todos os seus requisitos faziam meu membro desejá-la. Aliás, a roupa valorizava a silhueta feminina, a sensualidade era um elemento que ela nunca dispensou. Agitada, com a chave na fechadura do carro, forçava-a a girar. *Tão gostosa!*

— Abre, cacete! — ela gritava abafado batendo os pés no aguaceiro. — ABRE! — Arrancando a chave, ela começou a chutar o pneu.

Apertei meu membro desesperado sobre a calça, eu já não aguentava mais de tesão vendo aquela deliciosa mulher ali, naquela aflição toda.

— CAROLINA? — gritei, disputando com o som ensurdecido do trovão. Ela tortuosamente virou-se. Enfeitiçado, engoli duro comendo com os olhos seus fartos seios empinados. Os biquinhos duros de frio pareciam querer furar o tecido. — Sai da chuva, vai! — aconselhei.

Ela sacudiu a cabeça irritada e voltou à tarefa de enfiar a chave na fechadura do veículo, agora com uma pressa maior.

— Teimosa! — falei saindo em meio à chuva, indo me encontrar com ela. Carol sempre foi esta mulher de gênio forte, cabeça-dura, inflexível e marrenta. Este fator de perder a razão já era uma característica velha conhecida minha. Talvez por esta razão ela se apresentasse aos meus olhos tão encantadora e gostava desta parte de dominar. E ela sempre foi um desafio e tanto, ou melhor dizendo, continuava sendo.

“Ei, ei, ei, Marcelo! Cuidado com o caminho enveredado. Relembre o passado para sair desta”, minha consciência bate forte no meu crânio me acordando.

Foi impossível conter as batidas ferozes do meu coração quando me aproximei e ela, em autodefesa, se colocou de frente, ameaçadora.

— É melhor sair de perto, ou não respondo por mim.

Eu ri enquanto os olhos castanho-claros, decorando o rosto pálido por onde as gotas de águas rolavam em direção ao colo explodindo, me olhavam soberbos.

— Você não é mais criança para toda esta birra! — Peguei em seu braço puxando-a, colando nossos peitos. Gemi sentindo nosso corpo colado, ela também; afetados, paramos de respirar. Ficamos imóveis nos olhando. Aquele rosto de anjo, pele suave e macia complementava o corpo de sereia.

— Birra? — ela disse um tempo depois.

Obstinado, eu me segurava para não tomar aqueles lábios carnudos sensuais da porra!

— Só estou me defendendo de ser roubada.

— Esta sua conclusão é equivocada — sussurrei muito próximo aos seus lábios, sentindo o cheiro floral de seu perfume. Sentia o tremor dela por baixo dos meus dedos, a prova estava na mudança do seu olhar me evitando. — São apenas negócios.

Ela inalou profundamente irritada.

— Tira sua mão de mim, seu cretino! — Puxou o braço, gritando. Apoiou as costas na lataria do carro. — Esta sua ganância vai te levar à sarjeta, roubou a minha vida e agora quer roubar o patrimônio da minha família? — soluçou escorregando para o lado. Arqueei àquela acusação. E nos primeiros passos em fuga não permiti.

Enlacei os braços ao redor da sua cintura colando nossos corpos e prendi a respiração, completamente afetado. O vestido molhado parecia uma segunda pele no corpo arrepiado dela.

— Me larga, me larga! — Demonstrando resistência, suas mãos forçavam a minhas, fechadas em seu abdome lisinho.

— NÃO! — falei alto e firme. Não podia deixá-la prosseguir com aquela ofensa, ela deveria agradecer. — Primeiro peça desculpas... — Virei-a de frente sem soltá-la e empurrei-a até suas costas se chocarem com a lataria do carro.

— Vai sonhando que vou te pedir desculpas! — Este jeito determinado dela era bastante sedutor e me atraía.

Com a mão direita prendi-a mais forte em meu corpo, e com a esquerda segurei sua nuca sobre os cabelos na altura da orelha, obrigando-a a me encarar. Ela puxava meus cabelos pela nuca tentando me afastar. Senti uma coisa estranha com seus olhos carentes.

— Pede logo desculpas se não quiser ser castigada! — sussurrei ameaçador em seu ouvido, em um tom sexy e mandão, do jeito que ela curtia.

— Vai à merda antes que eu me esqueça! — proferiu marrenta, quase arrancando os fios. Não sentia dor, sentia prazer, e dos grandes, focado naquela sua boca gostosa com aquela puta vontade de beijá-la, por esta razão não resisti.

Adorava aquele seu jeito estourado. Puxei-a para mim surpreendendo-a com um beijo roubado e o mais gostoso dos últimos tempos.

— P-para — gaguejou sem convicção, entregando sua língua à exigência da minha. — M-Marcelo — soletrou meu nome de forma rouca e aquilo aumentou a minha excitação. Meu pau latejou dentro das calças de tão duro e o encostei de leve, encaixando na sua parte vital de desejo. — Ah!

Porra de mulher gostosa! Pressionando-a ainda mais no carro, olhei para os lados, instintivamente, para ter certeza de que não tínhamos companhia e infiltrei minha mão pelo traspasse e toquei-a sentindo sua intimidade molhada, pressionei seu clitóris. Tremendo, ela grunhiu silenciosamente, fechando os olhos tão envolvida quanto eu.

— Eu quero isso! — rosnei louco. Ela remexeu na minha mão, me estimulando a continuar. Engolindo sua língua, afastei sua calcinha para o lado com o polegar, e corria meus dedos por toda extensão de sua vagina molhando mais e mais. Puxando meu cabelo, me enlouquecendo de tesão, ela gemia em minha boca. Mordeu meu lábio inferior e estirou, quase machucando, comigo escorregando por entre suas pernas, penetrando-a duro. — Eu quero foder você, agora! — exigi socando forte e fundo, sentindo seu líquido quente escorrer por minha mão aumentando o ritmo.

Eu começava a desconfiar do seu desprezo em relação a minha pessoa, ela mentia descaradamente e a certeza estava ali, em seu corpo aceso, a traindo.

— Uau! — Ela engoliu minha língua em outro beijo selvagem. Eu nunca esqueci este jeito devasso, sem restrições dela.

— Vamos sair daqui! — exigi, ameaçando afastar.

— Espera! — Emitindo um som sufocado de desejo, suas mãos agarraram mais forte meus cabelos da nuca, pressionando meus lábios num beijo delirante demais, enquanto rebolava nos meus dedos ávidos trabalhando, e sentia as paredes internas ao redor deles indicando um orgasmo iminente se aproximando. — Oh, eu não vou resistir por muito tempo! — reclamou com voz manhosa. Um estímulo, pelo menos precisava abrir a porra da porta do

carro dela e adentrar com a gata. Precisava enterrar tudo dentro dela, ele chegava a doer, espremendo no zíper da calça.

— Então goza gostoso, goza! — afoito, sussurrei em sua boca colocando os dedos fundo e mais fundo.

Ela gemeu entredentes.

— Gosta de ser fodida duro, não é?

Apenas abanou a cabeça apoiando a testa em meu ombro, ela estava ardendo aos meus toques brutos.

— Goza, gata!

Penetrava cada vez mais rápido indo bem fundo. Movi o polegar por seu clitóris, exercendo pressão a levando a um orgasmo arrebatador, seu corpo todo tremia e, grunhindo, ela beijava meu pescoço de cima a baixo enquanto eu circulava o dedo dentro dela.

— Oh, oh... — ela gemeu colocando as mãos sobre meu peito e me empurrou. Ofegante, ela engoliu duro. — Valeu! — Ajeitou o vestido.

— Vem comigo. — Quando peguei na mão dela, ela puxou. — Como assim? — perguntei frustrado.

— Falei sério quando mandei você ir à merda!

Ergui as sobrancelhas ainda voando.

— Não seja abusada, Carol! — avisei ameaçador. Ela tombou a cabeça de lado com um sorriso sarcástico nos lábios grossos e apetitosos. — Mereço um alívio depois de satisfazer a senhorita! — usei a humildade, conhecendo a tinhosa.

— Você merece é se foder! — soltou raivosa. — Não pense que terá sucesso na compra da Uchoa. — Dando-me as costas enfiou a chave na fechadura.

— Infelizmente, todos os pormenores já foram negociados e não tem mais volta! — rosnei, fechando os punhos na lateral do corpo. Ela riu, girando a

chave e, dessa vez, a porta destravou e ela a abriu. Pegou a bolsa de couro sobre o teto do carro e se jogou dentro, colocando a chave no contato e ligou. Arqueando a cabeça, ela me fitou desafiadora.

— Não perderia mais do que me fez perder na vida — disse ressentida e tentou fechar a porta, eu a segurei mantendo-a aberta.

— Esquece este maldito passado e foque no presente.

Ela apenas revirou os olhos, impaciente.

— Dá licença, que eu tenho muito o que fazer. — Forçando a porta para fechá-la, ela ria abanando a cabeça, os cabelos sedosos, mesmo molhados, seguiam os movimentos e espalhavam os respingos de água ao redor. Ela sabia ser irritante quando queria.

Eita, mulher difícil!

— Desça logo deste carro, se não quiser ser arrancada à força — precavi, ela riu duvidando. — Você não pode ir embora antes de assinar o contrato, Carol.

— Ah, vocês estão aí? — Derek disse vindo em nossa direção a passos apressados. A chuva havia dado uma trégua.

Chegou numa péssima hora, seu calhorda!

— Pelo que estou vendo, vocês não chegaram a nenhuma conclusão! — arriscou Derek se colocando ao meu lado, mas os olhos curiosos sobre os seios da Carol. *Filho da puta!*

Ela grunhiu incrédula e arcou a cabeça fitando o Derek a comendo com aqueles olhos, que daqui a pouco vou furar.

— Me admira muito você, Derek, um profissional respeitado e um grande amigo da minha família se prestar a um complô como este — a frase o atingiu. Ele suspirou forte, nitidamente preocupado.

— Por favor, não fala assim comigo, linda! — clamou ele levando a mão no braço estendido ao qual ela segurava o volante. — Sabe o quanto gosto de

você, também não concordava com esta omissão. Pode perguntar ao Gui e a sua mãe se não os aconselhei a revelar quem seria o comprador — dizendo isto, virou a cabeça lançando aquele olhar acusador sobre mim.

— Ah, qual é? — contrapus. — A empresa está no vermelho e necessita de uma administração decente.

— Você, decente? — Carol apertou os olhos ao dizer isto.

— Quais os impedimentos de ser eu o comprador? — perguntei com todos os dedos das minhas mãos sobre meu peito. — Estou pagando até mais do que vale sua empresa.

Ela respirou profundamente antes de pender a cabeça e sua testa colar no volante.

— Não vá embora ainda, vamos conversar melhor! — sugeriu o Derek.

Erguendo a cabeça, ela desceu do carro, me ignorando, moldou o rosto peludo do Derek passeando os olhos mel emocionados pelo rosto do panaca, e as mãos dele seguraram a cintura fina. Precisei de extrema força para não acabar com aquela ceninha idiota.

— Olha! — começou ela mantendo a calma no tom de voz macio e sensual. — Eu sei que está apenas fazendo o seu trabalho. Não o culpo por nada, tá? Só preciso de um tempo a fim de organizar as minhas ideias.

Ele assentiu, abrindo os lábios num sorriso fraterno e compreensivo de dar nos nervos, quando a safada subiu o corpo ficando na ponta dos pés e beijou o canto da boca do escroto, que ainda fechou os olhos todo envolvido, ignorando a minha presença.

O sangue me subiu com a visão da intimidade dos dois. Incrédulo, cerrei meus punhos na lateral do corpo.

“Segura sua onda, Marcelo!”, aconselhei-me em pensamento, estava por um fio de perder o controle e quebrar a cara deste cara folgado, mais uma vez.

— Vá lá refrescar a cuca que eu apoio você. — Enlaçando os braços ao redor do corpo esguio, o molhando todo, beijou-a na testa, me fazendo sentir-me invisível. — Estarei aguardando a sua decisão.

Piscando agradecida, ela se afastou na intenção de entrar no carro. Contrariado, eu peguei seu braço impedindo-a.

Esta amizade com o Derek sempre foi um problema entre nós.

— Não há o que pensar, foram meses de negociações e eu, generoso, acatei todas as exigências. — Irado e enciumado, esmagava meus dedos a ponto de ferir.

— Generoso?! — Ela ria inconformada, deixando meu coração apertado. — É um estrategista de marca maior. Você não passa de um farsante, eu não caio mais na sua lábia, Marcelo...

Estou farto dos seus ataques, no entanto, eu queria muito tomá-la em meus braços, dizer tanta coisa no seu ouvido para mudar sua opinião acerca de mim.

— E solta meu braço que está machucando! — exigiu entredentes com os olhos determinados, focados nos meus.

— Deixe-a em paz, Marcelo! — Derek interveio vindo com a sua mão sarnenta em meu pulso.

— Não se intrometa! — ameacei-o, arrastando a Carol comigo, evitando o contato dele. Por nenhum momento desviei os olhos dos dela lacrimejantes.

— Por favor, Derek, deixa que eu mesma resolvo com o Marcelo.

Insatisfeito, ele deu de ombros e atendeu ao pedido dela, afastou-se dando-nos o espaço necessário.

— Seja flexível, vamos voltar lá para cima e terminar logo com isso. — Usei meu melhor tom profissional.

Ela revirou os olhos, incrédula, e num tranco puxou o braço fugindo de minha mão.

— Esquece! — Se jogou para dentro do carro, deu partida e saiu, deixando-me ali plantado, encharcado, furioso, enciumado e excitado.



Capítulo Um

CAROLINA

Exatamente como temia! Perto dele só poderia resultar em rendição. *Sacanagem, coração!* Esmurrei o volante com ódio de mim, da minha deflagrada fraqueza. Resistir a este homem desde sempre foi missão impossível.

Desnorteada, a dúvida se dava seta à direita ou esquerda pairava sobre a minha cabeça. *Acorda, Carol, a esquerda é contramão. Está louca?*

— Estou, assumidamente louca! — respondia em voz alta os meus pensamentos acionando a seta à direita. Afundando o pé no acelerador e saí com tudo, os pneus derrapando no asfalto molhado sem o devido cuidado de olhar dos lados, o que desencadeou uma orquestra de buzinas dos carros vindo na avenida.

Minha visão estava tão embaçada quanto os vidros causados pela minha respiração ofegante pelo nervosismo, impossibilitando enxergar um palmo diante do meu nariz. Numa rua distante e deserta estacionei o carro e pendi a cabeça, apoiando a testa sobre o volante e me permiti chorar. Chorar de raiva, ódio e amor! E além de tudo, de arrependimento. *Como pude ser tão fraca, cedendo aos carinhos dele, como?*

A realidade é nua e crua! Eu ainda o amo quando deveria odiá-lo com a força da minha alma.

Que inferno! Troquei a testa pelos meus punhos. Soquei de montão o volante, a ponto de minhas mãos latejarem. Em prantos, joguei minhas costas

no assento embrenhando as mãos pelos cabelos molhados.

Pode parecer histerismo, mas não é! Vou contar a minha história e quero ver se vocês não me darão razão.



Seis anos atrás...

Naquele dia acordei com uma sensação estranha pelo corpo, sabe aquele aperto no peito que chega a doer? Hoje eu entendo aquele sentimento como a manifestação da minha intuição, alertando de que algo de ruim aconteceria.

Passei o dia perambulando pela minha enorme casa, tanto no andar superior quanto o térreo com o celular no ouvido, todas as tentativas de ligar para o Marcelo foram em vão. Caíam diretamente na caixa postal, na casa dele ninguém atendia, nem mesmo os empregados. E olha que deveria ter uns quatro trabalhando em sua suntuosa residência. Já estava imaginando o pior.

— É sério que vai virar a noite com este celular? — questionou minha mãe descendo as escadas em caracol toda de mármore branco, localizada no centro da sala. Ela usava um vestido cinza de algodão, longo, roupa de dormir. Naquela época, ela usava os cabelos curtos, os olhos inchados estavam com olheiras terríveis. Ela não estava nos seus melhores dias, acordou dando patadas em todo mundo. Presumi ser TPM, pois, aos 44 anos e jovem, ela estava bem fértil. Joguei o celular sobre o sofá de couro cinza e fui me dependurar no seu pescoço, enchendo seu rosto de beijos a fim de animá-la, e deu certo. Ela ria. — Para com isso, menina! — ralhou toda carinhosa esquivando o rosto. Apaixonada por ela do mesmo jeito como sou pelo meu pai, eu não obedeci.

— Assim que amo ver a senhora, rindo! — Beijei mais algumas vezes e arqueei a cabeça, ficando ali por alguns instantes analisando aquele rosto perfeito.

— Você é tão doce, minha filha — rindo com os lábios apertados, seus dedos da mão direita acariciavam minha face. — Agradeço muito a Deus por ser a sua mãe. E do seu irmão também. — Colocando as mechas dos meus cabelos atrás da orelha, ela tentava sorrir e era em vão, havia um preocupante sofrimento intenso em seu semblante.

— Tem certeza de que não quer ir ao médico?

Ela negou meneando a cabeça.

— Eu acompanho a senhora.

— Imagina! Estou bem. — Eu só não sabia a quem ela queria enganar. Encerrou a conversa fechando seus braços ao redor do meu pescoço, e seus lábios pressionaram minha face. — Talvez mais algumas horas de sono e eu acorde outra. — Apartou erguendo o dedo indicador direito, e pincelou a ponta do meu nariz. — Eu vou subir.

Assenti sem questionar, afinal toda minha cabeça estava ocupada com o Marcelo. *Onde será que ele se meteu?* Corri para pegar o celular e disquei indo em direção à janela e ergui a ponta da cortina.

— *Oi, amor!* — Sério, Marcelo articulou quando me viu. Meu coração agitou apaixonado à figura daquele indivíduo lindo, com as costas apoiadas em seu veículo esporte preto de luxo e com os braços cruzados na altura do peito musculoso, sendo disputado pela luz do poste da calçada e da lua, que na sua grandeza fazia as honras nesta noite linda de céu estrelado.

Os cabelos sedosos, reluzindo, assentavam nos ombros largos cobertos pela camiseta cinza chumbo de gola redonda e mangas curtas, totalmente preenchidas pelos bíceps tatuados sobressaindo. E detalhe: ele é meu... completamente meu, somente meu!

Meu primeiro e único amor!

— Você sumiu! — falei alto soltando a cortina e corri para abrir a porta da sala e saí correndo em sua direção, necessitada de me envolver naqueles braços fortes, que se abriram me aguardando. — Estava preocupada, já.

— Estou aqui, gata! — sussurrou em meu ouvido me arroxando em seu abraço de urso consciente. Abraço forte de quebrar ossos, mas que não dói, talvez doa e não sinto devido a toda a concentração do meu coração tamborilando. — Eu quero que você venha comigo! — disse arqueando, moldando as laterais do meu rosto com suas mãos grandes e quentes, que eu amava. E agora, o vendo mais de perto, noto seus olhos cinzas investigando meu rosto com tamanha tristeza, que me apoquenta. Indiscutível, eles estão com aspecto cansado, há um vermelho ao redor, acho que são até olheiras.

Inquietante!

— Tudo bem, amor! Só preciso de um tempo a fim de trocar de roupa e falar com a mamãe.

— Não precisa trocar de roupa. Você está muito gostosa neste vestido preto soltinho — rosnou fechando os dedos em meu pescoço e no seu jeito rude, puxou-me cobrindo meus lábios com os grossos dele, num beijo quente, demorado. Um beijo forte, molhado cheio de tesão; nossas línguas travaram uma verdadeira batalha, meus seios se arrepiaram e senti os bicos se endurecerem. Delicioso e, ao mesmo tempo, duvidoso. Havia algo de errado, ele estava muito diferente.

— M-marcelo... — ofeguei em seus lábios.

— Não diz nada, amor! — suplicou intensificando o beijo, muito fervoroso, devorador. Roçando seu volume excitado em meu ventre, ele me causou um desejo intenso, como também medo.

Por que não posso falar? Por que ele está assim tão estranho?

— Está me assustando!

Ele respirou pesado à minha questão e abandonando meus lábios ele buscou meus olhos.

— Nunca precisei tanto de você como hoje, por favor! — Sua mão segurou na minha. — Vem comigo.

— Vou! — assenti. Ainda sério, ele soltou o ar aliviado e abriu a porta do carro. — Você não está bem, Ma! Eu sinto... — Levantei a questão antes de entrar.

Sorrindo com os lábios comprimidos, curvou até sua testa apoiar na minha, e engoliu duro.

— Estou carente, desejando sentir seu corpo nu junto ao meu. — Segurou em meu braço, e à medida que falava eu era empurrada com sutileza para o interior do carro. Caí sentada no banco, rindo incrédula daquele seu jeitão inusitado e muito misterioso. — Sentir seu perfume... Guardar você completa em minhas memórias. — *Memórias?* Aquela frase não soou muito legal. E a palavra, principalmente doeu no meu coração. E, antes de fechar a porta e impedir meus questionamentos, falou: — Eu e o meu amigão aqui... — desceu os olhos maliciosos ao membro muito acima da média, sobressaindo no tecido da calça moletom preta. Arrepiei-me toda com a visão dos céus! — precisamos nos agasalhar urgente, amorzinho!

Excitada, amedrontada e também com o coração apertado foi a maneira como o observava contornar à frente, meus olhos absorviam todo seu corpo maravilhoso. Era prazeroso vê-lo de perfil, o corpo atlético, o evidente membro preponderante e majestoso despontando na calça, o mesmo acontecia com os músculos definidos das coxas tencionando a cada passo dele. *Eu te amo!*

— Memórias? — indaguei vendo-o atar o cinto de segurança. Ele expirou forte e virou a cabeça, me encarando. Havia uma sombra indecifrável em seu olhar.

— Deixemos a discussão da relação para depois que nos curtirmos, ok?
Sacudi a cabeça, concordando, embora não fosse essa a minha intenção.

Respeitei atrelando ao seu silêncio tortuoso durante todo o percurso até entrar na avenida principal, a mesma que saí há pouco e que marcou tanto na minha vida e entrou no estacionamento do hotel de luxo, estrategicamente bem localizado. Afinal, está no coração da região comercial de Alphaville.

— Pensei que me levaria a sua cobertura! — questionei no momento em que ele desligou o motor do carro. Exalando profundamente, curvou a cabeça e seus olhos cinzas brilhando mais do que o normal, travaram nos meus desconfiados e sua mão veio sobre a minha repousada em minha perna.

— O endereço da minha cobertura significa quilômetros a mais, e eu tenho pressa de sentir você, Carol! — disse angustiado e inclinou-se selando rapidamente meus lábios devido ao manobrista parado à porta do meu lado.
— Vamos descer... — Afastou-se e logo o funcionário abriu minha porta.

O lobby abriga uma recepção e um bar onde se encontra um enorme telão. A minha suspeita aumentou com a escolha do quarto superior e não a suíte de luxo como de costume. Enfim, um detalhe sem importância, diante do que estava por vir.

Ao apertar o botão do andar, impientemente segurou meu quadril, me imprensando contra a parede do elevador; e correndo suas mãos pela lateral do meu corpo, quase subindo meu vestido, ele me beijava numa selvageria deliciosa, muito sufocante, e impulsionava sua ereção enorme contra mim, deixando um fogaréu entre as minhas pernas.

Assim que a porta do elevador se abriu, ele pegou firme na minha mão.

— Corre se não quiser ser comida aqui mesmo no elevador! — Sua voz abafada de desejo agitou meu coração apaixonado. Ofegante pela pegada forte, eu não tive como dizer algo com ele quase me arrastando em direção à porta do quarto. Já voltou a minha boca quando entramos, devorando-a

enquanto fechava a porta com o pé. — Eu não estou aguentando de tanto tesão — rugiu em meus lábios, puxando meu cabelo sem dó nem piedade, se apoderando do meu pescoço, fazendo-me andar pra trás até minhas costas se chocarem à parede ao lado da porta. Sua pegada é fenomenal, no entanto, estava apreensiva pelo seu jeito angustiado.

— Amor... — tentei dizer e fui impedida por sua língua desbravadora aterrissando para dentro da minha boca, e suas mãos agarraram firmes em minhas coxas e subiam exercendo aquela pressão excitante por dentro do vestido.

— Shhh... — exigiu silêncio pegando na minha mão e ergueu-a, segurando no alto da minha cabeça e a outra deslizou para minha bunda. — Sou tarado por esta bunda — sussurrou em minha boca, deixando-me maluca apertando-a com força a ponto de machucar. Não sentia dor, apenas tesão com ela voltando a frente, seu polegar afastou a calcinha e deslizou em meu clitóris.

— Ah... — gemi toda trêmula aos círculos elevando minha temperatura e tirando meu controle.

— Hum, tão molhada... — Pressionou-o na minha entrada e tirou trocando meus lábios pelo seu dedo e começou a lambar a minha excitação nele. Solitária, esfregava em seu pau olhando diretamente nos olhos escurecidos de tesão, e alguma coisa a mais, que não conseguia identificar. — Este seu sabor é peculiar, Carol — elogiou com a voz rouca com seus dedos voltando entre minhas pernas, afundando em meu interior. Arqueei trêmula.

— Eu te amo, tesudão! — balbuciei e agarrei seus cabelos na nuca o puxando para outro beijo selvagem, naquele movimento fantástico dos seus dedos.

Lambia seu rosto, voltava a sua boca chupando sua língua, quase possuída naquele frenesi dos diabos.

— Por favor, Ma... — gemia contorcendo em sua mão mágica. — Eu preciso de você dentro de mim, agora! — Estava no meu limite, a um fio de gozar.

Seus lábios abandonaram os meus, roçando molhados pela minha face seguindo ao meu pescoço enquanto aplicava mordidas alucinantes, excitantes.

— Calma, amor, eu quero tomar cada gota do seu gozo — sussurrou rouco em meus ouvidos e mordeu o lóbulo da minha orelha, enquanto as duas mãos seguraram no elástico da minha calcinha e puxou brusco, arrancando-a e jogando em qualquer lugar pelo quarto, antes de retornarem trêmulas agarrando minhas pernas com urgência, me impulsionando para seu colo. Entrelacei-as ao redor do seu quadril e ele andou comigo até uma mesa de canto.

Excitada demais, eu mordida meu lábio com ele me colocando sentada na beirada da mesa e entrando no meio das minhas pernas. Desesperada, puxei-o pela gola da camiseta, necessitadíssima dos lábios grossos e molhados, enfiando minha língua e sendo bem recebida. Ele a sugava segurando sobre minhas pernas puxando contra seu pau. Um rala e rola delicioso.

Nossos momentos sempre foram quentes, mas naquele dia estava díspar, de um jeito que fiquei confusa, espantei meus pensamentos optando curtir a ocasião e me deixei ser guiada pelo seu desejo desesperado.

Ele tirou meu vestido sobre a cabeça. Sem sutiã, suas mãos tocaram meus seios, arqueei o corpo, gemendo, ele já começou a beijar meu peito, chupando, mordendo os bicos rígidos; e eu, segurando na barra da sua camiseta, a ergui. Ele afastou apenas um segundo para tirá-la pela sua cabeça e voltou a sugar com força, faminto, causando uma quentura entre minhas pernas, e quando desceu sua mão na minha vagina, ela pegou fogo. Desnorteada, fincava as unhas em suas costas fortes.

— Caralho! Você não tem ideia de como é deliciosa... — murmurou mordendo forte o bico e, em seguida, subiu os lábios aos meus em outro beijo ardentemente exigente e declinou pelo meu queixo. Inclinei o pescoço para trás dando-lhe passagem, ganhando chupadas delirantes por toda a pele da região, no ombro, e mais uma sugada forte no seio esquerdo. Gemendo de tanto desejo, apoiei minhas duas mãos na mesa e ia curvando-me para trás à medida que seus lábios exigentes trilhavam descendo por meu abdome, mordiscando, deixando rastros de arrepios.

— Ah, céus! — Contraí meu corpo com espasmos, na expectativa dos seus lábios se aproximando. Afastou minhas coxas com as mãos, segurando-as firmes, e aspirou o cheiro e aquilo fez minha vagina queimar. — Que delícia! — Tremendo trinquiei os dentes, gemia em pequenos gritos sufocantes.

— Gosta de minha boca em você, né? — sussurrou nela e fui agraciada com mais uma lambida de cima para baixo. Envolvendo minhas nádegas, introduziu as pontas dos dedos roçando em meu ânus, pressionando a ponta, me levando à loucura total.

— Amo, amo... — balbuciei sem fôlego com ele lambendo os lábios vaginais e, então, introduziu a língua. — Amo tudo de você, tudo... — confessei absorvendo o ar sofregamente.

— Eu também gosto de tudo: do gosto, do cheiro de todo o seu corpo, não há perfume melhor no mundo. — Encaixou a boca nela toda e penetrava a língua e tirava, e introduziu fundo. Muito sensível, comecei a gozar pressionando com as mãos o tampo de mesa, me contorcendo.

— Puta que pariu! — Com ele sugando tudo de mim, não contive o grito.

— Hum... tão saboroso, tão quente! — rosnando, ele elogiava saboreando de verdade me excitando novamente.

Nossas transas eram sempre assim, e eu era uma insaciável. Necessitada de mais, ajeitei meu corpo e agarrei seus cabelos o trazendo aos meus lábios; chupando sua língua sentindo o meu próprio sabor, enquanto descia a calça de moletom dele junto a boxer branca. Parei de respirar sentindo sua ereção encostar em mim. — Você quer ele? — Enrolou o dedo no gigante pincelando a glândula robusta no meu centro latejando, e a outra mão puxou meus cabelos, exigindo espaço no meu pescoço, mordiscando, burlando endoidecido de tesão.

— Por favor! — implorei sem ar. — Eu preciso de você, agora...

Encaixou e segurando meu quadril, puxou-me para ele enterrando tudo com força, me rasgando. Agarrada aos seus cabelos, quase arrancando-os, eu gritei de dor e tesão.

— Gosta assim? — sussurrou em meu ouvido estocando firme, suas mãos em minhas costas unindo nossos peitos, um sentindo o batimento cardíaco do outro. Um desejo imenso era o nosso ali abraçados.

Assenti apenas de cabeça. Com meus olhos fechados, curtia a sensação gostosa de tê-lo todo dentro de mim.

— Deliciosa — sussurra em meus lábios, entrando e saindo rápido e bem gostoso. E grito com o prazer sendo aumentado, sentindo-o bem no fundo. — Você me deixa louco. — E recomeça investindo fundo, me fodendo mais forte. O suor de nossos corpos se misturando de acordo aos movimentos. Estamos em sincronia absoluta quando sinto minhas paredes internas estrangular seu pau crescendo lá dentro. — Eu vou gozar, amor. Vou gozar. — Seus dedos quase furavam a pele das minhas costas com ele arremetendo com mais brutalidade, pressionando-o fundo, estremecendo, jorrando o esperma quente em meu interior.

Apenas tinha condições de expressar corporalmente sentindo uma onda de prazer me atingir, mais um orgasmo veio com força. Finquei as unhas em

suas costas. Gememos em uníssono, beijando-nos desesperados, apaixonados. Pelo menos era o que eu achava.

Arqueei tocando as pontas dos dedos trêmulos na pele do tórax musculoso dele naquele sobe e desce rápido de sua respiração ainda descompensada. Seus olhos cinzas tinham um brilho de dar medo. Eu sentia um clima tenso entorno e era bem carregado. Espalmei sentindo seu coração bater sob a minha palma. Era maravilhosa a sensação, porém, senti todos os pelos do meu corpo se arrepiarem de medo.

Ele segurou meu rosto com força.

— Você é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. — Beijou-me de uma maneira agressiva. Eu sentia a despedida no ar.

Correspondi ao beijo com a pulga atrás da orelha e o pior veio a seguir.

— Precisamos ir embora. — Seu tom de voz autoritário foi tão assustador quanto sua atitude. Ele se afastou subindo a cueca e a calças juntas, pegou a camiseta no chão e seguiu para o banheiro, abandonando-me ali, no vácuo, com um milhão de perguntas a fazer.

Sentei na beirada da cama o aguardando e ouvia o barulho do chuveiro. Quando ele saiu do banho já vestido, parou ali na porta com seus olhos indecifráveis travados nos meus. *Muito inexplicável!*

— Acho que a gente precisa conversar, não acha?

Seus olhos desceram para os pés, antes de retornarem.

— Qualquer coisa que eu diga neste instante, vai arrasar você pelo resto de sua vida. Vamos deixar para depois, Carolina, depois! — O jeito formal de dizer meu nome causou um nó enorme em minha garganta. E foi neste instante que o seu celular tocou no bolso da calça.

— Alô! — Não era impressão, eu ouvia distante, mas ouvia um tom de voz feminino respondê-lo do outro lado da linha. Seus olhos percorriam meu

rosto exalando uma tristeza incompreendida por mim. — Não, ainda não! — disse ele fechando os olhos e suspirando atormentado.

— Precisa contar logo para ela! — Estava tão compenetrada na conversa dele ao telefone, que juro ter ouvido esta frase escapulindo do celular. Apertei meus punhos engolindo duro.

— Já estou a caminho, espera que não vou demorar — dizendo isso, notei uma lágrima fugir dos seus olhos, e realmente foi intrigante.

Saltei da cama.

— Já chega de suspense! — exigi cruzando meus braços em frente aos meus seios, o encarando. Ele não sabia se ria ou chorava. — O que ocorreu de tão grave que pode me arrasar? O que está acontecendo, Marcelo?

Estendendo seu braço, a mão grande veio em forma de concha a minha face.

— Agora, estou sem condições para conversar e preciso ir de verdade. Mas aproveita, tome seu banho com calma e volte de táxi para casa, ok?

— O quê? — perguntei desacreditada daquela frieza toda.

Inclinando, beijou minha face e, sem mais nenhuma palavra, simplesmente seguiu em direção à porta, abriu e saiu fechando-a atrás de si.

— Eu não acredito! — Corri para a porta e, quando abri, ele acabara de entrar no elevador — MARCELO? — Nenhuma palavra.

A porta se fechou na minha cara como a minha vida foi fechada naquele instante.

Aquele ar carregado tinha um sentido e hoje eu sei que a minha intuição vale ouro.

Tomei um rápido banho disposta a esclarecer o porquê do seu comportamento frígido. Aproveitei um táxi em frente do hotel que acabara de deixar um passageiro. Disquei em todos os números de telefones possíveis que conhecia, nenhum deles atendeu. Liguei na sua empresa: *D'Ávila & Cia*

Comestics, desenvolvedora de diversas linhas de produtos, como fragrâncias (essências), maquiagem, cabelos e cuidados da pele, ela desponta no Brasil e exterior estando no ranking das 20 maiores. E já naquela época, aos 25 anos, Marcelo já passou ao CEO da empresa do seu pai. E ele também não estava.

Passei o endereço da sua cobertura localizada apenas cinco quilômetros do hotel. Quando o motorista estacionou em frente à imponência arquitetônica, um empreendimento de alto padrão como toda a vida dele, eu já senti um calafrio descer por minha espinha.

A portaria tem sistema de controle de acesso biométrico e usei minha digital registrada e entrei acenando ao porteiro, que já me conhecia e acessei o hall de mármore e aço inoxidável, seguindo ao elevador privativo da cobertura com biometria. Vamos lá, 30º andar, respirei fundo colocando meu dedo a fim de abrir a porta e, naquele instante, eu entendi o verdadeiro motivo por não ter me levado a sua cobertura, e seu comportamento alheio.

Eu pressentia!

Na varanda integrada à ampla sala, diante da vista panorâmica iluminada de toda a Alphaville e região, lá estavam as razões. Senti o ar desaparecer completamente, meu coração então! Marcelo triste pra cacete estava com o queixo repousado sobre a cabeça daquela mulher linda e delicada de cabelos negros caindo em cascatas pelas costas, as mãos grandes que acabaram de me tocar seguram firme o quadril arredondado, exatamente como sua barriga redonda, saliente. Sim... Sim... Gravidíssima!

Meu coração expande, não cabendo no peito e dilacera em mil pedaços, queria poder gritar, explodir essa angústia, no entanto ela se resume em um choro silencioso, onde o ódio é o único preponderante. Eu poderia entrar e quebrar o pau, dar na cara dele, fazer o maior escândalo, o que seria mais plausível. Mas não consegui, e não o fiz, engoli a humilhação de ser traída e enganada, dando espaço ao meu orgulho.

Saindo dali evitaria levar um pé na bunda, é claro que ele terminaria nosso namoro. Ele falou em me guardar em suas memórias, sobre eu ficar arrasada...

Sem chão, dei meia volta decidida a não me rebaixar na frente da sua amante carregando um fruto dele. Nenhum dos dois notaram a minha presença, e voltei para minha casa. Destroçada. E a primeira pessoa que encontrei ao entrar na sala foi o Derek, vestindo uma bermuda de sarja em tom terroso, um tênis branco e aquela regata preta deixando evidentes os músculos dos braços e peito, segurava um copo com uma dose generosa de uísque.

— O que aconteceu contigo, Carolina? — Ele se levantou de imediato. Desesperada corri para tomar o copo da sua mão.

— Eu preciso disto, me dá! — Virei o copo de uma vez na boca, ele assistia meus movimentos, preocupado.

— É melhor ir devagar! — aconselhou quando terminei a bebida e o encarei com meus olhos encharcados.

— Preciso de mais uma dose — solucei e corri ao bar embaixo da escada, e enchi o copo até a borda. Virei de uma vez, perdi o fôlego e comecei a tossir.

— Eu avisei para ir mais devagar. — Chegando perto, Derek enlaçou a mão pela minha cintura acudindo. Tombei a cabeça de lado repousando em seu ombro. — Uma boa conversa resolve mais do que a bebida — sussurrou sobre minha cabeça.

Assenti e ele me levou ao sofá se sentando ao meu lado, ajeitando o corpo, ficamos de frente um ao outro. Diante daqueles olhos verdes e rosto barbudo, sendo decorado com os cabelos loiros no ombro, estava meu amigo parrudão. Eu me acovardei envergonhada, jamais diria que fui traída, principalmente a ele. A pessoa que sempre deu indícios de que nutria sentimento fortes por

mim. *Quase três anos de namoro e agora isso.* Meu orgulho jamais permitiria.

— E se eu disser que não pretendo conversar! — Atraída pelos braços musculosos e seu perfume inebriante, joguei meu melhor tom sensual inclinando por cima dele. Nem sei porque fazia aquilo, vingança talvez! Mas eu fiz.

— Se estiver pensando no que eu estou pensando, confesso que vai me deixar superfeliz — disse emoldurando meu rosto e me beijou ardentemente. Um beijo forte, que não significava nada para mim, e esfregava sua ereção aumentando em meu quadril. E mais uma tragédia.

A porta da sala se abriu e por ela surgiu ninguém menos que o Marcelo.

— SUA VAGABUNDA! — gritou ele, seus olhos marejando. Saltei de cima do Derek recuando diante da fúria declarada, e Derek não teve tempo. Marcelo o pegou pela regata o levantando e arremessou o punho embaixo do queixo dele, o derrubando sobre o sofá.

— Você está maluco, Marcelo? — Empurrei-o para o lado aguardando o Derek se recompor.

— A sua sorte é que não sou um covarde! — ele desdenhou. — Quer saber. Estava angustiado aqui dentro preocupado em magoar você. — Espalmou sobre o peito — O que eu tinha para lhe falar arrasaria a sua vida e você me ajudou com isto! Facilitou a minha vida. Vocês se merecem.

— Sentar em cima do rabo e acusar é fácil. — Ele grunhiu revoltado ao meu comentário, porém, não disse uma só palavra enquanto me encarava. — Vai direto ao ponto e diga de uma vez o que pode vir me magoar! — Arrependida em agir por impulso e investir sobre o Derek, incitei sem abrir o jogo na esperança de estar enganada, e ele dar uma explicação salvadora. E não! Ele não abriu o jogo, dando-me a certeza de que levei bolada nas costas.

Ele respirou fundo meneando a cabeça, negando.

— Tem coisas na vida que não há como mudar, então vamos deixar como está. Será melhor para todos.

— Como assim? — Fiquei perplexa. — A cena que acabou de ver aqui... — Pretendia falar tudo, dizer que foi ciúme por vê-lo nos braços da grávida, e ele interrompeu erguendo a mão à minha frente.

— Não me importa! — Sacudia a cabeça numa postura definitiva, séria e gélida. — De qualquer forma, o nosso namoro acabaria na data de hoje. — Deu as costas e, a partir dali nem uma palavra, nem ligação. Nunca mais o vi, até hoje.

Guardei tudo comigo. Sou orgulhosa demais para expor esta tragédia dos infernos. Esta é a minha triste história.

Recordar aquele dia é a morte para mim, diante da emoção negativa, liguei o carro, minha casa não era a opção no momento, então saí sem destino, circulando pelo bairro onde a vida está próxima à natureza e o luxo entorno com seus condomínios de alto padrão. Tudo por ali remetia à minha infância, adolescência, e aquela sensação aumentava a saudade da minha época de escola. Época em que não havia problemas além das notas, era uma batalha em dias de provas, mas também alegria quando nós, alunos, visitávamos um asilo na cidade vizinha.

— Dona Esmeralda! — pronunciei com meu coração aquecido. Moradora da casa de repouso, ela sempre foi uma grande inspiração para mim. Fechei meus olhos pensando o quanto estava em falta com ela, afinal, depois que fui embora de São Paulo e as minhas visitas sempre nas madrugadas, evitando sair do meu condomínio, nunca mais a vi. *É a minha melhor opção!* Dei meia volta decidida a fazer-lhe uma visita.



Capítulo Dois

MARCELO

Que porra de mulher geniosa! Estava possesso, caminhando pelo concreto da calçada molhada em direção à entrada do prédio. Deixando-me a ver navios, depois de gozar à minha custa, ela mexeu com o meu brio e detonou a minha paciência. E este coração dentro do meu peito dando uma surra nas minhas costelas? *Sabe que não posso dar alimento a este sentimento, portanto se aquiete aí dentro, por favor.* Bati no tórax com o punho.

Agora era tarde demais, não tinha como voltar atrás, era imprescindível dar sequência ao que comecei. E se pensa que vai me ferrar está completamente enganada! Ela não é a muralha ao qual se revela, e vou provar que sua fortaleza é tão frágil como castelo de areia.

Você está compreendendo isso? Com aquela onda de arrepio pelo corpo, ainda com a sensação deliciosa de tocar nela, apertei a cabeça do meu pau latejando dentro da calça molhada. Não podia deixá-lo tomar as decisões pela cabeça de cima. Senti um tesão incontrolável por aquela diaba gostosa. Isto não era bom... Precisava do sangue frio, só assim alcançaria concentração no que era necessário, e deixar esta obsessão de Carol de lado. Mas era foda! Trepar com ela sempre foi incrível, ela proporcionava algo animal que mulher nenhuma conseguiu até hoje.

A palavra fraquejar não existia no meu dicionário, não era homem de perder uma parada, ainda mais se tratando da área financeira. Como qualquer

empresário, não gosto de correr riscos e não vai ser em vão a descapitalização que fiz em minha empresa para a compra da Uchoa.

— Se ela está pensando que vai ditar as regras, ela está completamente enganada! — falei em voz alta atravessando a porta de vidro e fui surpreendido pelo Derek com as mãos no bolso da calça, me encarando debochado.

— Agora o superpoderoso Marcelo D'Ávila deu para falar sozinho?

Trinquei o maxilar e fechei minhas mãos por um fio de socar a cara deste folgado.

— Ou será porque está com dificuldade de digerir a derrota? Afinal, não deve ser fácil, para alguém acostumado a ganhar todas.

— É impressão minha ou você estava bisbilhotando? — Ajeitando a gola encharcada da minha camisa, cutucando a pele do meu pescoço, mudei a postura irada por uma sarcástica. Não podia deixar transluzir o quanto estava afetado.

Ele riu, provocando:

— Só preocupado com a segurança da minha cliente. — Tirou as mãos do bolso da calça e caminhou em direção ao elevador, eu o segui parando ao seu lado.

— Se realmente se importa com os seus clientes, deveria representá-los melhor, já que eles o consideram um advogado brilhante.

Ele lançou um olhar indiferente, ou melhor dizendo, tentou: pela lateral dos meus olhos, via um ponto de interrogação enorme nos dele.

— Sim — afirmei confiante. Suas sobrancelhas loiras se juntaram, intrigado. No entanto, ele permaneceu de frente para a porta do elevador. — Com o pagamento antecipado, a elaboração do contrato também foi minuciosa. Ou esqueceu as cláusulas?

A porta do elevador se abriu e ele entrou em passos pesados. Ri de canto satisfeito por atingi-lo. Virando de frente, voltou com as mãos ao bolso da calça e afrontou-me numa frágil postura tranquila.

— Eu redigi o contrato, portanto não há como esquecer.

— Hum... — Apertando os lábios, acenei a cabeça, cínico. — Assim fico mais sossegado, afinal, diante da hipótese de uma desistência por qualquer membro do contrato, ocorrerá um ressarcimento com multas astronômicas. — Suas sobrancelhas ergueram em aflição. — Tem que concordar comigo que um valor tão substancial causaria prejuízos e danos à vida financeira da família.

Ele grunhiu, inconformado.

— Suas imposições foram injustas — atacou de maneira indevida.

— O extorquido aqui fui eu! — Espalmei no peito. — Paguei muito mais do que valia aquela joça — exprimi entredentes.

Seus olhos desconfiados subiram defrontando aos meus.

— Este seu acerto é que me intriga — começou ele avançando um passo. Ficamos muito perto um do outro, nos olhando diretamente nos olhos e bufando como touros bravos. — Não pagaria uma fortuna por algo que não representasse algum futuro promissor!

Titubeei à insinuação, recuando um passo.

— A minha vida interessa somente a mim — falei ríspido. Neste instante, o elevador parou no andar e a porta deslizou se abrindo. — Se deseja o bem aos seus clientes, aconselho que os oriente melhor sobre os riscos de uma abdicação.

E saí caminhando rápido pelo corredor em direção ao seu escritório. Na antessala, Cauã, de frente a mãe e filho, respondiam a uma enxurrada de questões.

— Pelo visto, não teve acordo — comentou Cauã varrendo os olhos negros pela minha roupa molhada.

— A Carolina pediu um prazo a fim de pensar — interveio Derek entrando logo atrás.

— Às vezes, eu paro e me pergunto o que teria acontecido entre vocês para este ódio todo. — Gui torceu a boca focado em meu rosto. Sem saber o que responder, desviei da pressão dos seus olhos esbarrando com os inquietos do Derek e os umedecidos da Viviane. Baixando os olhos, ela soltou os cabelos loiros escuros caindo-lhe sobre seus ombros.

Recuperei-me de imediato.

— A pauta hoje é sobre negócios, somente negócios — explanei entrando na outra sala a fim de pegar minha maleta. Vi a blusa da Carol ali sobre a mesa. *Vai aprender a me respeitar, sua audaciosa!* Saí da sala esbarrando com os quatro pares de olhos e travei na Viviane. — Tratem logo de convencer a Carol a assinar o contrato. Não é prudente subestimar a minha paciência.

— Se dirija a mim e não a minha mãe — advertiu Guilherme se colocando na frente da mãe.

— Que seja assim, então. Só espero não ter que entrar na justiça pedindo o ressarcimento ao qual tenho o direito — alertei e chamei o Cauã. — Vamos embora, Cauã. — Caminhei em direção à porta.

— Só um instante — comunicou ele. — Vou pegar minhas coisas.

— Te espero no elevador — avisei e saí imediatamente do sufoco, necessitando de ar para respirar.



Caía uma garoa fina agora, cada gota em mim fervia e soltava até fumaça com a quentura do meu corpo em total ebulição recordando daquele beijo, cujo gosto ainda recheava meus lábios, e o jeito como a peguei mexeu com meus sentidos. Andando em direção ao local onde meu carro estava estacionado, embrenhei os dedos da mão direita aos cabelos, quando na verdade precisava pegar no meu pênis duro como rocha, desde aquele momento a ereção estava constante. Mas não podia com os olhos do Cauã atento em cada gesto meu, ali no meu passo. Agradecia mentalmente por ele não fazer perguntas respeitando o meu silêncio externo, é claro! Pois, em meu interior, estava uma baderna, uma total e absoluta desordem.

O disfarce nada serviu.

— Olha, Marcelo! — começou Cauã. — Além de ser seu advogado, sou também seu amigo e me faço a mesma pergunta que o Guilherme.

Tem episódios na vida que nem temos coragem de comentar.

Respirei fundo, decidido a mudar de assunto. Já ao lado do meu SUV esportivo prata, acionei o controle destravando e abri a porta o encarando com seriedade.

— A pergunta ao qual precisa se fazer é de encontrar caminhos rápidos de um possível processo contra os Uchoas, caso eles tentem enrolar! — declarei alto, claro e em bom tom. *Precisa dar certo, senão estou encrencado!*

Como um bom entendedor, ele assentiu soltando o ar em evidente desistência, abriu a porta do passageiro e se jogou dentro do carro. Balancei a cabeça, para expulsar aquela ordinária gostosa, e entrei também.

Independentemente de qualquer coisa, a afronta dela não saía da minha mente. *Me deixou a ver navios!* A filha da puta vai pagar caro pelo desaforo em me deixar na mão. Mulher nenhuma até hoje ousou tanto. Estou acostumado a implorarem por mim. Tantos dissabores juntos, ativou a minha fúria. Expirei fortemente, e entrei na rua da D'Ávila & Cia. Comestics

localizada no centro empresarial da mesma região, onde se concentrava toda a parte administrativa e financeira.

Parei em frente do complexo com três torres de 24 andares corridos de fachadas com película de vidro e granito flameado e todos exclusivos da minha empresa. Desliguei o motor e, segurando o volante, aguardei o Cauã descer.

— Não vai descer? — questionou estranhando.

— Tenho um compromisso inadiável aqui perto — expliquei rapidamente.
— Vou passar rapidinho em casa para tirar esta roupa molhada, já estou em cima da hora marcada. Não vou demorar! — garanti.

— Ok. — Dando de ombros curvou-se a fim de pegar a sua maleta no banco de trás. Enquanto isso, concentrei-me matutando sobre cobrar cada centavo do que depus com juras e correção, abrangendo a compensação do tempo que perdi com eles.

— Procure na legislação todas as maneiras de fugir dos trâmites e da morosidade processual — estabeleci antes dele descer. — Tenho pressa para me livrar desta família maldita.

Ele arqueou, confuso.

— Por que maldita?

Fechei meus olhos rapidamente e respirei fundo bloqueando o passado guardado a sete chaves despontando de minhas memórias.

— Isto não vem ao caso — desconversei.

Irredutível, ele deu seguimento:

— Acho que está exagerando no seu ponto de vista. A Carol só ficou perdida diante da surpresa, que, aliás, caiu muito mal — enfatizou acenando de cabeça, focado em meus olhos esperando uma confirmação. Eu confirmei, é claro.

Também não achei justo a forma como a mãe e o irmão se arquitetaram com ela.

— Nunca na minha vida envolvi em alguma aquisição frágil. E não vai ser agora, apostamos muito dinheiro neste negócio. Não posso esquecer que tenho responsabilidades com a minha família ao qual preciso prestar contas.

Ele torceu a boca e ergueu as sobrancelhas.

— A família é honesta, a Carol é honesta! — defendeu com todas as letras. Fixei em seus olhos sem uma opinião sobre o seu raciocínio. — O máximo que pode acontecer é a devolução do dinheiro. — Senti uma pressão no meu coração e neguei de cabeça.

— Não pretendo abrir mão da Uchoa.

— É pessoal? — incomodado, ele quis saber.

Desci meus olhos para o relógio em meu pulso até minha mão segurando o volante.

— Vai lá agilizar o processo, por favor! — interrompi.

Comprimindo os lábios grossos, ele abriu a porta e desceu, eu saí em disparada dali.

Morar e ter empresa na região facilitava minha vida levando em conta o trânsito da cidade. Aproveitei e tomei um banho ligeiro, escolhi o terno italiano cinza chumbo, apliquei o perfume e atrasadão, saí rapidamente. Mas, antes de seguir ao compromisso ultraimportante, dei uma parada na confeitaria.

Aproximadamente 18 quilômetros foi o percurso até ali, na casa de repouso Luz do Sol, no amplo e excelente terreno arborizado. Ao embicar em frente à portaria, o sensor do portão captou o selo no para-brisa do meu carro, abrindo-se automaticamente e entrei à direita, onde está situada a garagem dos visitantes.

A instituição era bancada pelos seus idealizadores. Em nosso colégio havia um projeto social muito bacana, onde nossos pais contribuíam com doações generosas em dinheiro para as mais diversas instituições de caridade. E quando o projeto ultrapassou os muros da escola é que conhecemos este lugar. Digo nós, porque a Carolina também fazia parte da turma. Cada dupla adotou um idoso. Eu acabei fazendo dupla com ela, e nos apegamos muito a dona Esmeralda, uma senhora hoje com 79 anos e triste. Não foi apenas a vida dela que teve novo sentido, aprendi na prática que se doando tão pouco pode significar tanto as outras pessoas. Tudo que os idosos procuram é alguém para conversar, contar as histórias da juventude, segurar em nossas mãos, dar risada. Atenção e carinho, apenas...

— Droga! Estou fodido! — Irritei-me com os efeitos colaterais a presença da Carol. Larguei uma mão do volante e cocei a cabeça ao avistar o carro que ela estava usando ocupando uma das vagas. Além daquele irritante gelo na boca do estômago, ainda fiquei com o pau duro. Bem... ele não amoleceu desde a nossa pegada inacabada. E o seu cheiro impregnado se tornou uma praga me deixando inquieto, aliás, “nós”.

Expirei com força. Ela bagunçou geral minha cabeça aparecendo novamente na cidade depois de seis anos.

Sequer teve a decência de vir visitar a casa de repouso. Até hoje, eu levo a sério com visitas frequentes. Não posso intitular-me um voluntário por falta de tempo, mas sou um patrocinador assíduo do local, que hoje tem infraestrutura completa além de profissionais experientes no ramo da saúde.

— Não precisamos dela, cara! Aliás, mulheres belíssimas tem de montão! — ralhei entre o maxilar travado. Irredutível, ele latejou dolorosamente. E curvei pegando a caixa do bolo no banco do passageiro e desci o ignorando. *Estou engasgado com a sua petulância.*

Com passagem livre pelo local, passei pela recepção: o local amplo contava com poltronas de couro marrom na parede ao fundo; e na frente, um balcão arredondado no canto todo em madeira clara.

— Bom dia, Marcelo! — Fascinada, a jovem atendente, vestida no terno de saia preta e camisa marrom, com os cabelos tingidos e presos num elegante coque, cumprimentou-me banhada naquele sorriso safado me dando mole. Da outra vez que estive aqui, a mulher elogiou a barba, com aquele papo conquistador de me deixar com aparência selvagem e muito atraente. *É aquilo que digo, mulheres não faltam para nos aliviar!*

— Bom dia! — retribuí o cumprimento embaixo de meu melhor sorriso frio, outro fator preponderante na conquista.

— Vejo que não se esqueceu do aniversário da dona Esmeralda — comentou desviando os olhos para a caixa de bolo em minha mão. — Inclusive, tem uma moça lá no jardim com ela. Deve ter lembrado também.

Rosnei com o medonho frio na barriga.

— Com licença! — Sem esperar resposta, saí apressado entrando no corredor largo dos quartos em direção à grande porta de vidro no final dele, que dava acesso ao jardim mencionado, onde neste horário todos os moradores cuidados pela equipe se encontravam tomando ar puro.

Logo após o aparador de madeira escura, na parede no final do corredor, a porta automática se abriu, deparei com os espelhos d'água (uma extensão de água sem correnteza, semelhante a um lago) embelezando o lugar. Ao término começavam os muitos canteiros, trepadeiras e as árvores frondosas. Sob suas sombras de um fraco sol que despontou ao cessar da chuva, estavam vários bancos de madeira com almofadas de couro sobre assento e encosto, garantindo o conforto dos idosos. O lugar mais encantador de toda a instituição; com certeza, as luminárias penduradas permitiam um luar agradável.

Meu coração ficou agitado quando vi as duas sentadas, uma ao lado da outra. Meia inclinada à direita, as mãos franzinas de dona Esmeralda seguravam as duas juntas da Carol ali de cabeça baixa, os cabelos quase secos estavam alvoroçados, as roupas pareciam secas. Mais alguns passos eu arranjei uma privacidade e pude ouvir a conversa.

— Tão bem-sucedida nos negócios e não chegou a se casar, querida? — pergunta nota mil à da dona Esmeralda. Fiquei curioso também. Sem levantar a cabeça, Carol balançou em negativa.

— Estou sozinha por escolha própria. — *Frase intrigante, mas que caiu no meu agrado.* Ela ergueu a cabeça focando dona Esmeralda. Eu arrastei-me para o lado procurando me esconder. — Tive alguns compromissos mais prolongados e não rolou, sabe? A realidade é que perdi a confiança nos homens.

— Não, minha filha! — Conheço aquele tom inconformado da dona Esmeralda. — Não se permita viver na solidão. É terrível!

Ela riu de maneira nada convincente antes de prosseguir:

— Tenho uma vida atarefada, não tenho nem tempo de sentir solidão. E outra que não tem coisa melhor no mundo não precisar dar satisfação do que faço ou deixo de fazer.

Somos dois, boneca!

Sentia-me estranho e começava a preparação para sair dali e me revelar quando ouvi o som de um celular tocando.

— Com licença — Carol pediu e estiquei o pescoço a tempo de apreciar a levantada sensual dela. Ao se afastar para atender, acabou ficando de costas para mim. Parei os olhos na bunda grande empinada e gostosa no corpo magro, totalmente delineado, o tecido grudado realçava a calcinha enterrada. Imaginei-me fodendo ela legal. *Delícia!* Fiquei muito excitado com a visão esplêndida. E a culpa é exclusivamente dela por eu estar tão tarado hoje.

Preciso de uma gostosa a fim de resolver este impasse!

— Estou bem, sim! É que surgiu um imprevisto.

Sua voz ecoava e fluía pelo meu corpo em um ritmo sedutor. Arrepiado, aspirei intensamente decidido a me apresentar.

— Você é o amigo perfeito, Derek. — Travei com aquele nome pronunciado com tanto carinho pela voz doce e macia. Um tom que há muito tempo não ouvia.

“Perfeito, o caralho!”, pensei furioso. É um tremendo fura-olho.

— Estou propensa a aceitar, obrigada pelo convite.

Até o sorriso meigo soou horrendo aos meus olhos. Hoje, eu posso dizer que conheço suas duas faces.

— Me espera na minha mãe, já estou a caminho. — Desligou e voltou a se sentar ao lado da dona Esmeralda.

No calor da emoção, considerei uma boa hora para alertá-la sobre os riscos de uma possível renúncia. Dei meia volta e entrei pela porta, depusitei a caixa do bolo sobre o aparador ao lado da porta do banheiro e encostando-me nele permaneci ali, com os braços cruzados na altura do peito, a aguardando.

Ouvia seu riso se aproximando, ela falava com alguém. Passando pela porta com o celular no ouvido, ela parou de rir e estreitou os olhos castanho-claros ao me ver, desceu a mão segurando o aparelho e o colocou na bolsa em seu ombro. Havia uma luminosidade atravessando o vidro que lhe fazia estremecer.

— Não esperava te encontrar aqui. — Na nova postura, ela estufou aqueles peitos fartos e abastecida de um sorriso confiante. Embora sempre tenha sido uma pessoa segura de si, nunca foi de debater com pessoas ignorantes. E toda esta confiança despertou algo estranho em meu interior. Um irritante fascínio quebrou o gelo criado em meu coração, o aquecendo.

— Surpresa é encontrar você aqui, porque eu continuo batendo cartão — rebati com o meu melhor sorriso de escárnio. Tentando controlar as batidas aceleradas do meu coração.

Ela vacilou à minha questão. Uma expressão abalada assumiu o lugar da prepotente.

— Dona Esmeralda não mencionou sobre isto, sequer tocou no seu nome. — Suavizou o tom de voz como o rosto, deixando-a ainda mais linda e desejada com o olhar vago. Engoli duro para sair daquela sessão nostalgia, mas admito: é difícil sentir indiferença por alguém que passou tanto tempo presente na vida da gente.

— É o esperado, se tratando da pessoa incrível que ela é, omite seus sentimentos para não magoar as pessoas. — Jogando a real, me arrependi com a sua reação. Descendo os olhos marejados, eles se fecharam densamente e os dentes perfeitos morderam o próprio lábio inferior com ela sacudindo a cabeça em confirmação.

— Tem razão! — A voz embargada indicava choro. O gesto foi suficiente de mexer com meu coração, incitando a vontade de tomá-la em meus braços. Desejo dissipado com a sua grosseria vindo em seguida: — Você é o responsável. Foi o maior atraso da minha vida — comentou entredentes e ergueu a cabeça, seus olhos raivosos soltavam faíscas. — Nunca mais permitirei que cruze o meu caminho.

— Eu? — arfei. Ela permaneceu estática presa em meus olhos. Poderia sentir sua ira quase palpável. — Você não está no seu juízo normal, mão mesmo! — zombei revirando os olhos revivendo a cena dela com o Derek na sala de sua casa e levei minhas mãos tremendo de raiva no bolso da calça. Fiquei arrepiado com seu olhar acompanhando o meu movimento e parando no meu garoto, quieto agora, ela ofegou. Discretamente, mas ofegou. — Não tem escolha, a não ser que pretenda ferrar com a sua família de vez.

Ela soltou aquele risinho enervantemente cínico.

— Como pode ferrar com a minha família se o contrato não deu andamento? Sem assinaturas, o negócio não foi concretizado. Finalizamos aqui. — Abriu as mãos, acreditando, em tom de encerramento.

— Fala sem conhecimento de causa — rebati humorado, inclinando e aspirei o perfume.

Esperta, ela arqueou, porém manteve-se me encarando.

— Como não é uma pessoa ingênua, presumo que esteja mal assessorada. Hesitou movendo os ombros, desentendida.

— É fundamental o advogado de uma eximia CEO, como se intitula e ouço dizer, apresentar o documento após ser redigido para aprovação. Ou no mínimo fazer a leitura com antecedência.

Ela respirou fundo vagueando o olhar.

— Ah, já sei! Confiou no irmãozinho e na mamãe cegamente.

Ela titubeou recuando um passo.

— É mais prudente confiar na minha família do que em você. Acredite!

Será que ela sabe? Esta é a segunda vez que ela joga no ar, na outra me acusou de roubar a sua vida. *Não!* Abanei a cabeça. *Não tem como ela saber, não mesmo!*

— Bem, a pauta aqui não é confiança e sim pleitear os meus direitos. A exigências por parte dos interessados da Uchoa foram exageradas. Aceitei pagar antecipado como solicitado desde que tivesse uma garantia de não desistência.

Seu rosto empalideceu de imediato.

— Como vê, sou um empresário e não um estelionatário. Fui generoso até demais. Se for de sua vontade, posso colocá-la a par, neste instante, do quanto estamos falando.

Ela grunhiu insegura.

— Não preciso de números, e sim analisar minuciosamente a minuta. — Em defesa, ergui as sobrancelhas resoluta, e foi o pivô dela vir com a língua afiada pra cima de mim. — E esteja certo de que derrubarei esta sua confiança, pode até ser impulsivo e se achar um controlador. — O sangue subiu à cabeça com seu atrevimento. — Pois saiba, seu egocêntrico, não está no controle. — Em sinal de afronta, ela deu dois passos parando muito perto. O perfume floral era de matar. — E vou provar, encontrando neste maldito documento, cláusulas abusivas e facilmente conseguirei a anulação.

Travei meu maxilar e, por falta de uma parede onde socar, enrolei meus dedos em sua garganta e a puxei para mais perto, perambulando meus olhos pelo rosto indiferente, olhar determinado.

— Estou farto de suas acusações infundadas — exprimi sendo dominado por uma sensação incrível e excitante do seu hálito morno com ela ofegando através dos lábios grossos e apetitosos entreabertos. Parei os olhos neles, desejando-os demais, ela notou.

— Não se atreva! — A voz dela saiu fraca e, diante do quanto estava excitado, empurrei-a contra a parede impondo-lhe um beijo perverso na boca, enquanto espalmei a outra mão no quadril pressionando os dedos em sua pele. Sentia um tesão incontrolável. — V-vou processar voc... — balbuciou comigo imprensando-a na superfície sólida.

Ela gemeu sentindo minha ereção a ponto de arrebentar o zíper, pulsando no mesmo ritmo do nosso beijo fervoroso, agora bem recebido e ansioso. Escorreguei a boca molhada, faminta pela pele macia e perfumada de sua face indo até a orelha, beijando tudo por ali, ouvindo-a gemer sufocado com a cabeça levemente inclinada ao lado. Os efeitos pelo meu corpo eram uma delícia. Ela também curtia cedendo aos meus ataques.

— Você está me devendo, vem comigo — falei em sua boca me recordando de que o local era passagem obrigatória para o interior da casa.

A resposta foi segurar meus cabelos, exigindo o retorno do beijo duro. Ondulava meu corpo contra o dela preso à parede, ficando cada vez mais excitado. *Como é gostoso me esfregar nela. A sensação é indescritível!*

— Não aguento mais. — Levei-a comigo para o lado abrindo a porta do banheiro e entrei a arrastando, sem nenhuma restrição por parte dela. Ao contrário, deixando a bolsa em seu ombro cair aos nossos pés, me puxou para mais perto, de maneira que nossos corpos em ebulição colassem total, e completamente. Esta necessidade de contato entre nós era excepcional, mesmo brigando feio em completo desentendimento, nenhum de nós negávamos fogo. A conversa ficava sempre para depois.

— Você é um imbecil gostoso! — sussurrou no segundo que lhe dei uma trégua para respirar e desci a mão entrando pela bendita abertura do transpasse. Ela arfou com minha mão apalpando forte sobre a calcinha já molhada.

— Caralho! — grunhi desesperado para sentir mais, agarrei no tecido e puxei rasgando-a, jogando-a por ali, passeando duro pelo clitóris inchado e molhado, penetrando com investidas duras com ela gemendo, rebolando na minha mão e cravando as unhas em minhas costas.

Engolindo sua língua, sentindo-a tão molhada, estava quase subindo pelas paredes. Sua excitação fluía por meus dedos. *Delícia!*

Com a respiração forte, sua boca deslizou pelo meu queixo, pescoço enquanto suas mãos desceram até o cóis da minha calça, abrindo-o. Então desceu o zíper. Fechei meus olhos retendo a respiração com aquela mão delicada, quente e promissora entrando na boxer. Seus dedos se fecharam ao redor do meu pau, o extraíndo para fora.

— Uau! — gemeu. — Ele continua tão grande e grosso.

Meu ego saltou voo e ela regressou à minha boca num frenesi magnífico comigo deslizando dentro dela, meu polegar massageando o centro nervoso,

em resposta ela massageava forte e firme da base à glândula sensível e vice-versa, me levando à loucura. Um gemendo na boca do outro.

— Assim que gosto de você, sem fazer jogo duro. — Com os dedos da mão livre entrelacei em seus rebeldes cabelos, puxando, descendo o beijo para seu colo exuberante. Introduzi a língua em meio a eles, sentindo-a estremecer em meus braços. — Vira para mim, vira! — Em total entrega, ela girou seu corpo de modo que ficou de frente à parede, espalhando nela. De costas para mim subi seu vestido, admirando aquela bunda no qual sempre fui tarado.

Segurei seu pescoço passando a cabeça do meu pau duro e latejante entre suas pernas.

— Sem preservativo não vai rolar — soltou sem nenhuma convicção. A prova estava ali, na devassa empinando a bunda à caça dele, e a cabeça arqueando, encostando-se ao meu peito.

Não havia como parar agora, por nada neste mundo perderia a chance de foder com ela e me aliviar. Assim a tirei do meu sistema de uma vez.

— Você tem algum na bolsa? — perguntei arrepiado pra cacete, movendo-o no melado de seu centro. A sensualidade atingia a ambos, trêmulos. Deslizava pelo seu clitóris e o encaixei na entrada. — Em caso negativo, não se preocupe, sem preservativo somente contigo, está segura comigo como acredito estar com você.

— É melhor não — disse ela hesitante, completamente sufocada. E mudou de ideia a seguir, empurrando a bunda contra ele a preenchendo. Não aguentei, o desejo de enterrar foi maior do que qualquer coisa, afundei tudo, ouvindo-a gritar afogada de tesão, sacudir em meus braços. Levando as mãos para trás, agarrou minha cabeça e eu fodendo duro e gostoso, agarrado, esmagando os seus seios grandes e deliciosos.

— Apertada e quente, gostosa demais... — rosnei socando até o limite sentindo a contração ao redor dele, indo tocar em seu clitóris, ela suspirou ajudando no movimento intenso e sincronizado.

Sofremos uma rápida interrupção com seu celular tocando até cair na caixa postal. Pensei imediatamente em cometer um crime quando entrou aquele filha da puta do Derek.

— *Carol? Você está bem? Liguei várias vezes depois que a ligação caiu e estou preocupado. Retorna-me assim que ouvir esta mensagem, a gente precisa terminar aquele nosso assunto, tá?*

Como as duas cabeças estão sensíveis pelas fundas e fortes estocadas, senti tremores fortes e, numa mistura de tesão e necessidade de vingança, gozei, urrando. Aguardei apenas um momento e, ainda ofegante, saí de dentro dela ajeitando minhas calças.

Ela paralisou por um segundo sem entender e se virou, seus olhos escurecidos e a respiração entrecortada de desejo cobravam uma explicação.

— Agora estamos quites. Obrigado. — Sorri malicioso ajeitando o meu cabelo e novamente ouvi aquele maldito celular, e a voz do escroto explodiu no ambiente.

— É melhor se apressar senão o incompetente vai enfartar — puto da vida, forcei um sarcasmo e abri a porta do banheiro.

— Idiota! — ela praguejou antes de eu sair e fechar a porta na cara dela.

Agora sim, ela era carta fora do baralho, eu digo no âmbito pessoal. Pois ainda teria o desafio de finalizar a compra da Uchoa. Esperava não ser tão difícil agora sem esta obsessão sexual por ela.

O sol brilhava no céu ainda meio que hesitante, a todo instante se escondia atrás das nuvens espessas e escuras. Dona Esmeralda saltou graciosamente do seu banco ao me ver chegando com a caixa de bolo nas mãos.

— Você se lembrou, meu filho?! — disse ela, as lágrimas de felicidade banhando o rosto de pele clara e marcada pelo tempo. O vestido que usava era mais alegre com estampas azul-claro e amarelo, e caiu bem com os cabelos curtos e brancos como algodão. Ela até ousou um batom rosa nos lábios, o que a deixou muito bonita com seus olhos castanho-escuros.

— Como poderia esquecer de uma mulher megaespecial! — Passei a mão na sua cintura, beijando a face quente e perfumada. — Hum, conheço este perfume.

Ela riu toda feliz.

— Ganhei de um galã, sabe? — disse trazendo as pontas dos dedos da mão direita em minha face. Fechei meus olhos para receber sua energia boa.

Ela era daquelas pessoas que não olhavam para trás. *Guardar ressentimento é como tomar veneno, ele te mata aos poucos.* Não tem como não admirar alguém com tanta sabedoria. Apesar da vida familiar conturbada, ela não guardava rancor de ninguém.

— Combinou com a senhora. — Beije-a novamente e fui colocar o bolo sobre a mesa, e voltei a abraçá-la pela cintura beijando sua testa. — Feliz aniversário.

— Obrigada, meu filho! A Carolina acabou de sair daqui — comentou se afastando, dedilhando meu pectoral com todos os dedos. Arfei me afastando, deixando meu olhar se perder e dona Esmeralda notou.

— Eu sei — disse apenas.

Ela sorriu, compreensiva.

— Contou para ela? — quis saber. Neguei de cabeça revirando os olhos para o céu e permaneci com ele lá em cima. — Já vi que não!

— Sei que precisávamos conversar. — Voltei em seu rosto em desaprovação. — Pensei muito em todos estes anos e não encontrei sentido em cutucar o vespeiro. Mas vejo sentido neste ódio gratuito sem motivos que

ela adquiriu de mim, vejo-o como segurança. Não quero envolvê-la em nada, tampouco causar mágoas que ela possa levar para a vida toda, principalmente agora, nas circunstâncias que se encontra o seu pai.

— Marcelo! — advertiu. — Pense direito! — alertou.

Sacudi a cabeça no sentido negativo, sem ver uma perspectiva para mim e a Carolina.

— São águas passadas. E vou fazer como a senhora, não vou olhar para trás.

— Faça o que digo e não o que faço — recomendou ela pincelando a ponta do meu nariz. Sorri do seu jeitinho maternal. Depois do falecimento da minha mãe, ela teve presença marcante, o que aliviou a minha angústia. — Eu não concordo com esta sua decisão. A verdade sempre é a melhor opção.

Movi a cabeça negando. Não me sentiria melhor tomando esta decisão.

— Não neste caso! A Carolina é linha dura e você sabe muito bem disto. — Imersa num carinho, ela riu concordando. — E agora ela está em pé de guerra comigo. — Fixei seus olhos buscando sinais de que ela já soubesse e não encontrei nenhum. Ela torceu a boca curiosa. — Ela não falou nada a respeito?

Rindo, ela negou meneando a cabeça.

— A Carolina continua a mesma pessoa que conheci. Muito discreta.

Balancei a cabeça, ponderando.

— Mais ou menos. Discreta eu posso até concordar, mas a mesma já é exagero. Aposto que não se recordou do seu aniversário.

Ela riu sentindo o meu ressentimento. Dei de ombros inspirando forte para sair daquela coisa chata da Carol, segui em direção à mesa onde deixei o bolo.

— Vamos cortar logo este bolo porque os negócios me aguardam.

Ela veio toda sorridente e começou a chamar seus amigos.



Capítulo Três

CAROLINA

Não consigo respirar ainda com meu corpo anestesiado. O desconforto no peito com meu coração batendo a mil era o mesmo do restante do meu corpo. O calor de suas mãos ainda corria por mim. *Ai, que ódio! Ele deve estar se gabando agora!*

Embora tivesse sido uma burrice transar sem a devida proteção, a preocupação maior foi ter cedido tão facilmente, dando à mostra meus sentimentos.

Fazia uso de anticoncepcional injetável trimestral, e por lembrar dele, nem sabia se estava em ordem, precisava verificar. E o Marcelo sempre fora rigoroso com o uso de preservativo, pois, quando namorávamos, só deixamos de usá-los após fazermos todos os exames e eu começar a tomar remédio. Esperava que, neste quesito, ele não tivesse mudado, como mudou de personalidade.

Beleza e dinheiro não eram os únicos atributos do Marcelo; embora se mostrasse durão nos negócios, era um homem de princípios, preocupado com a família, futuro e, além de tudo, alguém que dava valor imenso ao companheirismo. A presença dele na casa de repouso só provava que ele conservou alguma das suas qualidades.

Juro que não entendia o que aconteceu! Na verdade, eu entendia, se apaixonou por outra. Só isso explicava o porquê fui trocada.

Maldito, maldito! Já passou da hora de resistir à sedução deste homem?

Se fossem apenas as tentações da carne tudo bem, só que a coisa se estendia ao meu coração. Descobri ao bater os olhos nele, que meu coração ainda o tinha como aquele cara incrível. A realidade era uma só: não o enxergava como o monstro que era!

Ele era como aquele único copo de água no deserto.

Perfeito e irresistível como sempre!

Aquele pau megaduero, quase na grossura de meu pulso, e aquelas mãos grandes de pegada forte, de tirar o ar, quem é que resiste? Nenhuma das mãos que tocaram meu corpo foram tão possessivas quanto as dele. Tenho a humildade em admitir que o Marcelo era tentadoramente sedutor.

Precisei agarrar o volante com mais força, e respirar fundo em busca de controle ao meu coração acelerado em resposta à adrenalina invadindo meu corpo com minha mente trazendo o beijo devorador. O efeito colateral “Marcelo” era de lascar! Já estava morrendo de tesão, sem calcinha e a minha vagina, pingando, retraiu com as recordações do momento inacabado para mim. A sensibilidade explodiu. Pressionando os dedos no volante, tive um orgasmo intenso.

Que merda! Tremendo e ainda tensa, elevei um pouco o quadril do banco observando o meu líquido, que encharcou o tecido do vestido. Pensei em parar o carro para ajeitar as coisas e esperar todo o mal-estar dissipar, mas não fiz. Seria o mesmo que me acovardar... A época de chorar já foi, agora era imprescindível estar no controle, principalmente com ele querendo invadir o meu território.

Voltei a sentar e abri minha bolsa me lembrando dos destroços da minha calcinha que guardei dentro dela. *Molhadíssima!* Abri o vidro a jogando entre a vegetação permeando a estrada, livrando de tudo que ligasse a ele.

Embora a minha exigência de ninguém falar sobre ele, a informação de que ele ainda estava solteiro chegou a mim. *O que será que aconteceu com a*

mulher grávida e o filho? Sacudi a cabeça para sair da neura, nada dele deveria me interessar.

Não estou imune a ele? Então, esquece! Este passado já foi enterrado.

Mentia para mim, tinha consciência. Porém, não havia outra alternativa senão superar o dia de hoje e assumir uma nova postura para um novo confronto.

Pisei fundo no acelerador pegando a autopista em direção a Alphaville. Estava ansiosa para conhecer os termos do contrato e também beijar meu paizinho lindo. Não aguentava mais de saudades dele.



O condomínio onde vivi os melhores momentos de toda a minha infância e adolescência ficava a aproximadamente dez quilômetros da principal alameda de acesso ao bairro, a mesma onde ficava o escritório do Derek. Inclusive senti um frio na espinha ao passar em frente ao edifício.

Terminando a alameda arborizada com mansões recuadas da calçada estava localizada a residência dos meus pais. A fachada de dois pavimentos exibia um espaço amplo e com muita área verde ao redor. Apesar do projeto arquitetônico atraente e original, ela precisava de uma reforma urgente. Principalmente a pintura branca das portas e grandes janelas desgastada. Meu pai cuidava com tanto carinho de tudo, gostava das coisas organizadas.

Senti um aperto no coração em pensar que minha mãe e irmão não tinham a sensibilidade de enxergar a deterioração causada pelo tempo.

— Talvez esteja na hora de tomar as rédeas por aqui também. — Cheguei a esta conclusão e bufei estacionando meu carro atrás do sedan preto de luxo

do Derek, obstruindo a garagem, necessitadíssima de um banho, estava me sentindo suja.

— Carol, querida! — Fechei a porta do carro e virei ao ouvir a voz doce da Lídia, em seu uniforme branco de enfermeira, que saía pelo portão de aço branco na lateral da casa. Segurava um saco preto com lixo. — Estava ansiosa pela sua chegada! — disse ela largando o saco na lixeira e veio com os braços estendidos, e aquele sorriso tranquilizador, que somente ela tinha.

— Que abraço gostoso! — declarei apertando aquele corpo magro entre os meus braços. Lídia era uma fofa e trabalhava conosco aproximadamente uns 20 anos. Foi contratada como nossa cozinheira e durante este tempo, a bonitinha com 30 anos de idade e esforçada como era, aproveitou o salário encorpado que meu pai fez questão de lhe pagar e entrou para a faculdade de enfermagem, sua grande paixão. Talvez ele pressentisse que precisaríamos também desses serviços dela. — Leva qualquer tristeza embora — completei.

Ela riu gostoso se afastando e segurou nas laterais do meu rosto, seus olhos puxados e castanhos escuros o percorrendo, atenta.

— Um bom chamego nunca fez mal a ninguém. — disse ela torcendo a boca, notei que viria questionamentos. Afinal, a mulher me conhecia muito mais do que os meus pais. — Ao que parece, a mocinha está precisando muito dele... — Ri, concordando, e levei os dedos da mão direita ao rosto de pele clara e macia.

— E muito — admiti. E neste mesmo instante seus braços magros envolveram meu pescoço num outro abraço muito forte, que, além de aquecer o meu coração, transportou a minha alma. As lágrimas foram inevitáveis com toda a tensão. — Meu dia hoje não foi fácil — confessei.

Preocupada, ela beijou minha face com carinho antes de afastar buscando meu olhar, agora sim, nitidamente tristes.

— Imagino! — Suspirou. — Fiquei mesmo desconfiada quando sua mãe, irmão e o advogado chegaram. Silenciosos e com expressões fechadas...

O rosto do Marcelo invadiu minha mente e foi o suficiente para despertar as borboletas no meu estômago. Bufeí irritada com o meu comportamento idiota.

— Meu pai está bem? — perguntei.

Ela sorriu fraterna.

— Está lá no seu silêncio confortável. — Ri encantada. Ela sempre dizia esta frase, e acho que também acredito nisto. Porque era assim que o semblante sereno dele nos fazia acreditar.

— Vou resolver um assunto importante com o Derek e, em seguida, vou até seu quarto e enchê-lo de beijos. — Pisquei e beijei sua face e, desviando dela, segui em direção à porta social.

— Faz tempo que os três estão trancados no escritório — anunciou antes que eu girasse a maçaneta. Agradei e entrei.

Dali mesmo do hall, chão e parede em mármore branco, mobiliado apenas por um aparador branco espelhado com adornos cromados combinando com o lustre de cristal descendo do pé-direito alto, já tinha a visão linda e agradável da sala. Com as cortinas abertas, o ambiente sofisticado estava totalmente iluminado com a luz natural. Mais alguns passos e já senti aquele tradicional arrocho no peito batendo o olho no sofá de couro cinza na sala de estar, outro local tatuado em minha alma. Nunca consegui esquecer seus olhos cinzas cintilantes pelas lágrimas.

A traída sou eu e ele quem chora! É osso...

Infelizmente, sou orgulhosa demais para enfiar isto na cara dele.

— Como vai, dona Carolina? — Andressa, uma das funcionárias da casa, descendo os degraus da escada em curva no centro da sala, perguntou. Seu

rosto redondo como seu corpo acima do peso ideal, dentro do uniforme azul-marinho.

— Estou bem, obrigada por perguntar.

Ela acenou de cabeça e atravessou a sala em direção a cozinha.

Segui pela direita passando pelo home bar e parei em frente à porta dupla deslizante do escritório, e respirei fundo ao ouvir a seguinte frase do Guilherme:

— *Eu imaginava que a Carol não ficaria feliz ao saber quem seria o real comprador. Mas não esperava aquela reação* — declarou Gui com pesar na voz. — *Espero que a minha irmã não interprete erroneamente.*

Ri balançando a cabeça, caindo na real. *Exagerei!* Como de costume, agi por impulso e deixei o ressentimento abrir o caminho à frente. Foi como o Marcelo colocou, não tinha problema nenhum ele ser o comprador. Aliás, o dinheiro não fazia distinção. Reconheci a injustiça contra o meu irmão, ele mudou muito de seis anos para cá, mulherengo ao extremo nunca se preocupou com o futuro, mas agora amadureceu e se tornou uma pessoa dedicada, se esforçava, só que por falta de um capital encorpado, não conseguia progredir na construção civil. Sua meta era tornar sua construtora sua própria incorporadora. E não tinha dúvidas do sucesso com a sua simpatia infalível, sua força de vontade. Ele só precisava de uma injeção de confiança, e eu ia dar a ele.

— *CHEGA!* — o berro da minha mãe, aliado ao som de um murro sobre a mesa me fez parar com a mão na maçaneta. — *As coisas não acontecem por acaso, só pode ser um aviso!* — O silêncio imperou lá dentro. — *Não percebem que este Marcelo está tirando proveito da situação?* — findou num tom de voz de aparente reprovação.

— *Como assim?* — questionou Gui, indignado. — *Ele pagou cinco vezes mais do que vale a empresa hoje* — justificou.

— *Neste ponto, eu tenho que concordar* — opinou Derek.

O riso histérico da minha mãe foi intrigante e, claro, fiquei encafifada.

— *Este rapaz é um empresário forte, porreta, inteligente! Não dá ponto sem nó.* — Franzi o cenho ao início de sua explicação. — *Ninguém em sã consciência rasga dinheiro, Guilherme! Para mim, está cheirando a vingança* — acusou de forma sensata.

Concordo com ela.

— *Acredita que este rompimento com a Carol gerou um sentimento deste patamar?* — indagou meu irmão num tom vago.

Embora faça sentido, é um caso a se pensar!

— *Ah, não sei ao certo! São tantas possibilidades que precisamos analisar. Um pouco antes do seu pai sofrer o AVC, ele me contou sobre um encontro com o Marcelo e o pai dele num restaurante. Seu pai andava numa alegria transparente, sabe o quanto ele se dedicou a esta empresa. Era a vida dele.*

— *E daí?*

— *Como e daí, Gui? Pensa um pouco, meu filho... É de conhecimento de todos o quanto o Marcelo ficou amargo depois da morte da sua mãe. Eu creio que este interesse absurdo é uma forma de destruir a nossa família. E outra que o seu pai jamais venderia a Uchoa. Nem tudo está perdido, ainda está em tempo de tirá-la do buraco.*

— *Pode até estar com a razão, mãe. Só que não temos um administrador à altura* — argumentou meu irmão.

Angustiada, resmunguei escondendo o rosto com as mãos, com meu coração partido eu chorava abertamente agora. A mãe do Marcelo veio a falecer um ano depois do nosso rompimento, um ano antes do meu pai adoecer. Ressentida, eu sequer dei um telefonema de pesares a família, amava

dona Conceição, amava sua atenção. Mas agora não adianta chorar o leite derramado. Era tarde demais.

Minha mãe está certa! A Uchoa é a vida do meu pai, se vai gerar lucro ou prejuízo, tanto faz ao Marcelo, uma pessoa que toma banho diariamente de dinheiro. Ele pode sim estar usando a compra como uma forma de atingir a minha pessoa, quebrando-a definitivamente. Como classificar uma pessoa com este tipo de atitude? Um escroto mesmo!

E pensar que passei por momentos terríveis aos quais eu queria sumir, morrer. Fiquei tão magra que um vento um pouco mais forte me levava embora. Chorei rios de lágrimas. Sem contar as vezes que me ajoelhei implorando a Deus, rogando por ajuda, a fim de esquecer este crápula.

Agora, ele trair é normal, eu sou caso de vingança. Isto é chocante. *Vai se foder, Marcelo!* Contudo, não assumi o papel de traída perante a sociedade. Isto já me bastava. Pensei invadindo o recinto, porém ainda com milhares de coisas martelando minha cabeça.

— Carol? — Com os olhos dez vezes o tamanho normal, o Guilherme pronunciou rápido, como se tivesse sido pego no flagra.

— Estava pendendo para aceitar a venda até ouvir as justificativas da mamãe — falei de pronto. Guilherme e Derek trocaram olhares aflitos antes de voltar a minha pessoa se aproximando da mesa do meu pai e espalmei sobre o tampo de madeira. — Independente de quem seja o comprador, eu não vendo a minha parte. Agora, se pretende vender a sua, é problema seu.

Ele abriu a boca para contestar, minha mãe soltou um risinho satisfeito e aliviado também. Estendi minha mão antecipando.

— Decidi tocar a empresa, assim estarei agradando o meu pai e em paz comigo mesma. — Contornei a mesa, puxei a cadeira executiva de couro marrom e me sentei, inclinando-me sobre ela e cruzei meus braços encarando os três ali em minha frente.

— É-é... — esboçou Gui meio perdido e buscou ajuda do Derek ao seu lado. — Acha possível sem que haja penalidades?

Ele riu malévolo, foi atrás da poltrona perto da janela de vidro dando a fascinante visão da piscina, uma raia olímpica. A edícula com uma churrasqueira coberta e elegante. Local onde meu pai e amigos de profissão viviam belos momentos de descontração, e também trocando ideias revolucionárias. Homens inteligentes e curiosos formados em Farmácia e Bioquímica. E pegou sua maleta antes de retornar e puxar a cadeira em frente à mesa e se sentar. Abriu-a, pegou a minuta e entregou a mim.

— Faça a leitura antes de entrarmos nesta pauta — aconselhou-o.

— Ok! — Pegando da sua mão, já iniciei a leitura.

— Vou me sentar que estou vendo que a coisa vai se estender — reclamou minha mãe indo se sentar na poltrona onde esteve a maleta do Derek e fixou-se lá fora, pensativa.

Gui puxou a cadeira ao lado do Derek e o silêncio se estendeu, enquanto meus olhos corriam as palavras no papel.

— Chega a ser surreal a quantia ao qual o Marcelo depositou em nossas contas correntes — comentei finalizando o contrato. Seria o mesmo de chamá-lo de generoso, a única imposição ao fazer o pagamento antecipado foram as penalidades em caso de desistência. O que nem classifico como abusiva, devido ao montante irreal. Só cometeu um grave e grande erro, faltava a minha assinatura, portanto eu poderia declinar sem que ele possa tomar alguma providência judicial contra mim. — Ele não é tão esperto quanto pensa — comentei estendendo a mão e entregando o contrato nas mãos do Derek, já o aguardando. — O único problema em dar para trás é que assumo o papel de sua sócia.

— Estaria disposta a conviver com ele pelo seu pai? — interveio a minha mãe ansiosa.

— Com absoluta certeza! — afirmei.

Rindo aliviada, ela se levantou e veio até ao meu lado ali na mesa. Abracei sua cintura ganhando um beijo maternal no topo da cabeça.

— Eu tenho muito orgulho de você, querida! Muito. — Beijou-me novamente.

— Garantir a minha parte é o máximo que poderia acontecer, mas acham mesmo que o Marcelo vai aceitar esta opção? — duvidou Guilherme.

Dei de ombros sem dar a mínima. Seguir a vontade do meu pai era muito mais importante.

— Precisamos arriscar — emendou Derek. — Se tiver o aval, marco imediatamente uma reunião — sugeriu.

Neguei de cabeça enquanto me levantava.

— Vou só dar um beijo gostoso no meu velho, tomar um banho e vou resolver isso pessoalmente na empresa do babaca.

— Tomou chuva, né? Está horrível... — Minha mãe mexia nas pontas rebeldes dos meus cabelos mudando o rumo da prosa.

Fechei meus olhos segurando o arrepio descendo pela coluna. *Esquece isso tudo, Carol! Esquece.*

— Muita. Chuva — sibilei para não vacilar na voz, devido as ferozes batidas do meu coração.

— Eu vou com você! — ofereceu Derek.

— Obrigada, mas acho que esta parte eu mesma posso solucionar.

Seus olhos baixaram, chateado.

— Se preocupa não que a minha maninha é competente e vai domar aquele mauricinho besta! — Gui batia nas costas do Derek ao seu lado.

Sorrindo franco, ele ergueu a cabeça concordando.

— Nisto eu concordo! — disse ele sorrindo orgulhoso, eu sorri retribuindo o voto de confiança. — E gostaria de estar presente e olhando no rosto dele.

O cara vai ficar possesso quando a derrota cair no seu colo. Mas... — se levantou — depois de oficializado, eu vou à forra.

— Somos dois! — solidarizou Guilherme.

— Pensou sobre o convite que lhe fiz de amanhã à noite, da comemoração do aniversário do Bernardo? Bem que você poderia aparecer por lá. — Os olhos verdes de Derek brilhavam com intensidade ao lembrar-me do convite que fez ao telefone quando eu estava na casa de repouso. Pensei um segundo a respeito, pois a “mansão” do Bernardo era aquele tipo de antro pecaminoso e ficava no mesmo condomínio onde morava o Marcelo. Brincadeirinha! Os pais dele estavam no ramo automobilístico e moravam na Europa desde a nossa adolescência, e o safado promovia altas festas já que morava sozinho e com total liberdade. Ter o Derek por perto, neste ambiente, já imaginei no que poderia dar. Mas enfim... precisava mesmo me divertir sem ressalvas.

— Vou aparecer por lá — decidi.

O sorriso dele abrangeu para um empolgado.

— Baixa sua bola, advogado! — advertiu Guilherme fechando punho e deu no peito dele em tom de brincadeira.

— Garotos! — ralhou minha mãe pegando na minha mão e puxou-me em direção à saída. — Seu pai deve estar morrendo de saudades da filhinha, a queridinha dele.

— Eu também estou louca para encher o corpo dele de abraços e seu rosto de beijos.

— Ah, Derek! — dirigi-me à ele ao me lembrar do carro alugado. — Preciso de um favor, devolva o carro na locadora que eu vou ficar mais tempo que o planejado, eu posso usar qualquer um aqui de casa.

— Fica tranquila! Eu resolvo para você — respondeu gentil, como sempre.

Eu e a mamãe saímos abraçadas dali, numa cumplicidade só nossa.



Um leito hospitalar foi levado para dentro do quarto do meu pai. No piso superior, logo depois das escadas, estava o ambiente projetado para oferecer o conforto e segurança. Uma cômoda ao lado da cama ocupada por remédios, aparelhos e a alimentação especial. Lídia se levantou da poltrona azul-claro ao lado da cama, quando entramos.

— Acabei de avisar ao senhor Gael sobre você, a preferida, estar em casa — mencionou ela com os olhos marejados, da mesma forma que os meus. Ver meu pai naquela situação vegetativa era a morte. Ele tinha vinte anos a mais que a minha mãe, os fios brancos eram 100% dominantes em seu corpo.

Corri até a cama morrendo de vontade de abraçá-lo. Curvei-me abarcando seu corpo imóvel.

— Pai, eu te amo, te amo, te amo... — repeti em seu ouvido as palavras de todos os dias. Nos dias em que não pude estar aqui, eu liguei e pedia para colocar o aparelho em seu ouvido. Não falhei um dia em declamar o meu amor por ele. Afinal, ele era o meu exemplo de vida, meu alicerce. Mesmo na adolescência, um não dele era respeitado fielmente. A imagem que tinha do meu pai era única, ele era perfeito. Meus pais! Minha mãe era maravilhosa, com o seu amor interino. Eles sempre se amaram e muito. Eram tudo para mim.

— Eu tenho certeza de que ele nos ouve, querida. — Minha mãe repousou a mão em meu ombro. Arqueei a cabeça olhando-a com uma tristeza tão profunda. Eu não queria sentir isto, mas não havia como ser diferente assistindo a pessoa ao qual você amava mais do que qualquer coisa nesta vida, com a força de sua alma em estado vegetativo. Aliás, era mais um forte motivo para bater de frente com o Marcelo, demorei a acordar, e agora não

vou parar no meio do caminho. Tocaria o império construído por ele com tanto amor.

— Eu também tenho.

Permaneci mais algum tempo ao lado deste homem iluminado e segui para o confortável quarto dos meus sonhos. Quando o decorei já namorava com o Marcelo, uma pessoa de bom gosto e ideias revolucionárias, ele contribuiu palpitando. A marcenaria planejada de cores neutras e delicadas, a cama ultraconfortável e o espaço ainda mais agradável na parte externa: a sacada aconchegante integrada, com a visão deslumbrante, além do paisagismo da excelente área *gourmet* percebemos também o horizonte verde da região. Meu coração palpitou como sempre acontecia ao entrar ali e relembrar tantos momentos lindos e quentes.

Sua babaca! Sacudi a cabeça na tentativa de dissipar este resquício de sentimento dentro do meu peito e recomeçar uma nova e dura convivência com aquele idiota traidor. Entrei no banheiro de mármore branco – chão ao teto –, liberei-me daquele vestido grudando e o jogando no cesto de roupa suja.

Sem muito tempo até o fim do expediente do Marcelo, o banho foi ligeiro, sequei meus cabelos e a roupa escolhida foi a mais casual possível: conjunto branco de blazer com pregas e saia, e apenas uma bolsa de mão, o suficiente para meus documentos e o talão de cheques, e parti rumo à afronta.



Engoli duro, rezei um *Pai Nosso* para obter sucesso nesta empreitada quando cheguei em frente ao elegante complexo com três torres de 24 andares, a D'Ávila & Cia. Comestics. Dei seta parando na chancela me

identificando. Corri para o elevador ali na garagem com parada obrigatória no piso superior, onde localizava a recepção chique e discreta com um balcão de mármore branco e cinzento, e janela panorâmica e de vista lateral.

— Em que posso ajudá-la? — perguntou a recepcionista. Uma jovem linda, não mais de 25 anos, olhos e cabelos negros escorridos um pouco abaixo dos ombros.

— Tenho uma audiência com o Marcelo D’Ávila, poderia anunciar que Carolina Uchoa está aqui, por favor! — menti.

Sorrindo cordialmente, ela assentiu de cabeça.

— Só um instante.

— Obrigada.

Respirei fundo dando as costas para a funcionária usando o telefone, achei que observar o fluxo de pessoas circulando pelo recinto acalmaria meu coração veloz. Não estava nervosa como antes, na verdade, pior, a ponto de ter um infarto, devido aos meus batimentos cardíacos acelerados.

“Mantenha-se firme!”, aconselhei-me em pensamento quando ouvi a moça de voz calma mencionar o nome Tiago virei de imediato.

— Sim, autorizarei sua entrada — disse colocando o aparelho no gancho e fitou-me.

— O senhor Tiago irá atendê-la, o senhor Marcelo está em reunião neste instante.

Inalei surpresa e assenti de cabeça, concordando. Afinal, começar pelo Tiago, o irmão dois anos mais velho do Marcelo, na verdade 33, não me pareceu uma péssima ideia. Ao contrário, ele era uma pessoa descontraída e podia me ajudar a familiarizar antes de encarar a fera.

A sala do Tiago ficava no último andar, um corredor largo e amplo com piso em mármore rodeado por portas encorpadas brancas em toda a extensão, com placas cromadas diferenciadas com identificação dos setores.

Caminhando pelo corredor, notei que neste andar centralizava só os cargos de chefias e na última porta, à direita do corredor, estava a sala da “vice-presidência”: a do Tiago. A porta de duas folhas de uma ponta a outra no final de corredor estava a “presidência.” *Você vai ter uma grande surpresa hoje, seu presidente de araque!*

Respirei fundo e entrei na sala do Tiago, esperei cair na antessala da secretária, mas não! Caí direto na sala espaçosa do vice-presidente, a parede à minha esquerda havia obras praticamente grudadas umas às outras, cobrindo a parede num alinhamento perfeito. A maior lembrando uma porta soou especial chamando a minha atenção. O desenho delicado feito a partir da madeira, do lado direito uma sala de apoio, duas poltronas também em couro pretas e uma mesa retangular de centro sob um tapete persa elegantíssimo. Na parede ao fundo, aproveitando o horizonte de Alphaville através da janela de uma ponta a outra da parede, estava a mesa retangular de madeira escura do Tiago. E ele estava ali, sentado na sua poltrona executiva, muito elegante dentro do terno bege e camisa branca. Os olhos verdes escuros e os cabelos loiros, também escuros estavam como me lembrava.

— Me disseram que você estava na cidade, mas não que estava tão maravilhosa! — Educado e receptivo como sempre, ele se levantou e veio em minha direção com os braços abertos. Um fofinho admirável. Suas mãos repousaram em meus ombros e curvou pressionando os lábios bem feitos e atraentes em minha face.

— O tempo não passou para você, ainda é o mesmo, lindão! — elogiei correndo a mão sobre o braço duro como dos outros. O esporte tem feito bem a todos por aqui.

Afastou permanecendo as mãos em meus ombros, e os olhos no rosto memorável e másculo liso, de quem acabara de se barbear, percorriam minha face.

Rindo, movi a cabeça em negativa.

— Os problemas só me fizeram envelhecer. — Também ria ao seu tom sarcástico.

— Nem me fale em problemas — esbafori baixando meus olhos. — Aliás, é justamente ele que me traz aqui.

— Estou sabendo. — Soltou-me dando as costas e retornou a sua cadeira.

— Sente-se, por favor! — solicitou acenando com a mão a cadeira na frente da mesa. — O Marcelo contou sobre a empresa do seu pai estar no vermelho. O que é uma pena!

— Está ciente da negociação que o seu irmão está fazendo? — indaguei querendo entender melhor aquele interesse todo.

Segurou na gravata ajeitando antes de responder:

— Por cima! — foi vago.

Eu zanzei os olhos pelo rosto bonito, tentando captar se ele não teria problemas com o irmão mais novo ter assumido a presidência na aposentadoria do pai. Não havia vestígios de mágoas, nada!

— Imaginei que os investimentos num volume alto da empresa, também passassem por sua aprovação. Afinal, é o vice-presidente.

Ele acenou de cabeça, concordando.

— Olha, Carol! — começou ele com tom de voz medida. — Perante uma reunião familiar, a empresa adotou um novo sistema em se tratando de investimentos. Nós três estamos cientes que, para a rentabilidade de uma carteira de investimentos, é preciso correr mais riscos. E o Marcelo vem se destacando fazendo apostas acertadas com alto potencial de retorno. Se ele está apostando alto é porque vale a pena.

— Entendo. — Declinei meus olhos analisando a situação atual da Uchoa. Meu pai era o principal desenvolvedor de medicamentos, a não ser que eles tenham encontrado alguém que o superasse e com promessas de retornos

exorbitantes. Sim, levando-se em conta o tamanho do investimento ao qual estão fazendo.

— Mudando de pato para ganso, já que este assunto precisa tratar diretamente com o meu irmão. — Tirou-me dos meus devaneios, ergui os olhos forçando um sorriso ainda em análise. — Está sabendo da festa do aniversário do Bernardo, amanhã à noite?

Ri, assentindo.

— E já fui convidada.

— Excelente, assim podemos conversar melhor.

O que achei ser uma moldura, era na verdade uma porta, nem bem terminou a frase, ela se abriu, curvei o corpo, meu coração disparou emergindo a garganta quando vi a cena daquele deus grego do Marcelo surgindo por ela.

Mamma mia! Ninguém merece uma tortura destas...

— Conversar melhor sobre o quê? — questionou ele.

Vai, Carol! Reage, mulher! Como? Meu corpo tremia e não era pouco, olhava-o fixamente com saudades de tocá-lo por inteiro e não havia como não sentir com a grande revelação sendo lançada em minha cara. Seus dedos grandes cheios de sabedoria que tive o prazer de sentir em meu interior e que causaram uma explosão de sensações começavam a fechar o primeiro botão da camisa branca social belíssima, e ao me ver, os braços caíram na lateral do corpo. Com os botões todos abertos aparecia seu perturbador abdômen trincado, até a V, que já amei muito também, brutalmente esculpido exposto por completo, devido à calça social preta, pendida no quadril sem o cinto.

— Assunto nosso! — Ergui os olhos à voz grave e profunda tendenciosa me deparando com sorriso cafaeste notando a minha curiosidade.

— Não fui avisado sobre a sua visita!

— Vim porque precisamos debater algumas cláusulas do contrato — disse de imediato, saltando da cadeira e o encarando tentando ser indiferente. Mas confesso que estava difícil demais com o traidor do meu coração denunciando todas as minhas emoções diante daquele rosto másculo marcante, a barba cerrada e bem-feita, os cabelos lisos escuros, desajeitados. *Que raiva!*

— Nada pessoal, ok? Mas antecipo que não há mais nada a discutir sobre o contrato, a não ser findá-lo — a frase prepotente saiu imersa de autoconfiança. *Trouxa!*

Apertando meus olhos indignada, ronronei balançando a cabeça em negativa.

— Infelizmente está equivocado — tentei imparcialidade com aquele olhar cinza sedutor brilhante descendo pelo decote do meu blazer. *Derrete qualquer calcinha!* Fracassei, eu sei, com a ironia que tomou sua expressão ao erguer as sobrancelhas grossas e perfeitas do caramba.

— Então vamos a minha sala e você explica onde está o meu engano — sugeriu apontando a porta atrás de si.

— Depois nos falamos, Tiago! — Ele assentiu com uma expressão muito tensa. Como a minha deveria estar.

Devido ao espaço ser o dobro da sala do Tiago havia um número maior de móveis. Porém seguiam a mesma composição e decoração, ou quase: um corredor indicando que havia mais cômodos, os diferenciava.

— Fique à vontade — dizendo isso, seguiu para sua poltrona executiva depois de fechar a porta. Debruçou-se sobre sua mesa e cruzou os dedos fitando-me com todo seu poder de sedução. Quem não se apaixona por um homem como ele? — Vai ficar aí parada?

Do jeito como já fui viciada nele, prudente analisava os riscos de aproximar mais, eu deveria ficar longe dele, fugir. “Esquece o prazer que ele

lhe proporcionou e concentre apenas na DOR!”, repeti a frase umas três vezes, a fim de enfiar a mensagem dentro na minha cabeça.

Ergui o queixo desafiadoramente, recusando respondê-lo e fui me sentar, abri a bolsa e tirei de dentro o meu talão de cheques e, quando comecei a preenchê-lo, ele interrompeu o silêncio:

— O que está fazendo?

— A devolução do seu dinheiro. — respondi sem interromper a tarefa, e sequer olhei em seus olhos, sabendo o quanto o irritava ser ignorado. Também! Todo mundo baixava a cabeça quando ele falava, de fato tem o mundo a seus pés.

— E o que a faz pensar que estou interessado em desfazer o negócio? — Ergui apenas os olhos. Ele ergueu as sobrancelhas, desacreditado.

Continuei a ignorá-lo, ele não suportou e explodiu esmurrando a mesa, obrigando-me a fitá-lo. E detalhe: encolhi-me toda ali na cadeira, assustada.

— Vai perder a folha do seu cheque! — ameaçou com veemência, travando o maxilar divino.

— Então diga qual seria o interesse numa empresa que não vale nada para você? — Seus olhos corriam meu rosto com total imparcialidade. Não consegui entendê-lo.

Se jogando para trás na poltrona, envolveu os dedos longos pelos cabelos brilhantes, meu coração perdeu a batida, meus olhos estatelaram, e minha vagina pulsava vendo aquele abdome perturbador. Bufou impaciente antes de endireitar o corpo, curvando-se sobre a mesa e chegando o mais próximo possível espalmando sobre ela. Embora precisasse fugir, a fim de não fracassar ao seu poder, permaneci firme o enfrentando.

— Qualquer outro investidor pagaria uma miséria pela empresa, então a senhorita deveria agradecer por eu não deixar o negócio de amor, como seu pai sempre declarou, ruir.

— É muito generoso o senhor! — debochei o deixando indignadíssimo. Saltou da cadeira e caminhou em direção à janela e permaneceu ali contemplando a paisagem. Notei o quanto o movimento em seu tórax estava intenso. — Não faz sentido esta compra, a não ser que esteja com uma carta preciosa escondida na manga.

Muito nervoso, ele girou o corpo cravando o olhar faiscando nos acusadores meus.

— Sabe que admiro esta sua petulância? — Cruzei os braços inabalada, ou tentando. Ele sorriu cínico. — Enfim... fracassou na tentativa de me fazer desistir.

Respirei fundo abrindo minhas mãos no ar.

— Se é assim, então vamos à parte prática. — Arqueou surpreso.

— Existe parte prática?

— Sim, e vou mostrar a você. — Terminei de preencher o cheque e levantei segurando a ponta abanando no ar.

— Qual a parte de que não vou desfazer o negócio, você não entendeu?

— Entendi perfeitamente! — Os vincos em sua testa ficaram evidentes. — Com a sua decisão não resta outra opção além de fazer a devolução da parte depositada em minha conta corrente sem o meu consentimento. — Ele riu sarcástico.

— Você não está *raciocinando* — possesso, enfatizou entredentes se aproximando. Cada passo dava um novo ângulo, um vislumbre de seu abdômen definido e seus bíceps fortes.

“Não, por favor, muito perto, não!”, solicitava mentalmente perdendo completamente o controle, coração disparado, corpo em ebulição vibrando de euforia, músculos tensos e o suor aumentando...

— A-aceita a minha parte ou vou ser obrigada a depositar em juízo, o que seria uma desvantagem a você, já que não assinei nada — antecipando, a

frase saiu entrecortada. Não estava conseguindo lidar com ele lindo daquele jeito. As saudades dos nossos tempos de safadezas vieram à tona e meu corpo explodiu numa excitação que não consegui controlar. Mover para mais um recuo se tornou impossível, devido a uma queda inevitável com as minhas pernas bambas.

Ele continuou se achegando, esperei.

— Quer travar um duelo comigo, Carolina? — Engoli duro com ele curvado sussurrando em meu ouvido. O estresse derrubou minha concentração, ficando nítido o desejo sexual que sentia — Então seja feita a sua vontade. Vamos duelar! — soprou em meu ouvido, fazendo-me arrepiar, de repente me deixando incapacitada de falar, piscar ou mover qualquer outra parte do corpo, meus músculos simplesmente pararam de funcionar totalmente anestesiada.

— Não seja tão confiante. — Minha voz não passava de um sussurro.

Ele era conhecedor do efeito que causava em mim, e sem avisar, sem permissão, passou seus braços à minha volta, e me puxou para o seu peito deliciosamente desnudo. O perfume piorou meu estado de embriaguez, seus olhos sedentos devoravam os meus lábios causando um reboliço geral, sentia minha calcinha molhar toda ali com as mãos caídas na lateral do corpo totalmente em rendição.

— Sou um empresário e em todo e qualquer negócio, eu tento ter a máxima segurança, me cercando de garantias — murmurou inclinando um pouco mais, nossos lábios tocaram levemente e senti seu corpo tremer, como sentia as batidas do seu coração, tão violentas como as do meu. — Espero que o Guilherme já tenha informado que me passou o comando da Uchoa, aliás, ela está tomando muito o meu tempo a fim de colocar a bagunça em ordem. — Abrindo um sorriso torto, ele cruelmente me soltou recuando. Precisava de muita força para não cambalear.

— Como isso é possível?

— Prontinho, Marcelo! — Gelei dos pés à cabeça ao ouvir a voz macia feminina. E ao olhar para o corredor, quase tive um treco. Um choque! Observando uma mulher saindo por ele, linda por sinal, num vestido da alta costura azul royal valorizando as suas formas, os cabelos curtos e ruivos destacavam o azul dos seus olhos estupendos. Entendi as razões por ele estar todo desalinhando com a camisa aberta, a reunião nada mais era do que uma trepada. *CANALHA!* Senti aquele nó na garganta com vontade de chorar de ódio de mim, em prestar àquele papelzinho ridículo.

Os olhos brilhando dela vieram encontrar aos meus.

— Se estiver ocupado, eu volto depois...

— Não! De jeito nenhum... vamos terminar nosso assunto. — disse ele rapidamente piscando para ela e voltou o olhar seco sobre mim. — A Srta. Carolina Uchoa já estava de saída.

“Está me expulsando, seu desprezível?”, pensei quando queria avançar em seu pescoço, dar na cara dele por me fazer parecer uma tonta!

— Com certeza! — Peguei minha bolsa sobre a cadeira e estendi o cheque na sua cara tentando recuperar o mínimo de dignidade que me restava. — Tem certeza de que não temos um acordo?

Ele riu, desdenhando.

— Não! Não temos um acordo — A frieza de sua voz congelou meus neurônios, e sei que minha expressão de dor tomou minha face. Eu sorri ameaçadora disfarçando.

— Tudo bem então. — Ergui a cabeça desafiando-o. — Nos veremos em breve.

E saí dali a passos acelerados, atravessando a porta a qual pensei que daria direto no corredor e me vi na sala de sua secretária. Uma senhora de 60 anos ou mais vestindo um terno marrom e camisa bege. Ela sorriu com um

semblante questionador. Apenas assenti de cabeça e saí pela porta ganhando o corredor e o elevador em seguida. Alimentando uma aversão indescritível, sumi dali.



Na privacidade do meu carro, liguei para o Derek.

— Como você irá resolver eu não faço a menor ideia, porém é imprescindível depositar a minha parte em juízo com urgência, de preferência hoje. — Desliguei sem condições de avalanches de perguntas.



Capítulo Quatro

MARCELO

Caralho! Que acordo eu poderia fazer com ela? Não existia a menor possibilidade de um acordo enquanto não resolver o imbróglio que me meti.

Bufei indo à frente da janela, observando a saída dos veículos saindo do prédio. A voz macia da Carol dentro da minha cabeça dizia coisas que eu não queria ouvir e me atormentava a ponto de perder o tempo real das coisas. A presença dela era demais para nós, meu pau doía e parecia que ia estourar dentro das calças implorando estar nela, com ela.

Fechei meus olhos por uma fração de segundos, meditando sobre o cerco se fechando. Transar não a tirou do meu sistema como imaginei, ao contrário, reacendeu a chama em meu coração, não reduzindo nada da saudade que senti dela em todos estes anos. A sensação era que ela nunca vai passar, a não ser que a tivesse definitivamente. Mas, infelizmente a vida nos colocou em caminhos opostos. Eu estava hiperdesconfortável com a postura assumida, o semblante triste dela doía tanto emocionalmente como fisicamente. Movimentei os dedos das mãos, abri e fechei repetidas vezes para relaxar a tensão na musculatura, afinal de contas, não era o momento de desanimar.

— A intenção não é atrapalhar suas reflexões. Mas, gostaria de saber se adiamos ou damos sequência de onde paramos? — O tom de voz ansioso da Ingrid invadiu minha mente, arrancando-me dos devaneios. Abrindo um sorriso envergonhado, virei-me de frente.

— Talvez mais tarde, ou amanhã cedo! O momento requer concentração e não algo rápido e raso. Me desculpa!

Um sorriso decepcionado plantou em sua face bonita, fui até ela.

— E não se preocupe, pretendo recompensar o seu tempo.

Ela assentiu de cabeça, mediante a minha garantia.

— Tenho certeza que sim, Marcelo. — Com tamanha compreensão, eu me vi obrigado a pegar em sua mão e trazer aos meus lábios e beijei como um perfeito cavalheiro.

— Esteja preparada para uma avalanche. — Ela riu animada

— Estou ansiosa e necessitada deste momento. Vou pegar minhas coisas, deixei lá dentro — avisou apontando para o corredor.

— Fica à vontade! — Ela sorriu agradecida e seguiu seu percurso enquanto permaneci ali, chateado. Retornou com sua mala preta de rodinhas.

— Até mais, então.

— Até. — Permaneci em pé no mesmo lugar contemplando-a caminhar sensualmente em direção à porta sem vê-la, pois o rosto excitado da Carol era preponderante em minha mente. Aquele seu jeito admirável de mulher decidida, que provou com o seu sucesso profissional que não depende de homem nenhum. Tudo nela me atraía de uma maneira incontrolável.

Tiago abriu a porta conjugada de nossas salas e grunhiu com estranheza. E com razão, estava completamente perdido em meus pensamentos.

— O que foi, perdeu a mão com a gata? — provocou irônico.

Desdenhei com meu melhor sorriso assumindo minha posição de liderança enquanto fechava os botões da minha camisa.

— Nunca perco uma aposta! — enfatizei notando seu semblante descontente e segui contornando a mesa, acomodando-me à minha cadeira por direito. — As coisas não saíram como o planejado — emendei. *Esperava sua procuração, e não sua presença.*

Ele riu sorrateiro se aproximando e parando em frente a minha mesa, seus olhos verdes mais escuros do que os meus vasculhando meu rosto.

— Sabe que não estou convencido disto!

Revirei os olhos com impaciência e o encarei a seguir.

— Por que não vai direto ao ponto? — sugeri abrindo as mãos e dando de ombros.

Ele puxou a cadeira se sentando e cruzou os braços sobre a mesa, desafiador.

— Precisa tomar cuidado com as suas decisões — aquilo soou mais como um alerta do que qualquer outra coisa. — Tem total autonomia, porém não pode se esquecer de que está gerindo dinheiro de outras pessoas.

Aquela conversa chegou ao nível do insuportável, saltei da cadeira, curvando e espalmei sobre a mesa o confrontando.

— A Uchoa é um excelente investimento, eu lhe asseguro.

Ele tombou a cabeça levemente, apertando os olhos.

— Concordo plenamente contigo, porém tenho minhas dúvidas em relação a sua fraqueza perante a Carol.

Ri irritado.

— Mulher nenhuma tira o meu controle.

Ele torceu a boca hesitante.

— Será mesmo? — cobrou sério.

— Não temos que conversar sobre minha vida pessoal — soletei em tom ríspido.

Irredutível a me tirar do sério, ele avançou:

— Eu me remoo de curiosidade em saber o motivo do rompimento súbito de vocês.

Senti meu estômago revirar e um calor medonho subir a minha face. Endireitei o corpo e segui para a frente da janela.

— Eu não costumo bisbilhotar a sua vida pessoal, portanto peço para que saia da minha sala agora. Tenho muitos contratos para despachar.

— Não gosto quando me expulsa da sua sala — reclamou, levantando-se.

Girei nos calcanhares e me deparei com seu olhar acabrunhado.

— E eu não gosto quando você invade a minha privacidade — rebati com remorso, mas precisei encurtar o seu espaço.

Ele assentiu soltando o ar fortemente e ajeitou a gravata no pescoço.

— Entendi! — bufando, deixou o recinto.

Nada vai sair diferente do que planejei, nada! Prometi a mim mesmo voltando a minha mesa. Nem bem ajeitei na cadeira e a Maria de Lurdes, minha secretária, passou a ligação do meu pai, deixei no viva voz.

— *Incomodo?*

Ria com a sua rispidez, sabendo de onde e porque ela veio.

— O tom de voz significa que chegou fofoca no seu ouvido — optei em ser direto.

— *Não gostaria de tratar este assunto por telefone, venha jantar em casa, hoje. Vamos nos reunir como uma família à mesa.*

Levei as mãos à cabeça, totalmente contrariado. Principalmente hoje, ainda estou encafifado com a atitude que a Carol possa vir tomar.

— Eu sugiro que seja no jantar de amanhã, assim que sair do evento vou direto para casa.

Ele estalou a língua, discordando.

— *Estes encontros entre empresários tendem a ir além dos jantares* — começou ele. E eu tinha que concordar. Afinal, é um grupo de empresários que representa o que há de melhor em nosso setor. — *Tenho algo muito importante a dizer aos dois, peço que venha hoje, já avisei o seu irmão.*

— Ok, pai! Estarei em casa às 20h.

— *Obrigado, filho!* — agradeceu e desligou.

Alisei o queixo, pensativo: “O que será que ela quis dizer com nos vemos em breve?”.

Intrigado, peguei o telefone discando o ramal do Cauã, chamando-o.

— Fiquei sabendo que a Carolina esteve aqui — disse logo ao abrir a porta. Repousei as costas no encosto.

— E fez ameaças. — Ele arquejou à minha declaração fechando a porta. Eu aguardei-o se sentar e, então, prossegui: — E acredito que há fundamento.

— Hum... — Ele ergueu as sobrancelhas lembrando-se de algo. — Vai dizer que ela questionou sobre a ausência da sua assinatura.

— Exatamente. — Espalmando na mesa me levantei, fui até o frigobar ao lado da estante e me servi de um copo generoso com água. — Aceita um copo com água? — ofereci.

— Não, obrigado!

Inspirei fundo e soltei sentido os músculos persistentemente tensos.

— Não estamos diante de nenhuma novidade — lembrou-me ele.

Eu concordei retornando e voltei a me sentar repousando o copo sobre a mesa e o fitei.

— Um descuido proposital — firmei —, mas não podia perder a chance; e outra, que o Guilherme deu todas as garantias que conseguiria a procuração da irmã.

Revirando os olhos, ele abanou a cabeça, preocupado.

— Eu avisei sobre os riscos — ele tentava dizer o que já sabia, eu assentia efusivamente de cabeça.

— Sim, eu sei! Busque alternativas, use a sua influência, sei lá, cara! — Levantei dali sufocado, precisava de ar para respirar e afundei os dedos pelos cabelos naquela puta inquietação.

— Ela sabe sobre você já estar no comando da Uchoa? — quis saber ele.

Grunhi sacudindo a cabeça.

— Soube agora há pouco por mim.

Ele torceu a boca, atormentado.

— Eu não queria estar na pele do Guilherme quando ela chegar em casa — emendei.

Ele se levantou enfiando as mãos nos bolsos da calça.

— Coitado dele! — solidarizou e saiu apressado.

Sozinho e engasgado, voltei à janela. Começava a escurecer, e uma garoa fina caía do céu encoberto por nuvens carregadas alimentando o meu mau humor. Rever a Carol causou uma bagunça generalizada na minha cabeça, ampliando vários sentimentos do passado. Um passado superado, ou achei que estaria até colocar os olhos nela novamente. Não podia me deixar abater, sacudi a cabeça a fim de expulsar aquela sensação toda, e centrei nas coisas importantes a fazer até a noite de amanhã: contratos a assinar, a roupa do evento, entre outras. Resolvi aproveitar o tempinho antes do jantar para ir solucionando algumas delas.

Peguei o celular do bolso e disquei.

— *Marcelo?* — A voz macia da Ingrid atravessou meu cérebro, trazendo um pouco de paz.

— Sim, sou eu! — respondi respirando mais aliviado. — Me desculpa por aquela hora.

— *Nem precisa se desculpar, eu sei que você nunca me deixa na mão.*

— *Exatamente* — frisei. — E se tiver um tempo, agora estou livre só para você.

— *Hum...* — ouvi o riso ansiosamente satisfeito dela do outro lado da linha. E sorri orgulhoso em poder proporcionar tal alegria a uma mulher como ela. Além de tudo, educada ao extremo. — *Para você, eu tenho todo o tempo do mundo. Quer que eu dê um pulo aí, ou vamos marcar em outro local?*

— Prefiro marcar em outro local, aqui na empresa já não tem mais clima.
— Passei o endereço de um local privativo, onde ninguém nos interrompa.
— *Perfeito!* — disse ela. Agradeceu e desligou.

Peguei minhas coisas e sai desenfreado a fim de evitar atrasos.

Passar algumas horas em companhia da Ingrid serviu como uma boa distração; com o corpo e a mente ocupados, o inferno Carol ficou de lado. O problema foi a demora, mais do que esperado e sabia o quanto meu pai metódico odiava atrasos. A sorte foi a distância curta até o condomínio bem localizado e palco das casas mais luxuosas do país. Com mais alguns compromissos até findar o dia, optei por deixar meu carro em frente à maravilhosa casa, projeto exclusivo da minha querida e falecida mãe, que, formada em Arquitetura, planejou cada canto com muito amor: a fachada imponente e moderna era admirável de todos os ângulos. Toda em cor neutra com linhas retas e assimétricas, grandes películas de vidros e telhados embutidos e espaço amplo, com muita área verde já chamavam a atenção. Embora tivesse a minha cobertura, morar aqui me deixava mais perto dela.

— E aí, cara? — Acabara de descer do meu carro, e virei subitamente a voz masculina. Bernardo, com a cabeça raspada, considerado o boa-pinta da região, parou um dos carros da frota de sua família ao meu lado, uma Ferrari vermelha, ou seja, no meio da rua e desceu.

— Só assim para a gente se encontrar mesmo, não? — falei humorado, embora fosse a mais pura verdade. Apesar de morarmos no mesmo condomínio a gente se esbarra raramente.

— Pois é, Marcelo, e foi bom te encontrar aqui — disse ele contornando. Observava-o pensando o quanto ele era importante para o time, um excelente jogador com seus 1,88m e corpo malhadão, preparado em academia. — Amanhã à noite vou comemorar meu aniversário, seria uma boa oportunidade de colocarmos a conversa em dia — completou batendo em meu ombro.

— Sério? — Revirei os olhos, aborrecido. Bernardo era um grande amigo. Agora, em relação ao tipo de festas que ele promovia em sua mansão, de alguns anos para cá não me atraía. E olha que a dele arrasava. Bernardo gostava e podia ostentar, o que atraía as mulheres mais lindas, empoderadas e sensuais.

— Ah, nem vem com desculpas, cara! Toda Alphaville vai estar presente — antecipou com seus olhos pequenos e verdes peregrinando pelo meu rosto, terminou sua explanação sorrindo orgulhoso de sua performance.

— E eu não sei!

— Bem, caso o encontro de empresários, que preciso estar presente, não ultrapasse o tempo estipulado eu apareço por lá.

Uma buzina insistente de um veículo atrás do dele, pedindo passagem, desviou a nossa atenção.

— Vou esperar por você. — Deu mais um tapa no meu braço e seguiu contornar seu carro. — Já vaaai — disse acenando com a mão. Entrou no seu possante, saindo cantando os pneus. Bem a cara dele mesmo! Rindo, entrei em casa.

Os vidros que integravam os ambientes internos e externos iluminavam o interior; e além da espaçosa sala de estar, decorada com requinte móveis e esculturas modernas espalhadas pelo recinto, estava a parede de vidro com abertura para o lado de fora, onde havia um impecável espaço gourmet a céu aberto ao lado da piscina infinita, com a agradável vista da paisagem verde sob a lua cheia. E lá estava o meu pai, beirando os cinquenta e seis anos, cabelos curtos, grisalhos como a barba longa – ele envelheceu cheio de estilo – sentado à mesa tomando seu drinque emburrado. Seus cabelos já foram loiros escuros como os do Tiago. Seu semblante me remeteu a Carolina e fui tomado pelo gelo no estômago.

Respirei fundo em preparação para o bombardeio.

— Sabe que não tolero atrasos, Marcelo. — Dobrando a manga da camiseta azul-marinho, deixando à mostra a tatuagem colorida no bíceps, reclamou consternado aumentando o tom de voz assim que cheguei perto. Antes da morte da minha mãe, seu tom era maleável. Usava este tom mais como autodefesa em relação a minha pessoa.

— Desculpa pelo atraso, tive um contratempo. — Curvei dando um leve beijo em sua face. Todos em casa nos cumprimentavam assim.

— Aconteceu mais alguma coisa? — perguntou, olhando-me dos pés à cabeça.

Puxei a cadeira e sentei bufando disfarçadamente, revoltado com o Tiago. *Será que tudo ele tem que dar com a língua nos dentes? Caralho!*

— Se puder esclarecer mais alguma coisa, eu agradeço — pedi fazendo-me de desentendido enquanto pegava a garrafa de uísque sobre a mesa, servindo uma generosa dose da bebida.

— Sabe muito bem do que estou falando.

Ergui os olhos, sarcástico; ele fechou a expressão.

— O que foi, senhor Ruan, por acaso deu para desconfiar da minha administração? — desafiei apoiando os cotovelos sobre a mesa, cruzei os dedos apoiando o queixo sobre eles fitando seus olhos verdes, também característica que o Tiago puxou. Os meus olhos seguindo a tonalidade cinza e os cabelos escuros puxei da minha mãe.

— Estou referindo aos riscos, qualquer compra de empresa precisa ser avaliada cautelosamente — elucidou, o que já sabia de cor.

— O risco só existe quando não podemos monitorá-lo — rebati com veemência. Ele acenou de cabeça espalmando sobre o tampo de vidro da mesa.

— E você tem este monitoramento? — quis confirmar, porém balanceei recordando da ameaça da Carol. *Acho que sim!* Irritado com a paciência indo

ribanceira abaixo, levantei-me, o encarando. — Se escolheu a mim e não ao Tiago para conduzir a empresa é porque sabia que eu daria conta. — Pulei sua pergunta com argumentos lógicos. Um sorriso fraco plantou em sua face. — As coisas boas, eu absorvi de você.

Um rubor tomou conta da sua face bronzeada e o esboço de sorriso desapareceu. Soltando o ar pesadamente, jogou-se para trás no encosto da cadeira confortável.

— Pois bem! — disse por fim. — Agora sente-se que tenho uma informação importante a dar a você e ao seu irmão. — Estirou o pescoço para dentro da sala e o acompanhei. — Aliás, onde se meteu este garoto?

— Já deveria saber que o Tiago é uma moça para se trocar.

Ele grunhiu em advertência ao meu sarcasmo e mudou de assunto:

— Estou precisando de um tempo para mim, longe de tudo, descansar num lugar tranquilo. Limpar as coisas que me afetam e me trazem pensamentos ruins. — Baixou os olhos infelizes. Uma tristeza esperada.

— E onde seria este lugar?

Logo apertou os lábios e acenou negativamente com a cabeça.

— Não faço a menor ideia, filho! Porém, terá que ser um lugar puro, onde eu possa me perdoar, antes de ser perdoado.

Então minha consciência começou a pesar vendo-o arrependido. Ri, afinal não estava certo se as coisas poderiam ser consertadas. Baixei meus olhos pensativo; apesar dos pesares, eu amava meu pai.

— Sabe o que é foda, pai? — Seus olhos abatidos ergueram em busca dos meus na mesma cumplicidade. — Agi por impulso ao seu erro, e cometi outros erros — bufei refletindo sobre a presença da Carolina. Não sei como poderia seguir firme com ela por perto.

Ele fechou os olhos; a raiva e o arrependimento tomaram conta de seu rosto maduro e jovial.

— Você não agiu por impulso e sim por amor, meu filho! — Fechou os olhos, desviando-os, e retornou ao meu rosto. — Sei que não sou exemplo para ninguém, nem me orgulho... Mas cuidado para não desencadear uma sequência de outros erros.

Balancei a cabeça contristado ao conselho e me levantei.

— Já que perdi o apetite, vou me recolher — avisei. Neste instante, o Tiago surgiu à porta de vidro. Vestido casual de calça jeans escura e camisa branca por fora e um perfume fortíssimo que embrulhou meu estômago, já revirado.

— Aonde vai, mano? — perguntou surpreso notando a minha intenção.

— Como demorou muito, o papai já me colocou a par do assunto. — Bati em suas costas e passei por ele.

— Fui atender ao telefone do Wesley e o assunto se estendeu — alegou.

Wesley é nosso primo postíço. Antes de nascermos, meus avós por parte de mãe, cuidaram de uma garotinha de 10 anos, filha dos vizinhos, e infelizmente seus pais vieram a falecer num acidente de carro; e como não tinham parentes aqui no Brasil, eles a acolheram em sua casa. Ela cresceu, tomou seu rumo e foi para o exterior onde casou-se e teve o Wesley, hoje com a idade do Tiago.

Há dez anos, ele veio residir no Brasil e conseguiu a sua dupla cidadania; prestou concurso público para o INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), foi aprovado e começou a trabalhar. Órgão, que pelo nosso ramo de atividade tínhamos de manter contato frequente, devido aos novos produtos que surgiam. Tudo passava por lá, para garantirmos a propriedade e registro de nossas pesquisas e desenvolvimentos.

— Ah, Marcelo? — chamou Tiago. Girei ligeiramente no calcanhar. — Os chineses marcaram uma reunião para amanhã sobre a parceria na distribuição e...

— Precisa dar conta — o interrompi. — Amanhã cedo tenho uma reunião na Uchoa e depois vou direto para o encontro.

— Tudo bem, então! — acatou.

Segui rumo ao meu quarto, subi a escada com corrimão de vidro do último do corredor. Afinal, quartos eram o que não faltava na casa, uns nove. Tudo era um exagero considerando que moravam apenas três pessoas na residência: quinze banheiros, quatro bares, além de quatro cozinhas.

Entrei na minha suíte em tons de cinza, com objetos de design imponente, tirando o paletó e o joguei sobre a cama enorme e confortável com roupas de cama branca, e segui para o banheiro repleto de espelhos, dando um charme a mais. O banho foi rápido e o suficiente para soltar os músculos tensos, mas não baixar minha excitação. A água morna me deixou nostálgico, seu perfume e a maciez de sua pele estavam impregnados em meu corpo. Não teve como não me masturbar antes de sair do banho, me joguei a cama.

Pensar demais aumentava o risco de bloquear a excitação, concordava desde que não fosse o pensamento na Carol. Irredutível, ela queria me foder nos negócios, e eu aqui, com este pau duro de novo num tesão da porra! Não importava quantas vezes eu batesse uma, o cara não sossegava, ele implorava pelo seu calor interno. Louco para foder literalmente com ela, aquela transa que só ela sabia fazer, aquela que em todos estes anos não encontrei sequer similar. Minha mão segurou minha dureza e toquei a próxima e logo caí no sono profundo.

O perturbador foi acordar repentinamente subindo pelas paredes, depois do sonho sexy com ela. Arrepiado, abri apenas uma frestinha dos olhos, o sol brilhante chegava em raios suaves através das portas de vidro que comunicavam com o amplo terraço.

Basta homem! Coloca a cabeça de cima na frente da debaixo para não ir diretamente às ruínas...

— Estou preparado para tudo. — falei em voz alta saindo da cama. E mesmo que não tivesse, não havia escolha, ou seja, eu fiz a minha escolha.



Embrenhado numa vasta área verde estava o edifício de 15 andares da Uchoa, que ficava no Polo Industrial do Tamboré, localizado na cidade de Santana de Parnaíba. A fachada metálica com película de vidro azul era diferenciada. A administração e o complexo industrial estavam no mesmo terreno em uma área extensa. Entrei com o carro pela lateral e segui uma pequena viela que dava acesso ao estacionamento, ao fundo do empreendimento, pensando no grande desafio que teria pela frente. Retomar o crescimento, voltando a liderança no segmento de genéricos, afinal a empresa tinha um futuro promissor.

— Bom dia, senhor Marcelo! — Saindo da ala onde localizava o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, José me cumprimentou assim que desci do carro e veio se encontrar comigo. Apesar de ter 68 anos, ele se mostrava um funcionário ativo. Além, é claro, de conhecer bem a estrutura da Uchoa, sendo que trabalhava nela há mais de 30 anos.

— Bom dia, e como anda a minha solicitação? — cobreí apertando sua mão estendida. Gostava de manter esta aproximação aos meus colaboradores, principalmente aqui. Uma semana batendo cartão agindo com simpatia, ganhei o respeito. E precisava de toda colaboração possível, até me familiarizar com a Uchoa. Comecei pedindo a relação de todos os projetos em andamento, e dos envolvidos na execução em cada um deles.

— Já estou em fase final, não se preocupe.

Assenti de cabeça, ajeitando a gravata meia desalinhada.

— Se tiver um minuto, gostaria que desse uma olhada no relatório. Estou com algumas dúvidas e...

— Tudo bem. — Coloquei a mão em seu ombro. — Vamos lá ver do que se trata.

O acesso nesta ala era autorizado somente para pessoas com a impressão digital registrada. Educado, José acenou de cabeça dando-me passagem, coloquei meu dedo no painel ao lado da porta blindada que destravou, abrindo. Acessei o hall de mármore e aguardei-o. Dali, entramos lado a lado na antessala do laboratório de última geração separada por uma parede de vidro, dando total visão dos profissionais do setor trabalhando nos desenvolvimentos de medicamentos. Naquela parte da empresa, todos eram obrigados a usar aventais brancos, toucas e proteção nos sapatos, para que o risco de contaminação na área de trabalho fosse mínimo. Uma empresa organizada que merecia admiração, uma pena que o senhor Gael tenha adoecido e as finanças terem chegado a este ponto. Mas isso logo iria ser resolvido.

Nessa área, a primeira mesa de fórmica branca era a do José. Ao fundo, antes da parede onde havia armários planejados, estava a mesa do pai da Carol, o dobro do tamanho e sobre ela, além do computador de última geração, telefone, havia também o porta-retratos da família harmoniosa: um dos braços do senhor Gael sobre o ombro da esposa com um sorriso escancarado; ao lado dela, o Guilherme; e o outro braço dele em volta da cintura fina da Carolina. Suspirei com meu corpo reagindo a sua imagem, aquele frio invasor na boca do meu estômago. *Linda, por sinal.*

— Nem mexemos nas coisas do senhor Gael na esperança de que ele retornasse a empresa — explicou ao notar minha curiosidade.

— Talvez ele não volte — falei com pesar e sinceridade. A minha relação com o velho sempre foi muito boa.

— Com o passar do tempo as possibilidades ficam menores.

Um funcionário do laboratório o chamou, acenando com a mão.

— O senhor poderia aguardar só um instante, por favor?

Acenei com a cabeça diante da sua educação.

— Fica à vontade.

Observei-o de costas e segui fuçar, notei a última gaveta entreaberta. Colando a lateral do meu quadril, estiquei a mão folheando uma pasta azul e sem tempo, repousei minha maleta de couro sobre a mesa, abrindo-a e guardei para analisar melhor.

Ele retornou logo, e sanei suas dúvidas em questão de minutos.

— Obrigado! — agradeceu ele e, então, saí rapidamente.

Segui a entrada pela recepção dos fundos.

Formalmente, cumprimentei a todos passando algumas diretrizes e sem novidades, aproveitei o elevador que acabara de chegar no térreo e entrei. O último andar era exclusivo da Presidência e desembarquei na sala espaçosa com uma mesa de madeira enorme e sob ela o computador, impressora, telefone e tudo muito organizado; e na parede atrás, três armários de madeira no mesmo tom da mesa; e na parede, à direita, uma porta dupla, entrada para a minha sala. Lúcia Helena, a secretária quarentona, enxuta de corpo esbelto e delineado, vestindo um terno de saia, blazer na tonalidade preta e camisa branca arregalou os olhos castanhos sob os longos cílios, como os cabelos curtos e bem-comportados, e se levantou de imediato, causando-me estranheza.

— Está tudo bem? — Ela sorriu meio que ofegante, perdida olhando em direção a porta dupla. — Tem alguém me esperando em minha sala?

Ela disse sim, meneando a cabeça, completamente confusa.

— Mas então o senhor não sabe? — Agora eu fiquei dúvida, neguei de cabeça. Na verdade, apreensivo com aquela reação apavorada. A passos

ligeiros fui averiguar e, para minha surpresa, ao abrir a porta, vi a Carol, sexy pra caralho, sentada na minha cadeira. Com as pernas grossas cruzadas sobre minha mesa oval em madeira, completamente à mostra pela saia de tom castor que subiu, as costas eretas dentro da blusa marrom de seda quase transparente, e um dos cotovelos apoiados sobre o braço da poltrona, ela girou uma caneta entre os dedos. A visão sensual me tirou o autocontrole, o nosso, para ser mais exato. Meu pau, já naquela obsessão por ela, endureceu e latejou.

— Posso saber o que você está fazendo aqui? — questionei tentando recuperar o controle, e confesso: estava difícil pra caralho com aquele olhar tão diferente, tão sexy! O calor era tamanho que precisei tirar a gravata e a joguei sobre a poltrona ao lado da porta.

Ignorando meu movimento e sustentando meu olhar, ela riu cinicamente umedecendo os lábios sensuais no batom nude, antes de responder e captar todo meu no ar. *Merda!*

— O óbvio — sibilou. — Temos o mesmo tamanho da fatia, portanto todas as decisões da empresa deverão ser compartilhadas — provocou descendo os olhos castanho-claros para meus lábios e sorriu dominadora. Descendo as pernas, recuou a cadeira, sentou-se em cima da minha mesa dando aquela cruzada fatal de pernas, a fenda torturadora expondo boa parte de sua coxa bronzeada. — Dei-lhe a opção de desfazer o negócio pacificamente, mas, já que não aceitou, vai ter que engolir a sua sócia igualitária.

Grunhi balançando a cabeça.

— Você só pode estar variando — ironizei no meu melhor tom indiferente, enquanto fechava a porta e caminhei até ela abrindo os primeiros botões da camisa para não derreter. O brilho ardente de seus olhos, e os cabelos perfumados sobre os ombros me deixaram insano. *Que charme!*

Engoli duro, imerso numa vontade incontrollável de tomá-la em meus braços. — Eu estou no controle aqui! — deixei claro curvando e espalmei no tampo de madeira ao lado dos seus quadris, o perfume dela me deixou zozzo, estava a ponto de perder a cabeça com tanto desejo. Com os olhos brilhando no meu tórax desnudo, com os primeiros botões abertos da camisa branca, ela arquejou cautelosa. *Desaforada como sempre.* — Paguei na totalidade, portanto eu mando nessa porra!

Jogando a cabeça levemente para trás, ela soltou um riso debochado, excitando-me absurdamente, aquela pele clara do pescoço alvo que conhecia e sua maciez era de enlouquecer. Quanto mais próximo à pele, eu queria tocá-la. Queria seu corpo entrelaçado no meu, seu cheiro na minha pele e morder seus lábios grossos. Eu queria tudo dela!

— Fiz o ressarcimento da minha parte em Juízo, portanto você pagou apenas 50% — disse num fio de voz varrendo meu rosto frio, e estacionou os olhos nos meus lábios travados e suspirou, fechando a expressão sorridente.

— Esta empresa estava à mingua, abandonada! E você lá no seu mundo de empresária brilhante sequer se importou de tirar o seu pai da falência. E quando eu resolvo socorrer o império do papai investindo tempo e dinheiro, você volta cheia da razão querendo interpelar uma negociação já encerrada. Por quê?

Ela ergueu as sobrancelhas, ambígua.

— Eu não imaginava que a Uchoa estivesse nesta situação. Você conhecia muito bem o meu pai.

Concordei movendo a cabeça, fuzilando-a.

— O seu otimismo de novas criações constantes transparecia que a saúde da empresa estava perfeita — completou ela.

Ergui as sobrancelhas desafiador.

— Pois é! — Inspirei tombando a cabeça levemente para o lado com uma vontade enorme de jogar a realidade. Engoli duro junto àquele ímpeto. *Não, não! Faria mal a todos.* — Talvez se tivesse investido seu talento nestes seis anos aqui, a história da Uchoa fosse outra.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, ela reprimiu os lábios lindos, que estava louco para beijar.

— O que aconteceu com a gente naquele dia? Sim, porque você tem grande parcela de culpa.

Baixei meus olhos fechando-os fortemente em seguida, meu coração apertado quase impedia de respirar revivendo tudo.

— Nunca me procurou... — murmurou com voz embargada.

Balancei a cabeça, antes de erguê-la e encará-la.

— A pauta não é o passado, e sim o presente. — O terreno estava ficando instável.

Ela riu inconformada.

— Sabe quais são os meus maiores erros? — indagou estufando o peito em afronta. Imóvel, semicerrei os olhos. — Num momento de fraqueza, achei que a distância fosse a única forma de recuperar a minha dignidade. Pois saiba que nunca é tarde para reparar um erro, e pretendo acertar daqui por diante — garantiu naquele seu jeito agradavelmente marrento observando meus olhos mal-intencionados, em seus lábios.

Era humanamente impossível qualquer diálogo agora, estava tão excitado, e ela não colaborava. Ofegante e estranhamente inativa me olhava, parecendo saber de todos os meus desejos. Meu pau duro chegava a doer comprimindo o zíper. A porra da responsabilidade bateu forte em minha consciência, entre o que eu queria e o que eu deveria. Não tinha como lutar no momento, mesmo sabendo não ser prudente, havia muito em jogo ao qual muitos sairiam perdendo. Mas não conseguia, não dava... sem dar ouvidos à razão, como um

gavião pronto a pegar sua presa, de uma forma impulsiva, agarrei seu pescoço sentindo o tremor dela embaixo dos meus dedos, sentindo uma onda fodida de arrepio pelo meu corpo ao toque, eu puxei-a para mim.

— O que pensa que está fazendo? — Todos os dedos de suas mãos macias se fecharam ao redor do meu pulso, forçando-me a soltá-la. Comprimi mais, sem machucá-la.

— Está mesmo decidida a bater de frente comigo, né? — murmurei aspirando o perfume que exalava dela.

Seus olhos se fecharam por uma fração de segundos antes de conseguir se expressar:

— N-não faça isso. — As palavras entrecortadas saíram num fio de voz com ela exercendo pressão da cabeça para trás tentando se afastar, eu não deixei, segurei firme. Via dentro de seus olhos um misto de medo e prazer. Eu provavelmente deveria escutar o seu conselho, sendo rivais. Mas não. Puxei-a determinado e beijei-a à força e duramente sem lhe dar qualquer chance de protesto.

— Solta... — Com as mãos em meu peito, empurrando-me, ela exigia em meus lábios prendendo os dela. — Eu vou gritar, seu idiota!

— Grita! — incitei deslizando a mão para sua nuca e travei os dedos, e quando abriu a boca para mais uma palavra ofensiva, minha língua invadiu aquela delícia toda, silenciando-a.

Ela hesitava, sua razão desejava impedir meu ataque, o oposto da emoção crescendo, tornando invencível, fazendo-a perder as forças. Enfim, ela cedia comigo sorvendo sua língua superapetitosa. Com meu coração aquecido como nunca, eu engolia-a necessitado por mais aproximação. Amolecida, até se esqueceu o que estava fazendo. Aquietou quando soltei do pescoço e entrelacei meus dedos em seus cabelos exigindo o máximo dela, e agora era correspondido.

O gosto doce invadiu meu paladar, um beijo gostoso deste era de fato inesquecível! E também um perigo a minha liberdade de ação.

— Havia me esquecido do quanto beijar você é bom. — Num momento idiota deixei escapar num sussurro em sua boca, tocando seu joelho desnudo.

Inspirando, ela descruzou as pernas, para que eu pudesse chegar mais perto.

Puta merda, que oportunidade!

Respirei fundo em busca de controle, mas cadê ele? Beijando-a com todo meu fogo, encostei meu pau duro a ponto de explodir em sua calcinha, sentindo-a molhada e quente e estremeci, ela arfou sentindo minha dureza fervendo e pulsando encostar nela. O que eu poderia fazer? *Eu quero muito foder em cima dessa mesa com ela. Caralho!*

Não seja tão exigente contigo, pega ela mais uma vez, que a vontade diminui depois que rolar!

Nunca que vou deixar passar a chance. JAMAIS!

Cobrindo sua boca com a minha, devorando-a, ela agarrou meus cabelos me puxando para ela.

Enganchei o dedo na calcinha dela e puxei para o lado circulando o seu clitóris inchado e deslizando e rosnei mergulhando dois dedos. *Porra, está molhada!*

— Ohhhhh, Marcelo! — Embriagada, ela gemeu rebolando na minha mão. — Já que começou, então termina logo com isso! — exigiu sedenta me alegrando. Abri o cinto e o cós da minha calça, baixei o zíper e descii junto a cueca azul-marinho, dando passagem ao meu pênis, que saltou ereto e duro para fora. Ela jogou o cabelo para trás deixando os ombros mais visíveis. Sem pensar duas vezes, arranquei sua calcinha de uma vez só a rasgando.

Antes de qualquer renúncia, agarrei meu pau clamando pelo interior quente dela, a outra mão peguei a cintura dela e puxei-a contra mim

penetrando fundo nela. Se contorcendo ali na mesa, ela soltou um gemido, que ecoou pelo escritório.

— Shhh! — Engoli seus lábios a calando enquanto meu quadril bateu contra suas coxas, pondo mais fundo. E foi neste instante que fomos abortados com a voz masculina e conhecida em tom altíssimo vindo da sala da Lúcia Helena.

— Sai, sai de cima de mim! — Espalmando em meu tórax, ela me empurrou com tudo e saltou dali ajeitando suas roupas.

— O que o calhorda e incompetente do Derek está fazendo aqui? — urrei entredentes, possesso, enquanto me vestia. *Eu falo que este cara é um empata foda!*

Ela sorriu de forma provocativa.

— A partir de hoje, ele tem passagem livre na empresa. — Piscou irritante. Sabia o quanto eu detestava aquele jeito dela de afrontar e o folgado lá fora. — Portanto, vai ter que nos engolir. — Deu de ombros e seguiu em direção à minha cadeira e se sentou puxando-a, escondendo as pernas deliciosas, tenho que admitir, debaixo da mesa.

Cerrei os olhos, inconformado a sua petulância.

— Ou se quiser facilitar, aceite seu dinheiro de volta e sua vida volta ao normal.

Abri meu melhor sorriso confiante curvando sobre a mesa a sua frente espalmei ali, encarando-a.

— Não vou abrir mão de nada, esquece!

Ela suspirou com meus olhos nos bicos entumecidos. O telefone tocou e a secretária anunciou a minha vítima. Eu ainda o mataria.

— O assunto é entre nós dois, se ele entrar aqui não respondo por mim — ameacei sério.

Ajuizada e me conhecendo se convenceu e baixou os olhos para dar a resposta à Lúcia.

— Peça-o para aguardar, por favor!

Colocando o telefone no gancho se levantou, contornando a mesa e parou a minha frente em afronta total.

— Não pense que me intimida, Marcelo!

Dei um sorriso torto e me aproximei de sua orelha sem quebrar o contato visual.

— Será mesmo, toda-poderosa CEO? — Aspirei seu perfume perturbador que sentia a falta e meu coração disparou, aquecido. Houve um suspiro singelo dos lábios dela, duro como rocha meu pau pulsou de desejo. — Porque não foi o que demonstrou até agora. Não resistiu. — Deslizei a mão sob suas costas, e senti sua pele arrepiar sob meu toque. — Admite que ninguém além de mim te fodeu tão gostoso, vai? — Roci a ponta do meu nariz em seu ouvido, fazendo a gata vibrar — Confessa que nunca me esqueceu, confessa? — sussurrei. *Por favor! Eu não te esqueci.*

Num impulso ela saltou para longe de mim, o tremor em seus lábios e a aceleração do seu coração estavam evidentes com o movimento rápido do seu peito.

— Se acha irresistível, não? — Ela tentava se fazer de durona e fracassou com o tom embargado.

— Não exatamente! — respondi em tom medido.

Com um rubor tomando sua face, ela riu debochada arcando a cabeça levemente para trás.

— Está redondamente enganado, meu caro! — disse ao voltar com a cabeça, fitando diretamente em meus olhos. — Você não é nada comparado aos homens que conheci. — Ergui as sobrancelhas simulando indiferença quando estava me remoendo por dentro de ciúmes. Sentia, na verdade, um

ódio mortal recordando da cena em sua casa, ela se esfregando com o Derek. Ela persistiu olhando em direção a porta. — Todos, sem exceção, dão de mil em você — provocou ganhando a parada.

Apertava os punhos na lateral do corpo, não conseguia esconder o sentimento. Ela riu vitoriosa.

— O que foi, toquei em alguma ferida?

Filha da puta!

Mantive o sangue frio, sem demonstrar minha inquietação, mantendo o sorriso insolente.

— Já que perguntou o que aconteceu com a gente naquele dia, eu vou responder.

Ela arfou, e seus lábios se abriram, assustada.

— Você me fez um grande favor, tirou um peso enorme das minhas costas.

Ela riu, querendo chorar.

— Eu sei, você já disse isso! Ficou mais fácil para romper comigo, certo?

Dei de ombros a sua questão.

Ela balançou a cabeça, indignada.

— Você nunca é claro! Quem sabe um dia, você deixe de ser um covarde, né?

Grunhi a indireta.

— Pois bem, nossas conversas daqui por diante serão apenas sobre a empresa e nada mais. — Senti-a abalada, quando caminhou em seus passos sensuais, em direção à mesa ao fundo de reunião com oito poltronas, pegou sua bolsa sobre uma delas e colocando no ombro me fitou. — A coisa foi meia tumultuada, mas precisamos nos organizar em termos de espaço aqui na Presidência. Provisoriamente, o deixarei em paz, enquanto resolvo um assunto de extrema importância com o Derek.

Dizendo isto, ela acenou de cabeça, pegou a calcinha rasgada no chão colocando-a dentro da bolsa e passou por mim, deixando seu rastro de perfume me deixando zozinho. Me segurei ali com toda minha ira tomando conta ao pensar no Derek e esperando na outra sala. *CACETE!*

Abriu a porta; e ao sair, a fechou com violência.

Fechei meus olhos sem me virar, certo de que a organização deveria ser em meu interior. O desejo não poderia estar em maior proporção, mesmo porque não daria certo.

JAMAIS!

Concentrado na porta, pulei de susto com o toque do meu celular no bolso do paletó.

— Jussara? — escapou um tom alto, preocupado. Afinal, ela só ligava em momentos críticos. — Por favor, venha com notícias boas, ok? — Diminuí o tom ouvindo a conversa vindo lá da sala da secretária.

Ouvi seu riso explosivo e contagiante do outro lado da linha e soltei os músculos, relaxando caminhando em direção à janela.

— *Fica tranquilo, Marcelo!* — Com os olhos na vegetação exuberante do bairro, respirei fundo com a voz macia e abrangente entrando pelos meus tímpanos, serenando meu coração. Sua meiguice tinha este poder. — *É que tem uma pessoinha aqui desesperada para falar com você. Vou passar o telefone para ela...*

— *Sou eu, papai!*

Ri calmíssimo, agora com aquela vozinha fofa ao fundo. As coisas não aconteciam por acaso. Diziam que cada ação tinha uma consequência, uma verdade. A consequência foi ganhar este presente singular, que agradecia todos os dias. Um elixir nestes conturbados seis anos.

— *Deixa-me falar com ele, mamãe.*

— *Só um minuto, Yasmim* — Jussara solicitou a filha e retornou: — *Não se importa dela chamar você de papai?* — cochichou.

— Nunca! Ela pode tudo e passa logo o telefone para ela.

— *Oi, papai!* — pediu ela entrando na linha a seguir.

— Oi, minha princesinha! — Suspirei apaixonado apertando os dedos entorno do aparelho. — Posso saber por que a mocinha não está na escola?

Ela riu toda eufórica.

— *Saí mais cedo porque tem a festa de aniversário de uma das professoras.*

— Por acaso, eu conheço esta professora?

— *Esqueci, papai! Além de ser nova, ela tem um nome esquisito... Mamãe, como é mesmo o nome da minha professora?* — Saiu da linha, eu aguardei.

— *Dona Svetlana, querida!* — escutei Jussara falando, rindo.

— *O nome dela é Svetlana, papai.*

— Hum... — Torci a boca pensando de qual nacionalidade seria este nome.

— *Papai, estou com saudades. Vem me ver!* — mudou rapidamente de assunto.

Ri, sacudindo a cabeça, penitenciando-me pelo egoísmo.

— Prometo que, em breve, eu irei.

— *Tá bom* — disse ela espontânea. — *Um beijo.* — Dizendo isso, largou o telefone e a Jussara entrou em seguida, rindo.

— *Esta menina é mesmo impulsiva* — explicava Jussara. — *Não teve outro jeito senão ligar para você. Também, do jeito como você é carinhoso!*

— Fez bem, Ju! Afinal, faz alguns dias que não apareço por aí. Está uma correria por aqui.

— *É...* — começou cautelosa, porém insinuante. — *Imagino! Um passarinho azul passou por aqui e comentou por cima que sua ex está no pedaço e batendo de frente contigo.*

Fechei meus olhos com força, momentaneamente arrepiado.

— Ele passou a informação correta — admiti.

— *E como está lidando com isso?* — quis saber.

— Tudo sob controle, não se preocupe.

— *Conversou francamente com ela?*

— *Não!* — enfatizei voltando a mesa e sentei em minha poltrona e girava.

— Por que faria isso na altura do campeonato? Como já guardei comigo por tantos anos mesmo, vou deixar como está. — Ela estalou a língua em desaprovação. — A não ser que você dê com a língua nos dentes.

Ela riu ofendida.

— *Não sou destas, ok?* — ralhou de um jeito que me deixou apreensivo.

— Ah, desculpa vai!

Ela bufou forte.

— *Sabe que, independente da sua posição, o meu coração é eternamente seu. O mínimo que posso fazer por você pelo seu amparo é sempre estar do seu lado. No entanto, ainda continuo achando que você deveria colocar os fatos na mesa para a Carolina. Ela tem o direito e merece saber.*

— A coisa já está fodida, então vamos poupá-la, ok? E basta deste assunto...

— *Tudo bem! Vou respeitar a sua decisão...* — desistiu. — *E quando vem visitar a Yasmin?* — cobrou. — *Ela fala de você o tempo todo.*

Ri fechando os olhos emocionado.

— Seria tão mais prático com vocês duas morando aqui perto.

— *NÃO!* — exasperou angustiada. Arqueei com a explosão da Ju do outro lado, com a minha consideração. — *Estamos muito bem aqui, em paz longe*

de tudo. — Foi categórica. — Por acaso, em algum momento, parou e pensou na possibilidade da sua família descobrir?

Ri desencanado.

— Este fato de vazar para a minha família não é o mais assustador, e você sabe muito bem ao que estou me referindo! — respondi tranquilamente, ouvindo sua respiração forte.

— Sim...

Fechei meus olhos, incomodado com a conversa vindo lá da sala da Lúcia Helena, antes de responder:

— Tudo bem, linda! Antes do jogo da final eu farei uma visita às duas — apressei, já com os nervos à flor da pele com a falação dos infernos, chegando até mim.

— *Não falhe, tá?*

— Claro que não! — garanti e desliguei.



Capítulo Cinco

CAROLINA

Ele não confessa nem sob tortura. *Otário, covarde!*

Meu coração parecia querer saltar pela boca, a batedeira dele na garganta chegava a ser preocupante. Mal conseguia respirar quando saí da sala do meu pai, ou que foi do meu pai. *Não pense assim!*

As lágrimas encharcaram meus olhos ao pensar na possibilidade de perdê-lo. Não suportaria viver sem ele presente, amava meu pai mais que a mim mesma. AMO OS MEUS PAIS!

Cerrei meus olhos sentindo o turbilhão borbulhar dentro da minha cabeça. Uma coisa eu tinha que aceitar, no momento em que guardei comigo a traição, tornei-me tão covarde quanto ele. *Que se dane!* Se errei ou acertei, não vinha ao caso hoje. Com o tempo que percorreu soaria até ridículo fazer-lhe cobranças agora, ele fez sua escolha e ela não me incluía, felizmente ou infelizmente esta era a realidade a qual tinha que engolir.

Em uma coisa o Marcelo tinha razão: eu demorei muito para enxergar. Abandonei o meu pai, mesmo dando total aval, pagando os meus estudos, incentivando a seguir em frente, fui uma egoísta e sabia que ele contava comigo na Uchoa.

Contudo, ele não deixava de ser um babaca.

Quem ele pensa que é? E por que diabos me excita tanto, não deixando meus anticorpos agirem em defesa, me fazendo este poço de luxúria a ponto de explodir? POR QUÊ? Bem... nenhuma novidade, pois, entre nós, esta

química impressionante, quando estávamos perto, sempre foi assim. Entretanto, esta minha conduta continua sendo inadmissível. Saco!

— Carol, você está bem? — Derek, dentro de um terno bege perfeito, combinando com o cinto de couro marrom, sapato e maleta executiva, dava um toque elegante com os cabelos claros, veio rapidamente ao meu socorro ali, parada a porta em completo devaneios. Segurou em meu rosto e seus olhos verdes passeavam totalmente por ele, enquanto seus polegares deslizavam secando algumas lágrimas de saudade. — Não está chorando porque aquele escroto do Marcelo ofendeu você, né?

Balancei a cabeça negando sem conseguir conter o soluço de dor e minha fraqueza.

— Não! — esbocei num fio de voz.

— Tem certeza, Carol? — insistiu nada convencido.

Concordei mais uma vez.

Carinhoso como ele era, não poderia ser diferente. Suas mãos desceram do meu rosto enlaçando ao redor do meu pescoço dando-me o prazer de um abraço forte, quente e amigo. Pelo menos para mim. Repousei meu queixo em seu ombro, quando ouvi a porta da sala atrás de mim se abrir e a voz do Marcelo explodiu como uma dinamite no recinto.

— LAMENTÁVEL! — Tremendo dos pés à cabeça me virei deparando-me com outra versão dos seus olhos. Cruéis, eu diria: vermelhos, soltando faíscas, inconformados. Mandíbula travada, os músculos retesados, dentro do terno de tom grafite e paletó aberto, como a camisa branca com os primeiros botões desabotoados, revelavam tortuosamente os músculos perfeitos, com o peito estufado. *Lindo demais, admito!* Instintivamente a visão deslumbrante aqueceu meu coração, sem que eu tivesse qualquer controle. — Se realmente o seu foco for a empresa, aconselho a parar com o desfrute pelas dependências dela.

Ofendida, abri a boca inspirando profundamente o máximo de ar que consegui, pronta a dizer poucas e boas.

— Exijo respeito ou você vai se ver comigo! — gritou Derek partindo para cima dele em minha defesa. *Um fofo que adoro!* Ergueu a mão preparando o punho para socar na cara do Marcelo, que não se intimidou, sequer arredou o pé.

— Por favor, Derek! — implorei num fio de voz segurando no seu braço dependurado no ar. — Não aceite a provocação, ele não vale a pena.

Marcelo grunhiu com a minha frase sem perder o contato visual com o Derek.

— Vai em frente — incitou-o com voz provocativa e cínica. — Só preciso de um pretexto para quebrar todos os dentes da sua boca.

Ri revoltada e encarei-o com ódio de mim em ainda sustentar tantos sentimentos por ele.

— A sua hipocrisia chega a ser irritante! — ele riu sarcástico, sustentando meu olhar com indiferença. — Você não é exemplo para mim, nem para ninguém — fazia referência à mulher na sala da D'Ávila.

Um sorriso inabalável se alargou no rosto viril, me desestruturando, me perdi em seus olhos, hipnotizada. Quanto mais frio e dominador ele se mostrava, mais eu sou atraída. *É osso!* Esta insegurança estava acabando comigo.

— Se não quer ser chamada a atenção, então comporte-se! — Naquela imponência toda recuou alguns passos, batendo com a porta em nossa cara.

— Como ele pode ser tão mal-educado! — exclamei incrédula, com os olhos na madeira da porta que acabara de se fechar, e ainda mais caída por ele. O homem era gostoso demais, confesso. Ele tinha razão: eu fui malcomida em todos estes anos. Ninguém fez gostoso e brutal como ele. Transei com vários procurando prazer e não encontrei até hoje.

Também, com esta pegada de lascar!

— Qualquer dia, este mauricinho vai cair deste pedestal e se esborrachar todo! — praguejou Derek, puxando a manga do paletó para baixo. Desviei da porta buscando seu olhar raivoso e investiguei o corpo bem esculpido e grande pensando na possibilidade de concretizar a transa com ele. Afinal, recusei sempre por estar muito perto do Marcelo. *Será que, inconscientemente, eu queria ser fiel?* A dúvida pairou por minha cabeça e decidi que já passara da hora de dar ao Derek o que ele sempre estimou. De repente, esta seria a solução de sobrepor o sentimento que sentia pelo Marcelo. — Não concorda comigo? — indagou notando minha análise.

Sacudi a cabeça, concordando.

— Plenamente — respondi e me dirigi a Lúcia Helena, ali sentada em sua mesa nos fitando perplexa. Ela sorriu, confusa. — Desculpa!

Com os lábios comprimidos, ela acenou de cabeça.

— Tranquilo!

— Vamos sair daqui, Derek! — Peguei em seu braço o arrastando em direção ao elevador com a intenção de ir ao laboratório, pelo menos, lá no cantinho que meu pai mais gostava, eu podia ficar mais perto dele até encontrar um canto efetivo para trabalhar.

Derek encostou na outra superfície do elevador, investigando meu semblante.

— Pergunta logo, vai? — O conhecia bem e sabia que estava louco para fazer alguma pergunta.

— Você nunca quis falar sobre aquele dia que o Marcelo nos flagrou no sofá da sua sala — começou ele resabiado, talvez preocupado com alguma explosão minha. Pois foi assim em todas as vezes que nos encontramos, e ele entrou na pauta. Respirei fundo sem dizer uma palavra, isso o encorajou mais

uma vez. — Eu tenho muita curiosidade em saber o motivo da sua investida sobre mim. Você e o Marcelo sempre foram muito apaixonados.

A recordação daquela linda mulher grávida nos braços dele doeu demais, fechei meus olhos e deles desceram lágrimas que não enxuguei.

— Desculpa, desculpa! — em tom arrependido avançou os passos, seus braços enrolaram em minha cintura, meu rosto foi de encontro ao seu peito duro, deixando-me levar naquele instante melancólico que passei. — Este assunto te faz mal. Esquece! — aconselhou passeando com as mãos grande por minhas costas.

Não imagina o quanto! Lembrar da mulher e aquela barriga carregando um fruto em seu ventre que, provavelmente, era do Marcelo, atormentava a minha alma. E a tradicional pergunta que não saía da minha cabeça: “*O que teria acontecido por nunca a ter assumido, e o filho?*”. Conviver naquele vácuo não era fácil; como agora, estou sufocada além da conta.

— Meu relacionamento com o Marcelo degastou como qualquer outro — desabafei soltando o ar com força, buscando relaxar e nada!

— Ele mudou muito depois que você foi embora — declarou apartando e fixou em meus olhos. — Principalmente no futebol, tornou-se mais agressivo, aumentando o leque de inimizades.

— Ele não namorou ninguém sério depois de mim? — não resisti devido a minha curiosidade.

Ele deu de ombros e baixou os olhos, magoado que notei, porém respondeu:

— Só se namora escondido, porque agora o cara é um *conquistador* — frisou apertando o meu coração, que recordava da ruiva em sua sala. — Dá para contar nos dedos as garotas que ainda não caíram em sua lábia.

Eu não sabia se a informação fora proposital, como também não sabia o que era pior: a mulher grávida ou pensar nas inúmeras mulheres que

colocaram as mãos no corpo que me pertenceu. Diante da confusão generalizada, um nó enorme se formou em minha garganta e novamente a vontade de chorar veio. Reprimi.

Estava exausta de tudo, e precisava me colocar no controle daqui por diante.

Descemos no térreo do fundo da fábrica, cruzamos o estacionamento e seguimos conversando sobre o contrato em direção ao laboratório, e lembrei que não teria como o Derek entrar sem sua digital estar cadastrada.

— Desculpa, mas você não pode entrar. — Ele sorriu quando seu celular tocou no bolso do paletó e, pegando-o, solicitou licença e se afastou alguns passos.

Aguardei.

— Surgiu um contratempo que requer minha presença. Mas te encontro na festa do Bernardo ou te pego às 21h? — perguntou ansioso ao guardar o aparelho de volta no bolso.

Assenti que sim ganhando um sorriso encantador e, ao mesmo tempo, animador dele.

— Estarei esperando.

Ainda emitindo aquela felicidade radiante, ele dirigiu-se ao local onde seu carro estava estacionado.

José se levantou assim que entrei.

— Que prazer ter a senhorita aqui!

Sorri saudosa e me aproximei da mesa e estendi a mão pegando na dele, aguardando. Ele apertou com destreza.

— Estava com muita saudade daqui — declarei repassando o olhar ao redor, e parei na mesa atrás dele. A mesa que meu pai preenchia os relatórios dos medicamentos que ele desenvolvia. *Meu velho era tão lindo!* — A mesa

do meu pai — murmurei apertando meus lábios, segurando as lágrimas ameaçando explodir com nossa foto.

Ele sorriu emocionado.

— Conservamos tudo como ele deixou.

Grunhi suspirando e me sentei em sua cadeira, com a primeira gaveta entreaberta, via ali as várias pastas de cartão azul, onde estavam arquivados todos seus projetos. Nisto entrou o Marcelo, bonito pra cacete, carregando em sua hábil e gostosa mão uma pasta parecida e se reteve a porta, surpreso, quando me viu.

— Achei que tinha ido embora com o incompetente do seu advogado.

Insultando, riu desdenhando.

— Por que não dobra a língua ao falar, hein?

José riu com a minha ironia; e o Marcelo, ao contrário, foi de braveza. A tensão em seu corpo estava nítida. Ele me ignorou e se dirigiu ao funcionário.

— Aqui está a pasta que disse estar faltando — explicou entregando ao homem.

— Não sabia que estava com o senhor — disse. Fiquei intrigada com aquela conversa.

Fechei meus olhos recordando das palavras do meu pai: “Não gosto de ninguém colocando as mãos nas minhas pastinhas, aqui estão todos meus filhotes prontos para nascerem!”. Senti um aperto no peito vendo toda aquela violação. *Minha mãe tem razão! Meu pai nunca venderia esta empresa, aqui é a sua vida!* Graças a Deus, eu salvei pelo menos cinquenta por cento. Irritada, levantei indo ao lado do José abrindo a pasta, espiando todo o conteúdo e meu sangue subiu, centralizando totalmente em minha cabeça a ponto de deflagrar.

Eu reconheci alguns projetos ali.

— Se não sabia, então como esta pasta foi parar fora daqui, do laboratório? — questionei fitando o José, concentrada na minha respiração, tentando me acalmar.

Confuso, José deu de ombros e ergueu a cabeça buscando uma explicação com o Marcelo.

Na maior indiferença deste mundo, ele sorriu frio, sem titubear.

— Eu mesmo que peguei na gaveta — admitiu com autoridade.

— É uma regra proibida nesta empresa! — ressaltei ríspida. Marcelo cruzou os braços na altura do peito, balancei com a masculinidade. *Charmoso*. Hum... Engoli duro, desviando os olhos por uma fração de segundos a fim de buscar equilíbrio e retornei.

— Com licença. — Vendo a coisa esquentar, José se levantou. — Tenho um probleminha lá dentro do laboratório esperando por mim. — Rapidamente cruzou a porta de vidro nos deixando sozinhos.

Um sorriso desdenhador plantou em seu rosto magnífico.

— Veja lá como se refere a mim diante dos meus funcionários — advertiu. — Vou repetir o que disse lá na minha sala: se estivesse tão preocupada com a empresa do papai, nunca deveria o ter largado na mão.

Nossa, como suas palavras eram certeiras no meu peito, rasgando-o como uma lâmina afiada. Mordi meu lábio inferior na tentativa de esconder o tremor, mas pelo meu copo não consegui esconder.

— EU TE ODEIO, MARCELO! — vociferei entredentes.

Ele revirou os olhos, impaciente.

— Pois deveria se odiar! — rebateu furioso envolvendo os dedos pelos cabelos, transparecendo uma indiferença dolorosa com os meus sentimentos em frangalhos. — Julga, julga, mas nunca se julga! — Rolou os olhos, rindo descontente. — Ficou anos sem dar as caras na casa de repouso, e quando

vai, ainda sequer se lembrou do aniversário da dona Esmeralda! — Mais uma punhalada. Senti-me desarmada diante do choque de realidade, mais um.

— Meu Deus! — Levei as duas mãos à boca, descrente da minha insensibilidade.

— É... — provocou a fim de acabar com o meu psicológico, e conseguia literalmente. — Não existe desculpa para uma atitude mesquinha e egoísta como esta. Chega a ser cruel com uma pessoa tão especial como ela!

Bombardeada por uma terrível instabilidade, recuei até cair sentada na cadeira do meu pai.

— Você deu as costas ao mundo ao seu redor, eu posso ter errado e muito, mas você errou muito *mais* do que eu. — Seus olhos brilharam ao enfatizar malvadamente, parecia querer chorar. Revoltada, ressentida, arrependida, saltei da cadeira e me aproximei dele.

Nas pontas dos pés ficamos olho a olho, nossos peitos arfantes, um recebendo o hálito morno do outro.

— Tudo culpa sua, roubou muito tempo da minha vida...

— Eu também me considero roubado! — Arqueou, balançando a cabeça, rindo cético. Suas mãos trêmulas e quentes seguraram meus ombros ao mesmo tempo que seus olhos fitavam meus lábios. Sentindo o baita choque ao toque arrancando minhas forças, fechei meus olhos enfrentando a corrente elétrica deslizar por todo meu corpo. — Todos temos defeitos de montão, e você está incluída no pacote. — Estranhamente perdido em suas palavras, ele murmurou me puxando, encostando seus lábios mornos e superdesejados no canto direito da minha boca.

Suportá-lo tão perto com a imensa saudade que sentia dele tornou-se missão impossível. Estava a ponto de fraquejar, sua proximidade, seu cheiro e seu toque era como um veneno. Estava ficando inativa, daqui a pouco não conseguiria mais reagir, como aconteceu lá em cima.

Precavida, dei-lhe as costas, peguei minha bolsa sobre a mesa e bati rapidamente em retirada.



A impressão que eu tinha saindo dali às pressas sem sentir o chão debaixo dos meus pés é que toda a bagagem da fortaleza que construí nestes últimos anos não serviram de nada. Estava mais frágil do que nunca. Não conseguia resistir sequer ao olhar dele e ciente desta minha fraqueza, ele tirava proveito, a dureza era que convivendo tão perto eu estava perdida!

Pelo meu pai jamais poderia dar as costas. Ele viveu por esta empresa e era minha obrigação colocá-la nos eixos.

Chegando ao lado do carro na privacidade, respirei o mais profundo que consegui, apoiando a testa sobre o teto e permaneci ali. A temperatura agradável com o sol ameno no céu azul limpo e sem nuvens, batia suavemente em meu crânio, causando ondas de ideias despoluindo minha mente, tentando a todo vapor achar uma solução, clareando meu caminho a seguir.

Para organizar minha cabeça, é necessário consertar alguns erros!

Acionei o controle do carro, abri a porta me atirando para dentro, liguei decidida a me retratar com a dona Esmeralda. Em todos estes anos, enviei doação anônima ao instituto, mas isso não supria a minha imensa falta com ela, e nunca me perdoarei por isto. Abraçá-la, beijá-la e pedir um milhão de perdões era mais do que imprescindível para amenizar um tantinho a minha paz de espírito.

E depois procuraria o Guilherme, por precaução de uma discussão em minha casa, o que não seria prudente com o estado de saúde do meu pai.

Preferi pernoitar num hotel próximo, ignorando as ligações da minha mãe pedindo meu retorno para casa. Eu não podia, não responderia por mim, de tão possessa. Queria morrer e matar em saber da própria boca do carrasco do meu coração que o meu irmão lhe passou o comando da Uchoa antecipadamente.

Com o fim do horário de pico, circular pela região ficava mais fácil, parei na floricultura comprando rosas vermelhas, as prediletas de dona Esmeralda. Em pouco tempo entrei no estacionamento da casa de repouso. Ela ainda estava em seus aposentos, os cabelos de algodão faziam junção a franha do travesseiro, sua mão esquerda veio em minha direção assim que me viu, seu sorriso se alargou no rosto pálido ganhando uma corzinha.

— Que flores mais lindas, minha filha! — disse ela com a boca cheia. Sorri envergonhada, indigna de todo aquele gesto acolhedor. O Marcelo arruinou a minha vida, agora via o quanto perdi dela.

— Feliz aniversário atrasado — sussurrei com os olhos marejando e os castanho-escuros dela também ficaram lacrimejantes.

Ela segurou o buquê com uma mão e com a outra pegou na minha apertando muito forte, sem perder o contato visual, e me puxou para sentar ao seu lado.

— Todo dia é especial, digno de comemorar a vida, cada suspiro!

Concordei rindo arrependida e ainda mais apaixonada por aquela linda, doce e humilde mulher enquanto me debruçava sobre ela, a abraçando forte, esmagando a flores entre nós.

— Espera, querida! — Arqueei para ela colocar o buquê ao lado da cama e seus braços delicados e frágeis voltaram entorno do meu corpo, carinhosamente materno. Sentia um carinho imensurável e uma grande admiração por ela. — Não imagina a felicidade que sinto em você estar aqui, agora — cochichou em meu ouvido, e notei um soluço profundo.

Ergui o tronco analisando-a. Ela sorriu murcho.

— Estou confusa com este choro, não está parecendo de felicidade.

Grunhindo, sua mão franzina veio a minha face em forma de concha.

— É pura felicidade — aquela citação soou mentirosa. Eu tinha certeza de que era sim, falsa com seus olhos vagueando ao redor. Uma fuga real.

— Não vai conseguir me perdoar, né?

Rindo em meio a um suspiro prolongado, ela sacudiu a cabeça de um lado ao outro.

— A questão não é eu, e sim você me perdoar.

Franzi a testa sem entender.

— Não estou entendendo? — Serena, ela baixou os olhos com a minha dúvida.

Endireitei meu corpo a encarando.

— Eu não fiz nada para reaproximar você e o Marcelo — revelou com pesar.

Sacudia a cabeça negando.

— A responsabilidade não é da senhora, portanto não tem que se preocupar conosco. É um assunto entre mim e ele. E já está enterrado.

Levantei-me dando as costas a ela, escondendo meus olhos traidores tentando me denunciar. Precisava de equilíbrio para dar credibilidade ao que dizia. Inalei muito mais ar do que meus pulmões suportavam e soltei. E atingi a tranquilidade, o suficiente para enfrentá-la e virei de frente.

— Nunca mais pense sobre isso, tudo bem?

Ela sorriu tão bonitinha, mas ainda apreensiva. Voltei a me sentar, inclinei beijando sua testa.

— Não fui coerente nas tomadas de decisões, olhei apenas para meu próprio umbigo e parti esquecendo de tudo e de todo o resto, e me arrependo amargamente por esta imbecilidade. Nunca mais ficarei longe da senhora.

— Você promete?

Ergui a cabeça, assentindo.

— Minha promessa vai além.

Ela torceu a boca, curiosa.

— Vou ajeitar a minha vida e darei um jeito de levar a senhora para morar comigo.

Com a mão sobre os lábios, ela ria e chorava ao mesmo tempo emocionada, fazendo-me chorar também.

— Eu só tenho que agradecer a Deus por você e o Marcelo existirem na minha vida. Sempre a ajeitando da melhor forma. Não tem como não ser feliz, sabia?

Voltei a abraçá-la. Coitadinha, foi abandonada aqui há muitos anos pela filha que se casou com um rico e se recusou a levá-la a morar junto com a família. A maior tristeza da vida desta mulher.

— Vamos levantar para um banho gostoso antes do desjejum. — A enfermeira entrou o quarto.

Beijando sua testa, levantei dando espaço para a funcionária cuidar do bem-estar dela.

Acompanhei todo o procedimento da enfermagem e permaneci por ali até o final do café da manhã, e quando ela foi levada ao jardim para tomar um banho de sol, segui para a minha casa.

Passar um tempo em companhia da dona Esmeralda não aliviou o peso no meu coração cheio de amor pelo arrogante do Marcelo. Meu corpo reagia excitado a cada pensamento, lembrança. Ou seja, a cada segundo... Era impossível ignorar sua pegada bruta inigualável.

Entrei em casa ansiosa, irritada em não conseguir dominar tudo aquilo, sentindo o sangue do meu corpo correndo por minhas veias. A impaciência se estendia até o Guilherme, sem compreender direito os motivos dele

escancarar as pernas deste jeito ao Marcelo. Bati os olhos sobre o estofado confortável cinza considerando em deitar um pouco ali, mas não podia. Era mais do que uma deixa para lembranças. É imprescindível se manter bem distante dela se quisesse permanecer no comando das minhas emoções.

— Já em casa? — perguntou o Guilherme, vestido num terno preto elegante de caimento perfeito. — Acabei de falar com o Derek, e ele me disse que a deixou lá na Uchoa.

Observando-o descer os degraus da escada no centro da sala, ria perturbada.

— Só faltou você doar suas cuecas para o Marcelo! — falei sem pensar. Alcançando o chão da sala, arqueou perplexo com minha frase.

— Eu, hein! Que bicho te mordeu, Carolina?

— Esta pergunta deveria partir de mim, não acha? — Ele deu de ombros, perdido.

— Que bicho mordeu você, para ceder tanto? Até compreendo as razões de vender a empresa a ele, mas passar o comando sem a finalização completa da negociação, sem me comunicar antes, foi o cúmulo dos cúmulos — desabafei jogando a bolsa sobre o sofá.

Ele baixou os olhos por um instante antes de retornar.

— Para de se fazer de vítima, Carol! — advertiu-me com seriedade. — Tivesse se preocupado antes de largar tudo e ir viver uma vida independente. — Trinquei os dentes com aquele mesmo contexto do Marcelo. — Nosso pai esperava por você no comando e a senhorita zarpou toda cheia de problemas emocionais, e agora vem querer me dar lição de moral?

Mordi o lábio inferior a mais àquela punhalada, o mundo resolveu me atacar agora. Só que ele estava com a razão, pensei somente em mim, e em mais nada, e ninguém.

Vestindo a carapuça, me joguei sobre o sofá e afundei a cabeça no encostomacio e mantive os olhos no teto.

Ele retomou:

— E outra que não havia outro meio, sem uma administração competente, a Uchoa ia quebrar de vez. Isto não seria justo com o pai — emendou se sentando ao meu lado e pegou na minha mão.

Continuei com os olhos onde estava, sem condições de debater a questão verdadeira.

— Foi justo minha atitude diante da quantia milionária que o Marcelo pagou, aliás quem seria maluco de pagar uma fortuna por uma empresa no vermelho? Me fala?

Levei minhas mãos aos olhos e respirei profundamente, confusa.

— A sua irmã é uma excelente empresária, tenho a mais absoluta certeza de que ela é capaz de levantar a Uchoa — interrompeu minha mãe descendo as escadas muito bem-vestida com uma calça branca de seda e uma camisa chiquíssima, numa estampa leve por dentro. Os cabelos presos num coque frouxo e uma maquiagem leve no rosto. — Todos sabemos do amor do seu pai pela empresa — completou ela.

Guilherme jogou seu olhar aflito sobre mim.

— Você já está com a vida ganha, e eu preciso de uma guinada na minha empresa. É a minha chance, portanto não tire a oportunidade de mim — solicitou com uma franqueza que doeu em meu coração.

Compreendia o quanto era importante para ele.

Convencida, sacudi a cabeça enquanto levantava do sofá, peguei minha bolsa e caminhei em direção as escadas, morrendo de saudades do meu pai. No primeiro degrau, virei fitando-os.

— O Marcelo está irredutível em desfazer o negócio — esclareci dirigindo à minha mãe, que fechou a expressão furiosa. E desviei ao Guilherme, tenso e

amedrontado. — Não sei como será possível uma convivência saudável entre mim e ele, mas por enquanto teremos que tocar a Uchoa como sócios.

— Ele não vai aceitar esta condição, vai nos processar! — alertou meu irmão ainda tenso.

Dei de ombros.

— Que se dane ele! Não assinei nada, vai ter que me engolir porque o Derek já o ressarcir da minha parte em Juízo. Vou fazer da vida dele um inferno, até que ele desista e eu possa comprar a sua parte e reaver a empresa que pertence exclusivamente ao meu pai. Enquanto ele respirar, a empresa será dele.

Minha mãe aplaudiu, felicíssima.

Guilherme riu relaxando os músculos tensos e saltou do sofá.

— Isto quer dizer que posso dar sequência aos meus investimentos? Estou indo agorinha a uma reunião...

Assenti, voltando, e o abracei forte alisando seus cabelos; e ele, minhas costas.

— Eu desejo toda a sorte do mundo a você, meu irmão. E deixa comigo, que resolvo com o Marcelo.

— E eu te desejo sorte com o cara!

Foi sincero, apartei alisando seu rosto e o beijei.

— Até mais, meninas — disse seguindo em direção à porta.

— Eu também tenho um compromisso, querida. — Minha mãe beijou meu rosto e seguiu o rastro do Guilherme.

Eu segui para o quarto do meu pai, parando à porta por alguns instantes. A iluminação no ambiente da luz natural, atravessando a vidraça, não fazia do ambiente animador. Era tão duro ver meu paizinho deitado naquela cama, na mesma posição.

— Eu tenho certeza de que ele quer sentir o calor do seu abraço. — Sentada na poltrona perto da janela com um livro aberto nas mãos, a voz macia e confortadora da Lídia despertou-me daquele sofrimento. Joguei meu olhar sobre ela. Sorrindo carinhosa, seus olhos puxados pareciam ainda menores. — Dormiu fora, ficou muito tempo longe dele — completou.

Muito triste, concordei com a cabeça adentrando no recinto e me aproximei da cama. Sentando ao seu lado, debrucei-me sobre ele, repousando meu ouvido em seu peito, seu coração ainda não havia parado e esperava que nunca parasse.

— Se fosse possível me partir ao meio, eu te dava a metade de mim, ou a parte que te falta.

Se eu tivesse o poder de voltar atrás, faria tudo muito diferente, pai.

Meu coração estava com tantos questionamentos, mas uma certeza eu tinha agora: iria limpar a lambança que fiz.

Erguendo a sua cabeça, beijei-lhe a testa; em seguida, a face perto do ouvido sussurrei ali, na certeza de que ele estava ouvindo meus dizeres:

— Não se preocupe que eu vou cuidar da Uchoa como você gostaria, tá? Permanecerei no comando até você levantar desta cama e assumir seu lugar de direito.

Eu acreditava fielmente nesta possibilidade, e seria o melhor e único presente a receber da minha vida.

Passei o dia ao seu lado, dedicando todo meu tempo ajudando a Lídia com os afazeres do seu conforto até a noitinha, quando segui para cuidar da minha aparência para me apresentar bem diante da galera. O dia com meu velho levantou meu astral, pareceu bem legal relaxar, jogar conversa fora.



Capítulo Seis

MARCELO

— Espero ter dado conta da reunião com os empresários chineses — desafiei Tiago em tom matreiro assim que ele se identificou quando atendi a ligação de número desconhecido. Ele rosnou nada satisfeito do outro lado da linha.

— *Ah, tá! O mundo não gira em torno somente de você, seu metido!*

Gargalhei ao seu jeito todo nervoso atingindo o meu objetivo. Meu irmão é um cara supercompetente, tenho que assumir.

— *Está falando com o mestre em parcerias estratégicas. Tudo fechado como manda o figurino* — esnobou ele cheio de si. — *E vou te falar uma coisa: o projeto dos caras é de um centro de distribuição gigantesco.*

— Fantástico! — Enfim, uma notícia boa entre o emaranhado de problemas a serem resolvidos. — Espero ter sucesso também hoje à noite no encontro. Estou com algumas parcerias quase fechadas que virão fazer toda a diferença para a D'Ávila.

— *Estou sentindo certa insegurança no todo-poderoso Marcelo?* — Ri da insinuação do safado. — *Porque, se for o caso, deixa com o mano aqui, que não fraqueja nunca.*

Gargalhei novamente pensando no quanto ele estava correto. Havia mesmo certa insegurança, mas longe de interferirem nos negócios da D'Ávila. A insegurança se chamava Carol.

Nunca passou pela minha cabeça que a aquisição, a fim de salvar a Uchoa, se tornasse este grande desafio. Depois do deslize, o que pareceu a maior oportunidade da minha vida se transformou num martírio, agora me sentia dividido. E o pior que não havia como escolher lados, precisava fazer um malabarismo a fim de agregar tudo sem que houvesse prejuízos, tanto financeiro como emocional! *É foda!* Nunca me imaginei nesta situação. Como eu poderia imaginar que a Carolina, há tantos anos sumida, resolvesse voltar mais forte do que nunca, e ainda bater de frente comigo? Bem ao contrário do que pensei... O fato de ter transado com ela sem a devida proteção se tornou mais um motivo de preocupação. Ela era a única em que eu confiava plenamente para cometer uma insanidade dessas, ela era minha e eu tinha certeza. Mas hoje, diante das circunstâncias, uma gravidez inesperada seria um problemão.

— Insegurança não existe no meu dicionário, tampouco em minha vida — menti.

Ele deu aquele risinho duvidoso.

— *Então passe a fórmula secreta* — começou ele provocativo. Torci a boca esperando por mais, e não deu outra. — *A minha preocupação é o seu coração fragilizar com a volta da Carolina, não pode deixar a peteca cair, Marcelo!* — alertou, me deixando possesso. — *Tem muito dinheiro em jogo.*

Saltei da cadeira indo em direção a janela e respirei fundo, completamente incomodado com aquela implicação. Engoli duro apreciando o local privilegiado com silêncio e muito verde, o sol no horizonte se escondendo com o lindo entardecer aqueceu meu coração, porém não o acalentou. Precisava colocar as ideias embananadas na cabeça no lugar, só assim escaparia daquele tormento.

— Eu queria entender de onde vem tanta preocupação, se você foi o primeiro a dar-me razão quando comentei sobre a intenção de comprar a

Uchoa — o cobreí com algumas ideias sendo recolocadas no seu devido lugar. Embora suspeitasse, não compreendia a insistência dele de bater na mesma tecla sempre que tinha oportunidade.

Ele silenciou por um instante antes de desconversar.

— *Estou exagerando, eu sei. Este assunto nem estava na pauta, liguei mesmo para dar a notícia do que foi fechado com os chineses, e sobre o Wesley*

Arqueei curioso.

— O que tem o Wesley?

— *Andou tendo uns piripagues no coração.* — Gelei com a notícia, pois ele estava bem estes dias. Após a morte da minha mãe, doenças costumavam me deixar meio atordoado. — *Parece que foi diagnosticado Síndrome do Pânico, depressão estas coisas...*

— Poxa! Coitado! — lamentei pensando na minha mãe, o quanto ela sofria com esta doença.

— *Ele pediu a exoneração do cargo há seis meses, e não conseguiu mais arrumar emprego e sabe como a pessoa fica sensível nestes casos* — falou chateado. Também fiquei com pena. — *E implorou para ver contigo se a gente consegue uma vaga para ele em alguma de nossas empresas.*

Ergui as sobrancelhas contrariado, seria taxado de egoísta oferecendo-lhe uma vaga operacional. Diante desta circunstância, se tonou impossível tomar uma decisão de imediato.

— Depois eu vejo isto, Tiago.

Ele rosnou irredutível.

— *Qual é a dificuldade, Marcelo?* — contestou. — *Estamos falando do Wesley, o nosso primo!* — ressaltou, me deixando sem alternativas.

Céus!

— Tudo bem! Veja no departamento pessoal da D'Ávila algum departamento carente de funcionário e o encaixe.

— *Estamos com o quadro de funcionários inchado na D'Ávila, e você sabe muito bem disto.*

Concordei acenando com a cabeça e voltei a me sentar.

— *Estava pensando na Uchoa, graduado em farmácia e competente, ele seria bem útil. Inclusive, ele comentou comigo que antes do Senhor Gael adoecer, ele já havia o convidado para sair do INPI e ir trabalhar no laboratório.*

Torci a boca nada satisfeito.

— *E outra que precisa de um braço direito por aí, já que também está à frente da D'Ávila. Se não for o Wesley serei eu.*

Fui obrigado a contrapor diante da sua convicção, e seria provisório porque, quando ele souber que a Carolina está na direção junto comigo, a coisa vai ficar complicada para o meu lado.

— Por enquanto não posso agregar ninguém aqui — anunciei com firmeza e, neste instante, meu celular sobre a mesa tocou. Vi no visor o rosto sensual da Ingrid. — Conversaremos sobre o Wesley amanhã. — Olhei no relógio em meu pulso, passando das 17h30. — Estou atrasado.

— *Combinado! Vou torcer para você conseguir atingir, pelo menos, 10% da minha capacidade de convencimento.*

Não consegui conter o riso alto e peguei o celular.

— Que isso, rapaz! Está para nascer o cabra que vai me superar um dia.

Ele ria.

— Ah, só mais coisa! — Lembrei do meu pai. — Sabe se o papai já viajou?

— *O velho passou o dia sumido, acredita?*

Acenei de cabeça, bem típico dele.

— *Tentei ligar o dia inteiro com a intenção de acompanhá-lo ao aeroporto, e só consegui falar com ele agora há pouco. Já está embarcando, só não disse para onde.*

— Tudo bem! — Soltei o ar exausto. — Até mais, Tiago. — Desliguei antes dele pronunciar qualquer outra palavra. E atendi a bela Ingrid. — Desculpa a demora em atender, meu irmão estava tirando onda da minha cara só porque conseguiu um novo contrato.

Ouvir aquele riso espontâneo dela foi reconfortante, precisava de alguém com esta aura alegre ao meu lado. Principalmente na data de hoje.

— *Posso até imaginar o monte de asneira saindo da boca dele.* — Ela o conhecia muito bem também.

— Mas e aí, está animada para passar muitas horas comigo? A noite vai ser longa.

— *Preparadíssima!* — garantiu com a maior certeza deste mundo. Era do seu conhecimento que eu sabia reconhecer e agradar quando precisava do serviço perfeito e de qualidade. GENEROSO! — *Sou todinha sua hoje.*

— Você é excepcional.

Ela agradeceu, combinamos o local do encontro, então desliguei.

Apressadamente, eu organizava a mesa quando um arrepio tomou meu corpo fixando na ponta onde a bunda gostosa da Carol sentou. *Esquece, caralho!* Soltei o ar fortemente para afastar aquela tensão, relatei os afazeres urgentes de segunda-feira, e interfonei chamando a Lucia Helena. Em um minuto, ela abriu a porta.

— Precisa de mim, senhor Marcelo? — perguntou fechando a porta e veio em frente à minha mesa, eu terminava de relacionar, e ergui a cabeça sorrindo aprovando a rapidez como ela atendeu ao meu chamado.

— Cataloguei as urgências de segunda-feira. — Estendi a folha, ela a pegou. — O primeiro item é o relatório que o José ficou de entregar logo pela

manhã da segunda. Como não virei para cá de manhã, gostaria que recebesse e deixasse tudo em ordem aqui na mesa.

— Fique tranquilo! — garantiu.

— Obrigada! — Respirei fundo e me levantei. — Preciso ir, tenho um evento para logo mais.

Ela assentiu de cabeça no mesmo lugar.

— Bom evento para o senhor!

Assenti, pegando minha maleta e a gravata sobre a poltrona ao lado da porta e saí voando.

A ideia destes encontros, além do benefício de fazer contato com clientes exclusivos, que exigem um atendimento personalizado, fortalecer o contato com o setor ainda trazia oportunidades excelentes de negócios.



— Cansada? — No saguão do salão, onde acontecera o evento, aguardando o manobrista trazer meu carro, perguntei a Ingrid enquanto passava o braço ao redor da sua cintura fina e beijei sua face, ela moveu a cabeça de um lado ao outro e escapou do meu braço, colocando-se à minha frente e deslizando as mãos delicadas, com anéis dourados, dos meus ombros aos braços.

— Orgulhosa de você! — Nas pontas dos pés pressionou os lábios quentes sobre minha barba. Fechei os olhos para receber o carinho. Afinal, esta nossa parceria prolongada é bem legal. — Quando subiu ao palco para discursar sobre sua empresa, eu só pude admirar. A escolha deste terno cinza claro, camisa azul e gravata levemente quadriculada em preto e cinza destacou a sua

imagem — afirmou com seus dedos apertando meus braços e olhos percorrendo meu corpo.

— Estou muito feliz com o resultado. Depois que finalizei o discurso vários empresários vieram até mim. Se topar podemos ir a algum lugar comemorar — sugeri.

Ela riu animada.

— O quê? Hoje estou somente para você, Marcelo.

Pisquei dando-lhe um beijo na testa, lembrando do Tiago, peguei meu celular no bolso.

— Só um minuto que vou dar as boas notícias ao meu irmão.

Gentil, ela assentiu envolvida no mesmo entusiasmo que o meu.

— *Alô, Marcelo!* — Tiago gritou tentando vencer o som alto da música ao fundo. — *Só um minuto, vou procurar um lugar silencioso para conversamos.*

Enquanto aguardava, percebi o barulho ir diminuindo.

— *Ah, desculpa! Não queria interromper os pombinhos.* — Ouvi o Tiago dizer. — *Só preciso atender o celular e já saio, prometo.*

— *Não esquentar, Tiago.* — Meu coração sofreu um forte palpitar, reconhecendo a voz da Carol.

— *Fica à vontade, cara!* — o complemento da frase, com a voz do Derek, fez dele descompassado, perdi a noção de tudo ao meu redor. “Como assim, pombinhos?”, perguntei mentalmente correndo a mão agitada pelo meu cabelo enquanto caminhava em direção a porta, me embrenhando entre os aglomerados de pessoas elegantes aguardando seus veículos. E saí para a calçada.

— *Pode falar agora.* — A voz do Tiago retornando interrompeu o silêncio preenchido apenas pelo meu batimento cardíaco no pico.

— Você está aonde? — mudei o assunto. Toda minha cabeça direcionou a Carol, o Derek, a noite linda que ainda estava na metade, às 22h40, a grande lua prateada enfeitando o enorme céu estrelado, cheio de pontinhos de luz. Tudo propício aos amantes.

POMBINHOS! Me corroía por dentro.

Engoli duro, com a possibilidade de ele estar tocando-a. Não conseguia reaver meu autocontrole, me sentia ultrajado, traído de novo. *CARALHO, MARCELO, SE CONTROLA!*

— *Aqui na casa do Bernardo comemorando seu aniversário* — disse ele todo animado. — *E que festa, Marcelo, que festa!*

Balancei a cabeça inconformado com a minha distração. Esqueci completamente da festa. *E agora, como vou fazer se convidei a Ingrid para beber?*

— Marcelo? — Ouvi sua voz preocupada no mesmo instante que senti sua mão delicada sobre minhas costas. Virei ligeiramente sorrindo, dentro de um vestido preto longo e elegante demarcando suas curvas, ela tombou a cabeça um pouco ao lado especulativa. — Aconteceu alguma coisa? — perguntou aflita.

— Saí para fugir do barulho lá de dentro — menti tapando o fone. Na verdade, sufocado eu vim atrás de ar puro, isso sim. — Só um minuto, estou terminando com o Tiago.

Permissiva, ela acatou e se afastou um pouco oferecendo a privacidade necessária.

— *Esta voz é da gata da Ingrid?* — indagou Tiago interessado.

— Respeito, cara! — exigi.

Ele riu divertido.

— *Nossa, mano, como você é mesquinho! Mas quer saber? Eu seria também.*

— Só gosto de exclusividade, e não abro mão do olho treinado dela, e da artimanha tipicamente feminina.

— *Ainda vou arrumar uma perfeição desta para mim. Agora conte sobre o encontro, já terminou?*

— *Vou buscar uma bebida para nós* — perdi o tempo da pergunta do Tiago ouvindo baixo a voz evidente do Derek novamente, e todo o sangue subiu para a minha cabeça e conservou lá. Sentia a fervura em minha face e o perrengue dentro do peito. — *Vai beber o quê?*

— *Traz uma margarita, por favor.* — O simples som da voz macia dela pedindo o tradicional drinque mexicano feito à base de frutas, tequila e licor de laranja, sua bebida predileta, me deixou fora de mim. Meu coração palpitava cada vez mais forte.

— *Marceloooo? Você ainda está aí?* — insistiu Tiago ao meu silêncio externo, porque por dentro estava um descontrole, tudo desajustado.

Merda!

— Depois nos falamos — cortei na certeza de que deveria interromper aquela palhaçada com urgência. O próximo carro que o manobrista trouxe foi o meu, desceu e abriu a porta, primeiramente para a Ingrid. *Ufa!* Respirei, aliviando um pouco a tensão, contornando o carro.

— Há algo de errado contigo — afirmou Ingrid notando meu estado inquieto quando eu atava o cinto de segurança. Sem jeito e as duas mãos segurando forte o volante, girei a cabeça, a expressão de pena dela ampliou o vazio que eu sentia em meu interior. *Porra!* Deslizei a mão direita da boca ao queixo, angustiado e com uma pressa absurda de chegar àquela festa, só não sabia como cancelar o convite. — Não adianta negar, o tempo prolongado o acompanhando posso me dar ao luxo de dizer que o conheço e muito bem.

Concordei abanando a cabeça de cima a baixo.

— A festa de aniversário de um grande amigo está rolando neste instante no meu condomínio e...

Ela soltou uma risada, interrompendo-me.

— Aniversário do Bernardo! — disse balançando o dedo indicador em frente ao meu rosto. Arqueei surpreso.

— Conhece o Bernardo?

Ela riu, concordando de cabeça.

— Pergunta imbecil esta minha. Todos conhecem o Bernardo e sua família. — O fato dos seus pais estarem envolvidos no mundo automobilístico, eles acabam sendo bem disputados pela imprensa.

— Nem que a gente queira, consegue esquecer com ele nas capas das maiores revistas — esclareceu ela. — Eu aconselho que tome o rumo da festa, porque eu também fui convidada e estava bem chateada em não poder comparecer.

— Sério? — Não gosto de festinhas, mas a de hoje causou uma euforia irritante.

— Vai logo antes que eu desista.

Ri, dando seta, pegando a direita, caminho para acessar a Marginal Pinheiros sentido Castelo Branco.



Devido à festa, a fila de carros de visitantes era quilométrica na portaria do condomínio.

— Uau, está bombando! — comentou ela assim que cruzamos a portaria do morador e acessamos as ruas, que sempre foram tranquilas, arborizadas e bem iluminadas, hoje muito movimentadas. Peguei o sentido contrário onde

localizava a minha residência, pois a do Bernardo ficava no outro extremo, onde o muro terminava e começava a mata virgem.

Minha casa era bem legal, mas a do cara era a dos sonhos! Megamansão cinematográfica de alto luxo e tecnologia. Vistosa fachada comendo grandes vidros verdes temperados combinando com a jardinagem bem cuidada e os holofotes dando uma iluminação especial. Muitos convidados estavam chegando junto conosco.

Largamos o carro na esquina sem opção de vaga e retornamos a pé.

Com as mãos nas costas da Ingrid, a guiava pela passarela de cimento queimado até cruzarmos a porta e darmos no *hall* sem móveis e pé-direito duplo, como a ampla sala toda em mármore branco, combinando com corrimão transparente da escada em onda ao fundo. O lustre pendente de cristal descendo do teto era magnífico.

Sem os móveis, o ambiente com paredes de vidros ao fundo, dando visão da esplêndida área externa, se tornou um ambiente de balada, casais davam seu show com a canção propícia para dança a dois.

Mesas apenas na parte externa, luxuosas, estavam lotadas, o que não era de se admirar conhecendo o Bernardo, ele não fazia conta de gastos e nem convidados, quase toda Alphaville estava em peso na festa. Só gente bonita e não faltava celebridades. E, além do vasto quintal todo iluminado e animado a uma banda da região, haviam algumas tendas charmosas, coisa de Bernardo, ele gostava de causar, suas festas costumavam render. Um local onde casais trocavam uma conversa mais intimista antes de subir as suítes no andar superior, decoradas semelhantes a suítes de motel.

A luz de velas criava um ambiente romântico e favorável à conquista, e era justamente em uma destas tendas que meus olhos captaram a Carol.

Ambos sentados nas poltronas confortáveis, uma de frente a outra, conversavam naturalmente até iniciar a batida lenta da banda. Ele estendeu a

mão, não segurei a onda quando ela segurou a mão oferecida e ambos levantaram. *Que gata!* Como sempre, ela arrasava no visual, sabia como enfeitiçar os olhos de um homem. O vestido de alta costura como tudo o que ela usava, preto e justo no corpo e sexy. Havia alguns detalhes em abertura: no ombro, cintura e três dedos acima dos joelhos, dali em diante descia um babado até a canela. Ou seja, uma delícia de sereia sendo degustada pelo Derek. O sangue me subiu vendo os braços dele indo em volta da cintura da Carol, e os dela, embora timidamente, foram aos ombros dele e começaram a dançar.

QUE PORRA É ESSA?! Não conseguia engolir a ceninha medíocre.

— Aceita uma bebida? — ofereceu o garçom circulando com a bandeja.

— Nossa, veio em excelente hora, estava morrendo de sede — explanou Ingrid ao meu lado de maneira despretensiosa pegando uma taça com espumante. Nem sei se ela notava meu descontentamento e a direção do meu olhar, possesso.

— Vai beber algo, Marcelo? — ofereceu Ingrid. A resposta foi apenas a pressão dos meus dedos em sua cintura, furioso. Beber não estava nos meus planos naquele instante, eu só queria socar a cara do Derek, só isso! — Você está bem, Marcelo?

Sem desviar os olhos dos pombinhos, assenti de cabeça. Afogado num poço de ciúmes, apenas agarrei com raiva o copo de vidro com a mão livre, sem analisar o líquido e bebi tudo em apenas um gole. O uísque desceu queimando minha garganta.

— Nossa! — exclamou ela estranhando. — Estava mesmo com sede!

Sede de matar! Filha da puta! Inacreditável ver aquilo, ambos se afastaram apenas o suficiente para trocarem palavras e olhares. Pensar no que aquilo poderia significar, fiquei por um fio de avançar até eles e acabar com a festinha particular. *Eu sabia!* Lá estava a minha teoria, a mão do escroto

contraíu-se na cintura dela a levando para mais perto dele, e ficaram os dois se olhando, completamente.

— Tem certeza de que está bem, Marcelo? — Ingrid insistiu na pergunta, tirando-me do meu mundo revoltado e trazendo de volta à festa. A música agradável e aquelas pessoas bonitas circulando distraíu-me por um instante.

— Estou bem, sim. — Curvei a cabeça beijando a lateral da sua cabeça. Seus cabelos ruivos perfumados serviram como uma poção à calmaria; e num relance de olhar à tenda, nossos olhares se cruzaram. Carol flexionou seus lábios ligeiramente, fechou os olhos e virou seu rosto, me deixando no vácuo.

— Marcelo, você aqui? — A voz rouca do meu irmão me puxou de volta.

— Meu brother que não viesse para ver! — Bernardo vindo ao lado do Tiago disse mergulhado no seu sorriso contagiante e foi o próximo a exigir um abraço.

— Não resisti, afinal suas festas são as melhores — elogiei lançando um rápido e discreto olhar sobre a tenda. Os dois ainda dançavam e a visão era azucrinante além da medida.

— É uma honra receber você em minha humilde casa, Marcelo! — Embora fosse um *playboy*, o cara esbanjava simpatia e arrasava o *business* casual, camisa branca, calça de sarja preta, cinto e sapato na cor da calça. E não podia faltar o único exemplar do relógio em seu pulso de uma marca famosa. Travou os olhos na Ingrid, que sorriu toda simpática. — O mesmo digo a você, linda mulher. — Segurando na mão dela, levou aos lábios num beijo educado.

— Parabéns, sua festa está de muito bom gosto. — E varreu os olhos azuis admirados pela sua roupa. — Assim como sua vestimenta.

Ele riu todo orgulhoso, batendo no meu ombro.

— Está pensando que somente o nosso amigo aqui consegue atingir a elegância?

Ela riu gostoso, eu não conseguia mover os lábios, ou seja, eu não conseguia sequer pensar. Toda a minha atenção estava na tenda e, desta vez, não passou despercebido. Os dois à minha frente me observavam, desviei o olhar oscilando entre eles, entre os três, corrigindo. O Tiago também percebeu minha curiosidade.

— E como foi o jantar? — quis saber Tiago.

— O quê? — interveio Bernardo requisitando todos os olhares. — Aqui na minha festa se pode falar de qualquer coisa, exceto negócios. Aliás, tenho uma ideia fantástica que tenho certeza de que vai agradar a todos. — Bateu no meu ombro me guiando em direção a parte externa. — Vamos juntar toda a galera numa mesa e fazer aquele registro para ficar na história.

Meu coração se alegrou à sugestão, juntar a galera significava o fim da cena romântica.

— Eu alcanço vocês — disse Ingrid quando seu celular tocou em sua bolsa. Pegando-o, ela se afastou.

Na verdade, Bernardo já havia preparado a tal mesa e parecia que toda nossa turma estava reunida ali, conversando animadamente. Bons tempos aquele, diferente de agora com contas para pagar, algumas amizades indo de mal a pior, alguns distantes. Respirei profundamente nostálgico e olhei para a tenda, um garçom dizia algo ao casalzinho que imediatamente vinham de mãos dadas se juntar à mesa. *Amores mal resolvidos!*

— Eu não creio que o Zeus veio! — Sentada do outro lado da mesa, Susana Crismam, socialite mais ousada e de bom humor de Alphaville, comentou. De pele morena aveludada e os cabelos negros, extremamente lisos e longos, era conhecida mundialmente como uma grande defensora dos Direitos Humanos. Este seu trabalho humanitário veio com o projeto do nosso colégio da visita às casas de repouso, orfanatos, etc.

— Por que os melhores títulos ficam sempre com meu mano?! — Humorado, Tiago, ao meu lado, deu um leve tapa em meu ombro me encarando. — O rei dos deuses gregos? — completou debochando e arrastando a cadeira ao lado do Cauã e se sentou.

Abri a boca a fim de agradecer e fui navalhado pelo Derek chegando de mão dadas com a Carol, que trazia sobre seus ombros uma echarpe na cor do vestido, deixando-a ainda mais charmosa e sensual, e uma bolsa pequena embaixo do outro braço.

— Está mais para um príncipe sem trono — provocou ele afastando a cadeira para a Carol se acomodar. Todos os olhos estavam sobre mim, inclusive do Bernardo, estupefato ao meu lado, preocupados ou aguardando a minha reação.

Cauã girou a cabeça e acenou para mim ali em pé, atrás dele. Furioso com o atrevimento do idiota, ergui as sobrancelhas, soberbo.

— Com ou sem trono, mas sempre da nobreza, de sangue azul. — A gozação em cima do Derek foi generalizada, deixando-o exaltado.

— Poderia dormir sem esta, cara! — zombou Bernardo pegando uma bebida sobre a bandeja do garçom que circulava a mesa, a amizade entre eles dava condições a esta abertura.

Inconformado, Derek ergueu a cabeça me fitando, os olhos deixaram de serem verdes, agora vermelhos cor de sangue.

— Vamos ver se esta banca se sustenta depois da final do futebol daqui a duas semanas. Já sentiu nossas forças no último jogo. — Riu na intenção de humilhar, arredou sua cadeira e sentou-se ao lado da Carol. Seus olhos vagavam curiosos pelo meu corpo. Eu só consegui pensar em pegar na sua mão e arrastá-la dali.

— Apenas sorte de principiante.

— Epa, agora mexeu comigo — pronunciou Hélio na ponta da mesa. Integrante do time oponente. — Que nosso time brilhou é inegável. — Todos os integrantes do time do Derek concordaram me fitando.

— Vamos considerar o último jogo um amistoso. — Cauã veio em minha defesa. Peguei outra bebida e aproveitei para me sentar na cadeira ao seu lado. — Na final saberemos quem tem o melhor ataque, técnica e habilidade.

— É isso aí! — confirmou Tiago largando seu copo sobre a mesa e espalmando sobre ela. E os outros atletas do meu time e a torcida feminina aplaudiram ao meu comentário.

— É melhor não contar vitória antes da hora, Marcelo! — interveio Bernardo, prudente. Ele era do meu time.

— Uau! — exclamou Susana com os cotovelos sobre a mesa, ela aplaudia curtinho, em seu pulso havia um bracelete de ouro. — Este futebol americano promete reservar fortes emoções a nós torcedores. Não perco o jogo por nada!

— E onde será a final do campeonato? — Sorri com a voz macia da Carol. Neste momento, o garçom parou ao lado dela. Os dedos delicados enrolaram na taça do espumante antes dos seus olhos encontrarem os meus. Abri um sorriso frouxo. Arregalando os olhos assustada, ela desviou para Bernardo, que explicou:

— É claro que será na fazenda do meu pai em Itu, onde tem o melhor campo.

— Assino embaixo — disse o Guilherme chegando todo sorridente e deixando o Bernardo todo cheio de si. Um astral superbom. — Boa noite, galera! — cumprimentou a todos abrindo os braços e foi dar os parabéns ao Bernardo. Em seguida foi se sentar na cadeira vaga ao lado da irmã e os dois conversavam animados.

Respirei fundo, saudoso, aquele tipo de conversa ao qual ela sorria incentivadora existia entre nós. Aliás, existia muitas coisas únicas entre nós, que sentia falta.

Eu me distraí conversando com o Cauã e Tiago. Meu pau se levantou junto a Carol se levantando, sem tirar a atenção do Cauã comentando sobre o jogo, observei-a por cima dos olhos. Aquele vestido preto era uma covardia demarcando cada curva perfeita, seu corpo era o combustível para meu descontrole provocando em mim os desejos mais secretos. E não era somente eu que percebia, todos ao redor da mesa cravaram os olhos em seu corpo delineado, os cabelos loiros caramelos sobre os ombros eretos fazia dela uma imagem bela e singular.

— A Carol continua linda, não? — exclamou o Cauã mudando de assunto. Meu coração parou um segundo de bater.

Escultural, linda, uma bonequinha gostosa atijando minhas mãos loucas de desejo de modular suas curvas.

CARALHO, MARCELO! Baixei os olhos tentando controlar o tesão e não consegui. Ao levantar flagrei o Derek levando o braço na cintura dela e deitando a cabeça na lateral dos seios escapando.

Cerrei os punhos embaixo da mesa. Meus ciúmes eram imensos diante do meu bom senso, precisei contar até dez para não levantar dali e dar na cara dele. Ela comentou algo e caminhou elegantemente em direção à porta da entrada da sala, se embrenhando entre os dançarinos dando seus shows.

— Infelizmente, eu preciso ir, Marcelo. — Fui trazido de volta a realidade com as mãos macias da Ingrid sobre meus ombros. Ergui a cabeça me deparando com seus olhos azuis brilhando e aquele sorriso lindo no rosto decorado com os cabelos curtos chiques cor de fogo.

— Ah, não! — rebateu Bernardo. — Fique, pelo menos, para uma rodada de bebida.

Rindo, ela negou.

— Obrigada! Mas realmente preciso ir.

— Eu levo você! — Ofereci já levantando.

— Aceito sua companhia até lá fora, porque o meu táxi deve estar chegando. — Em seguida, dirigiu-se a todos: — Divirtam-se, pessoal!

Com a mão em sua cintura seguimos em direção a sala, conversando, mas eu sequer conseguia assimilar suas palavras. Não dava com a Carol tomando todos o espaço dentro da minha cabeça, e foi quando, em meio ao tumulto, não percebi a Carol vindo de frente com uma taça de vinho tinto. O hilário foi ela se esbarrar na Ingrid e, propositalmente, derrubar todo o líquido no vestido da mulher. *Ainda bem que a cor esconde!*

— É sério isso? — Ingrid gritou olhando para si, inconformada. — Espero que não manche meu vestido.

— Ah, me desculpa! — Terrivelmente sarcástica e maldosa, Carol se desculpava falsamente, passando as mãos pela roupa da Ingrid.

Ela está enciumada!

— Está tudo bem — Ingrid disse ríspida erguendo as mãos, inibindo a Carol, que abriu um sorriso maroto. — Preciso ir ao banheiro antes de sair — informou-me nervosa.

Eu vi uma oportunidade de ir à forra.

— Eu te acompanho, querida!

Os olhos da Carol se apertaram vendo eu passar a mão em volta da cintura da Ingrid, colando-a ao meu corpo. Antes de sair, eu notei seu jeito nitidamente perturbado.



Capítulo Sete

CAROLINA

“Que idiotice foi aquela, Carolina?”, cobrava, indignada comigo mesma. *Que falta de compostura, mulher!* Eu não sou esta pessoa ruim, nem sei o que me deu para uma atitude horrorosa como esta!

Jesus!

Caminhando entre o aglomerado de pessoas sacudindo o corpo, estimulados ao balanço da música, eu repensava sobre meus atos e o absurdo de agir tão cruelmente com aquela mulher. Pelo olhar sarcástico do babaca do Marcelo, ele devia estar se ostentando, acreditando que estou com ciúmes dele.

Será que não estou?

Rosnei trincando os dentes ao mesmo tempo que cerrei os punhos na lateral do quadril, me odiando por assumir a realidade. Meu coração apaixonado, mesmo atormentado em dores, não compreendia a razão pelo qual eu precisava odiá-lo, e era o primeiro a assumir batendo acelerado e aquecido dentro do peito, causando um desajustamento em meu interior, todo meu corpo suave e tremia.

Estou remoendo de ciúmes daquele imbecil. Que raiva!

Cruzar a porta para área externa, amenizou a tensão, eu foquei na respiração profunda, ingerindo o ar silencioso, relaxando, tanto emocionalmente quanto fisicamente. Mas não foi o suficiente para refrescar meu coração fervendo de paixão, o brilho intenso das estrelas no céu de

fundo negro, o vento suave passando pelo meu corpo não ajudava. Tudo entorno lembrava ele, lembrava nós. Nossos momentos especiais. Momentos que nunca mais experimentei. *Ele é de fato o maior dilema em minha vida! Com certeza ele é!*

— Ela chegou — ocupando o meu lugar, o Guilherme comentou, observando-me aproximar e pulou para a cadeira de lado. Tiago torceu a boca com a aproximação dele ao lado da Susana. Muito cavalheiro, Derek se levantou e afastou a cadeira.

— Senhorita! — Acenou de cabeça expondo aquele sorriso divino.

— Obrigada — agradei sorrindo encantada.

Derek sempre foi este cavalheiro comigo e que saber? *Hoje vou matar sua sede, vou dar a ele o que deveria ter dado a muito tempo.* Fui uma abestalhada em deixar passar as oportunidades nestes últimos anos. Dizem por aí que ele é delicioso na cama, sabe fazer uma mulher subir pelas paredes.

Hoje vou tirar as provas dos nove. E quero que o Marcelo e suas vadias se fodam!

Receosa, fechei meus olhos com a lembrança da transa sem camisinha. *Que loucura que eu fiz! Tomara que ele continue o mesmo cara ajuizado!*

Ainda temerosa, acomodei-me, quando Susana debruçou o tronco sobre a mesa para falar comigo, mais colada do que nunca no Guilherme, com aquela cara de malandra que ela costumava fazer. Tiago do outro lado dela, deu uma leve rosnada em desaprovação e pegou o copo sobre a mesa e virou na boca.

Desde a adolescência, Susana é disputada pelos garotos da região. Não que ela seja feia, não é isso. A beleza dela vem do seu interior grandioso, sabe aquela pessoa que agrega a todos e com muito carinho? Esta é ela! Muitas vezes, a sua aparência sofisticada inibe os que não a conhecem, mas depois de um papo legal se apaixonam por ela. A simplicidade em pessoa.

— Estou muito orgulhosa de você pelo sucesso do Group Uchoa Medicina Diagnóstica, tenho acompanhado o crescimento.

— Acho que todos nós sentimos este orgulho desta nossa amiga, aqui! — Sorrindo em admiração, o Derek antecipou a minha resposta segurando minha mão sobre a mesa e pressionou. — Conseguir fazer uma empresa figurar na lista das 100 melhores empresas para se trabalhar no Brasil, não é para qualquer um.

— Obrigada! — Ri emocionada com o reconhecimento. Respirei fundo refletindo o quanto seria bom ouvir as considerações do Marcelo. Quando namorávamos, fazíamos vários planos, e um deles era esta minha vontade de montar um centro de medicina diagnóstica. Ele era um dos meus maiores incentivadores... — Foi apenas empenho oferecendo um serviço de meu conhecimento.

— Humilde demais para o meu gosto — contrapôs Susana linda. Ela sempre fora assim, elogiava sem medidas, quando era de merecimento. — Eu concordo com o Derek — afirmou com todas as letras na sua incrível simpatia e estendeu a mão para segurar em meu braço. O dela tocou os do Guilherme, cruzados sobre a mesa, ele deu uma balançada que notei. — Não se é bem-sucedida apenas por sorte, meu amor!

Acenei de cabeça, sorte eu também sei que não. Até que a dor e sofrimento serviram para ajudar chegar onde cheguei. Pois olha! Mergulhei de cabeça para não pensar.

— Eu sou testemunha, ela trabalhou duro — Guilherme passou o braço pelo meu ombro, colando ao dele e beijou a lateral da minha cabeça.

— Um exemplo. — Derek puxou minha mão, girei o corpo quando ele se ajeitou na cadeira. A ideia de ficar com ele retornou, repassava meus olhos mal-intencionados pelo rosto barbudo e lindo, descii lentamente pelos ombros

largos onde os cabelos claros assentavam sobre o couro preto de sua jaqueta aberta, buscando algum estímulo pelo meu corpo. E nada!

— Você está bem? — perguntou estranhando minha averiguação, afinal desde que chegamos à festa ele investiu pesado na conquista e eu esquivando, fugindo que nem o diabo foge da cruz. *Mas basta de frescura, ele é perfeito também!*

Fui ao tórax exposto pela camiseta preta de gola cavada. E suspirei desolada. Lindo, tenho que admitir, só que nada comparado ao Marcelo. Aliás, meus olhos são arrastados para ele vindo a passos firmes e decidido, elegante em seu terno, desabotoou os primeiros botões da camisa revelando apenas um tantinho do peito, mas o suficiente para eu me imaginar lambendo-o, riscando com as unhas.

Meu coração bateu mais forte com o pensamento impuro.

Um calafrio subiu por minha espinha e me afastei do Derek. *É foda como o cara é bem-acabado. Uma covardia a esta mera mortal!*

— A Ingrid já foi? — perguntou o Tiago, assim que o carrasco do meu coração se aproximou, mas os olhos do Marcelo injetados nos meus, permaneceram enquanto respondeu:

— Acabei de colocá-la no táxi.

Havia um ponto enorme de interrogação nos olhos cinzas, me encarando daquele jeito, e desceram ao meu busto, claramente tentado. Isso me deu um calafrio daqueles. Engoli duro desviando os olhos e peguei a taça com vinho sobre a mesa tomando um gole generoso, tentando não demonstrar o quanto estava mexida com a visão espetacular. Mas não era fácil manter o controle. *O pior cego é aquele que não quer ver!* Este homem tinha todo controle de mim, de todo meu corpo.

— Garçom, pode trazer uma bebida, por favor. — Assim que se sentou, girou o tronco e acenou para o rapaz atrás de si com a bandeja. O movimento

abriu mais a camisa e deu total visão daquela delícia repleta de músculos. Meus olhos ficaram presos ali, brincando com a taça de vinho entre os lábios, fantasiando.

— Gosto dela, é perfeitamente completa — comentou Bernardo.

Senti uma onda de ciúmes momentânea, porque o Marcelo voltou repentinamente me pegando no flagrante, corei sentindo a adrenalina subir pelas veias, fazendo meu coração disparar.

Ele piscou malicioso, baixe os olhos fugindo.

— Concordo plenamente — respondeu ele.

— Preciso de uma dessa, com urgência — Tiago complementou.

— Só você, né, sabidão? — Até o meu irmão entrou naquela conversa invertida.

Calada, eu estava tendo um surto de ciúmes enquanto todos riam, e virei a taça na boca bebendo tudo de uma só vez. Rindo, o Derek passou o braço pelo meu pescoço. Notei os olhos cinzas faiscando, e os dedos agarrarem o copo com mais força.

— Quer mais uma bebida, querida? — ofereceu Derek sussurrando ao meu ouvido. Vi a oportunidade de vingança. Virando de frente e pegando nas golas da jaqueta, fechando-as em volta do pescoço o trazendo para mais perto afundando o rosto na curva do seu pescoço perfumado o sentindo arrepiado.

— Não vou encontrar relaxamento na bebida, preciso de algo a mais... — murmurei e soprei ao seu ouvido.

O homem trepidou geral. Sorrindo, afastou pegando na minha mão, peguei minha bolsa sobre a mesa e a echarpe dependurada no assento da cadeira e nos levantamos.

— Então vem comigo! — Arrastou-me com ele em direção à porta de vidro e entramos na sala.

Sequer olhei para o Marcelo, precisava riscá-lo da minha vida de uma vez por todas e agora era a grande oportunidade de testar.

Subimos a elegante escada de concreto com degraus largos e guarda-corpo transparente, e atingindo o longo e largo corredor das suítes decorados com obras de arte. Muitos dos quartos já estavam ocupados, conseguimos o último do lado direito.

Já tive o prazer de desfrutar de umas das suítes desta casa, mas com o Marcelo em nossos momentos selvagens e único! Embora aconchegante, não era nada comparada a esta. Com piscina privativa, hidromassagem, sauna e teto solar, realmente era a suíte dos sonhos.

Segurando meu rosto com firmeza e beijando-me, o Derek fechou a porta com o pé e me imprensou contra ela, esfregando sua ereção em meu ventre. Eu juro que tentava relaxar, sentir prazer, já que estava excitada. Mas não era por ele, não conseguia sentir, tinha ímpetos de abrir a porta e sair correndo dali, queria ver o Marcelo mais um pouco. *Merda!* Espalmei o peito duro do Derek apartando, fugindo dos seus lábios, seus olhos verdes escurecidos de desejo se estreitaram, confusos.

— Desistiu? — Havia frustração em seu tom baixo de voz e engoliu forte.

— E-eu... — escorreguei para o lado e fui me sentar na beirada da cama enorme redonda, colocando sobre ela a bolsa e a echarpe — só preciso de um tempinho e me preparar. — Sorri sem graça.

Compreensivo, ele acenou afirmando de cabeça.

— Vou ao banheiro enquanto você se organiza, ok?

Assenti, sorrindo, e respirei fundo.

Mas o que ocorre comigo, por que não consigo com ele, por quê? Me organizar como?

Baixei a cabeça olhando meus dedos das mãos se cruzarem perdidos, como eu estava. Passei todos estes anos regando a semente do ódio, e quando

ela brotou, descobri que reguei a semente errada, a semente do amor foi a que cultivei. Embora necessitasse, não era forte o bastante para afrontar o Marcelo sem cair na sua sedução. E olha que achei ter superado a traição depois de tanto sofrimento. *Só Deus sabe o quanto sofri, o quanto me sentia inferiorizada.* E tudo no meu silêncio secreto. Nunca tive coragem de desabafar com ninguém. Simplesmente alimentei a raiva para sufocar aquela dor e a saudade que sentia dele.

Bem... Saltei da cama ajeitando o meu vestido. Dos males o melhor! A distância serviu para meu amadurecimento e me descobrir a empresária que sou hoje. Quando curvei para pegar meus objetos sobre a cama, na intenção de ir embora na surdina, não era legal o que pretendia fazer, porém não havia química suficiente para cair nos braços do Derek, e foi neste instante que fui surpreendida com a porta se abrindo e ninguém menos que o Marcelo surgiu por ela.

Minha intuição dizia para pegar a echarpe para minha defesa, obedeci e endireitei o corpo.

Ele teve a petulância de erguer o queixo megamaravilhoso, sua mandíbula travou em irritação.

Arregalei os olhos incrédula que ele pudesse mesmo estar ali. *Está delirando, Carol! Imagina se ele teria a cara de pau...*

— Sorte sua que está vestida — interrompeu meu pensamento apontando o dedo indicador na minha cara e olhando ao redor, de certo à procura do Derek.

Gente! Continua abusado como sempre!

— Ahhhh... — zombei desdenhando, tentando indiferença e nem sei se consegui atingir o meu objetivo, tremendo da cabeça aos pés. Amedrontada do Derek sair daquele banheiro e desencadear uma tragédia ali. Avancei alguns passos em sua direção e parei à sua frente. — Primeiro que você não

tem autoridade nenhuma sobre a minha pessoa. — Estufei o peito numa dificuldade! — E outra que não tem o direito de invadir a minha privacidade.

— Tenho todo direito sim, senhora, estou farto desse empata foda. Vou empatar a dele para sentir na pele o quanto é bom. — Subitamente abaixou, agarrou os meus joelhos me erguendo, e sem ter a chance de protestar fui lançada em seu ombro.

— O que é isso, Marcelo? Pirou? — chiei baixo para evitar o pior e batendo com as duas mãos em sua bunda dura com ele saindo comigo do quarto. — Me coloca no chão agora!

— Fica quieta. — Deu uma leve palmada na minha bunda seguindo para o último quarto à esquerda no corredor. Parou em frente a única porta de duas folhas. *O quarto do Bernardo?*

— Ninguém tem permissão para entrar neste quarto! — o lembrei rosnando.

— Eu tenho permissão para tudo, aqui é o meu pedaço, portanto ninguém vai comer você debaixo das minhas fuças — dizendo isso enfiou a mão no bolso da calça cinza clara.

Ele está com ciúmes? Será? Então por que aquela traição? Balancei a cabeça a fim de dissipar, afinal era um Marcelo completamente diferente do que conheci, o cara se tornou um galinha, dei-lhe a chance de confessar e ele não o fez, não ligou nem para pedir satisfação de ter me visto nos braços do Derek. É claro! Cobrar o quê, se está mais sujo do que pau de galinheiro? Esta sua atitude agora, nada mais é do que demonstração de poder. A imagem daquela mulher grávida e a linda ruiva inundou minha mente, despertando uma fúria sem precedente.

Não! Nunca mais faria o papel ridículo de apaixonada.

— É muito folgado mesmo! Não pense que pode forçar uma transa comigo. — Esmurrava a bunda dele enquanto ele procurava por algo no seu

bolso.

— Está machucando, caralho! — rosnou furioso sem parar a tarefa. Aquietei, espiando de cabeça para baixo o que raio ele pegava no bolso e foi um minúsculo controle e apertou o botão verde. Imediatamente a porta se abriu dando-lhe passagem à enorme suíte nobre, e logo acionou para fechá-la.

— Você pode me colocar no chão, agora?! — gritei, batendo nas costas dele com meus punhos cerrados. — Eu te odeio, Marcelo. Te odeio mais do que qualquer coisa nesta vida.

— Verdade? Porque eu não estou tão certo. — Andou comigo até minha bunda se chocar à parede. Gemi de dor pelo baque brusco, seus olhos não descolavam do meu rosto e eu, definitivamente, não conseguia desviar dos cinzas transparentes de desejo.

E me desceu pela superfície sólida, imprensando seu corpo contra o meu. Segurando em meus braços, selou seus lábios nos meus travados, forçando sua língua a entrar. Eu precisava resistir a isso e recobrar a minha dignidade, ou pelo menos um pinga dela. Só que não deu, entreabri cedendo ao ataque nada gentil naquele beijo de posse dado com raiva, eu acho! Sentia dor e prazer, o que fazia do momento mais gostoso.

Tremendo sob suas mãos, e ofegante, me rendia a sua língua dançando ferozmente provocativa em minha boca. Seu pênis duro como uma rocha encaixado no meio das minhas pernas, pulsava, exatamente como a minha vagina. Sentia contrações deliciosas com ela inundando minha calcinha, o tesão era enorme.

Assaltando meus lábios com fome, deliciando-se da minha essência, suas mãos deslizaram rápido pelo meu braço, pegando firme meu quadril me esmagando nele. Totalmente ao seu comando, fechei meus dedos ao redor da sua nuca puxando os fios com força de acordo com o que ele me provocava correndo seus lábios molhados por meu rosto até meu pescoço, mordendo e

distribuindo beijos a seguir, em total desespero. Lambia minha pele, voltando aos meus lábios, tragando forte a ponto de machucar, me deixando arrepiada. Uma mão desceu até o joelho e retornou apertando minha perna por dentro do vestido.

Gemi arqueando o corpo quando seu dedo afastou minha calcinha e deslizou pelo meu clitóris encharcado.

— Meu Deus! — rosnou desesperado em minha boca tremendo, afogado ao sentir minha intensa lubrificação. — Preciso experimentar ela.

Sua mão voltou ao quadril erguendo meu vestido até a cintura, deslizou os dedos ao redor do elástico da calcinha e puxou rasgando-a, e mais uma perdida para a conta. Eu só gemia na expectativa sabendo o que ele faria, ele era sempre uma surpresa previsível selvagem. E beijando com aquela força bruta, usando a parede para me escorar me subia nela, até minhas pernas abertas apoiarem em seu ombro e ele ter todo acesso.

— Que delícia! — rosnou estremeando.

— Seu maluco! — resmunguei num fio de voz totalmente entregue, entorpecida e segurando em seus cabelos com ele circulando o nariz por ali, roçando a barba cerrada e me dando um tesão surreal.

— Este seu cheiro é único, Carol! Único... — Sugou e passou a língua de forma lenta no pontinho sensível de prazer me levando à loucura.

— Marcelo! — gemi seu nome sem fôlego arrancando fios de seus cabelos, sentindo-me em chamas com as investidas a seguir. Ele a tragava como ninguém, tentando se saciar. Aí, eu pergunto: Como é possível não amar este homem, como? Não há como esquecer alguém que lhe proporciona prazer absoluto. — ISSO! — gritei com ela sendo introduzida de forma animalisca. — ASSI... — Pausei com os espasmos, as contrações me faziam contorcer. Maldosamente, sentindo que estava para um iminente orgasmo, segurou em minha cintura e foi me descendo, escorando minhas costas na

parede, deslizando os lábios molhados pelo meu ventre. Seus olhos enevoados de excitação cravaram nos meus quando meus pés alcançaram o chão, estava a ponto de cair devido às pernas molengas.

O silêncio era quase absoluto se não fosse nossas respirações aceleradas, pegou na barra do meu vestido e subiu tirando-o pela cabeça e agarrou meus seios sobre o sutiã tomara que caia de renda preto.

— Você tem mesmo certeza de que me odeia? — perguntou, cínico, apertando-os e olhando meus lábios entreabertos.

Mordi meu lábio inferior e fechei meus olhos imersa naquele desejo imenso, curtindo a carícia dura que sempre curti. *Não vou responder!* Ele retornou aos meus lábios, com outro beijo desesperado e suas mãos agressivas apertando meus seios deslizaram para trás abrindo o fecho do sutiã, deixando-o cair aos nossos pés, e as mãos desceram pela lateral do meu corpo e seguiram para trás, agarrando minha bunda me esmagando contra ele, abocanhando meus seios, mordendo os bicos intumescidos e voltando aos meus lábios.

Eu não suportava mais, queria o pau dele na minha boca, dentro de mim, queria tudo. Transformei-me em uma completa devassa. Sem pudor algum enfiei a mão entre nós, deslizando-a de cima a baixo no membro preponderante pulsando sob a calça.

— CARALHO! — rosnou naquela voz rouca trêmulo, juntando meus cabelos num rabo de cavalo e puxou com força arqueando minha cabeça para olhar em seus olhos, cheios de anseio. — Sabia que você não iria resistir. — Fiquei enlouquecida com aquele maldito comentário, e ele sabia disto. Curvou para meu pescoço e lambeu, beijou e passou a barba na minha pele me excitando muito mais. Fiquei totalmente inerte com os olhos fechados, ofegante. — Implore por ele que eu dou a você — sussurrou tortuosamente e

senti espasmos violentos. Ele riu discretamente, satisfeito. — Vamos lá, gata! Corrija seus sentimentos por mim.

— Eu te odeio! — balbuciei fechando meus dedos ao redor do seu pênis quase na textura de ferro e apertei com força, sem dó nem piedade não o obedecendo.

— Ah, caralho! — gemeu rouco me empurrando para baixo. — Eu vou deixar você saborear ele.

Caindo de joelhos na frente dele, tirei o cinto, abri o botão e descendo o zíper, ele já inalou muito ar para os pulmões na expectativa. Olhando-o, abaixava sua calça enquanto o membro grosso, longo e pulsante empurrava o tecido da boxer, a cabeça escapando pelo elástico. Segurando no cós da calça, cravei os dentes nele numa força medida, enquanto a descia até os joelhos. Deslizei os dentes da glândula até a base, sentindo a veia saltada, antes de tirar tudo e libertá-lo.

— Hum... — gemi vendo-o apontado para a minha boca, implorando para entrar nela.

— Safada, chupa esse pau todo, bem gostoso, vai, chupa tudo... — Com urgência, arqueou o quadril encostando a glândula em meus lábios entreabertos. Passei a língua ao redor e corri com ela até a base. E engoli suas bolas fechando meus dedos ao redor dele. — Ohhh... — Ele pirou e eu pirei pondo o que deu na boca daquela dureza gigantesca e gostosa.

Ele parou de respirar por um instante comigo o devorando, quase engasgando. Mantendo meus cabelos presos na mão, ele me ajudava no movimento sem perdermos o contato visual. Uma loucura deliciosa.

— Você não esqueceu como eu gosto, chupar me olhando diretamente nos meus olhos, muito gostoso. — Senti-o crescendo em minha boca quando, segurando em meu ombro, ele me ergueu buscando meus lábios num beijo intenso, o encaixando em minha vagina pegando fogo, esfregando-o ali. *Meu*

juízo evaporou! Embora devesse, eu não conseguia parar e remexia tentando encaixá-lo, necessitadíssima. — Precisa corrigir seus sentimentos, vai logo... — insistiu autoritário sussurrando em meus lábios.

Eu neguei de cabeça buscando sua língua em desespero, mas ele afastou-se me deixando no vazio.

De novo não!

— Não creio que seja correto transar com alguém que me odeie. — Fiquei olhando-o se vestir com aquela sensação de perda horrorosa. Aquele instrumento todo não cabia dentro da calça, suas mãos tremiam nitidamente enquanto tentava fechar o zíper com dificuldade e largou, deixando um pouco aberto; e, então, passando as mãos pelos cabelos desalinhados, ajeitando-os, caminhou lentamente em direção a porta.

— Brincadeira! — exclamei incrédula.

Ele deu de ombros me ignorando completamente.

O prudente seria deixá-lo ir. Mandá-lo à merda! Considerando a tal química que ainda existia entre nós que comentei, que ia além da atração física, e a minha intuição dizendo que ele estava na mesma sintonia que a minha. Mas até que ponto ela estaria certa? Enfim... Sabe aquela sensação de estar fazendo pré-julgamento, e errôneo?

Certa ou errada, eu não sabia distinguir, mas não podia ficar sem ele com meu corpo clamando, não antes de me satisfazer. Depois veria as consequências!

— Não! — disse já agindo impulsivamente, corri até ele e o puxei com força para mim pela sua gravata, o olhando fixamente em seus olhos escurecidos e concentrados. — Você não vai a lugar nenhum até terminar o que começou! — estabeleci absurdamente. E o que não era para acontecer, rolou.

Pude ouvi-lo respirar fundo antes de sua mão embrenhar nos meus cabelos.

— E quem disse que eu ia? — Puxando-me contra seu peito e me levando à doideira com seus lábios ardentes devorando os meus. Com o meu corpo todo arrepiado, eu quase arrancava os fios dos seus cabelos sobre a nuca na mesma intensidade enquanto os rodopios em meu estômago tornavam-se selvagens à brutalidade leve e deliciosa de seus lábios, os dedos de uma mão concentrando em meu núcleo excitado, e a outra mão grande e forte percorrendo em minhas costas nuas, pressionando-a contra seu peito. Sentia seu pênis rígido, prontinho para mim e morria de vontade.

— Eu quero você, agora! — supliquei em seus lábios cessando o beijo, afastando-me um pouco, e com as mãos tremendo abria os botões do paletó velozmente, em seguida da camisa. Ele estendeu os braços para trás e eu tirei sua roupa, deixei escapar um suspiro daqueles embebedada no seu forte peito apenas com a gravata. Não deveria me render tanto, mas quem disse que conseguia esta proeza? Mergulhei minhas mãos na pele sentindo seus músculos se contraírem com meu toque.

— Eu tinha uma vaga lembrança dele — menti. *Sou uma tola mesmo!* Eu tinha plena consciência do quanto ele era terrivelmente sexy. Com a boca cheia d'água não resisti, curvei passando a ponta da língua na pele arrepiada com um sabor de macho, inigualável.

Ele balançou respirando pesado.

— Sua mentirosa! — Puxou-me pela cintura e colocou nossas bocas e peito batendo descontrolados. — Vou te foder do jeito que curte e verá que eu sou o único que sabe realizar você completamente — avisou com voz rouca entrecortada.

— É necessário um preservativo, Marcelo! — Encontrando um resquício de juízo, resmunguei sem fôlego.

— Temos um? — murmurou.

Neguei movendo a cabeça, lembrando da bolsa esquecida sobre a cama do outro quarto.

— Sabe que pode confiar. Eu juro que está segura! E eu sei que também estou porque você é minha! — disse irritantemente convicto. *Metido!* Pior que ele estava coberto de razão.

Sem esperar nada dele, fechei os olhos me esquecendo do passado, de tudo, enquanto suas mãos me soltaram para tirar as calças e se livrou delas pelos pés... Me ergueu para seu colo, passei minhas pernas na sua cintura, e quase fui à loucura quando ele enfiou o pau em mim, preenchendo-me completamente, me apertando em seus braços, jogando-me para cima e para baixo na sua rocha de veias.

— OH, DEUS! — gritei passando as unhas por suas costas largas e fortes. Ele gemeu mordendo os lábios e colocou nossas testas penetrando fundo e mais fundo.

— Confessa que sou o único que sabe te foder bem — pediu na sua profunda voz rouca estocando sem dó e mais intenso. Fiquei totalmente preenchida com ele me empurrando para baixo e parou o movimento.

— Vai se ferrar! — Deixei escapar num gemido ofegante com ele tão fundo dentro de mim e mordi seu lábio inferior, estirando ao mesmo tempo que puxava seus cabelos, sem compreender o porquê exigia isso. Mas também não tinha como pensar sobre o assunto diante do tamanho do meu desejo, e dele também.

Ele entrou num frenesi descontrolado, jogando-me para cima a cada estocada com uma força incrível. A verdade era nua e crua: somente ele tinha o poder de me levar ao paraíso e trazer de volta. *Eu o amo e não é pouco!*

— Como pode ser tão gostosa assim? Caralho! — sussurrou tomando minha boca, engolindo minha língua, mordendo meus lábios.

Ambos suávamos e gemíamos abafado, quando deslizou os lábios molhados para meu queixo e mordeu; em seguida foi ao ombro, deu outra mordiscada ali, e então avançou alguns passos, jogando-me na cama e se deitou sobre mim, encaixando-se entre as minhas pernas sem penetração, apenas o encaixou de forma a ficar deslizando na minha excitação, tocando em meu clitóris e me fazendo perder o fôlego, judiando e com olhar estranho.

— Volta, por favor! — implorei sem aguentar mais, sentia fortes e dolorosas contrações.

Ele sorriu satisfeito.

— Gosto de ver você suplicando por ele — balbuciou vindo com seus lábios nos meus respirando pesado, e com a mão na minha vagina circulando totalmente por ela. Eu me contorcia enlouquecida, embaixo dele.

Ele torturava descendo os lábios, lambendo meus peitos, mordendo minha barriga e chegando nela, absorvendo-a, bebendo tudo de mim, até minha alma. Enquanto tragava minha vagina, eu amaldiçoava meu coração ali golpeando, todo acalorado e deslumbrado. Aquele gesto, além da sua presença, dava a entender que supriria tudo na minha vida e muito mais... Cheguei à conclusão que para resistir a ele, somente estando longe. *Preciso partir o quanto antes!*

— Nossa, você faz de mim um guloso mal-educado. — Dizendo isso, trilhou o caminho de volta até meu pescoço e tomou meus lábios em fúria, quase arrancando minha língua, me levando ao cume do prazer.

Que saudades eu estava de tudo isto, deste sexo ardente. *Meu Deus! Meu Deus!* Transar com ele era a morte, a prisão no calabouço, era um momento de realização e sofrimento eterno.

— Você é um cretino! — Suspirei espaçada com as recordações querendo se apossar, e seu gesto bruto não permitiu.

— Você curte este cretino, não é mesmo? — Brutalmente me virou de quatro, encaixando seu pênis e me invadiu, penetrando mais fundo com aquela força magnífica. — Tão estreita, tão deliciosa! — Ele gemeu doido colando o quadril na minha bunda e retirou lentamente, para arremeter animalesco.

— Ma... Isso, me fode gostoso... — Gemia gritando sem me importar se alguém ouviria no corredor. Esqueci completamente do Derek, Coitado! Aliás, o Marcelo era um porre de gostoso, eu me esqueci do mundo ao meu redor.

Afoito, ele aumentava os movimentos e bateu na minha bunda.

— Assim que você gosta, gata?

— Sim... Deussssss... — Acenei de cabeça mordendo meu lábio inferior. Como castigo, ele o tirou todo; de repente, ele estava mordendo a minha bunda com tanta força e voltou penetrando aquilo tudo, bem quente. — Gostoso demais. — Eu quase enlouqueci empinando mais para ele, que não se fazia de rogado, metia fundo sem clemência e delicioso como nenhum outro homem foi capaz. — Mete tudo, me faz gozar, Ma... — gemi.

— Isso, geme meu nome, vai, eu quero você gemendo meu nome. — Deitando sobre meu corpo, uma mão tocou meu clitóris e a outra amassava meu seio, sem machucar. — Geme meu nome, Carol, geme!

— Ma... — Não havia como negar ao pedido com o tamanho de prazer que estava sentindo, que ele me garantia. — Ma...

Tarado, pronunciava palavrões picantes e estimulantes com seu pênis crescendo e pulsando no fundo, causando uma sensação extraordinária, as contrações ficaram descontroladas, eu não conseguia mais raciocinar e atingi o orgasmo como nenhum outro. Tão intenso, tão esmagador... Seus braços ao meu redor me apertaram com mais algumas fortes estocadas, então afundou o rosto contra meu pescoço e segurou respirando forte.

— Eu preciso de mais um pouco — murmurou na pele úmida das minhas costas deixando-a toda arrepiada e arqueou o tirando, ainda muito duro. Um gemido involuntário escapou de meus lábios sabendo qual era a sua intenção. Travei a respiração quando ele enfiou um dedo no meu ânus, num movimento de vai e vem em preparação. Em seguida, enfiou o pau muito mais grosso, rasgando. Foi penetrando bem gostoso, masturbando meu clitóris, me fazendo querer mais. — Caralho, caralho, caralho! — Senti a língua quente, a respiração em meus ombros e mordeu levemente apertando-o bem fundo, até que ele não aguentou mais, tremeu totalmente antes de ejacular num urro intenso. — Nossa, Carol! — Ofegante, acariciou com a língua minha orelha, nuca, pescoço e saindo de mim, caiu sentado na cama me puxando para seu colo e se apoderando dos meus lábios. Um beijo mais ávido, diferente e assustador.

Afastei precavida.

— Espera!

— Calminha! — Ele prendeu meu rosto entre suas mãos, enrolando as pontas dos meus cabelos nos polegares mágicos e seus olhos cinzas cintilavam, enquanto investigava meu rosto. — Agora eu sei como é transar com alguém que me odeia — disse irônico. Até este sorriso dele era fodástico.

Revirei os olhos para o teto e fiquei com ele por lá.

— Tente não alimentar este ódio! — ilustrou atento em meu rosto. Fechei meus olhos indignada com sua cara de pau se fazendo de vítima antes de descê-lo, afrontando-o com uma porção de coisas a jogar em sua cara, e controlei a ansiedade.

— Deveria ter vergonha de sentar em cima do rabo. — Ele balançou a cabeça desentendido averiguando meu rosto, como se estivesse querendo extrair algo dele. — Sabe muito bem do que estou falando, de que este

sentimento não é gratuito. — Seus olhos baixaram, pensativos. — É um sentimento natural quando se é enganado. — Os olhos lindos ascenderam marejados. — Guarda muitos segredos, senhor Marcelo!

Um vermelho tingiu seu rosto e seus olhos perambularam aflitos pelo quarto antes de retornarem.

— Não há o que fazer a respeito! — Deu de ombros abrindo as mãos no ar. Afinal, ninguém é perfeito! — Existem alguns tipos de segredos que não valem a pena revelar porque não há como consertar ou apagar o passado sem machucar pessoas. — Tirando-me do seu colo, ele se levantou me deixando ali sozinha, desamparada, e arrependida por ter ido tão longe, mais uma vez.

— Está falando sério? Acha mesmo que não sou merecedora de saber a verdade? — Discretamente dava-lhe mais uma tentativa de confessar sua traição. Somente o silêncio reinou entre nós como se tudo tivesse acontecido como ele planejou.

Colocando as mãos nos quadris, abriu um sorriso frio nada convincente no rosto, antes de descer os olhos ao chão. E regressou após inalar muito ar aos pulmões.

— Não se trata de merecimento, Carol! Infelizmente, nem tudo é possível planejar nesta vida. É menos doloroso deixar os erros para trás. — Sacudiu a cabeça, nitidamente aborrecido. Um gesto questionador. — A dificuldade de reconstruir a minha vida foi imensa. — Ríspido, pegou suas roupas pelo chão. — Devemos seguir nossas vidas como fizemos que tudo ficará bem. Obrigado pelo sexo, como sempre. Adorei — encerrou num semblante amuado e intrigante seguindo para o banheiro. Sacudi a cabeça para não alimentar a esperança de enganos, apenas fiquei ali com meu coração partido em milhões de pedaços.

Você facilitou a minha vida! Recordar estas palavras ditas por ele naquele fatídico dia doía muito. Talvez eu tivesse facilitado mesmo ao ser flagrada

com Derek. Simplifiquei para ele me despachar, e certamente despachou a mulher grávida com o filho. Afinal, o que pensar disto tudo, se ninguém nunca a viu e nem comentou?

Qualquer uma, depois de passar pelo seu crivo, é despachada! A próxima será a ruiva, coitada!

Suada e grudando coloquei meu vestido, ajeitei meus cabelos com as mãos e passando a mão pelo rosto saí apressadamente do quarto. Atingindo o corredor, eu corria como uma louca, os degraus largos evitaram minha queda. Saí pela porta e peguei a rua arborizada do condomínio em prantos. Nunca senti tanto ódio de mim, como agora, nunca!

— É você mesma, Carolina? — Cláudia, uma amiga que não via há seis anos, freou seu carro de luxo ao meu lado.

— Oi, Cláudia — respondi soluçando, passando o braço pelo rosto, secando as lágrimas.

— Precisa de ajuda? — Erguendo as sobrancelhas bem-feitas, perguntou preocupada.

Assenti debulhando em lágrimas.

— De uma carona até a minha casa — pedi, lembrando que não estava com a minha bolsa.

— Entra aqui, eu te levo em casa — ofereceu destravando a porta.

— Obrigada — agradei e saí cambaleando, contornando o carro, e entrei.



Capítulo Oito

MARCELO

— O que eu vim cheirar aqui? — Curvado e com as mãos apoiadas sobre a pia de mármore preto do banheiro luxuoso com acessórios cromados, piso de mármore branco como a bacia e decoração elegante, indagava furioso a minha imagem refletida no espelho “pós-foda”.

Com a camisa ainda aberta, observei o vestígio do batom que os lábios da Carol deixaram registrado na pele do meu tórax arfante e no pescoço. Não consegui conter o meu coração fazendo a maior festa dentro do meu peito. *Que porra, coração!* Fechando os punhos, soquei a pedra dando as costas ao espelho.

Como era complicado manter este segredo, e a cada dia a nossa convivência se tornava mais difícil. Além de dar alimento ao sentimento de ódio que ela nutria hoje por mim.

Girei no calcanhar voltando ao espelho.

Precisa rever seus conceitos, Marcelo! Tomar o cuidado de não a ferir. Não é legal ela alimentar a ideia de que você se tornou um cafajeste. Porque deve ser assim que ela está julgando a minha atitude.

Fechei os botões da camisa e arregaçava as mangas analisando-me profundamente.

— Presta atenção, Sr. Marcelo D’Ávila! — dizia a mim mesmo, apontando o dedo indicador para espelho. — No seu caso, não há alternativa,

caminhos alternativos. Existem apenas duas portas a serem atravessadas, e ambas você se deparará com a intolerância.

Fechei meus olhos pensando no estrago que faria revelando o segredo que não era somente meu. E agora meus problemas duplicaram; quanto mais tentava acertar, mais errava envolvendo mais pessoas e me enroscava. Melhor ela nunca saber, sofrerá menos.

De qualquer forma, precisava planejar, montar uma estratégia e tirar um dos problemas da frente, para depois pensar no passado novamente.

É isso, Marcelo! Por enquanto só lhe resta ficar longe, evitar o contato, só assim será capaz de resistir aos encantos dela. Aliás, ela ressaltar o ódio por minha pessoa veio a calhar. Nem sei o que pretendia forçando-a a mudar de posição. Se saísse um “eu te amo” daquela boquinha linda eu me acovardaria, com certeza.

Tirei a gravata colocando-a no bolso, vesti o paletó sem abotoar, esfreguei a mancha de batom evidente no pescoço. Resistente, desisti e saí do banheiro, passando pela sala da banheira de hidromassagem com iluminação especial e piscina aquecida e segui para o quarto.

Amplamente e elegantemente decorado, estava ainda mais com o perfume da Carol. Aspirando profundamente, peguei no chão sua echarpe e o que já foi uma calcinha, levando ao nariz, aspirando densamente seu cheiro delicioso, e saí do quarto.

— E aí, Marcelo? — Um dos integrantes do time do Derek me cumprimentou. Ele vinha pelo corredor abraçado a uma gostosa à procura de algum quarto.

Já na sala ainda lotada de gente dançando, deparei-me com o Derek segurando a bolsa da Carol e olhando em torno, e estreitou os olhos desconfiado, ao me ver descendo as escadas. O Bernardo chegava perto dele neste momento.

— Por acaso, você viu a Carol? — O tom de voz seco do Derek fez Bernardo arregalar os olhos, apreensivo. Afinal, ele me deu a chave na surdina.

O que pretendia fazer não tinha nada ver comigo, entretanto precisava deixar claro para este imbecil parar de investir nela.

— Vi sim. — Troquei a calcinha de mão escondendo-a e estendi apenas a echarpe. — Caso a encontre antes de mim, faça o favor de entregar a echarpe, ela esqueceu no quarto.

Seus olhos faiscando travaram no meu pescoço, decerto a marca do batom despertou sua atenção.

— Seu idiota! — Avançou quando a mão grande do Bernardo espalmou em seu peito.

— Não quero confusão na minha festa — impôs com autoridade, fazendo o outro recuar.

— Você a destratou? — quis saber, me desafiando.

Sacudi a cabeça, rindo debochando.

— Pelo contrário, dei a ela o melhor!

Novamente ele veio, e o Bernardo segurou.

— Ei, ei...

Acenei de cabeça, rindo cínico.

— Precisa se convencer que a Carol prefere a mim, cara! Ela é minha, e veja se coloca isto na sua cabeça oca. — Pisquei e dei-lhe as costas, andando apressado em direção a saída.

Pensei em ligar para Tiago e avisar que já estava indo, e não o fiz evitando o caminhão de questionamentos.

Meus passos pesados de nervoso quase trituravam o concreto da passarela. A madrugada de céu estrelado e a brisa até fresca, não serviam como alívio ao meu corpo em ebulição devido ao coração aquecido, causando frequentes

calafrios na boca do estômago. *Que droga! Por que eu tinha que envolver a Uchoa na minha vida, por quê? Agora como posso suportar a presença dela sem me envolver, como?*

Asfixiado, antes de entrar no carro, respirei. Erguendo um pouco os ombros, engoli mais ar e, ao ligar o carro e sair voando dali, eu abaixei o vidro da minha janela. Nem assim o ar fresco batendo no meu rosto, bagunçando meus cabelos resolveu.

Fui extraído do momento incrível que passei com a Carol, com o toque do meu celular no bolso interno do paletó.

— JUSSARA? — falei em voz alta preocupado por ser duas da manhã. Tirando o pé do acelerador, reduzi a velocidade do carro, em seguida atendi no viva-voz.

— *Está tudo bem por aqui!* — garantiu, deixando-me confiante. — *É que depois da nossa última conversa, não paro mais de pensar em você. Estou muito preocupada com a sua situação.*

— Eu estou bem — menti.

Ela riu, duvidando.

— *Para mim você não precisa mentir. Eu sei que nada anda bem, não queria ser um fardo na sua vida.*

— NUNCA MAIS DIGA ISTO! — Meu tom de voz saiu mais alto do que previa. Ela soluçou chocada. — Desculpa falar neste tom contigo, Ju! Você e a Yasmim estão longe de serem fardos na minha vida. Ao contrário, trouxeram um novo sentido a ela, um destino inesperado, confesso! Mas vocês são tudo o que precisava na bagunça que transformou a minha vida, obrigado!

— *Tenho pena da Carol* — insistiu ela.

Eu baixei meus olhos.

— Não me sinto feliz com tudo isso! No entanto, fiz a minha escolha e acredito que tenha sido a melhor, inclusive para ela.

— *Será?*

Respirei fundo sem ter a resposta para sua questão.

Ela riu carinhosa.

— *Tudo bem, Marcelo!*

— Em breve já teremos uma solução, tá?

Ouvi seu riso explosivo e contagiante do outro lado da linha.

— *A ansiedade me define!* — disse ela no momento em que passava na alameda da casa do meu pai. Franzi o cenho ao ver o carro do Wesley ao lado do carro do Tiago na garagem. Desisti da cobertura e engatei a ré, descendo a rampa íngreme da garagem.

— *Vou deixar você descansar agora. Um beijo!* — disse ela no momento em que descia do carro e acionei o controle travando as portas e segui em direção ao elevador panorâmico ao fundo, que levava ao hall.

— Outro, linda! — Desliguei entrando no elevador.

Na sala, recebendo apenas a iluminação das estrelas atravessando os vidros, me deparei com Wesley deitado no confortável sofá creme de barriga para cima, e as pernas sobre o largo braço com os olhos pregados na parede de vidro para a área gourmet, apenas as luzes néon azul da piscina acesas.

— Espero não estar atrapalhando — disse com escarninho acendendo a luz. Ele e todos sabem que minha mãe sempre odiou que as pessoas deitassem em seu sofá.

Ele apenas virou de bruços, apoiando o queixo no braço para me olhar. Os cabelos curtos e ruivos bagunçados.

— Imagina, primo! Só estava aqui pensando na vida. — A calma na sua voz era de fato intrigante. Segui até ele e, suspirando, deixei-me cair sobre o sofá, ele apenas encolheu as pernas dando-me espaço. *Cara folgado!*

— E você, melhorou?

Ele suspirou e se sentou, pendendo a cabeça cobriu o rosto liso de sardas com as mãos.

— Mais ou menos. — Subindo as mãos ao cabelo, os olhos castanho-claros fixaram em meu rosto. — A fase é complicada, mas os médicos me animaram. Estou seguindo à risca com os medicamentos.

Cerrei meus olhos com pesar, e levei a mão em sua perna.

— Vai ficar bem. — Pressionei meus dedos levemente em sinal de força e me levantei ficando de frente a ele ali sentado. Olhar triste pra caramba. Olhar de tocar o coração da gente. — Na segunda, vejo se consigo encaixar você em algum departamento da empresa.

— Da Uchoa? — ele perguntou todo entusiasmado.

Torci a boca, contrariado.

— A princípio, na D'Ávila!

Ele fez biquinho distanciando o olhar, refletindo.

— Acredito que serei mais útil na Uchoa, sendo que a D'Ávila já é uma empresa superorganizada.

Ri orgulhoso da explanação. Uma coisa que prezava na minha vida era a organização, pena que na vida pessoal, eu não tive como controlar.

— Obrigado! — agradei com sinceridade.

Ele sorriu simpático e ansioso por minha resposta.

— Não posso garantir uma vaga na Uchoa, mesmo porque, ela está em fase de reestruturação.

— Estou a par, o Tiago me contou.

Acenei de cabeça.

— A minha formação permite ajudar você na organização. Serei de grande valia, até mesmo porque, você precisa de alguém de confiança quando está fora. Sei o quanto a D'Ávila exige seu tempo. — Esta manipulação com

as palavras era um atributo digno de admiração. Ele venceu na vida aplicando em seu cotidiano. Que ele era competente, não podia negar. Entretanto, o interesse era discutível.

— Vou pensar a respeito — prometi, sorrindo frouxo. Ele notou meu desinteresse.

— Eu prometo dar o melhor de mim — insistiu.

Imagino!

— Ok!

— Assim que eu estiver trabalhando, alugo um lugar para ficar.

Dei de ombros.

— Fique o tempo que necessitar — ofereci. — Meu pai está fora, eu também pretendo passar uns dias na minha cobertura.

— Obrigado de verdade, primo.

Estalei a língua antes de responder:

— De nada.

E segui em direção as escadas, subindo de dois em dois degraus, pegando o Tiago imprensando a Susana na porta do meu quarto e a mão na maçaneta pronto a abri-la.

Ele saltou para trás ao me ver no corredor.

— Pensei que tivesse ido para sua cobertura — pronunciou meio sem jeito.

O meu quarto era o privilegiado com a linda vista do bairro todo, sem contar o amplo terraço. Susana sorria fraco, ajeitando o vestido dourado no corpo, que, aliás, estava magnífico com a pele morena.

— Esta era a ideia — disse me aproximando. Sorte que tive um estalo. — E no caminho me lembrei de que esqueci a maleta com os documentos da Uchoa aqui. — Ambos escorregaram para o lado, abri a porta e entrei. — Vou só pegá-la e vocês podem ficar à vontade.

— Valeu, mano! — agradeceu Tiago parado no corredor ao lado da gata.

Dali segui direto para a minha cobertura, guardei alguns documentos importantes no cofre em meu escritório, tomei um banho frio e rápido para tentar relaxar. Vesti uma boxer branca e, voltando ao quarto, me joguei de barriga sobre o colchão.

O problema era a ansiedade perturbadora, dificuldades demais me faziam sentir pregos em meu abdome e saltei indo para o amplo terraço da sala. Deitei na espreguiçadeira e com as mãos debaixo da cabeça, fiquei ali meditativo, contemplando o horizonte noturno, as luzes, acho que procurando uma solução. *Desfazer a negociação com a Uchoa é uma delas!* Fechei meus olhos com força sabendo que não.

O vento gelado bateu e tremi de frio desviando dos meus devaneios. Respirei fundo, juntando ânimo para levantar e voltar para o meu quarto, mas não deu. O sono venceu qualquer desconforto, fiquei ali mesmo.

Depois de sonhar com um amasso gostoso com a Carol, despertei com o sol batendo no meu rosto, o pau duro e uma dor intensa pelo corpo devido as horas prolongadas de sono ao relento escolhido. “Merda!”, praguejei saindo da espreguiçadeira e segui para o banheiro. Sabadão, sem nada para fazer, uma exercitada na academia seria uma boa pedida. E resolvi estender a manhã ensolarada e correr pelo bairro, muito comum os moradores fazerem isto por aqui.

— Marcelo? — Embora baixa, eu reconheci a voz da Ingrid. Ali, na calçada da avenida principal e movimentada do bairro, meu corpo todo transpirando exageradamente devido à quantidade de líquido que tomei nestas quase duas horas de corrida alternadas com caminhadas.

Soltei o ar forte quando parei e girei no calcanhar. Ela estava muito bonita usando óculos de sol grande, uma calça jeans clara e justa e uma blusa de

alcinha soltinha, com uma leve estampa alaranjada, combinando com os cabelos e a bolsa elegante os ombros.

— Oi! — respondi ofegante, retornando, e notei que estávamos em frente ao shopping. — Desculpa não beijar você — expliquei com as mãos no quadril.

— Fica tranquilo! — disse ela, como sempre, condescendente. — É bem estranho encontrar você por aqui correndo, achei que depois de tantos eventos dormiria até mais tarde.

Acenei de cabeça passando o braço na testa a fim de secar o suor.

— Eu deveria estar dormindo neste instante se não fosse o descuido de dormir no terraço da cobertura e acordar com tudo dolorido.

Seu queixo caiu.

— É sério?

Assenti, respirando fundo.

— Com aquela cama confortável no quarto? — Balançou a cabeça me repreendendo. — Também, só assim mesmo para apreciar a natureza ao redor do bairro belíssimo, planejado e seguro.

— É fato — respondi sentindo minha boca seca, aliás, sequei a garrafa de água.

— Bem, vou deixar você se exercitar, vou comprar algumas coisinhas aqui no shopping.

— A gente se vê em breve! — Pisquei e saí caminhando. O único estabelecimento mais próximo ficava do outro lado da avenida. Aguardei o farol fechar ao qual não foi minha surpresa, o primeiro veículo preto de luxo que parou no farol foi o da dona Viviane, com a Carolina conduzindo e sua mãe ao lado. É aquele velho ditado: “Se você quer se esconder de alguém daqui, não perambule pelo bairro”.

Nossos olhares se cruzaram e permaneceram assim durante um instante, instante que senti meu coração bater mais forte, os músculos doloridos da noite maldormida ficarem mais tensos, e o suor intensificando.

As buzinas insistentes dos carros atrás do dela me despertou, o farol abriu que nem notei. E o carro saiu cantando pneus.



Capítulo Nove

CAROLINA

Com o coração batendo a mil dentro do peito, eu agarrei o volante. O peitoral bronzeado esculpido dentro da regata branca brilhava pelo suor, não queria, porém eu o olhava suspirando e amando o que via.

Como ele podia ser tão sedutor me olhado deste jeito?! Lindo e extremamente sexy.

O farol abriu, suspirei cansada e dei de ombros voltando a minha total atenção para o trânsito. Não havia meios de ignorar este homem, sentindo toda esta profunda afeição por ele.

Só que precisava me desligar, desconectar-me dele, principalmente depois de ontem.

Bufei irritada e minha mãe notou. Pelo canto dos olhos notei sua observação.

— O Marcelo deve ter aprontado feio para você ter ido viver longe daqui — comentou e olhou para a pista à frente, interrogativa.

— Não quero falar sobre ele — soltei ríspida, focada.

Ela inalou muito ar e soltou tudo muito rápido antes de prosseguir:

— Vi que você chegou em casa aos prantos ontem. — Suspirei, apertando os lábios e segurando o choro. Só de pensar nas palavras vagas dele, me destruía por dentro.

Uma quase rejeição que não foi nada fácil de enfrentar! Bem feito para mim, não estou inocente, ele chegou com aquela linda mulher esfregando na

cara de todos, portanto eu estava ciente dos meus atos. Uma completa idiota apaixonada.

— Acredito que o doce do Derek jamais faria você chorar daquele jeito, então presumo que todo aquele sofrimento tem a ver com este maldito Marcelo.

Considerarei a expressão exagerada.

— Não fala assim dele! — pareceu uma defesa, e talvez fosse mesmo. Sei lá... Impossível discernir, quem conviveu de fato com o Marcelo sabia o quanto seu coração era grande, aliás, faço a ininterrupta pergunta: onde aquele Marcelo foi parar? Aquele cara justo? Sabe aquela pessoa que nunca pensa em si? Não compreendo como a mudança fora tão radical. A traição talvez tenha sido um lapso, um deslize, embora não merecesse o meu perdão, tinha que ver a parte boa de tudo isto. E outra, a entrega dele no ato sexual estava longe de ser superficial, a química que sempre existiu entre nós permanecia intacta, seu beijo continuava o mesmo, tirava o meu chão. Devia existir algum sentimento para tudo se encaixar tão perfeitamente.

Eu estava confusa, mas, apesar dos pesares, ele continuava sendo especial para mim.

— Ah, minha filha! — Sua mão veio ao encontro da minha no volante. — Ainda é terrivelmente apaixonada por ele.

Endireitei o corpo e virei a cabeça quando parei no farol ao ouvir sua conclusão, revoltada comigo. Eu poderia sentir, mas jamais deixar transparecer parecendo uma traidinha idiota.

— Que apaixonada, o quê?! — vociferei para assumir a postura de indiferente. E saí com o carro com o farol abrindo e fiz o balão, contornando a avenida. — Vou dar uma passadinha no shopping, preciso de algumas peças íntimas — disse e me arrepiei recordando os momentos que o Marcelo, repleto de tesão, arrancou as calcinhas do meu corpo.

— Tenho todo o tempo do mundo para você, querida — disse esticando o pescoço, olhando no retrovisor ajeitando os cabelos lindos de tanto que brilhavam. — E estou feliz com o seu retorno a Uchoa, agora tenho esperança daquela empresa voltar a ser o que era, só precisa ser firme com o Marcelo, mostrar para ele quem a comanda. Seu pai sempre acreditou no seu talento empreendedor, sabia?

“Ferrou! A dura e crua realidade que fico engessada com ele por perto.”

Apenas assenti, pensando que o certo era abandonar tudo, não estava certa se conseguiria bater de frente com o Marcelo nutrindo sentimentos tão profundos por ele. Eu era uma presa fácil e ele estava ciente, além de tirar proveito da situação.

— Como pretende colocar ele para fora? — Aquilo parecia mais um desafio do que uma pergunta. Enfim, optei por não estender, evitando discussões.

— Vou me empenhar em tirar a empresa do buraco, depois o chamo para conversar e faço uma oferta digna.

Ela riu duvidando, e eu não a compreendi.

— O fato de ele ter pagado um valor surreal demonstra que, na conversa, não terá acordo algum.

— Acredita que ele fez isto apenas por vingança?

Ela abanou o ombro, olhando a janela e permaneceu por lá até que soltou o ar, exausta.

— Não duvido de nada.

Voltei a concentrar-me no trânsito, refletindo sobre o tema vingança. De fato, quando me vi naquela reunião surpresa, cega de ódio e ressentimento pensei sobre isto. Depois, analisando melhor e o conhecendo como o conhecia, me custava crer que ele estava nessa por vingança. Ele podia ser um cretino, imbecil, metido, mulherengo, mas não injusto. *Ainda resisto em*

crer fielmente que ele foi uma fraude na minha vida. De qualquer forma, era melhor me esforçar para arrancá-lo do meu peito o quanto antes.

Vou me concentrar apenas na empresa!

Peguei o telefone no console do carro e disquei para o número do celular da Adrianna Oliveira colocando o fone no ouvido. Como eu, ela era forasteira lá em Brasília. Natural de Florianópolis, Santa Catarina, nos conhecemos no curso de pós-graduação em Brasília. Morando sozinhas e sem família, acabamos nos tornando amigas, seu jeito de mulher livre, e de bem com a vida, me cativou, fez meus dias melhores. Divertíamos-nos muito nas noites. E por fim, ela acabou vindo trabalhar na Group Uchoa, hoje meu braço direito, uma pessoa de confiança, que cuidava da minha empresa impecavelmente. *Uma grande e admirável executiva!*

— *Espero de coração que o papai esteja bem!* — ela falou, preocupada.

— Graças a Deus, ele está bem sim — respondi de imediato para acalmá-la —, no seu silêncio confortável.

Ouvi sua respiração pesada.

— *Assustei-me com a ligação por se tratar de um sábado.*

Ri, concordando. Além de funcionária exemplar, era também uma boa amiga. Trocávamos confidências o tempo todo.

— Só liguei mesmo para lhe pedir um favor! — falei entrando no estacionamento lotado do shopping.

— Tem uma vaga lá no fundão, filha — avisou minha mãe, apontando à frente. Acelerei o quanto pude para não perder a vaga, acho que era a única.

— Então Dri, preciso que fique à frente da Group Uchoa por mais algum tempo. Resolvi permanecer por aqui cuidando da empresa do meu pai.

— *Vou cuidar de tudo como se fosse minha, pode ficar sossegada e resolver tudo por aí. E espero poder conhecer sua família qualquer final de semana deste.*

— Com certeza! Vamos marcar, ok?

— *Tudo bem, amiga. Boa sorte por aí.*

Fechei meus olhos inspirando profundamente e segurei enquanto deligava o motor do carro ao entrar na vaga. *Vou precisar de muita sorte!* E aspirei de uma só vez.

— Obrigada!

E desliguei. Minha mãe já abria a porta do carro.

— Preciso comprar aquela cola de tecido grosso, inventei de fazer uma cortina especial para o quarto do seu pai — informou quando entramos no shopping. — Só um minuto que já volto.

— Te espero na loja de lingerie.

— Ok — respondeu ela e saiu rapidamente. Eu peguei o corredor contrário.

Como todo shopping neste sábado, a loja de lingerie se encontrava superlotada.

Bufei desapontada assim que cruzei a porta e olhava ao redor analisando se daria ou não meia volta, e minha mãe chegou me entregando o pacotinho.

— Guarda na sua bolsa, por favor! — solicitou varrendo os olhos entorno. — Pelo número de clientes, deduzo que esteja tudo em promoção, vou aproveitar e renovar meu guarda-roupa — disse ela animada e já entrou apressada me largando ali na porta.

Na verdade, repensava ainda se entraria ou não em meio a todo aquele tumulto, ver o Marcelo logo pela manhã, depois do ocorrido de ontem, arrebentou com a minha autoestima. E piorou quando meus olhos chegaram ao provador com a cortina aberta no fundo, do lado direito da loja. Apenas trajando um espartilho preto, aquela linda e exuberante mulher ruiva fazia questão e podia se exhibir com o seu fascinante e irritante corpo escultural. *Ela devia dar até umas horas para o Marcelo.* Girando sensualmente aquele

corpo impecável em frente ao espelho, empinando aquela bunda perfeita, toda graciosa, recebia elogios das vendedoras e olhares invejosos da mulherada do recinto.

Decerto era uma cliente em potencial. Mentalmente, eu xingava aquela mulher de tudo quanto era palavrão. “VACA!” foi a última ofensa.

De repente, o pique retornou. Motivada, pensava numa maneira de sair daquele poço de ciúmes, antes de me afogar nele.

Quando ela voltou a fechar a cortina, eu peguei uma peça de roupa qualquer e entrei no provador ao lado, ouvindo sua conversa ao telefone.

— *Oh, meu querido!... Encontrou, foi? Legal... Está se exercitando para mim, é?... E, está todo suadinho, hum... delícia!* — respondia com malícia. Sabia que se tratava do Marcelo. — *Exatamente, querido. Inclusive, estou aqui comprando uma roupa especial para você tirar com os dentes, amor!... Hummm... já estou ficando molhada! Saindo daqui, corro para encontrar contigo, gato! Até então. Beijos.*

Ela desligou e notei quando colocou a cabeça para fora do provador.

— Será que já posso sair vestida com este espartilho.

— Fica à vontade, dona Ingrid.

Ingrid! Nome de vagaba mesmo. Ironizei revirando os olhos, a visão ofuscava e me deparei com a calça jeans clara ali dependurada na divisória. A luz da maldade acendeu dentro da minha cabeça, maquiavélica, lembrei-me da cola da minha mãe; se colava tecido grosso, imagine o que faria em um tecido delicado como o do espartilho? Soltava aquele risinho sinistro, enquanto peguei rapidamente dentro da bolsa e puxei a calça. Com o bico aplicador coloquei o produto na parte interna da bunda, espalhando o máximo para não ficar tão úmida.

Quero só ver o Marcelo tirar o espartilho com os dentes, queridinha!

Quando ela puxou a calça, saí correndo do provador, e procurei minha mãe pela loja. Ela parecia uma doida pegando tudo quanto era peça.

— Larga tudo e vem comigo, mãe! Precisamos sair rápido daqui. — Segurando em seu braço, quase a arrastava pela loja em direção a saída.

— Que bicho te mordeu, Carolina? — protestava ela, sem entender.

— Lembrei-me de um compromisso urgente — menti.

Eu parecia uma fugitiva da lei, nunca corri tanto e forcei a coitada da minha mãe. Ela se jogou dentro do carro sem conseguir respirar.

— Desculpa, mãe! — Liguei o carro imediatamente e saí na mesma rapidez. Para não ser associada ao delito com a tal Ingrid. Ninguém poderia me ver por ali.

— Realmente este compromisso deve ser importantíssimo para tanta pressa.

Sorri sem graça.

“Que pessoa horrível é esta, Carol?”, repreendia a mim começando a ficar arrependida com a minha atitude infantil. Mas não adiantava mais, a cagada já fora feita.

Todo o percurso até o meu condomínio foi no silêncio absoluto refletindo no porquê de não agir pelo impulso naquele dia com a mulher grávida, como fiz na loja? Talvez pelo medo de ser trocada e sair desta história como traída. Orgulhosa como era na época, não suportaria. *É aquela velha história: o fator surpresa, a gente nunca sabe qual será nossa reação diante do perigo!*

Apesar de tudo, eu admirava o Marcelo, respeitou a minha condição de traída perante a sociedade. Agora, a pergunta que não se cala: o que teria acontecido neste relacionamento? Porque ele existiu, claro! Ele simplesmente sumiu do mapa deixando claro que o rompimento era o seu objetivo, e nunca ouvi falar desta dita cuja e filho.

Pensar demais enlouquece, Carol! Pense nisso!

Esta frase virou um mantra, foi como o Marcelo disse naquele dia antes de terminarmos. *Tem coisas na vida que não há como mudar!* Ele tinha razão: arrasou a minha vida. O trabalho sobrepôs à mente ociosa. Balancei a cabeça para dissipar os pensamentos, acabara de cruzar a portaria e notei minha mãe olhando a paisagem pela janela, sua respiração acelerada.

— Você está bem, mãe? — perguntei segurando em sua mão sobre sua perna, percebendo-a gelada. Ela assentiu sem voltar o rosto.

— Apenas matutando um pouco da vida — balbuciou com voz embargada.

— Está chorando, mãe?

Ela suspirou profundamente e vi seus olhos umedecidos.

— Estou aqui me perguntando por que a vida tem de ser tão difícil assim?

— Fechando os olhos, mordeu o lábio inferior cortando o meu coração. — Sinto tantas saudades da voz do seu pai! — declarou.

— Eu também, sabia?

Ela baixou os olhos entristecida, como eu ficava.

— Eu ainda não pedi desculpas por ter aceitado, junto com o Guilherme, o acordo do contrato de venda da Uchoa. — Respirou fundo no momento em que entrei na garagem de casa. Ela esperou eu estacionar para continuar: — Eu não fiz por mal, eu juro! — Pegando em minha mão, apertou-a a ponto de doer. — A única intenção foi de ajudar o seu irmão a prosperar nos negócios dele.

Assenti comprimindo os lábios e curvei tomando-a em meus braços.

— Eu sei, mãe... — sussurrei ao seu ouvido, correndo minhas mãos pelas costas trêmulas.

— Só depois da confusão toda é que caiu a minha ficha, lembrei o quanto a empresa era importante para o seu pai. Ele sempre sonhou em passar o comando a você, ele confiava no seu potencial.

Rindo saudosa, afastei moldando seu rosto lindo entre minhas mãos.

— Eu não tenho a capacidade daquele gênio.

Ela riu comigo.

— Seu pai era um velho inteligente, mesmo! — disse ela, orgulhosa. — Sempre dizia que um dia criaria o medicamento mais revolucionário do mundo. Lindo!

Baixei meus olhos sem conseguir conter as lágrimas, elas pingavam sobre minhas pernas, molhando e muito a minha calça branca.

— Eu ainda tenho esperanças de que ele irá despertar e terá tempo o suficiente de colocar tudo que há de melhor dentro de sua cabeça para fora, em prol da humanidade.

Ela ria e chorava ao mesmo tempo sacudindo a cabeça de cima para baixo.

— Deus te ouça, querida! Eu amo aquele velho de verdade — declarou com força e segurou em meu rosto pressionando os lábios úmidos e quentes em minha bochecha. — Ele foi tudo na minha vida e continuava sendo, e desejava muito dizer isto pessoalmente.

— Pois sussurre em seu ouvido, eu tenho certeza de que ele pode nos ouvir.

Ela riu alto.

— Eu faço isto todo santo dia, minha filha — afirmou, abriu a porta do carro e desceu junto comigo.

Senti-me péssima ao deparar com o Derek ali, todo esparramado no sofá da minha sala, os braços abertos sobre o encosto e sobre seu colo, minha bolsa, que deixei sobre a cama e a echarpe esquecida no quarto do Bernardo. Os olhos verdes puxados semicerrados completavam, na expressão interrogativa. *Ferrou!*

— Oi, Derek! — murmurei.

Minha mãe olhou desconfiada e abriu um sorriso falso indo até ele.

— Caiu da cama, querido? — disse ela curvando para beijar a face barbuda.

— É complicado conseguir dormir quando se descobre que se fez papel de idiota — proferiu seco, sem perder a conexão visual comigo.

Sem graça, minha mãe se endireitou.

— Vou deixar vocês conversarem. — Piscou passando por mim e subiu as escadas.

— Estou aqui apenas para cobrar a razão pela qual saí do meu quarto e foi cair nos braços do Marcelo, me deixando que nem um bobão depois de ter me convidado para um encontro mais íntimo.

Engoli duro sem saber o que dizer, ele levantou num ímpeto vindo em minha direção, ali no meio da sala, parando a um centímetro. Estava muito amedrontador.

— Não foi por minha vontade, eu juro! — dizia com a cabeça arqueada o encarando. — O Marcelo me jogou no ombro e me tirou de lá à força. Eu fui literalmente raptada! — tentava explicar quando ele, indignado, soltou um riso raivoso. Dando-me as costas, andou alguns passos oferecendo a distância necessária para eu respirar mais tranquilamente. — Precisa crer em mim — insisti, preocupada em magoá-lo.

Ele girou no calcanhar me fuzilando.

— Transou com ele?

Titubeei surpresa, arregalando os olhos à sua cobrança. E balançava a cabeça levemente “Ai, Jesus Cristinho! O que eu respondo?”, implorava totalmente perdida.

— Dizem que o silêncio consente. — Balançou a cabeça desapontado e fechou os olhos por uma fração de segundos. — Não precisa confirmar o que já sei. Seu batom estava por todo o pescoço daquele imbecil.

— Estou arrependida! — confessei, afinal não podia negar o inegável.

Ele esfregava a mão pela barba até o queixo me fitando de um jeito estranho e ergueu as sobrancelhas.

— Eu acredito que algo de muito grave aconteceu no passado para você e o Marcelo romperem. — Estendeu a mão quente, acariciando o meu rosto. — Só que agora as coisas mudaram, vocês se tornaram inimigos nos negócios! — Balançava a cabeça revoltado. Senti um baque no peito, como se um murro acabasse de acertá-lo em cheio e solucei disfarçadamente, acabada. — Puxa! Você é uma mulher especial e merece o melhor, e o melhor não é o Marcelo. Já pensou que talvez ele esteja se aproveitando da sua fragilidade emocional para dar o bote, conseguir convencê-la a ceder sua parte na Uchoa?

Distanciei meus olhos me odiando. É claro que ele estava com a razão!

— Olha! — Segurando os dois lados do meu rosto, seus olhos cintilantes perambulavam insistentemente. — Não se trata de pressão, tá? Só estou questionando o fato de alimentar esperanças e simplesmente cair fora sem dar qualquer satisfação. Ok?

Senti todo o sangue do meu corpo subir ao rosto – ele ardia e não era pouco – muito envergonhada.

— Perdão! — Abracei-o forte, que retribuiu com muito carinho.

Corria as mãos grandes por minhas costas nuas com a frente única em tom salmão, antes de afastar e beijar minha testa levemente.

— Preciso ir ao treino do jogo.

Assenti e ele caminhou apressado em direção à porta, eu me esparramei no sofá para refletir sobre todas as merdas que andei fazendo. E cheguei à conclusão que não sairia de casa até segunda, e prometi a mim mesma que mudaria a minha forma de agir a partir de agora.

Já que não abriria mão da empresa e lutaria por ela com unhas e dentes, então teria que mudar a minha postura perante o Marcelo.

Se ele pensava que ia continuar com este joguinho de sedução, estava completamente enganado. Ele não perdia por esperar.

Nunca mais você colocará as mãos em mim. Nunca mais!



Capítulo Dez

MARCELO

— Como acha que podemos vencer a final do campeonato faltando nos treinos? — cobrou-me Tiago assim que puxei a cadeira para o desjejum. Nem questioneei ao vê-lo de pijama: regata branca e um samba canção moderno e estampado. Notei pela fresta da porta aberta a Susana deitada na minha cama, quando passava no corredor.

A mesa do café foi posta na parte externa, com a agradável vista para toda a área gourmet rodeada por um jardim superbonito, decoração também da minha mãe.

— Olha só quem fala! — insinuei propositalmente. — Já estou ciente da ocupação do meu quarto durante todo o fim de semana.

Ele riu safado, servindo-se de uma generosa xícara com café.

— Craque não precisa se matar! — esnobou.

— Metido! — rosnei meio bravo e sentei. O calor ameno e afável se tornou insuportável vestido no terno preto, a camisa branca sem a gravata, e os primeiros botões abertos, não refrescava nada. — Mas sexo em excesso pode deixar sequela, mano. — Em seguida, estiquei as costas doloridas na madeira do encosto tentando sair daquele desconforto por ter dormido mal pra caramba esta noite, escolhi o quarto com a pior cama da casa.

— Conheci muitas mulheres interessantes, mas como a Susana, nunca! — precavido, cochichou olhando além da porta de vidro para o interior da sala.

— Não é somente de coração que a mulher é fera, na cama é uma predadora e das perigosas!

Acabei rindo do comentário.

— É um felizardo, mano. A Susana não sai com qualquer um. Conheço caras que investem nela desde a adolescência.

Apreensivo, ele franziu a testa e apalpou o vidro da mesa.

— Você, por exemplo? — Os olhos verdes brilhavam cravados em meu rosto, indagadores.

Neguei de cabeça de imediato.

— Mesmo que tentasse, perderia meu tempo, ou se esqueceu da amizade dela com a Carol? — lembrei-o deslizando a faca, espalhando manteiga num pedaço de pão. Ele curvou a cabeça de lado, ponderando. — A Susana é uma amiga fiel.

— Isso significa que já tentou?

— Não, claro que não! — fui convicto levando o pão à boca e mordi.

Ele soltou o ar aliviado e bebericou seu café recolocando a xícara de volta sobre o tampo de vidro.

— Melhor assim! — Afundou na cadeira — Não me sentiria confortável em dividir uma mulher com o meu irmão.

— Pelo jeito foi muito bom, porque haja tesão para ficarem trancados no quarto dois dias seguidos. — Girei o pescoço rígido de um lado ao outro. — CARALHO DE CAMA!

Ele riu com a minha fúria.

— Para de frescura, temos quartos a perder de vista aqui na casa. Poderia ter escolhido um melhor.

Grunhi, rindo, preenchendo o copo com um suco de laranja.

— A única coisa que bêbado procura é um lugar para jogar o corpo, e olha lá! — Surpreso, ele riu estirando na cadeira.

— Você bêbado? — duvidou. — Chega a ser cômico.

Comecei a rir sozinho relembando da fúria da Ingrid.

— *Você não faz ideia do que foi cômico!*

Não queria, porém era impossível não rir revivendo a cena. Mas a dúvida dele tinha fundamento. Eu era um bom apreciador e consumidor de bebidas alcoólicas: Uísque, um bom vinho e drinques, porém de forma moderada, o que chamo de “beber socialmente”. O último porre, como o de ontem, foi no dia seguinte à morte da minha mãe.

Um ano após o rompimento com a Carol, a sua traição com aquele calhorda não saía da minha cabeça, me atormentando... juro, tive o ímpeto de arrancar meu coração do peito e enterrá-lo, mas não estava em condições de cobrar nada. Acho que o foco principal naquela época era a traição. O mundo resolveu trair e conspirar contra nós. E confesso! O percurso até ali não foi tarefa fácil, pensava e repensava milhões de vezes em revelar toda a verdade. E vi de que nada adiantaria ela perdoar, porque eu teria que perdoar primeiro. Sem o meu perdão, não via perspectiva para nós, ela ter partido e nunca me procurado facilitou. Enfim... decisão certa ou errada, eu preferi seguir em frente, a morte da minha mãe serviu como definição, mostrando uma única trilha, a de que não havia mais volta, e toquei minha vida esquecendo todo o drama.

E tudo ia muito bem até eu resolver intervir. Comprar a Uchoa, evitando mais danos a ela, foi um erro ao qual não tenho mais como desfazer, sem que haja muito mais estragos.

— Bebaço, cara! — assumi ainda rindo e ele ficou muito curioso.

— Por que está rindo?

— Um episódio engraçado ocorrido lá na casa da Ingrid. Coitada! Ela queria parecer sexy com um lingerie nova, mas sabe-se lá como a peça íntima

colou na calça e rasgou no momento crucial. Cara! A mulher se transformou numa fera, prometendo processar a loja do shopping.

Ele ria ainda mais abelhudo.

— Então não bebeu sozinho?

— Foi em ótimas companhias — explicava dando mais uma dentada no pão. — Depois da caminhada de sábado, rolou um lance na casa da Ingrid. Ela ficou tão para baixo, que acabou convidando alguns amigos e ficamos todos por lá, até ontem à noite.

— Aquela gata! — suspirou revirando os olhos todo interessado.

Torci a boca, desaprovando-o.

— Eu já pedi respeito com a Ingrid.

— Tudo bem! — Piscando gozador, defendeu-se erguendo as mãos no ar.

— Mas fala sério! A Ingrid... — começou, porém, foi interrompido com a Susana descendo as escadas.

Assustado, meu coração acordara totalmente meu corpo, e fora o mais afetado, saltou para a garganta batendo forte por ali. Analisando-a tão sensual no extra leve pijama curto de alcinha azul Royal com detalhes em rosa, que era da Carol. A única lembrança física dela, adorava tê-lo na gaveta das minhas cuecas.

— Bom dia! — Meus olhos percorreram aquela roupa trazendo trilhões de recordações e não consegui responder.

— Ah, desculpa fuçar nas suas coisas — o tom tenso de sua voz, com os braços sendo cruzados à frente do corpo se escondendo, tirou-me dos devaneios. — Não tive tempo de ir em casa buscar roupas.

— Não esquentar, Susana! — Tiago pronunciou quebrando a clima estranho instaurado e se levantou indo para o lado dela, levando o braço por sua cintura fina.

— Não precisa se desculpar, imagina! — Eu limpei minha garganta voltando ao suntuoso café da manhã.

— Você curtindo pijama feminino é novidade para mim — zombou Tiago levando-a para sentar ao seu lado.

— Cale a boca! — Ela bateu no ombro dele antes de se sentar. — Este pijama é da Carol, já a vi vestida nele — explicou lançando-me o seu olhar apreensivo.

Ergui a sobrancelha com meu coração acelerado, doendo apertado, era uma dor insuportável, parecendo que ia explodir.

— Nem sabia que ela o esqueceu aqui. — Abri um sorriso vago, disfarçando. — Não precisa devolver, pode jogar no lixo. — Simulei um tom indiferente repousando o copo vazio sobre a mesa.

Ela sorriu fraco pegando a jarra com o suco e se serviu.

— Estou muito ansiosa para a final — mencionou levando o copo de suco aos lábios do meu irmão, toda atenciosa.

— E eu preocupado — pronunciou Tiago jogando seu olhar sobre mim. — Sem treino vamos virar chacota do futebol mais uma vez. Pensa só aguentar o Derek pendurado no nosso ouvido tirando sarro.

Possesso, eu me levantei afastando a cadeira com a parte de trás dos joelhos.

— Já falei que foi sorte de principiante — garanti. — Este receio de ser objeto de gozações não me intimida, porque eu sei que venceremos. — Tomei o restante do líquido refrescante colocando o copo sobre a mesa a seguir.

— Espero que sim — torcia Tiago incerto e olhou sério para Susana. — E para qual time você vai torcer desta vez, gata?

Embora nunca fosse confirmado, existia um boato de que a Susana e o Guilherme tinham uma intimidade a mais.

Ela abriu a boca balançando a cabeça, perdida com a inquisição.

— Amo todos vocês, portanto continuo em cima do muro.

Acenei de cabeça aprovando sua saída esperta. A mulher era sábia, pendia sempre para a política da boa vizinhança.

— Agora se me derem licença, preciso ir andando. Estou atolado de afazeres na D'Ávila.

— Pelo amor de Deus, Marcelo, veja se encaixa logo o Wesley na Uchoa. Não suporto mais ver o cara trancado dentro do quarto, branco sobre a cama, até parece um zumbi — lembrou Tiago quando ameacei entrar pela porta de vidro.

— Ele está tão mal assim?

— Péssimo! — garantiu e Susana balançou a cabeça em concordância. — Ele tem competência, vai ser útil na empresa.

Torci a boca, discordando.

— Vou encaixá-lo na D'Ávila. — Soltei em tom de encerramento e cruzei a porta. Principalmente com a presença cerrada da Carol, até mesmo porque, como sócia, devia conversar com ela antes de qualquer contratação, principalmente no nível de chefia. Se continuasse batendo de frente, só ia conseguir triplicar meus problemas, duplicados já estavam de bom tamanho.

— Ah, Marcelo! — gritou. — Seu celular tocou umas quinhentas vezes de madrugada, caso não tenha ouvido.

Franzi a testa o pegando no bolso da calça, o visor apagado.

— Vou carregar no carro. Bom dia para vocês.

Saí apressado para o hall colocando o aparelho no bolso e entrei no elevador apertando para a garagem.

Já na garagem, enquanto pegava a chave do carro no bolso, o celular subiu junto e caiu no chão de concreto espatifando. Voou peças para todos os lados.

— Merda! — Saí recolhendo tudo e entrei no carro. Tentei montá-lo, pluguei no carregador e quem disse que funcionou! Estava totalmente apagado. — Já era! — Joguei sobre o banco de passageiro e saí com o carro. A forte luz solar, que invadiu o para-brisa, embaraçou minha visão sensível e intensificou a enxaqueca causada pela forte ressaca.



Tenso, caminhei lentamente pelo corredor em direção à minha sala, incerto sobre a decisão que estava prestes a tomar. E decidi de uma vez por todas passando em frente à sala do Cauã, e entrei.

As janelas de vidro contribuía para a iluminação no ambiente amplo ao qual integrava a sala de reunião. Vestido num terno cinza claro muito elegante, ele estava sentado atrás da mesa, esparramado na cadeira com a caneta batendo na bochecha lisa, de quem acabou de fazer a barba.

— Bom dia, Marcelo — disse se endireitando na cadeira.

— Bom dia! — respondi dali mesmo da porta. — A que horas você vai ao fórum para entrar com recurso de processo da Uchoa?

— Assim que terminar de redigir a última cláusula, estou sendo minucioso para não deixar brechas...

— Consegue segurar mais um pouco? — interrompi-o.

Ele me olhou com as sobrancelhas erguidas e um olhar incrédulo.

— Por acaso desistiu?

Sacudi a cabeça.

— Não exatamente! Embora eu já tenha ciência da imensa dificuldade em dialogar entre iguais com a Carol, ainda assim vou tentar resolver de uma forma amigável.

Ele sorriu largamente satisfeito e assentiu.

— Decisão inteligente. Dialogar é sempre a melhor solução.

Revirei os olhos duvidando.

— Espero! — Soltei o ar exausto e não muito confiante, e saí fechando a porta. Segui pelo amplo corredor até a última porta onde estava a sala da Presidência.

Entrei na sala enorme da secretária, as paredes cercadas de livros na estante de madeira clara, carpete marrom e sobre ele, a grande mesa oval. Atrás uma enorme janela iluminava os cabelos curtos e loiros da Maria de Lurdes, hoje vestida num terno azul-claro: saia e blazer e por baixo, uma camisa de seda branca, muito elegante.

— Bom dia, Maria de Lurdes! — cumprimentei e ela sorriu cordial.

— Bom dia, doutor Marcelo — respondeu se levantando e recolhendo algumas pastas sobre a mesa. — Preparado para assinar todos esses contratos?

Ri aderindo de cabeça.

— Vamos lá? — chamei e ela me seguiu. — Alguém me procurou agora pela manhã? — perguntei segurando a porta da minha sala dando-lhe passagem.

Ela sorriu com um semblante questionador.

— Não, senhor.

Fiquei pensativo seguindo para a minha mesa de madeira maciça, pensando de quem poderia ter sido a ligação na madrugada. Meu pai não era, porque ele ligaria para o Tiago, não conseguindo minha resposta. “Será que é alguma coisa com a Jussara e a Yasmim?”, pensava enquanto puxava a cadeira e me joguei, afundando o corpo, preocupado com as duas.

— Pode deixar tudo aqui na minha mesa, que já vou começar — avisei e abri a maleta. — Pode providenciar um celular novo, por favor? — Peguei na

bolsa mostrando a ela. — Caiu na garagem da minha casa e deu “PT”. — Ela riu, complacente.

— Já perdi as contas de quantos aparelhos já perdi assim. — Rimos juntos. — O shopping abre às 10h e mandarei um funcionário até lá.

Olhei no relógio em meu pulso: 8h30.

— Às 10h preciso estar na Uchoa, deixa comigo que dou uma passadinha lá, assim que der. Obrigado.

Ela assentiu e saiu da sala.

Sozinho, liguei no celular da Jussara do telefone fixo. Na primeira tentativa tocou várias vezes e então caiu na caixa postal. As tentativas seguintes já caíam direto na caixa postal. Com o cotovelo sobre a mesa, passava a mão pelo meu queixo, aflito. Pensando se elas estariam bem, e me convenci de que talvez dormiam.

Vou tentar mais tarde.

Comecei a ver as papeladas em cima da minha mesa, e corri que nem um louco, nem ao banheiro eu fui para terminar de revisar todos aqueles contratos até às 9h30 e então corri para a Uchoa.

Fazia uma hora que revia os relatórios que o José deixou com a Lúcia Helena, e queria terminar antes da Carol chegar. Não mais bateria de frente com ela, deixaria esta sala à sua disposição, aliás, pertencia ao seu pai e eu estimava muito aquele homem. E outra, que muito perto não resistiria aos seus atrativos; e, por enquanto, era necessário cautela.

O tom de sua voz determinada e macia vindo da sala da secretária tirou-me dos devaneios. As tais borboletas no estômago já se agitaram e meu coração bateu mais rápido com o som dos saltos dos seus sapatos se aproximando.

Permaneci com a cabeça baixa rabiscando uma folha em branco, quando a porta se abriu.

Inspirei o delicioso cheiro de seu perfume que invadiu o ambiente.

— Bom dia, ou já é boa tarde? — ela quebrou o silêncio em um tom gracioso e humorado que estranhei de cara.

Ergui os olhos no momento em que olhava no relógio dourado em seu pulso.

Uau!

Fiquei completamente arrebatado por sua beleza e sensualidade, dentro do belíssimo vestido preto, daquele estilo lápis, elegante e sensual não muito chamativo, mas o seu corpo sim, acentuava as formas mostrando as curvas perfeitas. Os cabelos presos no coque baixo, conhecido como retrô, deixava-a charmosa, deslumbrante e desejada.

— Ah, 12h40 podemos considerar bom dia, porque ainda não almocei — ela respondeu sua pergunta caminhando elegantemente em cima da sandália preta de salto em direção a janela, ignorando a minha pessoa ali, paralisada.

Impecavelmente linda, recebia a luz do sol do dia ensolarado nesta perfeita manhã de segunda-feira. Não respondi, ela girou o corpo travando seus olhos mel nos meus e fez meu coração disparar.

— Você já almoçou? — Ri sem compreender aquela nova Carol, tranquila, determinada. Aliás, já estava acostumado com a nossa rinha.

— Não sobrou tempo! — respondi sorrindo frouxo.

Ela respirou fundo e baixando os olhos, seguiu para se sentar na poltrona perto da porta, cruzou as pernas e seu olhar nostálgico se perdeu pelo cômodo, antes de virem a mim.

— Bem, resolvi levantar a bandeira branca — começou ela.

Ergui a sobrancelha, surpreso e desconfiado com a civilidade daquele papo.

— Não há a menor possibilidade de convivência entre nós no mesmo recinto. Estou tendo uma dificuldade incomum em lidar com isso, portanto

vim informá-lo que, a partir de amanhã, estarei ocupando a mesa que o meu pai mais gostava no laboratório. Vou enumerar suas fórmulas, deve ter algo novo que ainda não foi patenteado. De repente me deparo com uma mina de ouro — gargalhou divertida.

Fiquei pasmo com a observação.

— É engraçado você dizer isto. — Ela apertou os olhos sorrindo especulativa.

— Por quê?

— Porque é exatamente isso que almejava fazer, estava aqui terminando de revisar estes relatórios. — Apontei a pilha de pastas sobre a mesa. — E já procuraria alguma sala vaga para me instalar.

— É sério? — Ela parecia orgulhosa de mim, mas eu me sentia desconfortável e estranho.

— Muito sério — respondi e levantei indo até a frente da poltrona.

Com a cabeça arqueada, seus olhos sorriam em aprovação, gostava daquela sensação de paz.

— Acha que está tomando a decisão correta? — aquela pergunta me pegou de surpresa. Não sabia ao certo.

Dei de ombros dando-lhe as costas e parando em frente à janela contemplando o horizonte verde, o céu azul limpo, sem nuvens, um sol que acalmava o coração.

— Se o caminho é certo ou errado, eu não sei. Porém, acredito que seja uma decisão coerente diante das circunstâncias. Dividir a liderança é um desafio novo para mim. — Girei o corpo me deparando com ela à minha frente, uma maquiagem leve coloria seu rosto de pele aveludada. Aproximou-se de fininho, que sequer notei. *Você é linda, mulher!* O seu perfume é foda, fiquei excitado e insano para atacá-la. *Preciso parar com isso!* Reprimi a vontade.

Inesperadamente, ela escorregou parando ao meu lado, ambos olhando para fora, só que fiquei intrigado demais notando seus olhos mel descendo à procura de algo na rua.

— Continua, estou te ouvindo — disse despretensiosamente.

Arfei sem compreender aquele comportamento calmo e estranho. *Ela está estranha demais...*

— Continuando... Acho que, enquanto resolvemos nosso impasse na justiça, seria mais prudente nós dois trabalharmos juntos para a empresa crescer. A prosperidade dela é boa para ambos os lados, concorda?

— Lógico! — Um tom baixo saiu junto a um suspiro. Notei-a umedecendo seus lábios grossos, entreabertos com a ponta da língua.

— Por esta razão acho viável um acordo, acabar com as discussões evita um infarto e o coração agradece — prossegui explicando.

Sorrindo sem vontade virou o rosto, meus olhos se fixaram em seus lábios, observando o quanto eles eram lindos.

— Travar uma guerra, não vai nos levar a lugar nenhum.

— Tem razão — murmurou inalando profundamente e num movimento brusco girou o corpo para ficar de frente comigo e tropeçou.

Curvando, suas mãos tremendo veio ao meu peito, e a minha em seu braço segurando-a, sentindo a pele desnuda arrepiada. Nossos olhos numa comunicação somente deles. Não conseguia decifrar o que havia de diferente dentro deles, mas eu vi algo estranho e assustador. Pensa na vontade que fiquei de tomar seus lábios? Suspirei para segurar minha onda sentindo o hálito quente tocar meus lábios.

Não posso ser este homem sem palavra! Prometi a mim mesmo ficar longe!

— Me desculpa! — balbuciou lindamente sensual. Fraquejei. Não resisti àquele tom de voz entrecortado, escorreguei minhas mãos até seus pulsos e a

puxei indo com tudo em seus lábios, que travaram bloqueando os meus.

— Não! — Afastou apenas um milímetro. — Eu não quero beijar você nunca mais. — Pressionando mais seus pulsos, colei em meu peito arfando. Continuamos ali por alguns instantes, um respirando o hálito do outro. — Você fez a sua escolha, lembra?

Não respondi, apenas fechei meus olhos com o coração na mão por necessitar agir da forma como agi em todos estes anos, inclusive na casa do Bernardo, e senti um tremendo ódio da vida.

— O foco é somente a Uchoa, ok?

Reprimindo o ímpeto de agarrá-la, porque sabia que ela cederia e não era justo, já que eu não poderia oferecer muita coisa para ela. Concordei sacudindo a cabeça e a soltei, inspirando o máximo possível e recuando um passo, e neste minuto seu celular tocou na bolsa sobre a poltrona.

Rapidamente se afastou o pegando e atendeu.

— Está em frente a Uchoa, Heitor? — perguntou voltando a janela e olhou lá na rua. *O quê?* Um frio cortante assolou meu corpo, travei a mandíbula vendo-a olhando para baixo alargando um sorriso, quando encontrou o carro *Sedan* preto de luxo estacionando em frente. — Estou te vendo, já estou descendo.

— Ia perguntar por que iniciaria na sala do laboratório amanhã, e não hoje. Agora já tenho a resposta — soltei em tom de ofensa, trêmulo, louco para descer e matar o cara lá embaixo, enfiei as mãos no bolso da calça para esconder minha fúria.

— A minha vida não se resume apenas na Uchoa, sabia? — rosnou e ignorou-me indo pegar a bolsa sobre a poltrona.

Indignado e enciumado, peguei em seu pulso.

— Estou vendo quantos afazeres a senhorita tem na vida, inclusive uma quantidade enorme de homens, não? — Puxei-a colando-a em meu peito.

— Você precisa cessar estes impulsos, Marcelo? — ela tentou dizer, mas não deixei. Possessivo, tomei seus lábios, que se travaram. — Larga, imbecil! — A pequena abertura para pronunciar foi o suficiente para minha língua entrar dando-lhe um beijo selvagem de machucar, quase engolia sua língua com o meu coração batendo nas alturas.

Ela aceitou por um segundo; no outro, acabou-se em lágrimas. Caindo na real, fiquei desestruturado com sua reação.

Parei o beijo sem afastar dos seus lábios.

— Desculpa, desculpa! — Segurei seu rosto banhado em lágrimas repassando os olhos pelo rosto lindo e entristecido. — Eu sou um grosseirão — me redimia limpando suas lágrimas com meus polegares.

Ela balançava a cabeça, coleí minha testa à dela quando suas mãos subiram segurando em meus pulsos.

— E-eu não entendo você, sabia? — gaguejou. — Teve todas as chances do mundo para se explicar e tudo o que sabe fazer é me atacar possessivamente; e depois, quando se sente pressionado, acua. — Sacudiu a cabeça negativamente, tirando minhas mãos do seu rosto com brutalidade, e recuou. — A farra acabou, de hoje em diante o foco é a Uchoa! Estou propensa a comprar a parte do meu irmão. — Secava as lágrimas debaixo dos olhos com os dedos indicadores com cuidado para não borrar o lápis preto, entretanto não desviou os olhos. Notei que ela aguardava minha resposta, e confesso que titubeei, amedrontado com a nova postura. — Pois bem! — completou ao meu silêncio. — Já que a convivência é inevitável, então devo ressaltar que nossos contatos não poderão passar de um aperto de mão.

Embora encantado com seu jeito determinado de ser, que estava amando, ergui a sobrancelha desafiador. Ela sustentou firme.

— Também acredito que assim será mais fácil para todos.

Ela suspirou abalada, frustrada pelo que a conhecia, e estalando a língua deu as costas caminhando em direção à porta, e parou com a mão na maçaneta e se virou.

— Ah, mais uma coisa! O homem lá embaixo é um cliente meu da Group Uchoa, precisamos debater um contrato de uma nova filial no Nordeste — informou secamente. — Deveria dobrar a língua antes de me xingar de vadia.

Ri disfarçadamente feliz, tão dura e doce ao mesmo tempo, e se importava com a minha opinião. Linda! Só para irritá-la, abri um sorriso malandro, o que a deixou enfurecida.

— E tenha um bom-dia! — Abriu a porta.

— E você se comporte! — provoquei sorrateiro.

Brava pra cacete, ela saiu e bateu a porta com tudo ao fechar.

Agora mais seguro fui para a minha mesa. *Preciso resolver a minha vida!* Sentando-me, lembrei do celular e voltei a ficar preocupado. Abri as gavetas e achei um aparelho que consegui conectar o meu chip. E imediatamente liguei para o número da Jussara.

— *Marcelo, onde você se meteu?* — Jussara atendeu a ligação chorando muito. — *A-a...* — As palavras não saíam mais.

— Fala devagar. — Fiquei desesperado tentando entender o que estava acontecendo. — A Yasmim está bem?

— *Sim, sim...* — disse ela não me acalmando. — *É a dona Esmeralda, está aqui no hospital. Tentaram entrar em contato a madrugada inteira com você e, como não conseguiram, entraram em contato comigo.*

Merda! Saltei da mesa já pegando minha maleta.

— Meu celular quebrou, tentei ligar do telefone fixo e você não atendeu.

— *Esqueceu que nunca atendo número desconhecido?*

Fechei meus olhos me punindo, o telefone que liguei da D'Ávila era o que estava com número restrito.

— *Já que teria de vir hoje a São Paulo, aproveitei e trouxe a Yasmim comigo. Enfim, teremos paz em nossas vidas.*

Embora concordasse, ainda assim restava algumas dúvidas.

— Em qual hospital vocês estão?

Assim que anotei o endereço saí voando da Uchoa.



Estava difícil conciliar meus pensamentos enquanto seguia pela rodovia em direção ao endereço do hospital. Não queria, porém, evitar de pensar na Carol causava uma dor latejante em minha fronte. A alguns quarteirões próximo, soltei o volante e apertei o local dolorido.

Ela precisa ser informada sobre o estado de saúde da dona Esmeralda. Embora as circunstâncias não sejam as melhores, eu ligarei no caminho.

Espero que ela esteja bem!

O hospital ao qual a internaram ficava no mesmo bairro da casa de repouso. Depois da morte da minha mãe, ambientes hospitalares costumava me causar arrepios. Estacionei o carro deixando o paletó sobre o banco e entrei na recepção completamente lotada, segui em direção ao balcão onde se encontrava uma loira de cabelos curtos de avental branco, que deveria ter a minha idade.

— Boa tarde, poderia me dizer em que quarto Esmeralda Siqueira se encontra? — perguntei educadamente.

— Só um instante que já vejo para o senhor.

Assenti com aquela ansiedade absurda, preocupado com a saúde dela e também do ambiente. *Preciso transferi-la daqui, urgente.*

— O senhor é o quê da paciente?

— Seu protetor! — respondi com sinceridade.

As sobrancelhas bem-feitas se ergueram junto a um sorriso especulativo se abrindo.

— Hum... Filho? — quis saber.

— Sim — respondi sério. — Filho de criação.

Meio perdida, ela pediu um documento, que rapidamente lhe entreguei. Ela anotou num adesivo meu nome, documento, nome da dona Esmeralda e o quarto em que ela estava internada e mandou colar na roupa.

— Obrigado.

Caminhei apressadamente por um corredor extenso, tão cheio quanto a recepção e no hall dos elevadores não era diferente. O primeiro quarto do terceiro andar era onde ela estava internada.

De frente a cama onde dona Esmeralda dormia tranquilamente, Jussara estava de costas para a porta, os cabelos lisos e negros sobre as costas eretas, chegando à curva da bunda, estavam mais sedosos do que nunca. Na cabeceira do outro lado da cama estava a Yasmim, dentro de um vestido azul-marinho de mangueira, dormindo e linda com seus cabelos loiros cacheados nas pontas espalhados pela fronha branca. Fechei a porta cautelosamente para não acordar as duas e foi quando a Ju ouviu e virou-se. A camiseta branca lisa moldava o corpo cinturado e os seios bonitos.

— Ah, Marcelo! — Desesperada, ela veio correndo. Passando os braços ao redor do meu pescoço, afundou a face no meu peito. — Fiquei com tanto medo e ainda não localizava você — lamentou, recuando.

— Agora eu estou aqui, não se preocupe — garanti, arrastando meus dedos pelos braços delicados de pele macia.

— Graças a Deus! — orou, afastando-se nas pontas dos pés. Seus lábios vieram em minha face com carinho. — A coitadinha ficou tão insegura.

— O que aconteceu com ela? — perguntei a soltando e me aproximei da cama. Ela parecia bem, dormindo serenamente.

— O médico diagnosticou como uma crise nervosa, mas agora ela está bem — respondeu ficando ao meu lado, passou o braço ao redor do meu corpo e deitou a cabeça em meu braço. Beijei a lateral de sua cabeça, aspirando o perfume dos seus cabelos.

— Vou providenciar a transferência dela para um hospital de minha confiança e...

— Não será necessário, ela já teve alta. Só estamos aguardando-a acordar.

— PAPAI! — Yasmim gritou quando abriu os olhinhos verdes e saltou da chез vindo desembestada para o meu colo.

— Shhh... — Já no meu colo, coloquei o dedo indicador em seus lábios charmosos e beijei sua face com vontade, bem gostoso. — Você está linda! — elogiei perambulando pelo rosto fofo.

— Estou com fome, papai! — alertou com carinha de choro.

— Gostaria de estar aqui quando ela acordar. Você se importa de dar o que comer para esta mocinha aqui? — Jussara cutucou a barriguinha da Yasmim, que ria animada.

— Será um prazer. — Beijando sua face, saí do quarto com a menina no colo. Estava com muitas saudades e não pretendia largá-la tão cedo.



Capítulo Onze

CAROLINA

Ufa! Se ele não comentou nada, é porque não me associou a minha brincadeira de “bom gosto” com a vagabunda lá no shopping. Não me orgulho da minha traquinagem, mas gostaria muito de ter visto a cara dela.

Bati a porta rindo, porém irritada, pensando que de nada resolveu este alívio. Aqui estou eu tensa novamente.

Ele é um carma na minha vida!

Não sei o que é mais difícil, a vida com ou sem o Marcelo. Com ele por perto, nunca sei como vai terminar o meu dia. Esta falta de definição está acabando comigo.

Por mais que tente, só consigo extrair dele mais e mais dúvidas.

— Pelo amor de Deus, coração! Colabora, vai? Senão vou arrancar você aí do peito! — ameacei dominando meu cérebro, querendo fazer a retrospectiva das mãos fortes pelo meu rosto e entrei o carro.

Tão logo nos cumprimentamos, Heitor saiu com o carro.

— Ah, Céus! — exclamou ele.

— Algum problema?

— Esqueci os relatórios sobre os quais faria a explanação — explicou envergonhado.

— Se realmente for necessário, não importo se quiser buscar.

Ele sorriu ansioso.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Passamos em seu pequeno laboratório de análises clínicas, sediado na cidade vizinha, não mais que dez quilômetros de Alphaville.

— Desculpa pela demora — falou ele quando entrava no carro. — E obrigado pela paciência de esperar.

— Imagina! Estou te devendo esta reunião há meses, inclusive até desliguei o celular. — Peguei o aparelho dentro da bolsa e ergui lhe mostrando. — Assim não sofreremos nenhuma interrupção.

O sorriso já plantado naturalmente em seu rosto se intensificou em gratidão e ele focou no trânsito à frente.

Sem me movimentar no banco a fim de não despertar a atenção do Heitor, atento com os olhos fixos na pista, dirigindo seu possante, eu fechei meus olhos com força, cerrei meus lábios com o meu coração angustiado. Ele só queria bater apaixonado, guardando aquele sentimento intitulado um tesouro precioso, não me dando outra opção senão amar, sofrer...

É imprescindível dar um basta em tudo isto e urgente! Ser a mesma fortaleza que sou nos negócios.

— Pelo silêncio, eu presumo que prefira entrar na pauta da filial, somente quando estivermos sentados à mesa do restaurante — Heitor interrompeu meu silêncio reflexivo.

Grunhi, rindo indignada comigo por esquecer dele. Aliás, era sempre assim: o Marcelo imperava minha cabeça num todo. *Uma merda!*

— Peço perdão. — Levei minha mão a dele sobre o volante. — Estou aqui com a cabeça quente com tantos problemas a serem resolvidos.

Seu sorriso permanente natural no rosto aparentava menos idade do que de fato ele tinha. Apesar de não saber exatamente, estava ciente de que passava dos 50 anos.

— Somente uma cabeça fria é capaz de pensar numa solução adequada — ilustrou ele me fazendo repensar a respeito.

— Quem sabe se enfiando a cabeça dentro de um balde cheio de gelo e andar por aí não consigo manter a cuca fresca! — brinquei o fazendo afundar no banco numa gargalhada gostosa.

— Embora nada prática, eu gostei da solução.

Agora eu quem ria.

— A vida é complicada! — Saiu junto com a expiração densa.

Por uma fração de segundos, seus olhos castanho-escuros, como os cabelos curtos e bem penteados para trás, me fitaram.

— Se hoje não considera um bom dia para almoço de negócios, podemos cancelar e marcar outro dia.

Ria encantada com sua simpatia e gentileza rara, ainda mais se tratando de dinheiro.

Desde aquela reunião, nenhum dia foi bom para os negócios, não alcancei mais o centro da minha vida. Com o seu sorriso charmoso e pegada de lascar, o Marcelo invadia continuamente a minha mente, me desvencilhando de todo o resto. Eu sou quase uma submissa, admito!

— Imagina se vamos cancelar! — proferi com o coração aquecido entrando na cidade onde estava localizado o restaurante, a mesma da casa de repouso. Mais alguns quilômetros passaríamos em frente. Despertou-me uma vontade imensa de rever dona Esmeralda. Faria isso após o almoço. — A abertura da filial é uma estratégia excelente para o crescimento.

Ele acenou de cabeça.

— Concordo plenamente contigo. — E lançou um olhar indagador sobre mim. — Sabe que, quando eu estava indo buscá-la na empresa do seu pai, fiquei imaginando como você consegue dar conta. Agregar tudo ao mesmo tempo?

— No momento estou centrada na Uchoa. A Adrianna está no comando da Group — expliquei. — Uma coisa que aprendi na vida empresarial é delegar para não enfartar.

— Uau! Vou usar esta tática, estou quase maluco com o crescimento.

— É só encontrar a pessoa certa e de confiança que o sistema flui — garanti e suspirei rindo com uma saudade imensa, passando em frente à casa de repouso.

— Esta é a parte delicada da coisa — foram as únicas palavras que ouvi quando tudo silenciou a minha volta. Perdi as rédeas do meu coração disparado dentro do peito, me sufocando. Não conseguia respirar, parecia que morreria nos próximos segundos se não fosse socorrida com a imagem que meus olhos captaram ao longe.

O sol radiante, covardemente, iluminava o Marcelo, lindo de viver, descendo os degraus em direção a calçada assim que saiu pela porta de vidro de um hospital, e não estava sozinho... Vivia naquele instante a experiência mais traumática da minha vida e doía muito.

Ele carregava em seus braços aquela garotinha saudável com os cabelos loiros reluzindo como ouro com os raios solares sobre os ombros, destacando com o azul-marinho da sua roupinha. Linda, linda, linda... como ele! Fiquei traumatizada ao vê-lo beijando aquele rostinho, sorrindo radiante, e ela retribuindo, demonstrando o tamanho do amor que sentia por ele.

— Carolina? — Heitor me arrancou daquele momento intenso. E mesmo assim não conseguia olhar para ele. Estava hipnotizada, acabada com aqueles dois. *Pai e filha!* — Você está bem?

Eu movia no sentido positivo.

— N-não! — Saiu num fio de voz entrecortado quando ele entrou com ela dentro de uma lanchonete ao lado do hospital, levei as duas mãos à cabeça. — Eu posso não estar bem, mas não preocupe — expus. — Venho em estado

terminal há seis anos, e agora acho que chegou o momento de morrer, da minha partida. Ah, Céus! — Afundei meu corpo no banco, incrédula.

Preocupado, Heitor estacionou o carro um pouco à frente.

— Quer que te leve ao hospital? Tem um logo ali. — Apontou para trás.

Neguei de cabeça, desatando o cinto e abri a porta do carro.

— Pode me dar um minuto, por favor? — solicitei passando as mãos pelo rosto e cabelos procurando me recompor.

— Quanto tempo você precisar.

— Obrigada. — Desci e segui tentando caminhar em linha reta pela calçada devido à tontura que resolveu me pegar. Precisava saber, no entanto sentia medo, muito medo. E todo aquele descontrole tirava meu fôlego, comecei a sentir fraqueza até que consegui chegar.

Escondi-me, observando lá dentro. O Marcelo de costas conversando com o atendente e aquela linda garotinha, somente dele, mexendo na prateleira de chocolates.

— Yasmim, vou comprar um lanche para você, ok? — A bonitinha resmungou descontente batendo com as mãozinhas nas perninhas.

— Eu quero chocolate, papai!

Yasmim... Papai...

Aquilo foi demais para mim, girei o corpo, colando minhas costas na parede escorando para não cair. As piores das sensações tomaram meu corpo: um aperto no peito junto ao sentimento de opressão desencadeando a falta de ar. Uma sensação real de sufocamento.

Respira, Carol, Respira! Inspirei e expirei algumas vezes com o ímpeto de entrar naquela lanchonete e dar na cara dele. *Não, Carol, a garotinha não tem culpa de nada!* Ouvia a voz da minha razão. Ela estava coberta de razão, confundiria a cabeça da coitadinha, e outra que deveria ter armado o barraco no passado e não agora, aliás, já me odiei demais por isso.

Não adianta chorar o leite derramado.

Retornei em direção ao carro com uma única certeza: vou riscá-lo do meu caderninho definitivamente.

Entrei no veículo.

— Vou aceitar a sua sugestão — comecei quando ateei o cinto e olhei para Heitor ali, aflito, examinando cada movimento meu. — Talvez a reunião seja mais proveitosa em outro dia. — Inspirei o ar ruidosamente procurando equilíbrio. “Nada disto é novidade, portanto se acalme, Carolina!”, pedia mentalmente quando dei conta do homem com o olhar alarmado, focado em mim. — Só preciso de uma carona até a casa dos meus pais, se não se importa.

— De jeito nenhum. — Ligou o carro e saiu. — Sei que seus pais moram em Alphaville, só preciso do endereço.

Passei controlando a voz querendo falhar.

Parei em frente à porta da minha casa assim que o Heitor me deixou. Com os braços esticados para baixo, deixei o sol abraçar minhas costas, torcendo para o calor penetrar e chegar ao meu coração e apodrecer aquele amor maldito, que se recusava a sair de lá. Mas sabia que seria em vão. Com o nervoso que estava, ele não dava nem conta de relaxar meus músculos tensos.

Não, não e não! Fitando o chão, eu negava, movimentando a cabeça. Meu inconsciente martelava aquela ideia de jerico, para sumir da cidade. Já fiz isto uma vez e me penitencio por isso.

Não podia parar a minha vida por conta das adversidades, iria me organizar a fim de enfrentá-la de cabeça erguida, aliás, não suportava mais esta situação. E outra, nem cobrar o Marcelo eu podia, no momento em que não me procurou nestes seis anos, levou-me a crer que ele deixou claro o que queria de sua vida. A família de hoje, perto; e eu, longe. E suas investidas

diziam apenas uma coisa: seu sentimento por mim era apenas carnal, unicamente sexo.

Soltei o ar quando concluí com uma única certeza: não havia a menor possibilidade de manter este tipo de relacionamento sem envolvimento, nutrindo sentimentos além de atração física.

O suor grudava o meu vestido na pele, meu coração batia forte quando girei a maçaneta e entrei de supetão.

— Carolina? — Minha mãe, que estava sentada no sofá em companhia de mais duas amigas conversando animadas, saltou ao me ver naquele estado deplorável.

Sorri meio sem graça com as duas amigas dela focadas na minha pessoa.

— Oi! — esbocei sem jeito e fechei a porta.

— Venha tomar café com a gente — convidou ela investigando meu rosto com atenção.

— Obrigada, eu vou ficar com o pai — avisei seguindo em direção as escadas.

Em silêncio, sua análise em minhas atitudes persistiu.



— Já em casa? — Banhando o corpo inerte do meu pai ali na cama, Lídia perguntou endireitando o corpo, e voltou a ensaboá-lo com suas mãos mágicas numa incrível suavidade e amor.

O ar fresco e o sol entravam poderosos através da janela aberta e batia nele.

— Cancelei uma reunião e resolvi passar o restante do dia com meu velho — expliquei aproximando e apanhei um sabonete neutro na bacia onde

estavam todos os apetrechos necessários para seu cuidado de higiene. — Vou ajudar você.

Ela riu orgulhosa, prosseguindo com sua tarefa vendo como deslizava leve o sabonete sobre a pele enrugada.

— Imagino o sossego dele, experimentando esta mãozinha leve em seu corpo.

Parei o que fazia e fixei nela ali ocupada.

— Você só enxerga o lado bom de tudo, não? Como consegue?

Ela inspirou e parou estirando o corpo, averiguando o meu rosto com aquele sorriso magnificamente encantador e gentil.

— O lado positivo está em tudo, minha querida!

Balancei a cabeça, confusa com aquela teoria desconexa.

— Até em coisas ruins que acontecem — continuou muito convicta de si.

— Eu sou daquelas que acredita que nada acontece por acaso. Eu tento extrair o melhor de cada situação ruim, e quando supero, vejo o quanto me tornei melhor.

Emocionada, inclinei-me e beijei sua face.

— Você é inexplicável, Lídia!

— Você que é, só não sabe ainda — rebateu com humor.

E então, num clima descontraído, ambas conversando com meu pai, contando-lhe piadas, finalizamos o banho. Seu rosto sereno parecia sorrir em agradecimento.

Deitei na beirada da cama e abracei seu corpo inerte. “PAI, LEVANTA DAÍ LOGO, EU PRECISO DO SENHOR, ME AJUDA!”, gritei mentalmente, gritei como nunca tinha gritado antes. E chorei no silêncio; e em sua poltrona, lendo um livro, Lídia notou o meu desespero.

— Ele está sentindo você, querida! — pronunciou solidária.

Levantei descrente.

— É o que eu preciso crer, Lídia! — ressaltou convicta. — Enquanto minha vida profissional decola, a pessoal segue despencando ribanceira abaixo sem chance de salvamento.

Ela movia a cabeça, discordando.

— É isso mesmo, Lídia! Estou fadada a viver apenas para a razão.

O som de sapatos de salto alto ecoando pelo corredor se aproximando nos levou a porta. Minha mãe surgiu nela segurando o aparelho de telefone da casa.

— Um tal de Heitor está aqui na linha e quer falar com você — informou entrando e entregando o telefone em minha mão.

Torci a boca, estranhando.

— Por que será que ele não ligou para o meu celular? — Olhei ao redor à procura da minha bolsa e me lembrei que desci sem ela do carro dele. — Já sei! Esqueci minha bolsa no carro — antecipei logo quando levei o telefone ao ouvido.

— *Sim, senhora!* — ele respondeu rindo. — *Como o tráfego está intenso e estou passando em frente a Uchoa, estou deixando-a aqui na portaria, tudo bem?*

— Claro que sim! Daqui a pouco vou buscar, obrigada.

— *Não por isso. Nos falamos em breve.*

— Com certeza. — E desliguei.

— Hum... Imagino o que tenha acontecido dentro deste carro para a senhora esquecer uma bolsa cheia de documentos — insinuou maldosamente.

Coloquei meu melhor sorriso falso no rosto.

— A senhora não faz ideia! Deixa buscar minha bolsa, todos os meus documentos estão dentro dela. — E saí do quarto a passos apressados, com a dor latejante em meu coração retornando.

Sai de mim, sai de mim! Estufei o peito e segui o corredor em direção as escadas, decidida a abandonar esta postura de fracote de uma vez da minha vida, colocar a razão à frente da emoção. E tenho fé de que conseguirei alcançar meu objetivo.

— Tenham uma ótima tarde! — desejei às mulheres, observando-me atravessando a sala, e saí antes de receber agradecimento.



E, para evitar confrontos, já que o Marcelo sempre entrava pela recepção dos fundos com acesso à garagem, resolvi entrar pela principal. Estacionei meu veículo um pouco mais à frente, para não ser reconhecido e retornei a pé entrando na ampla recepção com painel de madeira e piso de cimento, na intenção de pegar minha bolsa e zarpar dali rapidamente.

— Caralho! — escapuliu um palavrão dos meus lábios com aquele tormento de borboletas no estômago ao ver o escroto, traidor, estúpido, bonitão sentado em uma cadeira atrás do balcão em uma posição privilegiada onde ele tinha ampla visão do que acontecia ao redor e folheava o livro de visitas. Um nó enorme bloqueou minha garganta, dando-me aquela vontade de chorar à recordação dele com aquela garotinha linda, a ferida continuava doendo até mais do que no dia em que ele me deu um fora.

O primeiro impulso foi dar meia volta, o problema que não houve tempo.

— Boa tarde, senhorita Carolina! — Ângela, a recepcionista morena de cabelos curtos e olhos pretos, pronunciou meu nome.

Merda!

Ele ergueu a cabeça e seus olhos cinzas refletiam pura arrogância, ou era desprezo... na bagunça dentro da minha cabeça, na minha alma, eu não

conseguia encontrar a palavra certa para descrever o que via em seus olhos.

— Boa tarde! — Forcei meu melhor sorriso indiferente, mas nem sei se consegui com a tremedeira que ficou meu corpo. — O senhor Heitor deixou minha bolsa aqui na recepção? — Fiquei perdida se perguntava ou afirmava com ele semicerrando os olhos, travando o maxilar forte e se levantando. Não conseguia conter meus olhos traidores percorrendo os músculos dentro da camisa branca.

— Sim, está aqui.

Quando ela se abaixou para pegar, ele a interrompeu:

— Pode terminar o relatório que solicitei, que eu mesmo ajudo a senhorita Carolina.

— Sim, senhor. — Obedeceu imediatamente retornando em frente à tela branca do computador sobre o balcão de madeira clara, como painel.

Fechei meus olhos com a intenção de bloquear os pensamentos impuros, mas que nada! Tentativa completamente frustrada devido as ondas revoltas percorrendo minha mente, afogando meus sentidos. Meu corpo reagia desenfreado. Aterrorizada com o meu descontrole, corri até o balcão.

— Poderia pegar logo a minha bolsa que estou com pressa! — exigi tentando manter o controle na voz.

Ele ergueu a sobrancelha, cínico pra caramba!

— E como foi o almoço? — ironizou numa postura fria e determinada vindo até o balcão. Seu olhar estava tão duro e forte que o efeito foi como um tapa no rosto.

— Acredito que não seja do seu interesse, senhor Marcelo — rebati ironicamente. Não estava fácil manter esta impassibilidade, enquanto meu coração estava despedaçado. A imagem ficou impregnada na minha mente e nem assim conseguia odiá-lo. Não conseguia ver nele a versão canalha, ao

contrário, enxergava marcas de tristeza. *Que neura idiota! Eu preciso sobrepor este sentimento!*

— Por que não tenta? — provocou com a voz grave, mordendo o lábio inferior, enquanto debruçava sobre o balcão e, covardemente, cruzou os braços.

Meus olhos quase saíram de órbita, com uma pequena parte do tórax musculoso aparecendo. *Saco de provocação! Por que esse babaca tinha que ser atraente desse jeito?* Tentei disfarçar esse fascínio imediatista.

— Tem algo a esconder? — insistiu.

Ergui os olhos e ele piscou notando meu interesse. O calor subiu para meu rosto me acordando. Revirei meus olhos, fingindo exasperação e o encarei.

— Se tem alguém que esconde informações importantes, garanto que este alguém não sou eu! — retruquei asperamente. — E, por favor, entregue logo a minha bolsa! — ordenei desviando os olhos na tentativa de deter o nervosismo.

— Ok! — Ele ergueu as mãos no ar antes de se abaixar e pegar a minha bolsa; e quando a colocou no balcão, numa confusão, eu coloquei minha mão na dele. Meu coração disparou, minha barriga deu um nó, o calor me percorreu e notei que não foi somente comigo, ambos levamos um choque.

Paralisei e ele também.

— Obrigada! — Ofegante, passei a mão na minha bolsa e, ao girar o corpo para sair, ele pronunciou:

— Existe algo de suma importância que deve saber e agora. — Gelei ao seu tom baixo e intenso, fiquei em pânico na verdade. Inspirei e segurei fechando os olhos.

Ele vai revelar? Meus batimentos cardíacos foram a mil, ali eu sentia que não estava preparada para a verdade. Até mesmo porque a revelação não ia resolver a minha vida.

Virei-me, deparando com certa melancolia em seu rosto.

— Infelizmente, não tenho horário vago no momento. — Ele travou o maxilar magnificamente definido e apertou os olhos naquele olhar verdadeiramente enigmático. Desviou para a recepcionista e entregou o caderno ao qual folheava.

O momento de folga que aproveitei, dei as costas caminhando a passos largos em direção a saída, numa pressa enorme de fugir dali.

— Depois reviso melhor — informou e correu, contornando o balcão, vindo em minha direção. Seus dedos determinados se fecharam ao redor do meu braço e me puxou com firmeza. — Vem comigo, que a gente precisa conversar! — rosnou imperioso no meu ouvido, despertando a curiosidade da recepcionista que olhava a cena preocupada.

E antes do meu protesto, fui arrastada para trás do painel de madeira, ao fundo ficava uma pequena sala de café.

— VOCÊ É UM TREMENDO DE UM ATREVIDO, MESMO! — aumentei o tom de voz, possessa. — E SOLTA O MEU BRAÇO! — Recolhi-o num impulso, diferente das outras vezes, o seu contato despertou certo repúdio. *Enfim, acordei! Basta de fraqueza.*

— Será que poderia se acalmar? — requisitou balançando as mãos aflitas no ar.

— Não! — falei entredentes cerrados. — Eu não quero me acalmar, tampouco ouvir sua voz. De você, eu desejo distância.

Mudo, mergulhado naquela expressão de dor absoluta, sim, era essa a condição do pulha. *É tarde para arrependimentos, idiota!*

— Será que poderia fazer este favor? — afrontei estufando o peito na sua cara.

— O que tenho a dizer é *muito* importante, Carol! — frisou indignado agarrando meu braço e colando ao seu peito duro.

Caraca, quem é que aguenta isso, me diga?

Meu coração não estava domado como pensei, aqueceu derretendo todo.

— Não acredito!

Ele arqueou com os temíveis olhos cinzas varrendo surpresos pelo meu rosto.

— Não se faça de inocente, deve concordar comigo que tudo vindo de você é falso.

Por que ele não diz nada? E que olhar estranho é este? Céus!

— Quer saber! Estou farta, cansada! E veja se me deixa em paz. — Num tranco, meu braço se livrou de sua mão, em mais uma tentativa de sair de perto dele, apertei meus passos em direção a porta.

Ele grunhiu, irritado, catando-me no caminho. A mão grande, quente e gostosa do caramba, veio ao redor da minha cintura.

— Por que está agindo assim? — Grudou meu corpo ao dele.

Estremeci toda arrepiada sentindo a temperatura deliciosa dele e o volume ganhando forma em contato com a minha bunda.

— Me solta, seu estúpido! — Segurando na mão dele presa ao meu abdome, eu tentava afastá-la sem sucesso. — Qual é o seu problema, hein, Marcelo?

— Estou curioso para saber do encontro. Foi tão bom assim que sobrepôs a tudo que é importante? — cochichou furioso ao meu ouvido, me apertando ainda mais nele.

Fechei meus olhos aborrecida com esta mania de ofender quando era contrariado.

— Se estiver se referindo a você? Eu digo que sim, sinto informá-lo que você não é o centro do Universo. — Noutro tranco escapei e virei, ficando de frente. Seus olhos cinzas tornaram-se vermelhos. — Caso queira falar algum assunto da empresa, eu posso até te ouvir. — Deixei meus braços caírem

inertes ao lado do meu corpo e fechei os punhos para ele não notar o quanto eu tremia. — Somente sobre a empresa! — ressalttei.

Dois passos foram o suficiente para ele me puxar pelo braço e lançou o seu corpo contra o meu, com uma agressividade fantasticamente deliciosa, impossível de resistir. Segurando-me firme, curvou como se fosse me beijar e afrouxou me afastando um pouco, simulando desistência.

Um arrepio tomou meu corpo. Eu não queria e queria ao mesmo tempo, todo sentimento estava borbulhando dentro de mim.

— A sua convicção não se sustenta — dizendo isso, deu aquela pegada por baixo do cabelo e me levou de volta, ele beijava tão impetuosamente que eu era incapaz de respirar. Perdi totalmente o fôlego.

Ele tinha muita atitude, era um homem de verdade, com uma pegada de comando. Um comando que acabou.

— PARA! — berrei espalmando seu peito e com toda força que encontrei em meu ser, o empurrei e acertei um tapa estalado em seu rosto. — Não quero mais suas mãos imundas em meu corpo.

Sua mão subiu ao local atingido e seus olhos marejados se estreitaram fixos nos meus.

— Por favor, não me rejeite. — Sua voz rouca, pronunciando aquela frase, surpreendeu-me.

Balancei a cabeça retomando a rédea.

— Vai se ferrar!

— Eu preciso de você — humildemente implorou, imerso em sinceridade avançando os passos, bem parecido com o Marcelo do passado. Eu recuava os mesmos porque era humanamente impossível de resisti-lo estando tão perto.

Explodi numa gargalhada irritada.

— Não me faça rir!

Ele permaneceu sério. Enchi o peito o confrontando, como deveria ter feito há muito tempo. Era só estalar os dedos e pronto, lá estava eu, em total entrega, mas isso chegou ao fim.

— Que palhaçada é esta, Marcelo? Não me rejeite, eu preciso de você. Você está sofrendo de transtorno bipolar, é essa a explicação? — Afogada na minha própria respiração acelerada, finalizei.

Pendendo a cabeça, seus dedos grandes embrenharam nos cabelos antes de voltar sua atenção em meu rosto.

— Estou falando *sério* — frisou em um fio de voz.

Acenei de cabeça, determinada a entrar na dele.

— Pois bem, então vamos falar sério. Você precisa ficar longe da minha pessoa. — Bati levemente o punho fechado da mão direita em meu peito.

— Me ensina como! — o canalha sussurrou despertando ondas de arrepios pelo meu corpo e uma enxurrada de questionamentos em minha cabeça.

— Como você pode ser tão insensível, me diga? — Seus olhos escurecidos percorriam especulativos pelo meu rosto. — Eu sei de tudo, Marcelo, eu sempre soube.

Mudo, seu peito subia e descia numa velocidade inquietante.

— Por que o espanto? Você mesmo não disse lá na festa, antes de me dar um chega para lá, que reconstruiu a sua vida.

Um sorriso desapontado plantou no rosto másculo, correndo as mãos pelos cabelos, claramente perturbado.

— Ninguém contou, eu conheço as pessoas ao qual você reconstruiu a sua vida.

Ele balançava a cabeça tentando negar e aquela atitude covarde soou profundamente irritante.

— Basta de mentiras e confesse logo!

Ele fechou os olhos num lapso e os abriu, tensos.

— Negar só faz de você um mentiroso, eu vi! — Ainda batia em meu peito, colocando para fora toda a amargura do meu mundo. — Eu vi você na cobertura no dia do nosso rompimento e hoje com sua filhinha linda nos braços.

— Você viu?

Sua respiração acelerou; e, desesperado, ele veio rapidamente passando o braço forte e quente ao redor do meu pescoço e puxou firmemente, beijando minha testa antes que eu pudesse reagir e socar a cara dele. Pois era isso que desejava do fundo da minha alma, colocar para fora aquilo que guardei comigo durante seis anos. Aliviar meu coração, só que não conseguia. Não dava.

— Perdão, Carol! — sussurrou na minha pele com voz embargada. — Agora estou entendendo o porquê caiu nos braços do Derek. Era vingança? — A pergunta saiu junto a um suspiro aliviado.

Comprimi meus lábios querendo chorar, mas não chorei, recuperando o controle.

— A QUESTÃO NÃO É O DEREK, É VOCÊ, SEU NOJENTO! — Com os punhos fechados, eu golpeava seu peito com toda força que possuía.

— Ah, meu amor! — Sua voz saiu embargada. Nitidamente tocado e segurando meus pulsos, colocou sobre o tórax em movimento frenético. — Não era para ser assim, querida.

Meu amor, querida... *Mentiroso!*

— Para de me chame de seu amor, cretino! — Empurrei-o, recuando necessitada de distância. — Eu te odeio...

— Não é a mim que deve odiar e sim a vida, ela é uma merda! — protestou entredentes, e correu os olhos cinzas inquietos pela sala.

— Nós que a coordenamos.

Ele sacudiu a cabeça, discordando.

— Nem sempre *temos* o controle dela — frisou amargurado, travando o olhar sério de quem desejava matar. Muito intimidador que, juro, me assustei e não foi pouco. — Ela costuma impor regras, as quais fogem de nosso controle. E, de repente, não querer abrir mão do que mais amamos deixa de ser uma opção.

— Está tentando dizer que você foi obrigado a me trair?

Onde a barba não cobria ficou completamente branco, e seus olhos cintilando, talvez de lágrimas. Não podia garantir devido a distância que estávamos um do outro.

— Seja franco e admita a sua traição.

Ele não conseguia se manifestar, por quê?

— Se não for claro, Marcelo, eu estou no direito de fazer qualquer interpretação da cena que presenciei.

Ele fechou os olhos levando as mãos ao quadril.

— Não qualifique isso como traição. No momento eu só posso rogar o seu perdão e pedir para não se envolver, por favor!

Engoli duro, descreditada ao pedido dissimulado.

— Não tem nada a ver com você! — emendou preocupado, porém encerrando a conversa, e fitou meus olhos.

Ergui as sobrancelhas, cética.

— É... — soluzei e segurei as lágrimas. — Você namorar com outra mulher enquanto estávamos juntos, e ainda engravidá-la neste mesmo período não deve ter nada a ver comigo mesmo! — Minha voz era amortecida e trêmula. Aquela conclusão me reduziu a pó. Sentia-me a criatura mais menosprezada da face da Terra.

Ele balançou a cabeça de um lado ao outro, tenso. Um gesto que poderia entender como negação. Mas eu sabia que não era; por nenhum momento ele

negou, simplesmente emudeceu, o que a meu ver, consentia.

Revirei os olhos para o teto.

— Pelo menos, agora as coisas ficaram esclarecidas entre nós! — Ajeitei o meu vestido. Os olhos cinza angustiados analisavam cada movimento meu.

— Está enganada! — deixou escapar. Notei que se arrependeu comprimindo os lábios e fechando os olhos fortemente.

— Por que não mostra onde está o meu engano?

Ele grunhiu travando seu olhar em meus lábios.

— Esquece!

Inspirei o máximo de ar para meus pulmões e soltei lentamente, assentindo.

— Talvez se tivesse dado na sua cara naquele dia, eu me sentisse melhor agora — relatei segurando para não desabar na frente dele. — Você não vale nada, Marcelo! — ressaltei odiosa.

Ele inspirou ruidosamente abalado.

— Você me conhece melhor do que qualquer pessoa. Não sou esse monstro.

Ria inconformada.

— Você é um bom ator, realmente demonstrava ser uma pessoa singular. Justa e fiel. E por que as esconde até da sua família? — Ele ficou branco como cera e não respondeu. Conformada, dei de ombros simulando desdém. — Me enganei com você, fazer o quê?

— Por favor, não tire conclusões precipitadas! — suplicou de um jeito intenso, eu vi lágrimas correrem dos olhos dele. *De fato, ele sabe interpretar bem! Só faltava pedir pelo amor de Deus!*

— Pedido idiota, Marcelo! — Respirei profundamente antes de encerrar o assunto: — Já que temos de conviver na Uchoa, eu proponho que fique o mais longe possível.

— Por favor, Carol... — Com as duas mãos estendidas à sua frente, ele avançou apavorado.

Recuei, apontando o dedo indicador na sua cara.

— Nunca mais se aproxime, por favor.

Naquela expressão exausta, ele expirou fortemente e, com a mão no quadril, o covarde declinou os olhos ao chão, pensativo, finalizando:

— Talvez seja a melhor e segura das soluções, mesmo! — Ergueu a cabeça me olhando em um meio sorriso. — Nunca acreditei em destino, porém ele se manifesta entre nós no sentido contrário.

Balancei, chocada, porém sem decair.

— Mais um indício de que a distância é mais segura como você mesmo comentou. — Dei-lhe as costas caminhando na intenção de sair dali.

— Calma que ainda tenho algo importante para te contar.

Grunhi raivosa. Cansei! Girei no calcanhar, encarando-o.

— Que se dane!

Ele baixou os olhos entristecidos.

— Poderia me ouvir, por favor! — rebateu em tom austero.

Indignada, fechei os olhos intensamente bloqueando o ímpeto de mandá-lo à merda, contudo, quando abri a boca para dizer um enorme NÃO, ele antecipou:

— Dona Esmeralda esteve internada e...

Meu coração saltou na garganta me sufocando.

— O QUÊ? — Aquela notícia me bateu o desespero.

— É... ela passou mal e precisou ser hospitalizada, mas já foi medicada, teve alta e eu já a deixei na casa de repouso. — Será mesmo que ele pensa que, medindo as palavras com esforço, ia tranquilizar a dor quase insuportável que sentia?

— E só agora você me conta, como assim? — cobreí perplexa. — Ah, então por isso estava com a sua família naquele hospital? Eu posso até engolir tudo o que escondeu de mim em todos estes anos.

Ele arfou meio estremecido.

— Mas sobre o estado de saúde de dona Esmeralda, eu não engulo e nunca vou perdoá-lo, SEU EGOÍSTA! — vociferei.

Ele negou de cabeça se aproximando e andei para trás. Estava o odiando ainda mais, principalmente seu contato excessivamente repugnante.

— Está sendo injusta comigo! — retorquiu nervoso. — Liguei diversas vezes no seu celular e só deu caixa postal. Sabe-se lá o que estava fazendo com o cliente que precisou desligar o telefone.

Travei os dentes irada com a sua insinuação costumeira, e sem fé enfiei a mão dentro da bolsa em meu ombro pegando o aparelho e constatei que estava desligado e liguei. Realmente havia várias ligações perdidas.

Bufei e dei-lhe as costas correndo na intenção de seguir direto para a casa de repouso. Ele veio atrás.

— Vai aonde? — perguntei com ele saindo junto comigo pela porta da recepção.

— Eu vou com você — respondeu convicto.

Eu sacudia a cabeça que não.

— No meu carro você não entra! — ressaltei.

— Sua chata! — Foi a única frase que ouvi, pois saí voando dali.



Capítulo Doze

MARCELO

Compreendi a posição dela, e concordei sobre o afastamento ser a melhor maneira de não errar. Abrir o jogo com ela seria como assinar um atestado de burrice. “O momento exige prudência, Marcelo!”, repetia em minha mente, sabendo o quanto falharia com isso. Com estes sentimentos dentro do meu peito, eu cairia novamente em tentação. A não ser que permanecesse a quilômetros de distância, mas como poderia com a Uchoa sendo nosso local de trabalho? Era foda!

Fiz uma porção de planos de esquecê-la, e fracassei em todos. E tinha consciência de que devia respeitar seu espaço, deixá-la respirar.

Bem... reclamar não resolveria nada. O jeito era correr para chegar junto com a Carolina na casa de repouso, para a coisa não complicar mais.



As chaves do carro e a carteira com os documentos estavam no bolso da calça, então segui direto para o estacionamento para pegar meu carro.

Um calafrio terrível desceu em minha espinha, assim que entrei no estacionamento e vi o carro da Carol lá. Sentia-me muito inseguro e aflito. Naquela tensão que se juntou à pressa, estacionei meu carro ao lado do dela e

não perdi tempo, desci rapidamente e, na mesma velocidade, entrei na recepção.

Sorrindo, a linda recepcionista de cabelo curto marrom belíssimo lançou seu olhar sugestivo ao me ver.

— Você novamente por aqui? Acabou de entrar uma visita para dona Esmeralda — informou rapidamente. — Aliás, admiro, este seu carinho por ela, Marcelo! — alegou ela exprimindo um tom de voz provocante.

— Sou sinônimo de carinho, minha bela. — Com uma piscadela dediquei-lhe um sorriso preguiçoso daquele que encanta o coração de qualquer mulher.

Ela simplesmente se derreteu com um de interesse.

— Sou fissurada por carinhos, e se você, de repente, pudesse proporcionar um pouco para mim!

A safada é mestre na sedução!

— Quem sabe qualquer dia deste.

— Nossa! — Suspirou incrédula. — Vou aguardar ansiosa por este dia.

Mulheres! Pisquei e segui pelo corredor em direção ao quarto da dona Esmeralda, contando com a sua discrição.

Embora, nunca, jamais a julgaria caso ela já tenha revelado a Carol, pois estava ciente do quanto a omissão a incomodava. A maior preocupação no momento era chegar aos ouvidos dela que a Jussara foi o motivo da sua partida de São Paulo. Se isso abalou o meu psicológico, tinha absoluta certeza de que agravaria sua saúde frágil.

— Nossa, estou muito aliviada de ver a senhora bem — demonstrou Carol com voz muito feliz.

Ali, pelo vão aberto da porta do quarto, observava-a de frente à cama de dona Esmeralda segurando sua mãozinha franzina e debilitada. Os cabelos loiros caramelos descendo em cascata sobre as costas eretas, meus olhos

fascinados contemplavam seu corpo desejado, o vestido realçava ainda mais suas belas curvas, a bunda redonda, empinada, bem firme. Perfeita!

— Foi apenas um nervosinho fora de hora, estou ótima agora. — O tom de voz fraco de Dona Esmeralda soou falso ao extremo, a prova foi a sua fuga quando virou a cabeça em direção a janela fechada, o sol entrava tímido, filtrado pela cortina branca de seda. Sorri ainda mais apaixonado por aquela mulher, uma pessoa que nunca reclamava da vida, mesmo depois de ter sido maltratada por ela. A Carol notou também:

— A senhora vai me desculpar a franqueza, mas seu estado deprimido é visível!

Dona Esmeralda inalou profundamente e voltou com a cabeça, encarando-a em sua evidente expressão amargurada.

— Talvez se desabafar, eu possa ajudar.

A hipótese cogitada armou a dinamite pronta a explodir dentro do meu peito com aquele tortuoso aperto no coração. Apesar de discreta, a conhecia perfeitamente, ela jogava verde para colher mais informação de Dona Esmeralda.

Abri a porta e adentrei no recinto evitando uma revelação inoportuna.

Dona Esmeralda desviou o olhar, eu acenei a cabeça negativamente e, neste momento, a Carol se virou me olhando durante alguns terríveis segundos.

— Ah, claro! Só podia mesmo ser você — bufou descontente. Claramente seus olhos marejavam. — É impressão minha, ou você está intimidando a dona Esmeralda? — indagou entredentes, nervosa.

— Mantenha a calma, por favor, minha querida! — Tensa, apertando a mão da Carol, interveio dona Esmeralda em súplica.

Perturbada, ela revirou os olhos para o teto, antes de voltar a cama me dando as costas.

— Perdão, perdão! — Em tom baixo abafado, cobrindo as mãos juntas da dona Esmeralda com as suas, dizia arrependida — É coisa minha com o Marcelo.

Esta é a minha Carolina! A pessoa mais especial que conheci nesta vida, de espécime rara, de egoísmo zero, aquela que vivia para os demais e esquecendo de si na maioria das vezes. Uma característica linda que agreguei muito dela na minha vida. *E esse jeito de ser discreta, Jesus!* Senti como se duas mãos esmagassem meu coração dentro do peito. Um aperto da porra só de imaginar o quanto ela sofreu ao me flagrar com a Jussara, sendo que tudo o que fiz até hoje fora justamente para poupá-la deste sentimento intenso na sua vida.

Ela sofreu todo este tempo calada! Como ela conseguiu?

Parei ao seu lado na cama, ela absorveu o ar profundamente, expandindo os pulmões, antes de prosseguir:

— Voltando ao nosso assunto — ignorava completamente a minha presença —, andei me informando sobre um programa bem interessante de apadrinhamento de idosos e gostaria de saber se ainda está disposta a permanecer mais tempo ao meu lado?

Um sorriso escaldante e intrigante plantou no rosto de Dona Esmeralda, e deixando-me atônito.

— Seria uma alegria, minha querida! — percorreu com a maior certeza deste mundo.

Grunhi descrente, cruzando os braços na altura do peito, chamando a atenção para mim.

— Gostaria de saber qual o motivo da distinção. Por que a Carol e não eu? — cobrei plantando um falso ar sério. Sentia orgulho da minha Carol. Sabia exatamente a sua intenção, e aquele gesto nobre não tinha preço. — Cansei de fazer o convite de apadrinhamento e só recebi recusa.

Ela fechou os olhos, sorrindo carinhosa. Uma de suas mãos veio segurar a minha mão. Agora segurado a minha e a da Carol, ela levou as duas aos lábios aplicando um beijo para lá de afetivo.

— Sem drama, Marcelo! A presença dos dois é uma bênção indescritível na minha vida, e os amo demais! Torço para que resolvam as pendências que existem entre vocês — articulou oscilando o olhar para nós dois. E por uma fração de segundos, entreolhamo-nos e suspiramos. Ela abriu um sorriso mal-humorado, que acabei rindo de canto, notei a intenção de esconder seus sentimentos. — Enquanto isso não for possível, eu vou aceitar o convite da Carol — completou dona Esmeralda, timidamente estacionando seu olhar em meu rosto.

Com a mão livre espalmei sua face, acariciando com as pontas dos dedos, cujo carinho foi recebido com os olhos fechados.

— A senhora está fazendo uma boa escolha — assegurei e virei o rosto buscando os olhos da Carol, e me deparei com seu perfil bonito de pele aveludada, triste. — A Carol está apta a cuidar da senhora muito melhor do que eu.

Mordendo o lábio inferior, seus olhos vieram renitentes aos meus.

— Seria bem mais humano se você não a envolvesse em suas imundícies, ok? — rosnou e voltou à dona Esmeralda. Curvou-se beijando a face. — Eu vou correr com as documentações.

Dona Esmeralda soltou da minha mão para segurar o rosto da Carol com as duas.

— Seja paciente e não desanime. Tudo vai melhorar e vai acabar bem! Acredite!

Ela riu inventando uma postura desentendida.

— Tudo vai muito bem na minha vida. — Olhando de canto de olho, deixou um tom incerto soletrar cada palavra. Nem ousei encarar, embora

desejasse muito. — E a sua presença só vem confirmar — completou e endireitou, posicionando-se à minha frente. — A partir de hoje, você é uma página virada na minha vida. — A voz dela enfraqueceu, tornando-se quase imperceptível e mesmo assim, senti um baque no peito, considerando suas palavras implacáveis.

Respirou intenso e pegou sua bolsa nos pés da cama e saiu esbarrando em meu braço.

Girei o corpo escoltando seu caminhar ligeiro, pensando o quanto foi em vão o meu esforço para não a magoar, a vida vinha fazendo isso sem que eu tivesse qualquer controle. Mil razões passavam pela minha cabeça para interceptá-la e resolver tudo de vez, e tinha duas mil razões para odiar a mim mesmo com a razão preponderando, gritando dentro da minha cabeça.

Pra quê? Precisa desvincular o coração o quanto antes!

— Não pode deixar a Carol sair daqui neste estado, Marcelo — orientou dona Esmeralda. Eu ainda estava preso na direção da porta que acabou de fechar, assimilando o som do salto alto sobre o piso ecoando no silêncio.

Respirando fundo, concordei com seu raciocínio, meneando a cabeça, e corri quarto afora.

— Carol, espera! — chamei indo atrás dela, quase correndo pelo caminho. Ela sequer respondeu.

Chegando perto, segurei seu pulso e a puxei contra mim.

— Por que você insiste, cara? Me deixa em paz! — Forçando o pulso, ela tentava esquivar da minha mão. A mão livre subi até sua nuca, entrelacei meus dedos em seus cabelos, enfiando meu rosto na curva do seu pescoço alvo e perfumado, causando ondas de arrepio pelo meu corpo ao aumento da pulsação cardíaca.

— Não foi minha intenção em momento algum ferir você — sussurrei em seu ouvido, sentindo seu tremor embaixo dos meus dedos.

Revoltada, balançou a cabeça e a ergueu.

— Acha mesmo que isto importa na altura do campeonato? Passaram-se seis anos. — Ela deu de ombros querendo ser imparcial, e fracassava, pois seu rosto devastado de agonia, com seus medos e inseguranças, destacado em seus olhos mel, a entregava.

— Para mim importa sim, e muito!

Ela riu histérica, prostrada.

— Se importasse mesmo, não teria cometido uma traição da magnitude que foi — contrapôs assumindo um olhar vermelho irado. — Eu me perguntei muito nestes seis anos onde foi que falhei. Porque, para mim, havia muita cumplicidade, entrosamento entre nós, principalmente a vida sexual bem ativa.

— A vida contigo sempre foi perfeita. — Desesperado com a sua conclusão, segurei em seu rosto macio e a trouxe para mais perto. — acredite, por favor! — murmurei me punindo enquanto investigava o rosto padecido.

— Talvez no passado, se a ligação que tanto esperei tivesse acontecido com uma justificativa que tudo não passou de um mal-entendido, eu acreditasse. — Fechando os olhos numa fração de segundos, abriu um fraco sorriso conformado recuando, me deixando oco. — Hoje não é o caso.

— Este assunto é um mal-entendido. — Angustiado, tomado pela pressão, acabei afirmando e passei a mão na testa dela, deslizando até os cabelos.

Ela arfou travando seu olhar, especulativa.

— Aquela linda menina te chamando de pai é um mal-entendido? Como é o nome dela?

— Yasmim.

Ela ria querendo chorar. Avançando os passos, segurei em seus ombros, necessitando conectar nossos olhares.

— Quando for possível, eu coloco tudo em pratos limpos. Conhecendo você como eu conheço, sei que vai me dar razão.

Ela acenou desafiadora.

— Seis anos e ainda não acha possível? — Revirando os olhos rebateu, caçoando zangadíssima.

— Se não me der um voto de confiança, pode se arrepender depois! — vociferei colando meus lábios em sua testa, respirando ali enquanto ela continuou muda.

— Infelizmente, sou incapaz de lhe dar qualquer voto de confiança. Embora mereça, a minha índole não me permite amaldiçoá-lo. — Focada em meus olhos, podia sentir o calor da sua respiração. Suas mãos se perderam em meu peito, e as pontas dos seus dedos se moveram levemente em meus músculos antes de ser impelido. O espaço entre nós pareceu imenso. — Confiava em você, Marcelo, e acho que se tivesse cansado de mim, poderia pelo menos ter terminado antes de aprontar. — Inspirando profundamente, soltou o ar entre os dentes. — Me esqueça e seja feliz.

Dizendo isto, ela deu-me as costas e prosseguiu pelo corredor rapidamente. Vontade de correr atrás dela não faltou, mas do que adiantaria forçar a barra se não diria nada.

— Que sufoco, meu filho! Não posso mais alimentar isso, maquiagem a verdade — comentou dona Esmeralda assim que entrei no quarto.

— A senhora não está maquiando nada, apenas omitindo por segurança — elucidei. — Tenha um pouco mais de paciência, logo este assunto será solucionado.

— Confesso que paciência está faltando em mim. — Ela suspirou consternada — Sabe, Marcelo! Não importa como você enxerga a questão. Eu vejo como falsidade e a sensação é terrível, chega a acabrunhar a minha alma.

Ri condescendente e sentei ao seu lado na cama, curvando sobre ela, abri os braços ao redor do seu corpo. Seus olhos atribulados percorriam meu rosto.

— Eu não sei se acolher o convite para ser apadrinhada foi uma forma de suavizar este sentimento de culpa — balbuciou esboçando um sorriso indeciso antes de cerrar os olhos, inspirando leve. — O que sei é que você chegou a tempo. Pois, mais um segundo, eu certamente acabaria contando tudo a ela.

— Agradeço por não ter dito nada. Aliás, o número de pessoas expostas já é relativamente grande. — Ela baixou os olhos refletindo, porque mais do que ninguém, sabia o quanto eu estava coberto de razão. — O risco não compensa, independentemente de qualquer coisa, não existe possibilidade de um retorno. Seria uma exigência extremamente grande e injusta, tem exigências na vida que chegam a ser desumanas.

Grunhi e inclinei beijando sua testa com todo carinho deste mundo.

— Nesse caso, é muito melhor permanecer leiga, e também não pretendo carregar este fardo, mesmo porque, há escolhas impossíveis de fazer. — Quando ela terminou a frase levantei.

— Preciso retornar à empresa, amanhã eu volto.

— Vou esperar por você.

Mais um beijo e saí ligeiramente, evitando passar estresse para a coitada. Odiando a vida e suas imposições. *Vida do caralho!*

— A visita foi bem rápida! — Naquele flerte descarado, manifestou a recepcionista correndo com a ponta da língua vagarosamente pelos lábios, assim que saí do corredor dos quartos e atingi a recepção.

Todas as poltronas ao redor vazias, somente a moça estava no ambiente atrás do balcão em arco de madeira clara, com os braços cruzados sobre o

balcão, literalmente debruçada, expondo aqueles peitões explodindo pelo decote da blusa. *Safada!*

— Talvez tivesse um tempinho para a demonstração do carinho ao qual citou — sugeriu enterrando seus dentes no lábio inferior.

Respirei fundo e mudei o percurso, caminhei a passos firmes até ela fixando os olhos nos seios fartos sem causar-me nenhuma reação. Desde o retorno da Carol, eu não conseguia sentir emoções, desejo por outra. Precisava lutar contra este sentimento dentro do meu peito, pois ele só traria frustrações às nossas vidas, a dela, principalmente.

— É uma pena que o cartório fecha às 17h, mas fique ligada que em breve seu celular vai tocar. Eu recompenso depois, prometo! — Pisquei e saí apressado olhando no relógio em meu pulso.

A Jussara já deve estar aguardando.



Apesar da alta temperatura, as árvores da alameda onde se localizava o cartório proporcionavam uma sombra agradável, deixando o ar mais fresco além de uma paisagem verde fantástica aliada aos prédios elegantes. Entrei com o carro no estacionamento deixando a cargo do manobrista.

— Boa tarde, senhor!

— Boa tarde! — cumprimentei lhe entregando a chave e entrei no cartório repassando o olhar ao redor à procura da Jussara, quando meus olhos encontraram Viviane sentada à mesa do João Carlos, funcionário do cartório que exercia a função de advogado nas horas vagas.

Só faltava isso hoje!

Ele acenou assim que me viu parado à porta de vidro. Meu coração falhou e deu a tradicional parada com a mãe da Carol virando a cabeça, curiosa.

Abri um sorriso amargo assumindo a postura indiferente, e fui até eles.

— Estava te esperando, Marcelo! — Ele levantou estendendo a mão. Apertei notando dona Viviane baixando a cabeça evitando me olhar por razões óbvias.

— Ah, desculpa o atraso.

— Tranquilo! — disse ele abrindo a gaveta e tirou de lá uma pasta e me entregou. — Termina com a dona Viviane daqui alguns minutos. Enquanto isso, poderia fazer a leitura e revisão do documento do seu divórcio. Como existe uma menor envolvida, mesmo sendo consensual, não poderá ocorrer aqui no cartório. — Contraí o rosto contrariado a sua informação inoportuna.

O olhar dela recaiu sobre mim de maneira automática, apertei os punhos na lateral do corpo sem ação.

— Eu ouvi bem? Divórcio? — indagou perplexa e se levantou posicionando-se em minha frente. Eu não sabia como poderia explicar. — Que história é essa, Marcelo? Só se divorcia quando se é casado, e tem filhos envolvido nesta história imunda. — Seus olhos inundaram de lágrimas enquanto deduzia. — Minha filha sabe?

Assenti de cabeça declinando os olhos, completamente perdido.

— Meu Deus! — Ela levou as duas mãos à boca caindo num pranto descontrolado, chamando a atenção das pessoas ao redor, inclusive do João. — Agora que estou entendendo, este deve ter sido o motivo do rompimento, porque a Carolina resolveu largar tudo.

Suspirando, revirei os olhos, impaciente contando até dez, buscando equilíbrio a fim de não ser deselegante na frente dos curiosos ali, observando seu descontrole.

— Primeiramente baixe o tom — exigiu apontando o indicador na sua cara. Ela resmungava, rindo endiabrada. — E segundo, que a senhora não tem moral para me cobrar nada.

Ela riu impetuosa.

— Será mesmo? — desafiou avançando um passo e ficamos muito próximos, olho a olho. — Se está aqui com outro advogado e não o Cauã, isto leva a crer que esconde do mundo suas cafajestagens.

Balancei a cabeça segurando minha onda, ali não era hora nem lugar de lavar roupa suja.

— Não pode julgar sem conhecer os fatos corretamente, portanto não me compare a você. — Ela abriu os braços naquele sorriso acusador irritante à minha frase.

— É uma pessoa cruel! — Seu tom aumentou um pouco por causa da impaciência, enquanto o olhar dela pesquisava minha face.

— Ambos sabemos quem é o monstro! — Abri meu sorriso cínico. Uma forma de evidenciar sensatez. — São conjunturas distintas com características contrárias, dona Viviane! Eu tenho como explicar meus atos e posso assegurar: são dignos. Agora, eu te pergunto, e os seus? — Seu rosto branco corou completamente. — Pois é, o seu monstro é devorador, e com certeza, devastador.

Pendendo a cabeça, cobriu o rosto com as mãos antes de esfregar a pele com firmeza e embrenhar os dedos trêmulos pelos cabelos e afrontou-me:

— Não envenena a minha filha contra mim, por favor.

— São seis anos preservando-a, e só você colhe os frutos bons! — acusei erguendo as sobrancelhas e assumindo uma postura autoritária. Ela permaneceu muda. — Como vê, não tem moral para me julgar quando o seu comportamento foi extremamente danoso. E por esta razão espero que este

assunto de divórcio fique somente sob este telhado. — Aponte os dedos indicadores para o teto.

— Devolva a Uchoa a nossa família. Não queira se vingar da minha filha, ambos sabemos que ela não merece — solicitou num fio de voz ignorando a minha solicitação. Repensaria sobre o assunto se o motivo fosse apenas esse.

— Papai, papai? — A voz macia e em expectativa de Yasmim ecoando no ambiente aqueceu, como também atribulou o meu coração, ele quase saltou do peito.

Eu e Viviane nos viramos no mesmo instante. Yasmim, de cabelos úmidos e vestida de calça jeans e uma camiseta lisa cor-de-rosa, como o tênis nos seus pés, pulou para o meu colo.

— Ohhh, meu anjo! — Com seus bracinhos delicados ao redor do meu pescoço passeava com as minhas pelas costinhas frágeis. — Demoraram! — disse olhando para aquele rostinho corado e fofo.

— Culpa da mocinha aqui. — Com os cabelos negros, presos em um coque frouxo, Jussara apalpou as costas da filha. — Deu o que fazer para tirá-la da rede da sua varanda. Ficou encantada com a paisagem. — Tirando a mão beijou o local.

— É muito bonito... Eu posso morar no seu apartamento, papai?

— Ô, meu amor! — Acaricieei seu cabelo e beijei a face macia notando os olhos interrogativos e marejados da Viviane sobre nós. — É claro que pode — respondi baixo na pele macia, procurando me esconder da mãe da Carol. Só que não deu tão certo, ouvi um fungado de quem estava chorando e lancei um olhar preocupado.

— Por que, Marcelo? — rezingou ela imersa na voz embargada. Com minha garganta apertada, não consegui responder. Estava megacompliado lidar com esta situação emocional. — Dói muito saber que machucou a minha filha assim, o meu bem mais precioso.

Respirei fundo, buscando sangue frio e coloquei a Yasmim em pé no chão antes de afrontá-la, como ela merecia.

— Olha só quem diz! — ironizei.

Soluçando, ela pegou a bolsa dependurada na cadeira, colocando-a no ombro e percorreu o olho crítico pelo corpo da Jussara que, aliás, estava lindíssima dentro de um vestido verde-musgo ajustado ao corpo na altura dos joelhos.

— Independente do que tenha incidido, não poderia ter permitido que isso acontecesse — enfatizou. E deixou o cartório a passos rápidos.

— Quem é ela, Marcelo? — perguntou Jussara, cabreira ao meu lado.

— A mãe da Carol!

Ela puxou o ar com os lábios entreabertos.

— E agora?

Dei de ombros sem nada mais a fazer.

— A Carol sempre soube de você — esclareci virando o rosto e buscando seu olhar cético. — Fiquei sabendo hoje.

Ela fechou os olhos torturada.

— Por mim teria contado há muito tempo.

— Não via necessidade na época. E também a decisão serviu como medida de segurança.

Ela acenou com a cabeça ponderando.

— É! Neste quesito, eu tenho que concordar.

— Peço desculpas, Marcelo! Nunca imaginei que você conhecia a dona Viviane. — O tom de voz chateado de João Carlos me fez rir resignado.

— Não se preocupe. — Puxei a cadeira e sentei. — Afinal, já era esperado! Embora tenha sido cauteloso, havia risco desta história vazar.

— Yasmim?! — Jussara gritou. Yasmim se embrenhava entre as filas. — Deixa-me ir buscar esta menina antes que ela se perca.

E saiu apressada.

— Foi bem constrangedor — emendou ele.

Ria da minha situação até que o encarei.

— E coloca constrangedor nisto, meu amigo! A realidade é que estou fodido e mal pago. — Soltei o ar fortemente. — O animador é que, pelo menos, esta parte da história está próxima ao seu fim, e em garantia. Ainda bem, pois já estou ficando louco e meu psicológico em declínio. Isto é o que importa agora.

Acordando e movendo a cabeça, ele ria também, conhecia o inferno ao qual estava preso.

— Você é um herói, meu amigo!



Capítulo Treze

CAROLINA

Isto não tem nada a ver com você!

A frase dele batia com frequência em minha cabeça, impregnou na minha mente de um jeito que estava quase me enlouquecendo.

Perambular na rodovia por horas a fio, buscando refresco ao meu coração em chamas foi uma decisão acertada e satisfatória. O céu já ganhara a coloração escura com o total pôr do sol, o prateado tímido da lua se achegando não iluminava o horizonte, mas conseguia clarear o meu coração.

— Eu vou esquecer você, Marcelo! — Agarrei o volante com toda a minha força e o chacoalhei violentamente, na tentativa de colocar meus miolos soltos dentro da cabeça, no lugar. — Se ajuste aí dentro, pelo amor de Deus! — ordenei.

Se esquecer o Marcelo é como deixar de sonhar. Então que meus sonhos cessem. Vou buscar uma fonte alternativa para alimentar o meu sentido de vida daqui por diante.

É isso, Carol... Que se dane o Marcelo, que se dane o mundo! Uma luz se acendeu dentro da minha cabeça.

Entrei no primeiro retorno em direção a Alphaville.

O que não te mata te fortalece, mulher! Deixa o ódio proliferar, use-o como escudo.

Aliás, tanto tempo longe, a vida já deveria ter me ensinado a deixar o passado no lugar que cabe a ele.

A verdade é só uma, Carol! Filho não prende ninguém, então coloque de uma vez por todas dentro da sua cabeça e grave no seu coração que, se o Marcelo te amasse de verdade, ele não a deixaria partir. Ou, no mínimo, iria atrás de você.

Ocorrência nula! A realidade dói no meu coração, nunca mendigarei o seu amor e hei de conseguir sobrepor a tudo isto. Vou levantar a Uchoa e dar o orgulho que devo ao meu querido pai. *Renascerei das cinzas.*

Entrei na garagem de casa fortalecida; e ao entrar em casa, encontrei minha mãe sentada no sofá bebericando uma taça de vinho tinto.

— Ah, minha filha! Estava esperando você. — Sorriu lentamente aflita e levantou-se vindo ao meu encontro.

Estava cansada, de mau humor e sem condições para qualquer tipo de conversa.

— Agora não, por favor! — solicitei exausta e desviando dela, andei em direção às escadas.

— Precisa ouvir. É importante, Carolina! — advertiu um tom severo.

Respirei fundo e girei no calcanhar fixando em seu rosto pálido, olhos assustados.

— Está me assustando. O que foi?

Seus olhos encheram de lágrimas à minha preocupação.

— Mãe?

Apertando os lábios e segurando o choro, ela se aproximou. Seus dedos se fecharam em meus braços, com seus olhos inundados, observou meu rosto.

— Encontrei o Marcelo no cartório, hoje.

Soltei o ar de puro desinteresse.

— Nada sobre o Marcelo me interessa, mãe. — Dei-lhe as costas e, ao pisar no primeiro degrau, ela emendou:

— Se divorciando!

Travei completamente à notícia bombástica.

— Estou aqui com você para lhe dar apoio, minha filha! — Suas mãos abraçaram minha cintura e sua cabeça deitou sobre minhas costas num movimento intenso, devido ao meu batimento cardíaco a mil. — Eu juro que trocaria este sofrimento com você. — Ela não sabia exatamente como eu estava me sentindo. Eu não sabia! Era um emaranhado de possibilidades na minha cabeça, nada se encaixava.

— Então, ele se casou? — balbuciei mais pensativa do que triste. E corri subindo as escadas como uma louca desvairada.

— Calma, Carol! — gritava minha mãe vindo no meu encalço.

Entrei no meu quarto me jogando de barriga sobre a cama, abracei meu travesseiro e ali deixei as infinitas conclusões fluírem. Perdi o controle com a porta se abrindo.

— Me deixe sozinha, por favor! — supliquei afundando o rosto no travesseiro.

— Não posso, querida! — disse baixinho se sentando ao meu lado. Sua mão quente e confortadora deslizava por minhas costas. — Você precisa de mim neste momento. — Sentei à sua frente e a abracei, sem uma lágrima nos olhos, não havia espaço para elas com a minha cabeça trabalhando. — Este foi o motivo do rompimento, né? — perguntou alisando meus cabelos nas costas.

Assenti, meneando a cabeça e pensamentos distantes.

— Eu flagrei o Marcelo na cobertura com sua amante — confessei sem me abalar. — ESPOSA! — ressaltei. Na verdade, com milhões de questões se acumulando em meu cérebro. Eu não sofria com a notícia, estava megacomplicado discerni-la! Como assim? Casou com a fulana sem que ninguém soubesse. Qual o propósito de todo este silêncio?

Tem caroco neste angu!

— Eu nunca vou perdoar este rapaz por ter feito isso com você, filhinha. NUNCA! — exprimia com a força de sua alma, me passando o conforto que achava necessário. — Deveria ter contado com seus pais, não suportar este sofrimento sozinha. Mas o que você tem na cabeça, Carolina?

— Certas verdades são duras e machucam demais. Eu não soube lidar com aquela sensação de inferioridade — admiti arredando, buscando seus olhos. — E ir embora foi uma atitude impulsiva, eu sei; mas, pelo visto, acertada. Fui poupada da humilhação de ser traída.

— Cafajeste! — praguejou ela passando os polegares pelo meu rosto. — Se acha tão correto, o dono da verdade, quando na realidade, não passa de um verme! — Engoli duro notando muito ressentimento no seu tom de voz.

— Esta sua análise sobre a personalidade do Marcelo contradiz tudo que conheço dele — discordei redondamente e não sabia por que o defendia, ou sabia. Sei lá!

— Não se engane, porque quem vê cara não vê coração — observou me abraçando forte. — O que mais existe por este mundo é raposa em pele de cordeiro — alertou-me antes de me impelir, fazendo-me deitar e deitou-se ao meu lado, passando a mão pelo meu abdome. — Durma um pouco. Relaxada, você vai conseguir raciocinar melhor e adequadamente.

Cedi, respirando fundo e fechei meus olhos, buscando respostas até que fui vencida pelo cansaço.



O canto dos pássaros e minha respiração profunda eram os únicos sons ecoando. Mexi preguiçosamente, com a luz do sol me acordando, enchendo as janelas de luz e anunciando um novo amanhecer.

— Virei a noite! Como assim? — Surpresa, perguntei em voz alta enquanto me sentava. Há muito tempo não dormia tanto. Acredito que seja o privilégio de estar em um lugar tranquilo, em total sintonia com a natureza. Desejaria acordar com esse canto e terminar o dia ouvindo-o.

Saltei da cama com o rosto do Marcelo invadindo minha mente.

— Risque-o definitivamente da sua vida, Carol! — aconselhei-me caminhando em direção à porta do banheiro. Desisti de pensar, desisti dele.

Estaria sendo injusta dizendo que a minha vida ficou estagnada nestes últimos anos. Trabalhei duro, busquei novas oportunidades de mercado e conquistei o meu espaço e hoje eu sou respeitada. E ainda estou no começo, há possibilidade de ampliar muito mais o meu negócio. E será este o foco: o trabalho. Viverei uma nova fase na minha vida, um novo recomeço.

E o ponto de partida é dar o exemplo. Tirei minha roupa, jogando-a dentro do cesto de roupa suja, chegaria antes dele na Uchoa.



O tráfego intenso e lento no trecho próximo à Uchoa causava desconforto mediante o sol batendo de frente ao para-brisa. Olhando no espelho retrovisor, aborreci-me com meus olhos inchados dando a impressão que dormira quase nada. Enfiando a mão na bolsa sobre o banco ao lado, peguei o estojo de maquiagem e apliquei um pouco mais, deixando minha face mais corada. Caprichei no visual elegante executivo e discreto: um vestido tipo sereia com mangas 3/4, vermelho com detalhes em botão na lateral da saia, preto como o babado e a gola combinando com o sapato e a bolsa de couro. Prendi os cabelos num coque elegante, dando um toque mais sério,

revigorando meu equilíbrio emocional. Como eu disse, hoje seria o início, uma nova e fortalecida fase.

Entrei no estacionamento, só de imaginar encontrar com ele, batia aquela ansiedade, o coração disparava no peito e, claro, aquele frio medonho na barriga.

Se controla, mulher! Seja rápida que diminui o risco de se esbarrar com ele.

Tão logo desci do carro, saí a passos apressados em direção ao laboratório: o local escolhido para gerir minha parte na empresa. Aproveitaria para enumerar todos os projetos do meu pai.

— Bom dia, José! — cumprimentei-o seguindo para a mesa do meu pai. Vestido com segurança, ele saía do laboratório, ainda com poucos funcionários, devido ao horário.

— Chegou cedo, Carolina! — comentou retirando os apetrechos de segurança e os deixando no local adequado, próximo à entrada do laboratório.

— A partir de hoje será sempre assim. Gosto de dar o exemplo.

Ele riu em aprovação e veio ao lado da mesa.

— Você me fez lembrar do senhor Gael. Muito aplicado aquele homem.

Suspirei apaixonada por aquele velho lindo.

— E como! — Abri a gaveta retirando as inúmeras pastas azuis e as coloquei sobre a mesa. — Estes projetos deveriam estar guardados num cofre, não acha?

Ele riu.

— Cansei de falar isso para o seu pai, mas sabe como ele é! Confia em Deus e em todo mundo.

Concordei. Meu pai era daqueles homens. Corrigindo, é daquele tipo de pessoa, que não vê maldade em nada e nem em ninguém.

— Por esta razão acabei advertindo o Marcelo, por ter retirado a pasta daqui.

Ele deu de ombros, confuso.

— Não o vi pegando a pasta! E mesmo que viesse através de uma solicitação, não poderia negar, sendo ele dono também.

Baixei minha cabeça desanimada com a realidade.

— Sim, você está certo! — respondi abrindo a primeira pasta, peguei os documentos os colocando sobre a mesa e o encarei. — Pois bem, vamos trabalhar porque tempo é dinheiro.

Ele sorriu aprovando e foi se sentar à sua mesa, e eu permaneci ali, analisando todas as fórmulas. Algumas aguardavam sair a patente. O último documento se tratava de apenas um relatório, onde estava relacionado todas as fórmulas e constavam 10. O intrigante que revisei apenas 9, e não havia outro.

Torci a boca encafifada e chamei o José.

— Conforme o relatório do meu pai, está faltando uma fórmula nesta pasta. — Ele se levantou imediatamente e veio pegar o relatório em minhas mãos e analisou um por um.

— Você olhou direito, porque seu pai é minucioso quando relaciona, ele não comete erros — garantiu, o que já estava careca de saber, me fitando.

— Acredita que possa estar com o Marcelo?

Ele arregalou os olhos em dúvida do que responder, preocupado, é claro, sendo o Marcelo dono. Uma pessoa com a sua idade, seria muito complicado conseguir um novo emprego.

— Se quiser posso ver com ele e...

— Esta parte eu cuido. — Estendi a mão. — Vou terminar de enumerar as outras pastas, de repente pode ter misturado, caso não a encontre, depois subo para conversar com ele.

Depois do almoço finalmente terminei a revisão e nada de encontrar a fórmula. Aproveitei o tempo livre e liguei para a casa de repouso para confirmar se o meu pedido de apadrinhamento deu andamento. E pediram para ligar no final da tarde.

Então subi para à sala da presidência.

Lúcia Helena estava distraída, de costas no armário atrás de sua mesa, quando entrei.

— Bom dia, Lúcia! — cumprimentei andando em direção à sala quando ela parou sua tarefa.

— Desculpa, mas tenho ordens para não deixar ninguém entrar hoje sem ser anunciado — explicou meio sem jeito pegando o telefone para discar.

Revirei os olhos, rindo, incrédula. *Até parece que pediria permissão para entrar na sala do meu pai!*

— Eu tenho certeza de que estou fora deste bolo! — ignorando-a peguei na maçaneta e girei. Ela veio correndo, porém atrasada, a porta se abriu antes dela chegar.

Meu corpo se arrepiou com a visão daquele homem extremamente arrogante e covardemente lindo, vestido com uma camisa social preta, que marcava os seus músculos definidos, o cabelo bem penteado, sentado na cadeira executiva do meu pai. Afundado nela, ele segurava o aparelho do telefone no ouvido e sorriu no seu cinismo costumeiro ao me ver.

— Desculpe, senhor Marcelo — adiantou-se Lúcia Helena às minhas costas.

Ele acenou de cabeça indicando estar tudo bem. Ela recuou e fechou a porta atrás de mim.

— E qual é o seu maior sonho, princesa? — Meu coração parou de bater àquela frase. — Disney? — Rindo animado e esbanjando carinho, ele ergueu os olhos vagueando pelo meu rosto antes de girar a cadeira e me dar as

costas, logo continuou a conversa, que deduzi ser com sua filhinha. — Então vamos providenciar a realização deste sonho — ele falou baixo, porém claro aos meus ouvidos.

Fechei meus olhos densamente segurando a avalanche de emoções, raiva, medo e ciúmes.

Apesar da desistência, não consegui lidar com esta parte. Dei meia volta na intenção de sair dali, para não deixar evidente a minha angústia, quando ele desligou o telefone e me chamou.

— Precisa falar comigo? — A maneira indiferente rebateu nas minhas costas como um murro. Sentia algo estranho e doloroso demais para dar sequência a qualquer tipo de conversa. E fui salva com seu telefone tocando, ele o atendeu favorecendo meu coração, uma trégua para respirar e assumir o controle.

— A Ingrid? Pode passar... — disse ele todo feliz quando apressei meus passos, abri a porta e saí dali o quanto antes para não desabar na sua frente.

É exatamente como o Derek comentou outro dia. *O cara se tornou um conquistador. Dá para contar nos dedos as garotas que ainda não caíram em sua lábia.*

Talvez esta Ingrid seja o motivo deste pedido de divórcio, e eu, o tiragosto.

NÃO, NÃO, NÃO! JAMAIS, JAMAIS E JAMAIS...

Assumindo o controle do meu emocional em frangalhos, repeti a frase até entrar no elevador. Não cairia em sua lábia, faria pior: transformaria a vida dele num inferno, até me entregar o controle da Uchoa.

— Conseguiu falar com o senhor Marcelo? — perguntou José quando entrei.

— Ainda não, porém não faltará a oportunidade — respondi entredentes, desabando em minha cadeira e mergulhei no trabalho para esquecer o

incidente e atingir uma calma necessária.



Duas horas se passaram quando o telefone sobre a minha mesa tocou: era a Lúcia Helena, informando que o Marcelo todo-poderoso conseguiu um tempinho para esta idiota aqui. Fiquei magoada, confesso, esperava mais consideração por minha pessoa, não precisava ligar em seguida, mas, pelo menos, alguns minutos depois. Agora, duas horas após, era duro de roer.

Não havia outra alternativa senão enfrentar a fera.

Ele afundou para trás em sua cadeira, cruzando as mãos atrás da cabeça e abriu um sorriso preguiçoso junto dos seus olhos interessados percorrerem pelo meu corpo. Os meus estavam presos no tórax definido, tentei a todo custo transformar aquela imagem em algo irrelevante e não consegui. Meu corpo todo arrepiou, recordando-me aconchegada ali.

— Está linda! — pronunciou chamando minha atenção. Deparei-me com seus olhos nos meus.

— A avaliação sobre a minha pessoa não é pauta — falei com firmeza e me aproximei da mesa, colocando a pasta azul sobre ela. Seus olhos cerraram antes de subirem aos meus.

— O que é isso? — perguntou, dentro de certa tensão, que notei.

— Presumo que já saiba, pois já fuçou sem permissão nas gavetas do meu pai! — ataquei fortemente. Ele grunhiu hesitante e debruçando sobre a mesa, cruzou as mãos encostando os indicadores juntos logo abaixo do nariz, e o detalhe: aquele puta olhar insolente e irritante.

— Vou relembrar a senhorita! — Ergui a sobrancelhas ao tom desdenhador. — Como proprietário da empresa, não preciso de permissão de

ninguém para nada.

Gargalhei irritadiça, ele riu também e se levantou, intimidador arregaçando as mangas longas da camisa. *Uau!* Paralisei hipnotizada com a beleza masculina, a calça preta com o cinto de couro, como o sapato fazia dele um verdadeiro deus dos deuses. “Se recupere, Carol, se recupere!”, a voz da minha razão gritava como louca dentro da minha cabeça. O problema era a emoção, a aproximação me desestabilizou por completo. *Ferrou!*

— O que está fazendo? — perguntei recuando, e ele avançando, devorando-me com seus olhos assassinos e lindos demais!

— Nem eu sei ao certo! — Seu braço majestoso subiu, logo os dedos se fecharam ao redor da minha garganta e me puxou, querendo roubar um beijo. Travei meus lábios evitando a penetração da sua língua. *Parabéns para mim!* Espalmei o tórax duro e delicioso, o empurrei com toda minha força e dei-lhe um tapa generoso na face.

— Eu avisei que não era mais para colocar as mãos em mim e exijo que respeite minha decisão — frisei entredentes.

Com a mão no local da agressão, ele suspirou.

— É melhor parar com esta porra toda e concentrar na empresa — emendei ao seu olhar impenetrável — As escolhas em nossas vidas já foram feitas, como você mesmo disse: reconstruiu a sua vida, então agora deixe eu reconstruir a minha em paz. Desista, porque eu não vou fazer parte do seu harém.

Um sorriso de puro sofrimento foi plantado em seu rosto, em seguida voltou a sua cadeira e se sentou numa postura ereta e profissional, inabalável a minha agressão.

Caramba, desistiu rápido!

— Se alguém ouvir você falando, vai achar que sou um mulherengo insensível — bufou em exaustão.

Ri inconformada.

— A característica lhe cabe muito bem.

Ele sorriu, sacudindo a cabeça.

— Troca de mulher como troca de roupa.

Distanciando o olhar, ele riu pensativo.

— A mamãe fofocou nos seus ouvidos, não foi? — Voltou o olhar sorrateiro e, ao mesmo tempo, interrogativo.

— Quando a pessoa ama, tende a dizer a verdade e proteger, coisa que você desconhece.

Ele limpou a garganta e espalmou o tampo de madeira.

— Vamos lá, diga o que significa esta pasta aqui — desconversou baixando os olhos, abrindo a pasta.

Engoli duro e caminhei até a cadeira em frente à sua mesa.

— A organização do meu pai é do seu conhecimento, portanto, enumerei todas as fórmulas e constatei a falta de uma delas nesta pasta. — Mordendo o lábio, ele se manteve com os olhos sobre os documentos no interior da pasta. — Por acaso, não ficou em algum lugar aqui em sua mesa, durante o tempo que estava em poder dela? — indaguei varrendo o olhar pelo tampo de madeira.

Ele me olhou por cima dos olhos.

— Não, Carol! — Torci a boca a resposta convicta — Talvez seu pai tenha guardado em algum cofre — inquieto, notei que ele deu de ombros e se levantou. — Como posso saber? Cheguei agora e tudo o que tenho feito é manter a integridade desta empresa. — Veio ao meu lado. Girando a cadeira, segurou nos braços dela me encarando de um jeito estranho — A Uchoa perdeu o crédito com os fornecedores, e tenho perdido muito tempo da minha vida aqui, na luta para recuperar.

Sorri forçando indiferença, estava supernervosa. Com os pés empurrei a cadeira, cujas rodinhas me levaram para longe dele, então a deixei.

— Desafogue a sua vida me vendendo a outra parte da empresa — sugeri esperançosa dele aceitar.

Ele riu debochando.

— Num momento oportuno, eu até posso pensar sobre a proposta. Mas não agora.

— E quando acha que será este momento oportuno? — questionei.

Grunhiu, fechando a pasta e ergueu em minha direção.

— Se não tiver mais nada importante a expor, peço que me dê licença que tenho uma infinidade de problemas aguardando soluções.

Fechei meus olhos ao ser escorraçada, mas não me deixaria abalar, mesmo porque, teria bastante tempo para fazê-lo mudar de ideia. *Cretino!*

Ao me aproximar, peguei a pasta de sua mão e saí dali rapidamente, com a promessa que o esqueceria, nem que para isso eu tivesse que arrancar o meu coração do peito.



Duas semanas se passaram sem nos cruzarmos pelos corredores da Uchoa. Até tornar a vida dele um inferno, eu não tive a chance. Nem mesmo perambulando pelo bairro. Afinal, era comum trombar com as pessoas por aqui. Ele simplesmente atendeu ao meu pedido de me deixar em paz, ou resolveu deixar-me definitivamente fora da sua lista de mulheres. O que doía no âmago da minha alma, pois esta atitude combinava com o que ele disse quando pedi para vender de volta a parte do meu irmão. Nunca haveria um

momento oportuno, a realidade dura e crua: ele tentaria na justiça me tirar da Uchoa.

E eu, claro, mesmo atarefada, sentia um enorme vazio, desorientada eu revelo: perdi o estímulo de prosseguir cheguei à conclusão que não havia lugar aqui em Alphaville para mim. Logo que seu divórcio fosse finalizado, ele assumiria um compromisso sério com a tal Ingrid.

Depois de reaver o controle da empresa, daria um jeito de estender o apadrinhamento da dona Esmeralda e levá-la para passar mais tempo comigo em Brasília. A princípio, eu não podia sair com ela de São Paulo. A levaria comigo à final do esperado jogo na fazenda do Bernardo. Inclusive, ontem fui ao treino, pensando que talvez o visse por lá. E não! Ele fora o único que faltara no treino principal.

— Será que não esqueci de nada? — Com os braços cruzados, correndo meus olhos pelo porta-malas lotado, perguntei ao Guilherme chegando com mais uma mala da dona Esmeralda. Aliás, só a bagagem dela ocupava praticamente a metade do espaço.

— Ah, maninha! Se esqueceu, vai ter que levar dentro do seu bonezinho — gozou, parando ao meu lado e repousou a mala no chão, desanimado.

Rindo, bati levemente em seu ombro.

— Você é muito engraçadinho.

— Nossa visita à fazenda será de apenas dois dias e não trinta — emendou impaciente, suspirando. Pegou a mala e contornando o carro a colocou sobre o banco traseiro. — O jeito é esta mala ir ao lado da sua convidada.

— Ela não vai se importar — disse fechando o porta-malas e fui ao seu lado, nas pontas dos pés pressionei meus lábios na face lisinha. Podia sentir o incrível perfume de sua loção pós-barba.

Havia muita expectativa nesta viagem, todos os meus amigos e amigas confirmaram presença. Rever a galera era sinônimo de ânimo e entusiasmada,

comentei com o Gui:

— Esqueci de te contar, você não imagina quem confirmou presença. — Ele fechou a porta encostando o ombro na lataria, cruzou os braços com seu olhar curioso. — A Cláudia Oliveira — frisei aguardando um sorriso de aprovação; ao contrário do que esperei, ele deu de ombros, indiferente.

— O quê? — indaguei curiosa, pois ele e a Cláudia mantiveram uma amizade colorida por um longo período. Só que, depois de formada, ela comprou um apartamento na Zona Sul de São Paulo e se mudou. — Não ficou animado?

— E onde você a encontrou? — a pergunta veio desinteressada.

Suspendi as sobrancelhas, estranhando. Era um assanhamento só.

— Ela me deu uma carona até em casa no dia do aniversário do Bernardo! — Oscilei tomada por um frio na boca do estômago à recordação da experiência terrível com o Marcelo. Do fora que levei propriamente dito! E mesmo assim, meu coração disparou e fui invadida por sentimentos bons. *Vai entender!*

Ele curvou a cabeça jogando um olhar interrogativo.

— Sabe que estava para perguntar o que aconteceu naquele dia? Você e o Marcelo desapareceram e o Derek zanzando pela casa atrás da senhora. — Corei ao tom pescador e dei-lhe as costas indo em direção à porta de entrada da casa.

— Para fugir deste jeito é porque a coisa não foi boa, estou certo? — completou.

Girei nos calcanhares e respirei fundo, fitando-o.

— Ultimamente nada anda bem na minha vida, Gui.

Ele sorriu com carinho.

— Oh, maninha! — E veio apressado, me envolvendo em seus braços fortes, aconcheguei a cabeça em seu peito duro. — Desculpa o meu egoísmo,

ando tão ocupado na reestruturação da construtora e acabei esquecendo que o mundo não gira somente em torno de mim.

Sacudia a cabeça, negando, e arqueei segurando em seu rosto másculo e fofo analisando cada ponto, e me agradou o que vi ali.

— Está no caminho certo, Gui! Só o foco e dedicação é capaz de dar frutos bons e, pelo semblante sereno e de felicidade, já está colhendo.

Ele assentiu num sorriso perfeito e eufórico. Inclinou-se e beijou minha testa.

— Fechei ótimos contratos — garantiu orgulhoso.

— Parabéns, você merece todo sucesso do mundo.

Ele riu orgulhoso e assumiu uma seriedade a seguir.

— Vem cá! — Seus braços me cataram num abraço apertado. — Enquanto eu estou numa maré de felicidade, você fica nesta aflição toda. Não é justo! — Suas mãos afetivas deslizavam pelas minhas costas. — Aliás, eu sou o responsável por tirar você da sua vida tranquila. — Neguei de cabeça com ele tomando toda a culpa.

— Há males que vem para o bem. — Afastei o suficiente para fitá-lo, espalmando o abdômen perfeito sobre a camiseta lisa branca. Os olhos verdes cintilavam aborrecidos. — Talvez, se fosse diferente, eu estaria me remoendo de remorso em ver a empresa que nosso pai construiu com tanto amor sob outra e total direção.

Ele riu, pendendo a cabeça de lado, ponderando.

— Estou vendo o papai falar! Nada nesta vida acontece por acaso.

Ri saudosa junto com ele.

— É verdade! — Agora meus olhos se encheram de lágrimas, ele beijou sobre eles; ambos estávamos emocionados. — O importante que acordei a tempo de recuperar a metade, mas estou determinada a recuperar a outra

parte. — Corri minhas mãos aos braços, passando as pontas dos dedos em sua linda tatuagem.

Ele torceu a boca e puxando o ar, o expeliu com força.

— Não estou certo de que terá êxito!

Franzi o cenho sem entender aquela falta de fé em mim. Ele correu para explicar antes do meu questionamento:

— Ontem, antes de iniciar o treino, corri ao banheiro e presenciei uma discussão feia entre o Tiago e o Marcelo, eles falavam da Uchoa e quem apartou foi o primo. O Wesley, você se lembra dele?

Distanciei o olhar, buscando-o em minhas memórias.

— Da fisionomia lembro vagamente! — respondi. — Mas do nome, lembro bem, o papai mantinha contato com ele no INPI.

— Exatamente! Vi que o Marcelo ficou mal e zarpou depois, deixando o time desfalcado. Se ele faltar ao jogo vai ficar complicado para o time.

Por isso a ausência!

Meu coração apertou pensando o que teria acontecido para a desavença entre irmãos. Enquanto convivi com ele, nunca presenciei nenhuma delas.

— Daqui a pouco, o sol vai se pôr e vocês ainda nem saíram daqui — interveio minha mãe com humor, saindo pela porta e com o braço sobre o ombro da dona Esmerada toda sorridente.

— Exagerada! — brinquei apressando para ajudá-la com a minha linda e amada convidada. — Não são nem oito da manhã. — Postando em frente as duas, segurei na mão de cada uma e beijei as faces de ambas.

— Estou ansioso para que chegue logo a hora do jogo para dar um banho naqueles manés! — Gui rebateu esperançoso e minha mãe me surpreendeu com seu comentário maldoso.

— Faça o maior número de gols possível. Arrase, meu filho! — Encarou-me tendenciosa. — Deixe o time oponente no chão — aconselhou com uma

amargura quase palpável.

— É isso mesmo que vou fazer, mamãe, e ainda pisotear.

— Meu Deus! — Os olhos de dona Esmeralda aumentaram dez vezes de tamanho de tão assustada. Afinal, ela sabia muito bem quem eram os participantes de cada time.

— Não estão falando em violência, fiquei tranquila! — expliquei abarcando a sua cintura. — É só uma expressão referente à competição — Levei-a para o carro, ajudando-a se acomodar no banco.

— Ah, bom! — disse respirando mais aliviada.

— Vem com a gente, mãe! — convidei.

— Prefiro ficar para cuidar do seu pai — disse vindo me abraçar. — Você está bem? — perguntou ao meu ouvido.

— Totalmente recuperada! — menti apartando.

— Esquece ele, filha! — aconselhou alisando as mãos pela lateral da minha cabeça. — A descoberta só reforçou o que já sabíamos: ele não te merece, não se deixe intimidar.

Sentia-me estranha com aquele comentário, a verdade é que não conseguia tirar o Marcelo da cabeça. O simples fato de não o ver me fez perder a direção, eu esqueci qual a estrada que me levaria adiante.

Respirei longamente, segurando em seus pulsos, afastando suas mãos e fixei em seus olhos procurando sei lá o quê.

— Estamos atrasados — falei baixo, perdida. Ela sorriu compreensiva.

— Vão devagar — concluiu.

— Tchau, mãe — se manifestou Guilherme ali, em pé ao lado da porta aberta do motorista, atento na nossa conversa.

— Que Deus os acompanhe, meus filhos.

— Está confortável, dona Esmeralda? — perguntei ao entrar e me virei para trás. Ela sorriu amavelmente.

— Confortável, feliz e agradecida, minha filha! — observou naquele seu tom calmo e afetivo. — Havia esquecido como é estar entre uma família. — Seus olhos castanhos brilharam com as lágrimas surgindo.

— Então trate de se acostumar, porque daqui por diante será assim — garantiu o Guilherme ao entrar no carro e eu abonei.

Ela foi bem aceita em meu leito familiar.

— Fiquei curioso sobre a tal descoberta — comentou Guilherme atando seu cinto de segurança.

— Depois falamos sobre o assunto — expus afundando a cabeça no assento e ele saiu com o carro.

A distância de Alphaville até Itu era de aproximadamente 79 km. Na metade do caminho, dona Esmeralda precisou ir ao banheiro. Paramos no posto com uma boa estrutura e, quando levava a dona Esmeralda ao banheiro, estava propensa a perguntar se ela sabia da esposa e filha do Marcelo, o Guilherme parando ao nosso lado, me intimidou. Esperaria por um momento melhor, e na fazenda, em meio à natureza teríamos muitos deles. Enquanto dona Esmeralda ficou no banheiro, eu e o Guilherme seguimos ao balcão para tomar um bom café expresso.

— Por favor, dois cafés expressos — Guilherme pediu ao atendente do outro lado do balcão.

— O meu é com leite, por favor — consertei.

— Um expresso puro, por favor! — o pedido veio de um rapaz nas costas do Guilherme. Olhei para aquele rosto repleto de sardas pensando de onde eu o conhecia. E não me veio à cabeça.

— Então me conta sobre a descoberta? — lembrou Gui exigindo minha atenção. Desviei do homem.

Cheguei à conclusão de que chegou a hora de contar a verdade, desabafar. Não aguentava mais guardar tanto segredo sozinha e desatei a falar.

Contando tudo em detalhes sobre o dia do nosso rompimento até o divórcio descoberto por nossa mãe. Ele ficou pasmo, incrédulo.

— Puta que pariu, Carol! — exclamou estupefato — Gente, o engraçado é que o Marcelo disfarçou esta característica muito bem. Não parece estar falando dele — completou embrenhando os dedos no seu cabelo claro, já todo bagunçado.

— Eu também acreditava na sua fidelidade, integridade... Afinal de contas, o Marcelo tinha um lado visivelmente altruísta — confessei.

Ele ria ainda incrédulo, fazendo uma retrospectiva com olhar distante.

— Não estou querendo defender ninguém. — Ergueu as mãos ao alto antes de continuar seu raciocínio: — Nunca vazou esta história de traição, nem antes do rompimento e muito menos depois. O Derek também ficou mudinho. E se casou, ainda? — grunhiu confuso. — E agora divorciando, e tudo às escondidas. — Apertou os lábios movendo a cabeça. — O cara é bom!

Pausamos com o atendente repousando nossas xícaras sobre o balcão.

— No dia em que a dona Esmeralda ficou hospitalizada, eu estive lá. Vi o Marcelo com a filha num comércio próximo. Ela deve ter quase seis anos — relatei quando o funcionário se foi e baixei os olhos entristecida.

— Será que a dona Esmeralda sabe?

Dei de ombros, confusa.

— Àquela hora que estava indo ao banheiro eu quase perguntei. Só que você chegou e atrapalhou. — Ergui a cabeça o fitando e beberiquei a bebida quente.

Ele sorriu com pesar.

— Terá um final de semana ao seu dispor para esclarecer esta dúvida.

Respirei profundamente meneando a cabeça em concordância.

— Sabe que encontrei com o Marcelo por estes dias e achei ele estranho, distante, quieto, afastado de todo mundo. — Movia os ombros enquanto falava. — Talvez você seja o motivo do divórcio. Agora, como sócia dele na Uchoa, descobriu que ama você. — Tentava me animar, sem sucesso.

— De jeito nenhum! — desdenhei sem nenhuma convicção. Ele riu duvidando. — E outra que o motivo tem nome: Ingrid.

— A Ingrid? — Ele arquejou assustado quando o rapaz de sardas, arrastando no balcão, colocou no ombro do meu irmão. Gui virou a cabeça ligeiramente.

— Wesley — perguntou recuando e estendeu a mão para o homem, que apertou —, está indo para o campeonato?

— Exatamente, só que meu carro deu problema — explicou ele com seus olhos analisando meu rosto. — Parei aqui a fim de chamar o guincho.

— Podemos dar uma carona se quiser — ofereceu Gui.

— Pô, cara, agradeço.

— Oi! — Estendi minha mão, ele cingiu.

— Carolina, a ex do meu primo — comentou deselegantemente. Abri um sorriso forçado. De cara, não gostei dele. — Ouvi vocês comentarem sobre você e o Marcelo serem sócios na Uchoa.

Eu e o Guilherme nos entreolhamos, estranhando a invasão de privacidade.

— Ah, desculpa! Estava aqui do lado, não pude evitar ouvir.

— Está tudo bem. — Gui bateu levemente em suas costas amenizando a tensão ao notar meu descontentamento.

— A Uchoa sempre foi a empresa dos meus sonhos. Eu quem atendia seu pai, quando trabalhava no INPI. Inclusive, antes dele adoecer, ele me convidou para trabalhar na empresa. Mas, infelizmente, não houve tempo.

— Se ainda estiver interessado, talvez minha maninha aqui possa ajudá-lo com isso — interveio Gui, deixando-me contrariada. — Não é mesmo, Carol?

— Tenho formação em farmácia, acho que posso contribuir com o crescimento da empresa — emendou ele entusiasmado, não me deixando outra opção.

— Talvez exista uma vaga para você.

— JURA?! — Ele quase pulou de alegria.

— Na segunda-feira nos falamos — cortei vendo a dona Esmeralda vindo em nossa direção em seus passos lentos e harmoniosos. — Vou lá ajudar dona Esmeralda.

E saí rapidamente.

— Eu vou com você! — Muito prestativo, o Wesley seguiu meus passos.



Capítulo Quatorze

MARCELO

Fui tomado por uma forte tensão ao cruzar o Portal de Itu, a entrada da cidade encantadora. O Centro Histórico reunia belas igrejas, casarões e museus. Estava muito aflito, pressentindo algum tipo de agressão verbal do Tiago com a Carol. Não viria ao jogo, como não participei do treino, se não fosse por ela. Meu irmão ficou indignado quando descobriu por intermédio do José do laboratório que ela é sócia da Uchoa.

Foi nossa primeira discussão em público e mesmo as discretas nunca havia extrapolado a linha do respeito.

O que rolou entre nós ontem tornou-se um perigo real de dano emocional. A agressão verbal chegou ao nível do intolerável e, por pouco, não nos agredimos fisicamente. O Wesley presente foi a pessoa que evitou chegarmos a este ponto.

Uma frase dele não saía da minha cabeça: “Cara, estou acabando de crer que pretende roubar a mim e o papai. Preciso encontrá-lo e abrir-lhe os olhos o quanto antes!”. Às vezes, tinha a impressão de que alguém estava colocando caraminholas na cabeça dele. Era esquisito este comportamento desconfiado.

Até entendia a sua preocupação, afinal a retirada de dinheiro da D’Ávila fora ousada, ou seja, um desafio para qualquer empreendedor.

Independentemente, considerei a acusação uma injustiça das grandes! Os negócios nunca foram tão prósperos quanto na minha administração. Sempre

em ascendência, crescendo ano após ano, e tudo porque me dedicava de corpo e alma. Embora, a intenção da compra tivesse sido por interesse pessoal, pretendia ressarcir minha família com os lucros prometidos no final desta operação. Respirei fundo, refletindo sobre ter assumido a responsabilidade do risco, mas este era eu. Buscava o meu melhor a todo momento, abria mão de tudo pelos outros, jogando-me sempre pra escanteio.

Posso até parecer, mas não sou este cara durão, dono da situação. Estava foda viver atrás desta fachada. O jeito agora era correr com as papeladas e dar o fora deste país, em busca da paz que desapareceu há seis anos.

— Estou com a impressão de estar sozinha dentro deste carro. — A voz macia da Ingrid, sentada ao meu lado, interrompeu a minha autoanálise.

Soltei um risinho, pressionando meus dedos no volante e virei o rosto numa fração de segundo, e retornei à pista.

Ela ajeitava os óculos grandes sobre os cabelos curtos e ruivos.

— Desculpa! Estava aqui matutando sobre a minha vida.

Sua mão esquerda veio sobre a minha no volante, solidária.

— Para estar tão quieto, creio que seja algo grave.

Acenei de cabeça observando a Igreja Matriz onde havia o orelhão de aproximadamente dez metros de altura, uma das atrações para turistas. Aliás, a cidade era conhecida por ter algumas coisas grandes.

— Até o silêncio é violento ultimamente — declarei secamente o que veio à cabeça. Estava incapacitado de desenvolver uma conversa. Só queria resolver logo todo este impasse e sumir.

Ela riu sem graça, recolhendo sua mão, levando próximo ao joelho onde a minissaia jeans não cobria. Aliás, estava linda! A camisa de tecido leve de mangas bufantes, combinando com o jeans, dava um toque casual e descolado.

— Não queria ser grosseiro, perdão! É que está ocorrendo um desentendimento entre mim e o Tiago. — Estalei a língua, exausto.

— Existem momentos em que buscamos o silêncio — expressou amavelmente.

Apressei para me explicar:

— O fato é que preciso dar um jeito de consertar, não pode existir rivalidade entre mim e o meu irmão. Nossa criação seguiu a linha da união, um deve ajudar o outro, nos amar.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu compreendo e acho lindo isso!

Forcei um sorriso, abrindo a janela do meu lado, e respirei profundamente. O cheiro de terra fresca e ar limpo arejou apenas um pouco do meu cérebro em chamas, o espaço liberado foi o suficiente para me levar novamente à viagem mental e, dessa vez, o silêncio prolongou-se até atravessarmos a porteira da fazenda. E que fazenda!

Cercada pela Mata Atlântica, ficava entre cachoeiras e rios; um paraíso natural próximo a São Paulo. Era exclusivamente para lazer, acessamos a estrada toda calçada com pedra e grama e paisagismo de cair o queixo. E ao avistar a mansão de luxo com arquitetura contemporânea: pedra e muitos vidros, buzinei para a galera toda reunida na grande varanda, decerto se protegendo do sol, que estava escaldante. Uma quentura desta na cabeça causaria cansaço físico, sintoma que devia ser evitado, pelo menos do dia de hoje com o jogo.

A varanda da frente da mansão era exuberante e bem estruturada. Projeto pensado na unificação dos espaços sociais e de lazer. A varanda dos fundos seguia o mesmo padrão, o diferencial era a piscina que se estendia a ela e invadia o espaço interno, a sala social.

— Que horas será o jogo, Marcelo? — Ingrid perguntou assim que entrei na área da garagem.

Precisei me afastar bastante da casa devido ao volume de carros.

— Está marcado para as oito da noite — respondi assim que desliguei.

— Então dá para caminhar por aí, conhecer o lugar — emendou abrindo a porta e desceu.

— Vou aproveitar e correr, assim me aqueço para o jogo — menti.

A intenção era espairecer minha cabeça fervendo.

Acenei para o Cauã vindo em nossa direção em seu traje casual e descolado: bermuda jeans e camiseta com as mangas dobradas, o chapéu combinando com o chinelo e, claro, os óculos.

— O jeito deste moço se vestir é excepcional. Adoro! — comentou Ingrid em tom de admiração.

— Preciso dizer isto a ele. Afinal, um elogio vindo de alguém tão experiente é muito gratificante.

Ela riu orgulhosa de si mesma.

— Desde que me conheço por gente, o Cauã tem este estilo despojado.

— Sensacional! — complementou segurando na minha mão ao pisar num buraco durante o caminhar.

— Opa! Tudo bem? — perguntei preocupado.

— Só tropecei — informou ela, e neste instante vi o carro do Guilherme chegando. Aí que a minha cabeça entrou em combustão. Já não bastava os olhos faiscantes da Carol quando nos viu de mãos dadas, ainda tinha o fato do Wesley estar sentado no banco traseiro ao lado da dona Esmeralda.

Notei seu bracinho acenando toda feliz, mas não tinha condições de mais nada, além de praguejar.

Que caralho o Wesley está fazendo no carro com eles?

Tenso, esmagava a mão da Ingrid e nem notei.

— Ai! — gemeu tentando se livrar da minha grosseria involuntária.

Soltei a mão dela imediatamente, notando minha cagada.

— Perdão! — Peguei na sua mão trazendo aos lábios e beijei em sinal de desculpas.

— Você está bem? — perguntou estranhando minha atitude.

— Estou sim. — Soltei sua mão observando os olhos da Carol grudado em nós.

— Pensei que não viria, cara! — Cauã comentou dando o tradicional tapa no meu ombro. Sorri preocupado com muitas turbulências que tinha que administrar na minha cabeça. — Pela aparência, você continua afastado — emendou Cauã.

— Imagina! — disse indo me encontrar com o Wesley, que acabou de descer do carro do Guilherme. Vestido de maneira simplória, calça caramelo e camiseta num tom mais escuro, fazia dele alguém dócil. — Onde está o seu carro? — Intrigado, já cheguei soltando fogo pelas ventas.

Erguendo as mãos a sua frente em defesa, arqueou:

— Calma, Marcelo! Que bicho te mordeu, primo? Só peguei uma carona — ele não hesitou.

Apertei meus olhos especulativos.

— Algum problema, Marcelo? — O tom ríspido e indignado da voz da Carol chegou à batida descompassada do meu coração.

Desviei os olhos para ela no instante em que ela fechava a porta do carro. Linda, vestida com um chapéu combinando com a bota curta de couro, os cabelos caramelos caindo em cascata sobre os ombros e os óculos grandes, a bermuda jeans curta e a camiseta solta branca faziam dela superdespojada e descontraída! O insensato do meu coração se aqueceu diante da imagem imaculada.

Não dá mais para negar que ela é dona do meu coração!

Meneei a cabeça imperceptivelmente, expulsando aquele sentimento crescente. Por amá-la assim que devo enfrentar a recaída. Mais do que nunca precisava partir, já que ela demonstrava que fincaria moradia aqui.

Por ela, somente por ela! Agora é a minha vez de partir.

— Nenhum! — respondi voltando ao Wesley, que vacilou e começou sua explicação:

— Meu carro apagou na estrada, e como os encontrei no posto, foram gentis em oferecer uma carona. Afinal, não perco esta final por nada neste mundo — concluiu humildemente.

— Não há necessidade de tantas explicações, Wesley! — rebateu Carol provocando. Tombei a cabeça de lado fitando-a revoltado. Ela não hesitou. — Como também não precisa dar satisfações de como conseguiu uma vaga no laboratório da Uchoa.

Os olhos do Wesley arregalaram incrédulos, enquanto os meus, acho que sofreram um derrame. Sentia a pressão dentro deles.

— Eu tenho uma vaga? — perguntou Wesley imerso numa euforia irritante.

— Com certeza! — confirmou Carol contornando para abrir a porta da dona Esmerada.

Falando ao celular, Guilherme permaneceu dentro do carro.

— Não tem o poder de contratar ninguém sem antes pedir a minha autorização! — observei apontando o dedo indicador em sua frente.

Ela jogou a cabeça levemente para trás numa alta gargalhada debochada.

— Me poupe, Marcelo! — disse ao se endireitar e abriu a porta.

— Sossegue, meu filho! — A voz doce da dona Esmeralda me abraçou. Senti um calor sobrepor a raiva, que até então, era dominante. — Não sou uma grande entendedora do assunto, mas não precisa estar bem tranquilo, concentrado, para esta partida de futebol?

Ri indo até aquele doce de pessoa que sabia melhor do que ninguém apaziguar qualquer discórdia.

— É, a senhora tem razão! — falei baixo segurando as duas mãozinhas estendidas aguardando a minha.

Pegando-as com carinho, puxei-a com delicadeza, e já fora do carro envolvi seu corpo franzino entre meus braços, ganhando um abraço quase materno.

— Mantenha a calma, meu menino — aconselhou sussurrando no meu ouvido.

— Como, se a minha vida tem estado de cabeça para baixo? Tudo está desmoronando, não existe de onde tirar mais controle.

Ela se afastou, nas ponta dos pés seus braços subiram em direção ao meu rosto, precisei curvar um pouco ajustando a altura de nossos olhos.

— Você tem o controle da sua vida, evite as brigas e encontre seu eixo — afirmou a sabedoria em pessoa.

Ri concordando e beijei sua testa. Fingindo que concordava, no meu caso e da Carol não havia eixo definido. Ela teria que fazer uma escolha trágica ao ficar comigo, não podia fazer isso, seria desumano. E outra, que ela nunca seria feliz; e eu nunca seria feliz vendo-a infeliz. E tinha minhas dúvidas, se ela aceitaria a minha condição e mesmo se aceitasse, o futuro bateria em nossa porta cobrando. Jamais interviria assim na sua vida, jamais. O complicado era que só de pensar em partir e deixar tudo como estava era um grande pesadelo, daqueles que assustava e não era pouco. Mas precisava enfrentar o inferno. A omissão era a melhor forma de protegê-la de mágoas eternas.

— Por que todo mundo está quieto, aqui? — Guilherme, que esteve alheio desde a parada do carro, indagou oscilado os olhares.

— Eu também faço esta pergunta, estou torrando debaixo deste sol e ninguém me acode! — Só podia mesmo ser dona Esmeralda, que quebrou o clima tenso instaurado com humor adorável.

— Eu vou resolver. — Sorrateiro a peguei no colo e saí correndo com ela em direção a casa e todos riam, inclusive o meu amor. Aquela gargalhada gostosa que só ela tinha. Suspirei alto e dona Esmeralda ouviu.

— Precisa ajustar este coração, meu filho. — Com os braços em volta do meu pescoço, ela sussurrou ao pé de meu ouvido: — Aposte na verdade.

Grunhi duvidoso.

— Contar a verdade não vai mudar a nossa situação, no entanto vai partir o coração da minha Carol. Não consigo me convencer de que seja uma boa escolha. Se um dia ela tiver que saber, então que seja diretamente da boca dos envolvidos.

Ela respirou fundo e permaneceu em silêncio até chegarmos a varanda.

— Preparado para o massacre, Marcelo? — provocou Derek, vestido numa regata cavada, blusa amarrada na cintura, calça preta e bota dobrada. Tudo preto.

Palhaço!

Lancei meu melhor olhar cínico e desdenhador antes de entrar com a dona Esmeralda.

— Neste visual *All Black*, inapropriado para este calor dos infernos, derreterá antes de entrar na batalha.

O que se ouviu a seguir foi somente explosão de risos. Todos o gozando.

— Que crueldade, meu filho! — exclamou dona Esmeralda rindo quando entrei com ela na espaçosa, rústica e luxuosa sala muito bem mobiliada, recebendo luz natural com os raios solares penetrando pelas janelas ao redor.

Coloquei-a sentada no sofá de couro marrom em frente à piscina, que vinha como uma extensão da varanda. Jogadores, torcedores e convidados

ocupavam várias poltronas e cadeiras espalhadas pelo cômodo aprazível.

— Não me julgue, porque eu estava quieto na minha. — Joguei-me no confortável estofado, abri os braços ao longo do topo do encosto e afundei a cabeça nele e permaneci ali, olhando para o teto enquanto ela me encarando, ria sacudindo a cabeça.

— Aceitar o apadrinhamento só teve um intuito — começou ela. Girei a cabeça buscando seus olhos serenos. Ela sorriu francamente. — A parte ao qual estou envolvida deve ser esclarecida; se não o fizer, eu o farei — estabeleceu seriamente.

— Um problema por vez, tudo junto não se consegue solucionar nada, muito pelo contrário, desgasta. — Ajeitei meu corpo rapidamente, espalmando minhas coxas. — Não se preocupe, eu estou disposto a contar, porém não hoje! Preciso de mais dias para finalizar o processo e garantir segurança para todos.

Ela soltou o ar frustrada.

— Acredita mesmo que ainda existe riscos, Marcelo?

Dei de ombros ponderando.

— Pelo sim ou pelo não, é melhor não vacilar.

Ela segurou na minha mão e apertou.

— Então se apresse — disse ela num tom forte. — Não quero morrer com esta dívida com a minha menina. — Terminado, seus olhos lacrimejaram tão docemente.

Este amor que ela sentia por nós não tinha preço.

— Vem cá! — Passei os braços ao redor do seu ombro abraçando-a fortemente.

— Deveria aproveitar que a Carolina está vindo aí para acertar os ponteiros fora de ordem. — Fechei os olhos a voz autoritária do Tiago.

Afastando, vi-o entrando na sala segurando na mão da Susana. Havia uma sombra em seus olhos verdes.

— De novo com esta agressividade, Tiago? — adverti-o. — Aqui não é o lugar nem a hora adequada para este assunto. — Levantei-me repousando as mãos no cóis da calça jeans clara com rasgo acima do joelho, pendida no quadril.

— Não há regras quando se é enganado pelo próprio irmão — peitou se fazendo de forte, quando na verdade seu rosto estava banhado em amarguras. Eu não sabia mais o que fazer, o tempo todo precisava ficar comendo pelas beiradas, protegendo a todos e em todos os momentos.

— Não tem nada mais chato do que ser cobrado injustamente e...

— Injustamente? — interrompeu ele entredentes, exagerando na dose, com uma plateia enorme nos observando. — Tudo foi confiado a você, Marcelo. E, de repente, descubro por terceiros que fez uma aposta errada.

Apertei os punhos enfurecido, fechando os olhos com força, segurando-me para não explodir. Só que, infelizmente, eu era de carne e o osso.

— Prevê o futuro, agora? — desafiei vendo um vermelho intenso tingir seu rosto. Ele largou da mão da Susana e avançou os passos. Ficamos alguns centímetros de distância. *Céus, ele veio disposto a me aporrinhar mesmo!*

— Não precisa ser vidente para ver que o seu emocional faz de você um fraco e coloca em risco nosso patrimônio.

Fechei os olhos numa fração de segundos para abrir em seguida, recebendo um bombardeio de saliva da forma austera como falava.

— Calma, Tiago! — Susana tentou, colocando a mão no ombro dele, mas não resolveu.

Estava por um fio e explodi:

— FODA-SE SE O TIRO SAIR PELA CULATRA! FODA-SE SE VIER PERDAS! — Desnortado, exasperei, baixando o tom a seguir: — Afinal,

não seriam perdas, apenas deixaríamos de ganhar. Eu já enchi o seu bolso de dinheiro, e deveria dizer obrigado, seu mal-agradecido.

Ele não titubeou.

— Perdeu a linha porque realmente está desajustado, mano! — Impaciente erguia a cabeça embrenhando meus dedos pelos cabelos e contando até dez na tentativa de recuperar meu bom senso em declínio. — Agora estou entendendo a sua hesitação de contratar o Wesley, tem algo podre por trás disto.

Movi a cabeça negando e descí repassando meus olhos por sua face investigando, buscando algo que o denunciasse e nada.

Só enxerguei inocência nele.

— Já que citaram meu nome, tenho uma novidade extraordinária, priminho. — Entrando na sala em companhia da Carol e do Guilherme, Wesley se colocou ao lado do meu irmão com olhar de vítima sobre os meus. Guilherme ficou atento na mão da Susana segurando a do meu irmão. — Nada oficial por enquanto, mas praticamente sou um funcionário da Uchoa.

Tiago virou a cabeça buscando os olhos da Carol, que empinou o narizinho lindo dela.

— Já é oficial! — garantiu ela com ar vingativo.

Desanimado com o mundo conspirando contra mim, fechei meus olhos sacudindo a cabeça. E ergui me deparando com aqueles vários pares de olhos acusadores. Uma pressão da porra!

— Que se dane! — Exausto, desisti e dei um passo à frente, batendo levemente nas costas do meu irmão. — Cara, esta sua ambição pode destruir você, sabia? — E saí em passos apressados em direção à porta da varanda dos fundos e caminhei na vasta área verde. Mais um minuto ali e acabaria vomitando coisas que me sufocava, e caso isso acontecesse, seria uma frustração eterna, depois de todo o esforço que fiz.

Calma, Marcelo! Está acabando esta crucificação. Saindo a papelada, você se manda para sempre e fica livre de todo este tormento!

Transtornado, perambulei pelas trilhas ecológicas da fazenda, como se diz aquele ditado: “tentando entrar na caixa do nada”. Mas não encontrava a chave do cadeado. Ao longe, na parte bem íngreme da fazenda, observava o campo e a curta trilha que levava à piscina natural formada pelo rio, rodeados por uma cerca viva, ou seja, uma densa plantação de eucaliptos com aspecto meio seco, devido à falta de chuvas nos últimos tempos. Enfim, caminhei muito sem noção de hora e não houve meios de esvaziar minha mente, era um emaranhado de situações que acabou virando uma bagunça generalizada.

Sob o calor extremo, a camiseta branca de gola cavada e a calça jeans, completamente ensopado, começou a incomodar-me. A coisa estava para lá de escaldante, e a sauna, a cem metros ao lado de outra piscina, localizado numa parte privativa bem distante de tudo e de todos. *Coisa de Bernardo!* Aliás, não o vi ainda. Enfim... A sauna pareceu ser uma boa opção, já com a temperatura nas alturas, o vapor contribuiria para derreter as ideias erradas da minha mente. Imperdível!

Esperançoso, parti sofrer, e ficaria lá dentro o máximo de tempo possível.

Tirei a roupa, deixando-a do lado de fora e entrei apenas de boxer branca. Deitei ali no banco da parede e fechei meus olhos, curtindo o vapor agradável, relaxando finalmente.

Estirado no banco, saltei de susto ao ouvir um barulho de trinco e me senti notando o recinto mais quente do que o normal. Sem conseguir respirar e sentindo-me um pouco mal, zonzinho devido ao vapor pairando de forma bizarra, corri para sair dali imediatamente. Mas quando peguei na maçaneta, ela se soltou, quebrou, nem sei que porra que aconteceu, o fato era que ela veio parar solta minha mão.

Merda!

— SOCORRO, ESTOU PRESO AQUI DENTRO! — Esmurrando a porta, gritava desesperado por ar. — SOCORRO! — Estava ciente de que seria uma possibilidade remota ter alguém por perto, pois a sauna foi construída a mais de oitocentos metros da sede. — Meu Deus! Socorre aí, cara! — Golpeava a porta com meu ombro tentando derrubá-la e nada.

Na parede do banco, bem rente ao telhado, havia uma pequena janela de vidro. Com as pernas bambas, subi com dificuldade e com toda a força que reuni dentro do meu ser, soquei e consegui quebrá-la. Desesperado, torcia para o ar quente sair do cômodo, a abertura não fora o suficiente. Desci dali imediatamente, pois aturdido como estava, o tombo dali seria perigoso. Fui perdendo os sentidos e escorei na parede úmida e quente do cacete.

— FODEU! — vociferei ainda em posse da minha total consciência.

— Marcelo? — Ouvia distante a voz macia da Carol.

Até a beira da morte eu sonho com ela.

— Marcelo?

Inalei o máximo de ar ao constatar que a minha salvação batia à porta, e não se tratava apenas de um sonho.

— E-eu... S-socor-roooo — balbuciei num fio de voz.

Ela não vai ouvir!

— Calma, eu vou ajudar você! — Logo ouvi o destravamento e a porta se abriu.

Ela ouviu!

— MARCELO! — Com a voz desesperada e chorosa, ela veio rapidamente, abraçou meu tronco. Sendo apoiado nela, a bonitinha me guiou para fora.

Com os braços da Carol ao meu redor, eu inalei profundamente o ar fresco como se fosse a minha primeira respiração, alimentando meus pulmões, oxigenando meu cérebro e agradecendo pela chance de sobreviver.

— Ah, Ma! Acho que você precisa de um médico — disse ela apavorada ainda me segurando.

Fiz que não com a cabeça e a curvei a seguir, investigando sua expressão alarmada. Eu via ali na minha frente sob a luz do sol, a antiga Carol. A minha doce e amada Carolina...

— Minhas baterias já foram recarregadas com o combustível da vida e graças a você! — Abarquei sua cintura e encostei o queixo no seu cabelo. Ela tremia junto comigo naquela forma tão íntima nossa.

— O que aconteceu? — perguntou em um fio de voz macio e o calor do seu hálito chocou-se contra o meu peito, fiquei completamente arrepiado. O carinho começou a mudar de direção e indo à excitação.

Apartando, segurei em seu pescoço com as duas mãos e acariciando seu maxilar com os polegares. Ela fechou os olhos, ofegante.

— Um acidente! — confirmei. — Cochilei lá dentro e quando resolvi sair, a fechadura quebrou — expliquei trazendo-a para mais perto, seus olhos mel cintilavam tanto, estimulando-me ainda mais. Ofegante, suas mãos subiram e seus dedos se fecharam ao redor do meu pulso e afastou-os, recuando dois passos.

Ela umedeceu os lábios secos e engoliu duro, com seus olhos se prendendo ao meu membro saltado no tecido transparente da boxer.

Senti um frio na barriga e um arrepio descomunal na espinha.

— Não. — A palavra foi expelida com dificuldade de seus lábios. — Estou exausta em permitir que você brinque com os meus sentimentos. — Dando as costas, ela caminhou rápido em direção a sede. Corri segurando no seu braço e puxando-a para mim. Colando meu quadril na sua bunda tão desejada.

Ela sorveu o ar profundamente, sentindo minha ereção.

— Longe de mim brincar com os seus sentimentos, Carol — sussurrei em seus cabelos. Ela fungou. — Você é especial!

Ela meneava a cabeça em tom negativo, se recusando a aceitar.

— Confia, por favor!

— Tenho todas as razões para não acreditar em você — murmurou com a voz embargada. — Por que não segue a sua vida e me deixa em paz?

Fechei os dedos livre ao redor do seu pescoço, curvando-o enfiando o rosto ali, aspirando seu perfume afrodisíaco.

— Não creio que seja esta sua vontade — murmurei em sua pele, sentindo o seu tremor. — Estava me procurando, admita!

— A Susana me colocou a par do que houve entre você e o Tiago. — Tragou ar buscando amenizar a respiração acelerada, como a minha e girou o corpo. Seus olhos mel e lindos entristecidos correram por meu tórax, naquele movimento intenso, causando um arrepio tremendo que desceu até meu pau duro como rocha e subiu à minha face. — E a imbecil aqui ficou preocupada com você.

Esbocei um sorriso tomado por uma onda de alegria, que não cabia em meu peito, e ondas de cobrança percorrendo meus pensamentos. *Será que vale a pena?*

— De um lado, concordo com o Tiago, como acionista ele tem o direito de saber tudo que ocorre nos negócios. E do outro, eu me pergunto as razões que levaram você a esconder sobre eu estar como sua sócia, convenhamos que é algo de suma importância — finalizou com seus olhos cintilando e baixou a cabeça.

— Está triste? — Alguns fios caíram no seu rosto, tirei-os. Segurando seu queixo, ergui-o e beijei por cima de seus olhos, que se fecharam para receberem o contato dos meus lábios.

Ela arfou e segurou meu pulso.

— Mas o que estou fazendo? — recuou. — Você é o “Mago da Enganação”, mestre em contar mentiras! — acusou injustamente. Eu tinha que corrigir aquela imagem que ela tinha de mim, precisava dar um jeito.

— A acusação não procede, eu posso ter omitido, mas nunca mentido.

Ela soltou uma risada alta de revolta, me aproximei fechando meus dedos em seu ombro a puxando. Pendi a cabeça selando meus lábios em sua testa. O cheiro de sua pele me deixou completamente excitado, dominando meus sentidos.

— Eu só omiti — sussurrei afirmando.

— Mentir ou omitir para mim tem o mesmo sentido. — Arqueou fuzilando meu rosto com seus olhos mel embravecidos. — É sacana do mesmo jeito! Troca de mulher como se troca de roupa.

Arqueei surpreso e confuso a acusação.

— Como assim?

— Ora, Marcelo! — Espalmando meu peito, empurrou. — Não se faça de desentendido, sabe muito bem do que estou falando.

Eu negava com a cabeça, perdido.

— Por favor traduza esta sua frase — exigi.

Ela empinou o narizinho lindo, repousando a mão no quadril arredondado de dar água na boca e grunhiu fechando os olhos.

— É um tremendo cara de pau, eu desisto de você! — Deu-me as costas e saiu correndo.

— Calma aí, Carol! — Indo atrás dela, enlacei sua cintura cruzando meus dedos em seu abdome. Ela balançou como sempre fazia quando eu me aproximava.

— Impossível manter a calma com você. É um cretino, idiota que odeio de coração — proferia com a voz trêmula, nervosa.

— Este sentimento de ódio que tanto repete é falso, eu sei. — Apertei-a em mim apoiando o queixo em sua cabeça e fechei os olhos. — Diga que estou certo, por favor! — murmurei. Ambos tremíamos de amor, paixão, tesão. Meu peito estava quente, meu coração pensativo, ponderando abrir o jogo de vez.

Ela pendeu a cabeça cobrindo o rosto com as mãos e disse abafado:

— Eu já te odiei mais radicalmente. — Meu coração errou uma batida naquela revelação. Esfregando minha ereção pulsante nela, subia uma mão pelo abdome e segurei em seu pescoço, erguendo-o e beijando a região arrepiada, que causava o mesmo em mim. — Não faça isso, Marcelo! — balbuciava em súplica. — Não pode trair todas as mulheres com quem se relaciona. Não pode. Como pode ser sacana? Ela está aqui...

Neguei, pressionando-a mais em mim e beijando seu ouvido, sentindo-a estremecer embaixo dos meus dedos.

— E de quem você está falando?

Ela arfou à minha indagação, resmungou birrenta e virou de frente sem que eu a soltasse. Sua expressão atribulada feriu meu coração.

— Daquela Ingrid.

Ergui a sobrancelha ao mesmo tempo que abri minha boca.

— Não está se divorciando para ficar com ela? — completou.

— Da onde você tirou esta conclusão, Carol? — Levantei a questão no momento em que a voz distante da Ingrid, misturando-se à inesperada rajada de vento uivante, chamou a nossa atenção.

— Ali está o Marcelo, amor! — disse Ingrid ao seu marido, lascando um beijo na boca dele. Afonso, o meu alfaiate e amigo de longas datas. Eles caminhavam em nossa direção.

Carol voltou ao meu rosto. Sentia a sua energia passando por mim com nossos olhos conectados, tanta emoção, tanta incerteza...

— Isto responde a sua questão? — disse apenas.

Ela ria querendo chorar.

— Ela...

— Ela é muito bem casada e feliz — a interrompi.

— Eu pensei... — começou embaralhada e pausou por um instante. — Vocês dois sempre juntos, achei que tinham um caso.

— Deduziu errado! — interrompi-a atarracando mais seu corpo ao meu.

— A Ingrid é a minha *personal stylist*, ou seja, a minha consultora de imagem, esta é a razão da sua presença frequente. Aquele dia mesmo em que eu a apresentei no meu escritório da D'Ávila, ela estava fazendo a prova do terno, para o evento de empresários. Terno que o marido dela confeccionou. Ela é a melhor profissional de São Paulo, ela e o marido. Inclusive, seu irmão Guilherme e toda a rapaziada já tentou contratá-la. Só que eu pago muito bem para ter a exclusividade.

— Ah, meu Deus! — Ela levou a mão à cabeça, desnorreada. — Agora justifica a conversa dos homens na mesa no dia da festa do Bernardo. — Ria da confusão.

Ela ficou pasma e muda, o silêncio prevaleceu alguns instantes com uma expressão de culpa tomando seu rosto.

— A gente se fala depois, viu, Marcelo? — disse Ingrid conosco a ignorando e desviou o caminho arrastando o maridão pela mão.

— Estou com meu coração partido, eu ferrei com ela, coitada. Meu Deus! — Torci a boca erguendo a sobrancelha, curioso. — Encontrei com ela na loja do shopping e passei cola na calça dela e...

Explodi em risos, recordando-me da cena.

— Você quem fez esta maldade, Carol?

Envergonhada, ela assentiu.

— Ouvi ela numa conversa assanhada no telefone dentro do provador, e juro que achei que era com você. Afinal falou em exercitar, estar suado, e coincidiu com seu perfil no farol.

Aí que ria mais.

— Logo quando nos vimos no farol, eu encontrei com o Afonso se exercitando, e corremos juntos. E depois ele me convidou para uma cerveja em sua casa. A Ingrid chegou toda contente e levou o marido para o quarto dizendo que faria uma surpresa. — Ri recordando-me. — O fato é que você deixou a mulher endiabrada, não imagina a raiva dela saindo do quarto do casal, após a frustrada transa com o marido. Ela queria jogar uma bomba no mundo.

— Preciso pedir desculpas. — Agoniada, seus olhos se apertaram.

— O aconselhável é largar para lá.

Seus olhos pararam nos meus.

— Diga que o cenário que vi naquele dia na sua cobertura não condiz com a realidade. Que você não casou com aquela mulher, tampouco é o pai daquela linda garotinha, por favor! — murmurou esperançosa e prendeu a respiração, ansiosa correndo suas mãos quentes e macias sobre meu abdome. — Confirme o equívoco da minha parte, que tudo não passou de um mal-entendido.

Fechei meus olhos atingido com a sua exigência. Enquanto as papeladas não saíssem, eu não podia aventurar-me.

Meu Deus, socorre aí, senhor!

— Eu quase perguntei hoje para a dona Esmeralda. — Meu coração pulou de preocupação com a sua declaração. Destruiria dona Esmeralda, e outra que a explicação deveria partir de mim.

— Escuta, Carol! — Segurei seus pulsos os juntando, travando meu olhar afiançável em seu rosto. — Eu juro que este assunto não afeta você. Por

favor, não exponha a dona Esmeralda! O momento é inapropriado para mais explicações, só preciso que confie em mim. — Ela respirava me olhando, indecisa. — Só isso.

— SÓ ISSO? — Libertando-se das minhas mãos, recuou. — Minha vida sofreu grandes transformações e não foi SÓ ISSO! — ressaltou, vociferando e abanando a cabeça imersa na expressão desestimulada. — Questionei muito sobre esta sua relação escondida a sete chaves, que não faz sentido algum. Mas o fato é que estou cansada demais para continuar, esquecemos tudo e tocamos nossas vidas, como você mesmo sugeriu.

— Fui obrigado a dizer e fazer tantas coisas que não queria. — Revirei os olhos sugando o ar e soltei antes de prosseguir: — Por favor, não se precipite. Se não pode me dar este voto de confiança, tente fazer isso por você mesma. Pois tem tudo a ver contigo — pedi convicto que, após sair as papeladas, eu revelaria sobre os motivos do casamento.

Ela moveu a cabeça que não.

— Se não pode ser claro, então prefiro dizer adeus.

Adeus não! Quando ameaçou sair andando em desespero, estendi minhas mãos catando as laterais do seu rosto macio e a puxei, beijando-a bruscamente. Ela travou a boca e me empurrou.

— Para! — determinou sem nenhuma convicção.

Irredutível, eu a puxei pela cintura de volta para perto de mim. Com a mão livre, segurei firme em seus cabelos e pressionei, os lábios doces entreabriram e eu a beijei intensamente.

— Acredita mesmo que eu seja um canalha? — Chupei sua língua, exigente antes dela responder.

Ela gemeu sentindo meu pau dolorido pra porra, cavando no seu ventre, me deixando insano.

— Eu não, sei...você é um bom ator, Ma! — balbuciou.

Endoideci com ela cedendo à luxúria do momento.

— Eu preciso de você, Carolina! Eu sempre precisei.

A resposta dela foi apenas arfar e se entregar. Foi o suficiente para fazer de mim o homem mais feliz deste mundo.

Domada, seus dedos delicados e firmes brincavam em meus cabelos na nuca, vinham tocar no meu rosto, músculos do peito, braços, quando não segurava forte meu queixo controlando o beijo.

Delícia de mulher, delícia!

Deslizei as mãos dos cabelos dela vindo aos seios e apertei, arrancando gemidos sufocados na minha boca, devorando-a gostoso. E descia levemente pelo abdome seguindo até sua coxa, acariciando-a com muito tesão, e ao retornar, deparei-me com a barreira da bermuda apertada nas pernas. Entrei em desespero e com pressa, fui ao botão para arrancá-la.

Puxando meus cabelos para trás, ela também arqueou interrompendo a melhor parte do beijo. Sem o alcance daqueles lábios carnudos entreabertos, expelindo ar morno em meu rosto, fiquei angustiado querendo mais. Desejando-a mais do que qualquer coisa nesta vida.

— Ainda acho que devemos parar por aqui — murmurou com dificuldade, olhando diretamente nos meus olhos e então me soltou. Fiquei ali paralisado, incrédulo e foi quando ela voltou a me beijar com tudo e num frenesi fantástico.

Alternando com beijos na boca, eu lambia e beijava o pescoço alvo quando ela colocou as duas mãos entre nossos corpos e segurou meu pênis por cima da boxer, apertando firme, sem machucar e deslizou da glândula à base. Ela encolheu a barriga a fim da minha mão entrar, gemi alto sentindo sua vagina totalmente encharcada sob a calcinha, e ela tremia com meus toques.

Meu corpo em chamas e meu pau rígido na mão dela não resistiria por muito tempo.

— Vem aqui! — falei sem soltar seus lábios e a segurei pela cintura. Um estremecimento de prazer tomou seu corpo, ela pulou no meu colo e me abraçou com as pernas, espremendo seu núcleo quente no meu pênis dolorido.

— Aqui fora é perigoso sermos flagrados — resmungou mordendo meu lábio inferior e estirou.

— Está com calor, gata?

— Muito... — Sacando minha intenção, ela respondeu numa sensualidade imaginária.

Caminhei com ela até a piscina e pulei.

Colocando-a de costas para mim, suas mãos foram ao azulejo enquanto esfregava a bunda empinada contra meu volume; eu mordida suas costas e abria os botões da camisa, libertando-a. Fiquei louco ao notar ela sem sutiã, a virei de frente segurando as bases dos seios fartos, lambendo e beijando descontroladamente excitado.

Ela desceu uma das mãos o extraíndo da boxer, apertando-o masturbando deliciosamente forte.

— Ah, que tesão! — Rosnei abrindo o botão da bermuda e desci o que deu, despindo-a. Ela retirou o resto com os pés. Segurei em sua cintura colocando-a sentada na beirada, agarrei forte suas coxas definidas e as afastei, deixando-a toda aberta para mim. — Ela é linda e minha! Só minha... — rugi à loucura que a visão provocava em mim e deslizei a língua em meio aos lábios vaginais macios, com um cheiro divino de mulher e comecei a lambê-la bem devagar, fui aumentando a velocidade com meu tesão se avolumando. Só ela tinha este clitóris que me deixava morrendo de tesão.

— Caralho, Marcelo! Nunca vou resistir à esta sua pegada! — rosnou pendendo o corpo para trás e ficou ali apoiada com os cotovelos. E eu me fartando de tudo aquilo, sugava, lambia e introduzia o dedo até que não suportava mais.

— Não é para resistir nunca, Carol!

Passei o braço por sua cintura, puxando-a para dentro da água. Devorando seus lábios que amava de paixão, empurrei-a até suas costas chocarem à superfície sólida e segurando nas coxas, a erguia escorada até a cabeça do meu pênis ereto, implorando pelo seu calor interno se encaixar nela. Ela parou de respirar, eu tremi todo.

— Você é muito gostosa! — rosnei tremendo, enterrando devagar e saboreando-a prazerosamente.

— Me deixa sentir ele logo! — implorou. — Coloca TUDO!

— Seu pedido é uma ordem.

Penetrei-a forte agarrando a sua coxa, fodendo intensamente. Tirei lentamente e ela resmungou, arremeti com vontade e arranquei um grito afogado.

— Mais forte, Ma, mais forte! — ordenava arrancando meus cabelos da nuca. Obedecia metendo vigoroso e a beijando. Queria muito que este momento se prolongasse, mas não dependia de mim. Infelizmente.

Esvaziei a mente estocando gostoso, sentindo minhas pernas tremerem no entra e sai. Meti mais forte, com as contrações de prazer involuntárias presentes.

— Ah! — ela gemeu abafado, sentia suas contrações internas esmagando meu pau crescendo dentro dela, estimulando as minhas contrações. Seus olhos se fecharam com ela respirando forte comigo mandando ver, a velocidade fazia a água ficar agitadíssima, chegando no ápice.

— Eu vou gozar, gata! — rosnei com o corpo trêmulo.

— F-fora, por favor! — O corpo começou a tremer, e o orgasmo veio fulminante sem que eu pudesse deter.

Agarrei seu corpo deitando a cabeça em seu ombro.

— Está segura, eu prometo! — sussurrei, garantindo em seu ouvido. — Confia em mim.

— Sobre estar segura eu ainda não sei, Marcelo! Eu perdi o prazo da minha injeção anticoncepcional trimestral. E sobre confiar em você. — Ela engoliu duro e ergueu a cabeça me fitando. — Estou me arriscando por conta própria, porque até o momento, você não é digno de confiança, portanto não peça mais isso — começou magoada. — Já basta este controle que você tem sobre mim, aliás, não confio nem em mim. Nem deveria estar aqui te dando mole, o máximo que deveria é estar me vingando de ti.

Neguei de cabeça convicto.

— Você não tem esta índole.

Ela riu revoltada.

— Pior que não, embora devesse ter!

— No momento oportuno, eu prometo que lhe conto tudo em detalhes, e outra coisa importante é que não deve contratar o Wesley.

Ela deu de ombros, curiosa.

— O que tem contra o seu primo?

— Ele já tem uma vaga na D'Ávila. Distante da Uchoa é o certo a se fazer, por enquanto.

— De qualquer forma enfrentaria uma batalha contigo na contratação dele. — Deu os ombros. Segurando minha nuca guiou meus lábios ao dela num beijo para lá de carinhoso e apartou um milímetro. Um respirando o ar do outro. — A vida é curta, e você é um gostoso ordinário.

Ria do seu jeito ainda mais apaixonado.

— Não tenho como negar a realidade, sou alguém que não resiste a você.
— Emocionado, pincelei a ponta do seu nariz com o meu.

— Se existisse a máquina do tempo, eu voltaria sete anos atrás e mudaria todo o curso de nossas vidas. Seria tudo muito diferente. — Senti meus olhos cheios de lágrimas, as lembranças eram de fato chocantes. — Talvez odiar a mim não seja exatamente um carma na sua vida, e... — Fechei meus olhos, travando meus lábios com o impulso da revelação. “Você vai arrasar com a vida dela, Marcelo! Não faça isso, não você!”, a voz da razão gritava dentro da minha cabeça. Intrigada, ela arqueou vasculhando meu rosto. — Eu só tenho protegido você.

Ela riu descrente, ou crente, fiquei na dúvida.

— Tanto faz agora! — disse despreocupada. — O momento contigo é maravilhoso, então quero fazer uma proposta.

Tombei a cabeça ao lado, curioso.

— Vamos fazer de conta que estamos em férias de verão, e acabamos de nos conhecer. — Ri. A ideia soou muito agradável. — Assim podemos curtir um pouco. Mesmo porque, amanhã à noite, voltaremos a nossa vida real. E ambos sabemos que nossas realidades não são flores.

Revirei os olhos, exausto, ao pensar lá fora.

— Inclusive, tem alguns papéis que preciso da sua assinatura. Não conversamos muito estes dias.

Assenti, sorrindo com os lábios comprimidos.

— A gente vê na segunda! Preciso das minhas roupas — disse ela fugindo dos meus braços e mergulhou na piscina pegando-as. Eu fiquei ali, apenas observando-a sair e vestir-se tão lindamente. *Carol, Carol!* — Vai ficar aí babando? — cobrou o bobão aqui.

— Seria legal se voltasse mais um tantinho pra água — comentei malicioso e saí. Meu pau ereto, duro, pulou no ar.

Ela riu, suspirando toda entorpecida, estimulando meu lado animalesco. Por um fio, eu correria e a levaria para dentro da piscina novamente. Delícia!

— Deixa de ser tarado e se vista logo que daqui a pouco começa o jogo.

Sacudi a cabeça alquebrado.

— Eu preferia mil vezes me trancar no quarto com a minha Carol. — Fui abraçá-la, mas ela se esquivou para o lado, rindo acalorada, como antigamente,

— Não sou mais a sua Carol. Apenas alguém que acabou de conhecer. — Ajeitou os cabelos molhados e caminhava em direção à sede.

Estes nossos momentos sempre foram ótimos, sexo sem preconceito, selvagem, nos momentos e lugares mais inusitados. O perigo nos atraía por ser mais instigante e excitante. Estremeci acirrado, cobiçando a silhueta perfeita dela de costas, afastando-se a passos de tartaruga. Eu sabia que ela provocava. Um caminhar sensual que amava e estava com uma saudade imensa.

Foi justamente o sexo que nos uniu. Numa das festas, já naquele flerte interesseiro que existia entre nós, acabamos nos enroscando no escuro e transamos. O impacto foi algo extraordinário, o melhor sexo daquela época, tão bom que o amor bateu forte, me levando à beira da dependência desta relação, ou seja, o vício era dos dois.

Foi dureza me afastar da minha bela, mas como poderia seguir em frente com a intolerância batendo dentro do meu peito e mente? Não era capaz... Eu apreciava aquela bunda redonda dura, quando ela voltou me pegando no flagrante.

— Ah, fique bem longe da sauna, ok?

Ri assentindo ao conselho e ela prosseguiu, vi que ela ria tirando uma da minha cara. Suspirei profundamente indo atrás das minhas roupas. Vestindo-me de qualquer jeito, corri até ela e praguejei com meus olhos captando o

idiota do Derek vindo na direção dela e se achando naquele traje preto medonho.

Ele chegou primeiro, postando-se à frente dela e avançou o olhar além dos ombros dela cerrando em mim, alguns metros atrás, já chegando.

— Por acaso entrou de roupa na piscina, Carol? — após perguntar, seus olhos recaíram pelo corpo ensopado dela.

— É, é... — Perdida, sem resposta, pausou ao ouvir eu tossindo, limpando a garganta, e virou a cabeça sorrindo meio que desesperada.

Pisquei sorrateiramente passando por ela, e coloquei a mão no ombro do Derek.

— Com um calorão destes, não resistimos nos refrescar. E, por favor, Derek não ouse cruzar o meu caminho, ok?! — cochichei.

A Carol escutou e arregalou os olhos, cética.

Derek sorriu desafiador, um gesto que não levei em conta. Uma, porque meu coração estava transbordando de uma paz deliciosa que há muito não sentia, uma paz que foi roubada de mim. E outra, que tinha que aceitar que o Derek nunca deu bolada nas minhas costas, ele apenas era mais uma vítima das circunstâncias.

— Marcelo! — ela advertiu. Não resisti curvar e depositar um beijo molhado em sua face fresca e saborosa, e deslizei a ponta da língua ao redor dos lábios. Fui tomado por um arrepio incontrolável e magnífico.

— Com este sabor da porra, dá vontade de comer! — sussurrei no ouvido dela e saí em direção à sede.

— Não esquentar, Derek — disse ela enquanto dizia a mim mesmo: “Nunca vai roubar a Carol de mim, nunca!”.

— Está ocorrendo alguma treta aqui? — perguntou Cauã, vindo apreensivo.

— Por enquanto está tudo sob controle — respondi passando por ele e seguindo em direção à casa.



Capítulo Quinze

CAROLINA

— Vou relevar a conduta do Marcelo, porque eu sei o quanto vocês se amam. — Fechei meus olhos tomada por uma onda de arrepios e prazer com a constatação do Derek. Legitimei ao invés de contestar.

— Como posso fazer para enganar o meu coração? Porque, para esquecer o Marcelo, só o arrancando do peito.

Balançando a cabeça, ele sorriu condescendente.

— E, infelizmente, faltaria vida no meu corpo. Eu deixaria de existir.

Afinal, não conseguia enganar nem a mim mesma, compreender este sentimento depois de tudo. É como se a minha intuição fizesse dele um inocente. Principalmente agora, sabendo que a tal Ingrid não era o que eu imaginava, então tudo, de repente, pudesse ser o oposto do que maquinei em minha cabeça durante dias. Quando fiz a proposta de vivermos em paz e romanticamente nesse final semana, eu ouvi a minha intuição. Essa sensação era estranha e estúpida, mas era assim que tudo pairava ao meu redor.

— Desabafa comigo, vai? — solicitou ele repousando as mãos em meus ombros. — Que diabos aconteceu naquele dia? — Cerrou os olhos verdes, perturbado.

Baixei meus olhos acovardada, repensando em tudo agora.

Se realmente ter escondido a verdade partiu do motivo da vergonha de ser humilhada, ou eu estava inconscientemente preservando nossa imagem, esperando um possível retorno?

Confia em mim, só isso! Este pedido tocou o meu coração. “Confio ou não, Senhor?”, pedia conselho rolando os olhos ao céu, pois existia uma mulher, uma criança. Afinal, o Marcelo sempre foi um dos caras mais cobiçados de toda Alphaville, o mais humano e fiel... Esta traição não combinava em nada com sua personalidade. *Diga, Deus, se devo confiar!*

— Tudo bem, Carol! — Derek cortou meu silêncio reflexivo. — Sempre admirei você, não posso negar, mas reconheço o momento de cair fora. — Riu lindamente. — Não há como competir com um coração apaixonado.

Ri aliviada envolvendo os braços ao redor do seu pescoço e o soltei rapidamente lembrando do meu estado.

— Estou molhada, esqueci completamente.

— Está calor. — Puxou-me de volta aos seus braços.

— Obrigada por ser este cara bacana — sussurrei ao seu ouvido.

Deslizando as mãos em minhas costas, beijou minha face antes de arcar atrás dos meus olhos.

— Sabe que em vários momentos precisei bloquear um sentimento mais forte, querendo penetrar no meu coração?

Neguei e beijei sua face encantada com seu jeito doce.

— Se tivesse me apaixonado, eu estaria ferrado agora, né?

Grunhi, soltando-o.

— Eu juro que tentei esquecer, e fracassei em todas as tentativas! Não controlo meu coração.

Ele assentiu de cabeça e prosseguiu recuando e repousando as mãos na cintura.

— Tive uma conversa com o Cauã lá dentro, e fiquei sabendo de uma decisão legal do Marcelo; e presenciando vocês sempre juntos, comecei a mudar minha opinião em relação a ele. Ele não mudou, apenas assumiu uma

postura diferente, de autodefesa eu presumo. Convenhamos que o Marcelo nunca fora arrogante. O cara sempre foi gente boa, né?

Torci a boca curiosa.

— Oi, pessoal! Está tudo bem por aí? — perguntou Cauã a alguns metros e se achegando.

Nenhum de nós acenamos.

— Pergunta diretamente ao Cauã.

— Acredita mesmo nisto?

Ele estendeu seus braços, catando minhas mãos ao lado do corpo, levou aos lábios e beijou-as ao mesmo tempo.

— Você é quem tem de acreditar. Mas não esqueça que a confiança tem que ser conquistada.

Piscou e foi neste instante que o Cauã se colou ao nosso lado, entreolhando desconfiado.

— Espero que esteja tudo bem, acabei de cruzar com o Marcelo e ele não estava com a cara boa — explicou num meio sorriso constrangedor.

— Está tudo ótimo — Derek respondeu. — Estava comentando com a Carol sobre o que você me contou lá dentro. — Dizendo isto bateu levemente nas costas de Cauã e saiu nos deixando sozinhos.

Olhei curiosa para Cauã.

— O Marcelo mandou parar com o processo contra você.

— Esta ordem veio hoje? — As batidas contínuas do meu coração reverberavam nos meus ouvidos, tamanha a ansiedade da resposta.

— Não, foi na empresa!

Comecei a rir, imersa em esperanças.

— E ele está tendo problemas com o Tiago.

Sacudi a cabeça.

— Estou ciente, já me contaram sobre a discussão dos dois lá na sala.

— Você tem um poder surpreendente sobre o Marcelo, que fico me perguntando como é possível. Ele é um empresário centrado, só faz escolhas acertadas. A compra da Uchôa, mesmo no valor absurdo, não faz sentido algum — argumentou. — E agora essa desistência.

Virei os olhos inquietos na direção da piscina, analisando tudo e voltei a fitar Cauã.

— Posso te fazer uma pergunta pessoal?

Ele acenou que sim de cabeça.

— Sabe se o Marcelo tem algum compromisso sério com alguém? — perguntei tentando pescar algo, sendo ele advogado e amigo.

Ele riu descrente.

— Tenho absoluta certeza de que não. Há seis anos, o Marcelo vive apenas para o trabalho — afirmou ele com todas as letras, me deixando superanimada.

Era intrigante o segredo dele ser casado se estender ao seu advogado, e com certeza à sua família. *De qualquer modo, a informação amplia a vontade de lhe conceder o voto de confiança ao qual solicitou, e seja o que Deus quiser!* Sem esperar nada em troca, apenas pelo prazer de senti-lo em minha pele.

— O Marcelo é uma incógnita! — brincou.

— Preciso de um banho, urgente — informei percorrendo os olhos pelo meu corpo. Ele acompanhou meu olhar sorrindo matreiro, porém não esboçou nenhum comentário.

— E eu vou para o campo aquecer antes do jogo.

— Até mais. — Beijei sua face quentinha e caminhei a passos rápidos em direção à sede, na dúvida se saltitava de felicidade ou caía de joelhos e choro por esta insanidade toda.

Faltando algum tempo ainda para o jogo, as pessoas se concentravam na varanda, aproveitando a excelente estrutura. Wesley, afastado de todos, próximo ao braço da piscina que invadia a sala, falava ao celular gesticulando demasiadamente com a mão e acenou ao me ver, acenei apenas com a cabeça.

Tiago conversava num canto com a Susana, que usava um short jeans, cinto preto e uma blusa branca, belíssima. Ela observava-me pelo canto do olho. Próximo ao casal estava meu irmão numa prosa que parecia acalorada com a Cláudia, num look diferente, sobre os cabelos loiros abaixo dos ombros usava um chapéu claro combinando com a sandália de salto, por baixo de um sobretudo de tecido leve e estampado em azul estava usando um short jeans e uma regata branca, colada ao corpo escultural. Ela fez um alarde quando me viu.

— Eu não posso acreditar que esteja encharcada pelo suor — brincou ela trazendo uma porção de olhares curiosos.

Senti o calor espalhar por minha face e abri um sorriso envergonhado, ciente de que estava corada.

— Não resisti à piscina e acabei entrando com roupa e tudo — expliquei baixo, mas não houve como disfarçar com o comentário que veio dela em seguida.

— Agora todo mundo resolveu entrar na piscina com roupa? O Marcelo teve a mesma ideia sua. — Sentindo certa maldade da Cláudia, lancei um olhar aflito para o Tiago, sua desaprovação estava ali na mandíbula travada, irritado.

E saiu deixando a Susana falando sozinha.

— Espera aí, Tiago! — Susana foi apressadamente atrás dele, e a Cláudia soltou um risinho de satisfação.

— Qual é a sua, Cláudia? — advertiu Gui, impaciente.

Ela deu de ombros com desdém.

— Foi o único jeito de me ver livre desta sonsa da Susana. Ou acha que não notei sua inquietação vendo-a junto com o Tiago?

Ergui a sobrancelha cética quando os olhos verdes insurgentes do meu irmão toparam com os meus.

— Aí está a resposta à pergunta que me fez, enquanto carregávamos o carro. — E saiu caminhando rápido, pegando o caminho que levava ao campo onde aconteceria a final.

Tão linda e tão vingativa, eu hein!

Entrei na sala, o Wesley agora sentado ao lado da dona Esmeralda, pareciam tão íntimos naquela conversa descontraída. Ela ria muito. Nem havia notado o momento em que ele entrou.

— Ah, você está aí? — Dona Esmeralda se direcionou a mim. — O Wesley é muito divertido, você contratou uma excelente pessoa.

Recapitulando a solicitação do Marcelo, senti um aperto enorme no peito com o sorriso angelical e escancarado brotando em sua face.

— Certo, certo. — Ri sem jeito e parti em direção as escadas em busca de um quarto livre.

Quartos não faltavam na casa principal e também por toda a fazenda.

Subi os degraus de concreto segurando no corrimão de madeira de lei, muito legal por sinal e acessei o enorme e largo corredor com piso queimado, esculturas de bronze francesas e quadros temáticos. Os quartos já ocupados encontravam um aviso dependurado na maçaneta, redonda e bronze, das portas enormes de madeira de lei.

Quando menos esperei, a porta do meio do corredor se abriu e o Zeus apareceu, os cabelos molhados grudados na testa, dirigindo-me aquele olhar cinza transparente de desejo e vestindo apenas uma boxer preta. Embora sem fala, o encarei sem medo e desci os olhos para o preponderante sobressaltado empurrando o tecido da única peça de roupa que ele usava.

— E-eu... — suspirei o perfume extremamente fresco remetendo ao banho tomado. A emoção roubou minhas palavras quando fui surpreendida com sua mão pegando a minha, e num tranco fui arrastada para o interior do quarto. — Jesus! — Foi a única palavra que fui capaz de esboçar com seus pés empurrando a porta, que se fechou, e mais um tranco com seu corpo se chocando ao meu, me atarracando na madeira. Adorava ele assim, tão fresco quanto a brisa do mar.

— Já estava com saudade desta boca sensual, lábios cheios e exuberantes. — Levando minhas mãos acima da cabeça as prendendo lá, me beijou com uma urgência tão feroz, que perdia o fôlego. — Retribuí com o mesmo ardor, sendo moída na porta. Delícia.

Por um segundo repensei na vida, com suas mãos desbravadoras descendo meus braços, apertando-os, me levando às nuvens, eu bloqueei com seus dedos se fechando com atitude na minha cintura, fazendo a volta se posicionar na lombar, entre a bunda e coluna, exigindo mais contato, quase me perfurando com sua rigidez. Mordi o lábio inferior para abafar gemidos prometendo ser escandalosos.

Concluí que não desejava analisar minhas atitudes, queria apenas sentir. Nunca ninguém conseguiu me fazer tão realizada no sexo como o Marcelo. Sexo com ele era algo absolutamente fabuloso, indiscutivelmente, a melhor coisa do mundo.

— Que delícia que é beijar a sua boca. Provar cada canto dela — sussurrou baixo nela escorregando seus lábios no canto dele e mordeu antes de seguir com eles molhados por minha face arqueada, até meu ouvido. O desejo que sentia por esse homem era maravilhoso, estou entorpecida de desejo. — Eu sou louco por você, gata! Você é única — sussurrou novamente. — Minha, só minha!

Verdadeiro ou não, soou magnífico, mas eu não podia deixar me levar, a proposta de um fim de semana nada mais era do que um conto de fadas. À meia-noite, a charrete vai voltar a ser uma abóbora e como tudo que era perecível, ela vai apodrecer e, no máximo, tornará um adubo que talvez nem seja bom para fertilizar a terra e tudo recomeçar.

— Por favor, nosso acordo não inclui mentiras, ok? — resmunguei gemendo toda arrepiada, a sua língua dando voltas por dentro da minha orelha. Em um tesão incrível, comecei a sentir contrações ritmadas, minha calcinha mergulhava na inundação.

— Está longe de ser mentira, minha bela! Você desperta o verdadeiro Marcelo! — rosnou maluco apartando somente um tantinho o quadril, abrindo o botão da minha bermuda. — O Marcelo que mulher nenhuma conheceu. O original! — completou num sussurro sem fôlego. Abriu o zíper e desceu tudo junto à calcinha e seus dedos hábeis assumiram a região, deslizando-os para cima e para baixo, tremendo e gemendo, sentindo-a molhada.

Corri minhas unhas pelo tórax delicioso e invadi a boxer, agarrando aquilo tudo, encantada sentindo as veias. Ele sempre me encantou e era o único na minha vida.

— Oh! — ele rugiu, beijando e mordiscando a pele do meu pescoço. — Está sentindo a dureza?

Assenti, mordendo o beijo e me contorcendo a sua masturbação fodástica.

— Nestes seis anos foi assim, esta ereção quase eterna, pensando em você. — Seus lábios foram descendo junto com suas mãos; pegando na barra da blusa, subiu tirando-a pela cabeça e a jogando em algum lugar e suas mãos possessivas massagearam meus seios. — Ah, minha Carol! — murmurou segurando na base, erguendo-os, abocanhando um e depois o outro num trato que somente ele sabia fazer.

Meu coração apaixonado se derretia às suas palavras. *Não, não! Não poderia ser uma completa dependente dele. Não espere nada dele, Carol!* A definição não acalmou meu coração acelerado, angustiado. Engoli duro com seus dentes se fechando no bico entumecido, ignorando meu coração e focando apenas no sexo, na satisfação da carne.

— Não fala mais nada e me fode logo! — exigi.

— Vou fazer você subir pelas paredes, gata! — Segurando em meu braço, colocou-me de costas para ele, encaixando o pau pulsante no meio da minha bunda, uma mão deslizava por minha lubrificação, circulando meu clitóris inchado e latejando de tesão, e os dedos da outra mão se fecharam ao redor da minha garganta. — Dar o meu melhor a você — rumorejou no meu ouvido, causando uma sensação indecifrável. Trepidava legal!

— Ahhh!!! — Fechei meus olhos com seu dedo penetrando, seus lábios explorando a pele do meu pescoço divinamente; em seguida, arqueou meu pescoço em busca dos meus lábios num beijo molhado, ardente.

— Oh, meu pau está doendo e precisa urgente do seu calor. — Seus dedos saíram de dentro de mim e foram descer sua boxer.

Parei de respirar sentindo a rocha em contato direto com a minha bunda.

— Caraca! — pronunciei estremecida.

— Você quer ele, quer? — perguntava ao meu ouvido, passando a cabeça robusta na beirada, brincando sem pressa, me enlouquecendo.

— Eu quero, quero... agora! — implorava remexendo, empinando e querendo encaixar logo, desesperada.

— Então vou deixar você experimentar, tá? — soprou trêmulo no meu ouvido, eu assenti. Quando senti-o colocando, empurrou, suspirei sentindo a glândula rasgar penetrando, e ele se deteve com ela ali.

— Mais... — supliquei ofegante, empurrando o quadril contra ele que arqueou provocando, despertando aquele suspense todo. Fiquei ainda mais

excitada. *Céus!*

— Vou dar tudo o que deseja, tudo — balbuciava no meu ouvido, esfregando o dedo no meu clitóris e empurrando aquele instrumento tamanho família e, quando tentava empinar querendo tudo rápido, ele ameaçava tirar. A minha excitação despontou indo ao ápice, ambicionava tudo e veloz.

— Você sabe mesmo enlouquecer uma mulher — admiti, louca de desejo para sentir tudo dentro de mim quando, rugindo, ele enterrou tudo sem dó nem piedade.

— AH! — Não contive o grito com ele penetrando fundo, enquanto seus dedos trabalhavam em meu clitóris.

— Isso, amor, geme na minha tora, geme! — murmurava rugindo ao meu ouvido, estocando num ritmo alucinado.

Amor? Ali, sendo sacudida, invadida, senti vontade de chorar. Eu queria que fosse amor, queria ser fodida assim por ele a vida toda. Eita, Carol! Para com isso, mulher, sem palavras. Não disse que não esperaria nada desta aventura?

Ainda fodendo vigoroso com sua pegada dos infernos, ele me empurrou até a cama, caí de bruços sobre ela. E antes que eu esboçasse qualquer reação, agarrou meu quadril me colocando de quatro, deu um tapa excitante na minha bunda e penetrou com sua força máscula. Este era seu jeito, vai chegando e enlouquecendo a gente. *Amo este homem, amo demais!*

Esta forma dele pegar a gente, impossibilitava até a respiração. Era gostoso, divino e incitava o desejo da transa durar horas a fio, sem pausa.

— Caralho, como pode ser divinamente apertada deste jeito?! — rugia na voz rouca elogiando, juntou aos meus cabelos, puxando na medida certa, enquanto estocava, fodendo delicioso. Tirou, e segurando meu quadril enfiou a cara na região, beijando, sorvendo guloso, introduzindo sua língua e voltando a me penetrar com o poderoso. Ele era tudo.

— Ahhhh — comecei a gemer com os espasmos, sentia fortes contrações e um arrepio por todo meu corpo pronta a gozar e, como sempre ao me ver perto do orgasmo, judiou saindo de dentro de mim. — Não! — reclamei ofegante.

Ele me jogou de costas na cama, entrando no meio das minhas pernas, com seus olhos cinzas conectados aos meus, e me penetrou bem devagar para que eu sentisse cada centímetro dentro de mim entrando, e me beijou tão apaixonadamente, que eu poderia afirmar que me amava como eu o amava. Fechei meus olhos bloqueando o sentimento e tentando focar só no sexo, sentindo aquele pau enorme e muito duro ir e vir dentro de mim. Um gemendo na boca do outro.

— Não existe coisa melhor no mundo do que fazer sexo contigo, Carol! — Os suspiros ruidosos dele soando em meus ouvidos eram incríveis com ele aumentando o ritmo, fodendo desesperadamente. *Fazer sexo com quem se ama é a melhor coisa do mundo! Desencana, Carol!* Sacudi a cabeça imperceptivelmente voltando ao momento, sentindo as minhas paredes internas num iminente orgasmo pressionar o pênis crescendo e endurecendo mais, deslizando prazerosamente.

E arremeteu segurando profundamente trêmulo, como eu, arfei num orgasmo esmagador, juntos, sentindo ele, ejacular gostoso. Tive um segundo de consciência recordando que estava desprotegida, mas foi um segundo apenas. No segundo seguinte, eu estava ali, com ele movimentando lentamente e recebendo sua língua de sabor único em minha boca, devorando-a como amava.

Exausto, seu corpo caiu ao meu lado na cama.

— Você é incrível! — Levantando o tronco, deu-me mais um ardente beijo.

— Atenção, jogadores, todos estão convocados para comparecerem neste minuto no campo! — Ouvimos a voz do Bernardo no corredor. Pausamos o beijo e rimos um nos lábios dos outros.

— Eu não vou mesmo — disse ele sorrateiro, passando os braços ao redor do meu corpo e me agarrando gostoso.

— Como não? — brincando o empurrei para fora da cama e ele caiu sentado no chão. — Você deve ir — repreendi-o, rindo. Ele permaneceu sério, ali sentado no chão, com seus olhos percorrendo minha face, como se estivesse fazendo um reconhecimento. Deitei de lado, admirando-o. — Se eu parar para pensar como você está fazendo, eu tenho certeza de que vou dar na sua cara e sair deste quarto correndo.

Ele riu do meu comentário e curvou o rosto aspirando minha pele, causando-me um arrepio maravilhoso.

— O acordo foi fechado, então não vale pensar em mais nada a não ser sentir, ok?

Respirei emocionada, assentindo de cabeça. Matreiro, ele se levantou prendendo meu olhar e curvou-se sobre mim.

— Vem cá — me pegou no colo — que eu vou te dar um banho de muito prazer.

— Ai, delícia! — disse passando meus braços ao redor do seu pescoço. E aos beijos ardentes ele me levou para o banheiro.

Foi o melhor banho dos últimos anos, um deleite de momento embaixo da água morna. O melhor beijo, melhor sexo oral, completíssimo. Marcelo explorou cada canto do meu corpo e eu retribuí.

— Você vai assistir ao treino, ou vamos nos ver apenas na hora do jogo? — No meio do quarto, já vestido para sair, perguntou segurando meu rosto, vasculhando-me com aqueles olhos cinzas lindos, que tantas vezes morri de saudades.

— Vai ficar na expectativa porque não vou dizer. — Rindo, ele me puxou para um beijo prolongado, molhado.

— Por mim nem sairia deste quarto — confessou novamente, num tom sincero, liquefazendo meu coração já aquecido de amor.

— Por favor, Marcelo! Nada de mentiras...

Ele riu sacudindo a cabeça, beijou-me de novo e deu-me as costas caminhando em direção à porta. Não resisti vendo aquela bunda, braços musculosos e corri me dependurando em suas costas.

— Eu necessito de mais um beijo! — Montada nele, com os braços cruzados em seu pescoço, solicitei em seu ouvido.

— Eu necessito de um milhão mais — sussurrou beijando meu braço com carinho. Segurando, trouxe-me para frente. Com as pernas abraçadas à sua cintura, nos beijamos calientes e logo senti seu pau duro me cutucando. — Se continuar nesta provocação vou abandonar de vez esta final.

Rindo, ele me colocou no chão e depois de mais um beijo, precisava perguntar sobre o processo e o fez:

— Você parou ou desistiu com o processo contra mim?

Ele grunhiu, revirando os olhos e retornou fixando com seriedade.

— Depois! Agora é a minha vez de fazer exigências. — Moldou meu rosto entre suas mãos grandes acariciando meu maxilar com seus polegares, o circulando pelos lábios entreabertos. — Para que nosso acordo seja um sucesso, devemos esquecer o mundo lá fora. Vamos fazer de conta que não existe vida além da porteira desta fazenda. Acha que consegue? — Seus olhos cintilaram, eu sabia que eram as lágrimas, mas ele as segurou se mantendo no controle.

Eu não entendi aquele seu gesto, mas ele estava com a razão, o mundo aqui estava extraordinário e eu aspirava extrair o melhor proveito possível.

— Eu sei que vou me arrepender, mas eu consigo sim — balbuciei imersa numa emoção que não cabia em meu peito.

Sem outro beijo, ele saiu apressado com os chamados pelo seu nome.

Se estava certa ou errada, eu não sabia, mas estava realizada. Recuei até minhas pernas pararem na cama e me joguei de costas, abri meus braços e ri suspirando com olhos fixos no teto.



Capítulo Dezesseis

MARCELO

Que vida de merda!

Assim que fechei a porta, almejava esmurrá-la até ferir minhas mãos, meu desejo neste momento era de sangrar até a morte. *Caralho de vida!* Escorei-me na parede ao lado da porta, enroscando os dedos pelos cabelos úmidos, elevei a cabeça e, vagueando no teto, fiz o impossível a fim de equilibrar minha respiração descontrolada. Afinal, tudo em mim estava fora de controle, a minha vida estava atolada no lamaçal, uma desordem insuportável.

Será que esta tempestade nunca vai passar para eu sossegar?

Não! O duro era que não. Pendi a cabeça, desanimado. A possibilidade de isso acontecer era remota, praticamente zero na verdade.

Minha paciência estava se esgotando a cada minuto que passava, sobrecarregado, o meu coração se expandia, ficando apertado dentro do peito. Este segredo estava me matando por dentro, roubando meu autocontrole; e precavido de explodir de dentro para fora e mandar toda esta merda pelo espaço, segui pelo corredor a passos rápidos. Se o sofrimento é inevitável, então que somente eu o abrace, e morra com ele.

— Espero que o motivo de estar trancado dentro do quarto até agora com a Carolina seja nobre! — No centro da sala vazia, já vestido no uniforme do nosso time: camiseta vermelha e bermuda branca e segurando seu aparelho celular na mão direita, falou Tiago, irritado e em tom de ironia. Furioso à ofensa, apertei os olhos. — Estava aqui, justamente falando com o nosso pai

sobre a divisão das quotas entre nós dois. Só que para isso, você precisa finalizar a compra da Uchoa, não pretendo pegar a minha parte enrolada. — Ele veio me encontrar na escada com o aparelho celular na mão esticada.

— Você nunca mais vai pronunciar algo neste teor sobre a Carol, ou eu quebrarei todos os seus dentes. Será que deu para entender? — Determinei descendo o último degrau o ameaçando e apontando o dedo indicador na sua cara.

Ele não se intimidou, apenas ergueu as sobrancelhas dissoluto.

— Atende seu pai.

Bufei, arrancando o aparelho de sua mão, levando aos ouvidos e fechei os olhos, indignado por estar ouvindo aquilo tudo. Ele falou, falou e na pergunta emudeci sem condições nenhuma.

— Ligar para dar satisfação onde está, nada, né? — Mais asneiras eram pronunciadas, levando-me ao pico da impaciência. — Basta de hipocrisia, senhor Ruan, você tem responsabilidade nesta porra toda... — Fixei no olhar curioso do Tiago ali em minha frente, os braços cruzados na altura do peito estufado. — Não, não vou ouvir! — Fui irredutível. — E vou falar mais! Tenho feito um esforço descomunal para não levar para o lado do rancor, e você está me arrastando a ele... — Ouvi seu suspiro de pura frustração, como eu me sentia: frustrado ao extremo pela mudança radical do curso da minha vida. — Você quem sabe!... Não precisa se apressar em voltar, você presente ou ausente não faz a menor diferença, já bagunçou com tudo mesmo, fodeu com a minha vida, arruinou a minha felicidade... Por que está tão preocupado? — perguntei erguendo os olhos. Tiago apertou os olhos especulativos, desviei com meu coração apertado, em imaginar o sofrimento dele se um dia essa merda vir à tona. *Não posso permitir!* — Pode ficar tranquilo, o meu silêncio é garantido e não faço isso por você. Mas saiba que

acabou de perder o meu respeito... E desculpa! Não tenho condições de gastar meu precioso tempo falando contigo neste momento.

Amargurado, entreguei o aparelho de celular ao meu irmão e saí em direção à porta de vidro numa fuga alucinada. Ele me chamou intrigado:

— Espera aí, Marcelo! — Parei no meio do caminho e respirei fundo, sem me virar. Sua respiração pesada se misturou aos ruídos nas portas de vidros e janelas devido ao vento forte que começava. — Esta conversa sua com o nosso pai... — Jogou no ar, aguardando-me completar, dei de ombros simulando indiferença quando, na verdade, sentia fortes dores no peito, com ele inchando mais. Ele não merece sofrer, ninguém ao meu redor merece... E abracei tudo, à minha maneira, de poupar a todos e carrego esta tonelada enorme comigo. — Que diabos está acontecendo, Marcelo? — insisti confuso.

Respirei fundo e segurei todo o ar, refletindo sobre o que responder, não poderia mentir para o meu irmão. *Mas o que poderei dizer sem trilhar o caminho da mentira?* Fechei meus olhos soltando todo ar e girei nos calcanhares.

O silêncio, unido ao olhar de repreensão dele, se estendeu sem que eu conseguisse pensar numa desculpa que não me agredisse. Estava exausto de tudo! Impaciente, ele quebrou o silêncio.

— O que vocês estão me escondendo, hein? — perguntou passando a mão pelo cabelo, nervoso. Balancei a cabeça, ainda sem uma definição. — Esta conversa paralela tem a ver comigo, não tem? Vai, Marcelo! Fala logo, cara! Embora não tenha entendido nada, sei que há algo cabeludo.

— Eu sinto muito, mano! — Sem nada organizado em minha cabeça, aproximei-me e repousei a mão direita em seu ombro esquerdo. — Se quer respostas, então sugiro que pergunte diretamente ao senhor Ruan. Ele é a pessoa ideal para explicar melhor do que eu. — O toque, na verdade foi mais

uma intenção de um desabafo. Estava farto dos joguinhos, segredos e mentiras.

— Não vai ousar me deixar no vácuo! — ele expos injuriado.

— Desculpa! — Angustiado, andei em direção à porta.

Ele não se deu por satisfeito e exasperou-se:

— Você sempre foi um cara que admirei pela franqueza, tanto na vida profissional como pessoal, não me faça perder esta admiração.

Pendendo a cabeça, embrenhei os dedos nos cabelos chegando a única conclusão e disse a ele:

— Infelizmente, me saquearam a franqueza e a trocaram por uma fortaleza.

Até eu desconhecía esta minha força, o fardo é pesado pra cacete!

Saí dali o mais rápido possível, ganhando a parte externa da casa. O entardecer de céu cinza emanava um clima pesado, como o meu coração. Balancei a cabeça para dissipar o sentimento inoportuno, seguiria nosso acordo para lá de bom, à risca. Desconsiderando os problemas além da porteira, preservando os momentos vividos aqui. Lembrar além do arrepio descendo da espinha, veio o frio na boca do estômago, e aquela paz indiscutível ao meu coração.

Descendo a trilha que leva ao campo, apreciava o horizonte verde, experimentando o toque do vento em minhas costas, impelindo-me para frente, eu quase flutuava com a leveza do meu corpo. Esta trégua com a Carolina era algo grandioso, há muito não me sentia tão bem, feliz e em paz.
Eu queria muito ter uma chance com ela!

O farfalhar das palmeiras e os galhos das árvores frondosas, agitadas pelo vento, indicavam uma tempestade bem próxima.

— Nossa! Já estão todos no campo, só falta você e o seu irmão — subindo, o Wesley comentou guardando o celular, que acabara de desligar, no

bolso da bermuda branca, aparentemente vindo do campo, porque vestia o uniforme do nosso time. — E onde ele está?

— Deve estar vindo aí — respondi descendo a trilha. Mas dona Esmeralda veio à mente e virei o chamando: — Wesley?

Ele girou o corpo imediatamente ao meu chamado.

— Sim. — Um sorriso aberto plantou no rosto.

— Dona Esmeralda está no campo?

Ele negou.

— Conversamos por um bom tempo na sala, e depois a acomodei no quarto no andar superior.

Quanta gentileza!

— Obrigado.

— De nada. — Movendo os ombros, ele seguiu subindo a trilha em direção à casa. E eu para o campo.

Por uma das três entradas, atravessei a cerva viva dos eucaliptos e mais alguns metros de gramado natural, rente ao solo, já estava no campo retangular que cumpria todas as normas, e o tapete verde era um gramado sintético, pensando no seu baixo custo de manutenção.

Apesar dos jogadores estarem apenas se aquecendo, os torcedores faziam uma algazarra nas arquibancadas, gritando, pulando, incentivando o time. *Uma verdadeira demonstração de apoio!*

— Vai lá e arrasa, Marcelo! — Ingrid, ao lado do marido, toda empolgada gritava fazendo a torcida entrar num frenesi intenso. Notei tantas pessoas diferentes que não conhecia em torno dela. Desanimado e, confesso, despreparado para o jogo, meu coração acelerou de animação. Acenando, corri para o vestiário a fim de vestir meu uniforme e me deparei com o Derek saindo, vestindo seu uniforme: camisa verde e bermuda preta.

Paramos um centímetro um do outro, sérios.

— Enfim, chegou o momento que todos aguardavam, uma disputa inevitável entre nós!

Franzi o cenho negando em um movimento de cabeça. Ele arqueou as sobrancelhas desentendido.

— Está equivocado, Derek. Se está se referindo à Carol, ambos sabemos que nunca houve uma disputa — ressaltei com todas as letras. — E desculpa aí pelo meu comportamento tempestivo. Muitas coisas desagradáveis aconteceram ao mesmo tempo.

Ele riu concordando, movendo a cabeça.

— Eu sei, cara! — Bateu levemente no meu braço. — E não há a necessidade de pedido de desculpas. Eu que trilhei no seu caminho, achei que apostando algumas fichas eu poderia ganhar a partida, e não. O coração da gata é seu, sempre foi. Espero que saiba reparar o tempo perdido, a propósito este é o seu melhor momento.

Estendeu a mão, eu apertei camarada, como no passado.

— Em relação ao jogo, que vença o melhor! — Puxei-o para um abraço.

— Boa sorte a todos nós!

— Agora eu vi vantagem! — interveio Cauã saindo do banheiro, já vestido no nosso uniforme. — Será uma guerra boa e limpa.

— Não vi o Tiago ainda. — Bernardo, saindo em seguida do banheiro, bateu no meu braço.

— Ele deve estar descendo, deixei-o agora há pouco na sala — expliquei e ele sorriu com pesar.

— Não estava nos meus planos chegar tão tarde — explicava Bernardo. — É que os meus pais chegaram hoje pela manhã, e fizeram questão que eu fosse buscá-los no aeroporto.

Os gritos de guerras ficavam cada vez mais fortes, desviando nossa atenção.

— Deixa ir me trocar, daqui a pouco encontro você lá no campo.

Cauã entrou comigo e veio falar sobre o fato de ter revelado sobre o processo.

— Deixei escapar sem querer para o Derek. — Sentado no banco de madeira, enquanto me trocava, ele me olhava apreensivo.

— Não esquentar, Cauã! Não falou nada além da verdade.

Ele soltou o ar aliviado.

— Pelo que entendi lá na piscina, você e a Carol estão se entendendo.

Acenei de cabeça distanciando meu olhar, repensando em tudo e doeue pacas.

— É o que eu mais desejo nesta vida. Só que não depende apenas de mim.

— Seja lá quais forem as razões que os levaram a se separarem, acredito que tudo é perfeitamente desculpável — disse imerso em um sorriso abrangente. Voltei os olhos ao seu rosto, sorrindo numa puta incerteza.

— Acho que neste caso não cabe desculpas. — Dei de ombros desnorteado, desolado de tudo. — Não se tem como escolher lados que amamos. E é impossível viver na mentira. Para tudo encaixar e existir felicidade, ambos devem ser agregados. — Soltei o ar resignado. — Deixa terminar de me trocar, quero aquecer antes do jogo.

Ele assentiu, me deixando sozinho. Balancei a cabeça para esquecer o mundo lá fora e centrei somente no aqui, no dia de hoje. *Maravilhoso!*



Um relâmpago serpenteou pelo céu e a torcida acendeu os celulares com o total escurecer de ventos fortes. Vibrava, ovacionava e emocionava a todos. Um incentivo arrepiante e foi neste momento que os poderosos holofotes se

acenderam, iluminando ao redor com uma luz branca intensa, indicando o fim do aquecimento e o início da grande e esperada disputa.

Onde será que o Tiago se meteu? Chateado, pensei que o motivo dele não comparecer ao aquecimento fosse pela nossa discussão. *Preciso me acertar como o meu mano!* Soltei o ar, exausto.

— Aquele clarão atrás dos eucaliptos está esquisito. — Preocupado, o Derek avisou se colocando ao meu lado e apontou. De fato a coloração vermelha amarronzada além da vegetação assemelhava-se a fogo.

Girei nos calcanhares e notei que, alimentadas pelo vento quente e forte, as chamas espalhavam-se em várias direções.

— **ESTÁ PEGANDO FOGO!** — Alguém da arquibancada berrou. Em seguida foi aquela correria absurda. Pessoas gritando, correndo em direção às saídas, todos tentando se protegerem.

— Meu Deus! — pronunciei correndo os olhos entre o aglomerado procurando pela Carol e Tiago e não os encontrei.

— Acho que conseguimos sair por lá. Marcelo. — De mãos dadas com seu esposo, Ingrid se aproximou e pegou na minha mão, me levando em direção a uma das saídas.

— Vão na frente, preciso encontrar o Tiago e a Carol. — Meu coração batia a mil e o desespero de perdê-la era maior do que meu medo. Soltei de sua mão voltando ao centro do campo, os focos se espalharam rapidamente, aproximando-se e tornando a temperatura insuportável. Corri em direção aos demais.

— **SOCORRO!** — Muitos gritavam em prantos com o vento espalhando faíscas pelos ares, propagando o fogo e fechando as saídas.

— **MEU DEUS, VAMOS MORRER!** — Os mais desesperados se jogavam no chão, entregando-se ao inferno. De fato, estávamos no inferno.

— Tem uma saída intacta! — Ouvi a voz do Bernardo. — CORRAM! — implorou ele, e todos correram na direção da voz. A fumaça espessa prejudicava a visão e dificultava a respiração.

Não segui a trilha da sobrevivência, porque tinha certeza de que a Carol e o Tiago não estavam entre o povo correndo. E agradecia ao Wesley por acomodar dona Esmeralda no quarto. Inconscientemente ele a protegeu, vou agradecer adequadamente depois. Até onde meus olhos viam, foquei, vasculhei o gramado, eles poderiam estar por ali, machucados. Porém, não desisti, o amor por eles me empurrava para a luta.

— Marcelo, você está louco, cara? — Derek, amigo pra caramba, retornou pegando no meu braço. — Tem uma brecha daquele lado, vamos.

— Não posso antes de encontrar a Carol e o Tiago. — Num tranco livre de sua mão e voltei próximo às arquibancadas, forçando a vista na tentativa de ver algo além da cortina escura e densa da fumaça. — CAROL? CAROL? TIAGO, TIAGO?

— Eles devem ter saído junto com o tumulto. Por favor, Marcelo, precisamos nos salvar! — Desesperado e com uma mão na boca devido à forte fumaça, os dedos do Derek se fecharam em meu braço. — Permanecer em meio a todo este fogo é assinar o atestado de óbito, cara. Pelo amor de Deus, vem comigo! — Puxou e novamente me soltei.

— Antes vou dar mais um giro na arquibancada — avisei levando a mão à boca. Realmente respirar estava quase impossível com o fogo consumindo toda a vegetação ao redor. — Se salva, cara!

— Eu não acredito nisto! — reclamou ele saindo em disparada em direção à única saída que o fogo ainda não tomou e que todos saíram.

— CAROL? CAROL? TIAGO, TIAGO?

Averiguei em todos os cantos e nada deles, um incêndio começava no meu coração com a necessidade de abandonar o barco. A desesperança instalava-

se tornando a esperança cada vez mais ameaçada. Estava insuportável e não havia como ficar mais.

— Deus, proteja-os para mim.

Corri em direção onde todos saíram deste inferno, meu coração disparou, constatando que não havia mais como sair, estava literalmente cercado pelo fogo. O calor já estava a ponto de queimar a minha pele, suave em demasia. Só restou correr para a trilha que dava na piscina natural, as águas ajudariam a refrescar meu corpo.

Meu instinto, por conhecer a região, levou-me na direção e, quando estava quase à margem, senti um golpe nas costas, como algo sólido, que impulsionou meu corpo para frente, escorreguei no terreno íngreme caindo de cara no chão, e uma pancada na testa me deixou zonzo, caí nas águas.



Capítulo Dezessete

CAROLINA

Joguei-me sobre a cama com a saída do Marcelo. Pensei e repensei na minha vida, na degradante humilhação que ainda estava viva em minha mente, em minha alma. No sentimento que proliferava no meu coração: afeto, carinho... enquanto deveria sentir repulsa. E o que mais doía era o fato de a esperança existir em meu ser, o amor sobrepondo todo o sofrimento, e eu morrendo de felicidade. Em paz...

Confie! A dura e crua realidade era que estou confiando e não deveria. Lamentável a minha situação!

Diante dos pensamentos emaranhados, adormeci profundamente.

Despertei com a gritaria vindo distante, o quarto mergulhado na penumbra. Ainda sonolenta e com um aperto enorme no peito, saltei da cama, andei na escuridão até o interruptor ao lado da porta e acendi a luz. Vesti a bermuda e a camiseta de qualquer jeito e saí descalça, rapidamente do quarto.

O corredor estava silencioso.

— O que está havendo? — Com os olhos inchados e cabelos desalinhados, de quem acabou de acordar, dona Esmeralda saiu por uma porta e com os olhos enormes, assustados veio se encontrar no corredor comigo.

— Não sei ainda! — respondi aflita segurando em sua mão. — Entre no seu quarto e permaneça lá, enquanto vou averiguar, ok? — situei, preocupada com a sua segurança.

Ela assentiu, e em seus passos lentos, seguiu até entrar no quarto, em segurança. Corri até as escadas, descendo os degraus de dois em dois e atingindo a sala, saí pela porta de vidro.

Ao longe via labaredas se elevarem em brilhantes rajadas em tons alaranjados e vermelhos iluminando a noite. Muitos lamentos angustiantes. Não tive dúvidas e saí em disparada em direção ao campo.

— Céus, o que aconteceu aqui? — Com as mãos na cabeça, eu olhava a dimensão do fogo consumindo a cerca viva, cética. O vento contribuía para espalhar ainda mais.

Diante da tragédia dolorosa, as pessoas choravam, muitas com os celulares no ouvido pedindo por socorro, enquanto olhava ao redor à procura do Marcelo e meu irmão, e não os via em meio à multidão desorientada.

— Uma desgraça! — relatou Cláudia desesperada, suas mãos trêmulas estavam unidas em oração. — Ainda tem pessoas lá dentro! — explodiu em lágrimas, como eu, em não ver o Marcelo e o Gui.

— QUEM? — gritei em desespero, girando o corpo numa tentativa desesperada de achá-los fora do perigo. Suspirei, sorrindo aliviada ao avistar o Guilherme ajudando o Derek a segurar o Tiago em desespero, debatendo-se para se livrar dos dois.

— Me larguem, por favor, preciso tirar o meu irmão lá de dentro! — Tiago implorava.

Foi impossível mensurar a dor no meu peito.

— Marcelo! — balbuciei entre as lágrimas descendo soltas por minha face. Meu coração acelerou desconsolado à compreensão da realidade, meu olhar paralisou enquanto minha mente voou alto, fazendo a retrospectiva da minha vida com ele, em segundos.

— Não há como atravessar a barreira do fogo, precisamos aguardar os bombeiros — explicou Derek ao Tiago ofegante e com voz embargada.

Todos choravam perdendo as esperanças à extensão exibida. Era de fato o inferno deflagrado.

Naquele instante, eu não teria que pensar, repensar e tampouco fazer interpretações. Eu deveria apenas salvá-lo, livrá-lo do tormento das chamas. *Estando ou não com ele, eu preciso dele pra existir.*

Imaginar a vida sem a existência do Marcelo era como perder praticamente tudo.

Tomada pelo pânico, fiz uma peregrinação com meus olhos em busca de uma brecha para adentrar, porém o vendaval dificultava as coisas, dando proporção alarmante à tragédia. E saí correndo entorno cheia de expectativa por uma abertura menor que fosse. Eu estava disposta a arriscar.

Notando minha intenção, Guilherme veio atrás segurando meu braço, me puxando para trás, afastando-me do fogo.

— Sei o que está pensando e não vou deixar você se matar.

Se for pra morrer, então que seja ao lado dele.

Ali, em frente a uma das estradas, e com o fogo mais ameno, eu pensava que a sobrevivência estava condicionada a uma ação rápida, e foi neste instante que o vento mudou a direção. Soprando forte, criou uma cortina de chamas para, em seguida, se deitar misericordiosamente na lateral.

Eu preciso arriscar!

— Me desculpa! — Num tranco escapei e saltei atravessando, sentindo o fogo lamber meus pés e uma parte da perna sem queimar. Entendi como se algo Divino estivesse abrindo meu caminho, sentia-me fortalecida, uma guerreira enfrentando aquela treva toda.

— CAROLINA! — A amargura do Guilherme cortou o meu coração. Mas eu não poderia deixar o Marcelo morrer.

A fumaça, o calor debaixo dos meus pés e o desespero dificultava minha visão. Somente no centro do campo, onde o fogo não atingira a grama, estava

mais fresco, possibilitando pisar.

— MARCELO? — berrava girando o corpo sem ver nada entre a fumaça densa. Não sabia por onde começar, e o incêndio ao redor só piorava a cada segundo quando, de repente, ouvi seu murmúrio vindo da direção da curta trilha, caminho até a piscina natural.

— A-aqui, Carol! — Desatei na direção dela e o avistei boiando na superfície.

— MARCELO! — Pulei na água nadando até ele começando a afundar. — Calma, eu vou ajudar você! — Entrei numa espécie de pânico, notando o ferimento em sua testa.

— Ah, você está bem, Carol! — Exausto, sua voz grogue saiu num pequeno resmungo. Fiquei emocionada com seu jeito pensando na minha segurança e não na dele.

Ignorando-o, abracei seu corpo e com dificuldade, nadei com ele até a margem mais próxima. Escorando suas costas, abracei sua cintura e permaneci ali com ele flutuando.

— O Tiago, Carol! Eu não achei o Tiago.

— Ele está bem, e desesperado lá fora querendo entrar aqui para salvar o irmão dele. — Seus olhos se encheram de lágrimas. Lindo! — Aguenta firme, Ma! Temos que aguardar as chuvas ou os bombeiros. — Sua cabeça pendeu caindo sobre meu ombro. — Prende a respiração! — ordenei com pressa, quando o vento trazia as chamas em nossa direção. Afundei com ele vendo-a debruçar e passar rente às águas da piscina natural.

Quando retornamos, ele arqueou a cabeça, esforçando-se para mantê-la ereta, com seus olhos abatidos focados nos meus.

— Precisava mesmo desta forcinha, estou cansado! Aliás, obrigado por me salvar duas vezes, hoje! — Uma agonia intensa surgiu em sua face quando esboçou com sacrifício.

— E você só me ferrou! PRENDE A RESPIRAÇÃO! — berrei afundando novamente com o fogo vindo.

— CAROL? — chamou quando retornamos à superfície. Sorri com os lábios comprimidos, preocupada com seu estado meio sonolento. — Na dúvida se teremos outra chance, eu preciso te dizer... — Curvou encostando seus lábios nos meus, beijando-me levemente. Fechei meus olhos me nutrindo dele, ambos ofegantes. Mordeu meu lábio inferior e estirou antes de selar nossos lábios. — Eu te amo, Carol! — sussurrou, causando uma onda de arrepios pelo meu corpo e me desestabilizando. Não consegui segurar a emoção e debulhei com força.

— Ama nada! — dizia sacudindo a cabeça em negativa. — Quem ama não machuca. — Nas suas condições precárias, seus braços se fecharam em minhas costas, num abraço até forte.

— Há tantas coisas que você não sabe, amor! — pausou ao perder o fôlego e, fechando os olhos, sua cabeça tombou para o lado.

— Shhh... — pedi agarrando-o com mais força com um braço, e com a outra mão posicionei em seu rosto, trazendo-o para o meu ombro. — Fica tranquilo, poupe seu fôlego, respira com calma, que depois a gente conversa sobre este assunto.

Ele negou, esfregando a testa em meu ombro.

— Nosso futuro está incerto, tem que ser agora, linda! Eu prometi que a pouparia pela vida toda, mas não posso, não sou tão forte como pensei. — Senti um gelo na boca do estômago imaginando o que ele teria a dizer. *Meu Deus!* E então sua cabeça pesou em meu ombro, e seu corpo relaxou. — Esta fumaça está me deixando exausto, depois conversamos.

— Relaxa que, se Deus quiser, a ajuda vai chegar logo.

Por mais alarmante que o instante pintava, eu mantive a calma, nos resguardando do fogo. Como já vinha sendo anunciado, logo grossos pingos

de água começaram a cair do céu, tornando-se uma intensa e esperada tempestade. Um cenário na noite que poderia ser assustador soava como uma bênção. Sentindo as marteladas do meu coração em contato ao peito do Marcelo, fechei meus olhos orando para a ajuda chegar logo, e chegou. Comecei a rir e soltar suspiros de alívio com os sons das sirenes ecoando entorno.

— AQUI, AQUI! — Rindo e chorando de alegria, eu gritei o mais alto que pude.

— É a ajuda! — balbuciou Marcelo no meu ombro, e ergueu a cabeça com um sorriso de alívio plantado no rosto másculo lindo que eu gostaria de dormir e acordar com ele em minha frente.

— Sim, meu querido! A ajuda chegou. AQUI! — clamei o mais alto que pude.

Após alguns minutos, os bombeiros e a polícia chegaram e nos tiraram dali já com a chuva cessando.

— Vocês estão bem? — indagou um dos socorristas analisando o ferimento na testa do Marcelo, um fio quase imperceptível de sangue escorria da raiz do cabelo ao nariz.

— Estamos sim — respondeu ele ao homem, passando a mão pela minha cintura e se escorando em meu ombro. — Só exausto. — E caminhamos lentamente para fora dali — Eu preciso ver meu irmão.

Marcelo começou a rir e chorar ao mesmo tempo quando avistou o Tiago, que veio correndo se encontrar com a gente. Sem a roupa do time e todo encharcado, como todos que não arredaram os pés até sermos resgatados.

— TIAGO! — Marcelo expeliu aquele tom de profundo e verdadeiro amor.

— Marcelo, Marcelo. — Tiago enlaçou os braços ao redor do corpo do irmão e beijou o rosto de uma maneira fraterna, que faziam todos chorarem.

— Graças a Deus você está bem, mano. — Arqueou, segurando no ombro e vasculhando os olhos verdes, inundados em lágrimas, pelo corpo do Marcelo.

— Se você está bem, então eu estou bem, cara! Vem cá! — Marcelo o abraçou forte. As lágrimas de alívio jorravam em abundância, lavando a trilha do sangue. — Quando não te encontrei, entrei em pânico pensando nas piores situações.

— Estava indo embora, depois da nossa discussão não havia mais clima para jogo.

— Desculpa por ter discutido contigo, desculpa pelas omissões e...

Chorando, Tiago negava de cabeça e agarrou o irmão passando a mão atrás da cabeça dele com carinho imenso.

— Esquece tudo. O importante é que você está aqui vivo. Só você me importa, irmão.

Os dois permaneceram ali, um nos braços do outro, chorando, comovendo a todos. Uma coisa linda de se ver.

Guilherme passou o braço pelo meu ombro, colando ao dele e deitou a lateral de sua cabeça na minha.

— Deus me livre perder você, sua maluca! — declarou em lágrimas. Fui para sua frente, envolvendo-o entre meus braços, o acalmando.

— O senhor precisa ir a um hospital! — o socorrista do bombeiro se aproximou repousando a mão nas costas do Marcelo, que endireitando o corpo, se posicionou em frente a ele.

— Não há necessidade, obrigado! Já estou bem — garantiu ele, tocando o ferimento que parecia leve. Sem presença de sangue, quase não percebia o rasgo na pele.

— Claro que tem necessidade — Tiago avaliava o local onde o dedo do Marcelo estava. — Bateu a cachola, no mínimo precisa de uma radiografia.

— Verdade, primo! — abonou o Wesley, chegando naquele instante atormentado. O único com roupas secas.

— Seu irmão tem razão. A radiografia é aconselhável — emendou um policial se aproximando com as mãos no cós da calça.

— Eu concordo, Marcelo! — eu disse, indo abraçar a sua cintura, ele abraçou a minha, colando-me a ele e, carinhosamente, beijou a lateral da minha cabeça.

— Com uma salvadora como você, não preciso de nada disto. Em apenas um único dia, duas situações de risco e lá estava você me salvando! — sussurrou em meus cabelos e o policial, ainda com as mãos no cós, ouviu. Franziu o cenho, curioso, interveio a nossa conversa.

— Houve mais algum episódio de risco hoje? — indagou.

Notei o quanto seu tom saiu intrigado.

— Fiquei preso na sauna. Se não fosse a Carolina, estaria morto.

— Hum... — comentou ele apertando os lábios, pensativo. — E onde exatamente fica esta sauna? — quis saber.

Demos a localização e o guarda nos deixou.

Todos queriam conversar com o Marcelo, dar os parabéns pela sua coragem e eu recebi também por ter me arriscado tanto, e numa brecha o Marcelo veio até mim.

— Sabe da dona Esmeralda, Carol?

— A deixei no quarto em segurança.

— Vamos até lá, porque ela deve estar preocupada. — Pegou na minha mão arrastando-me em direção à sede.

Todos vieram nos acompanhando.

Enquanto a galera toda espalhou-se pela varanda e a sala debatendo perplexos a quase tragédia, ponderando como responsável o raio, afinal

caíram alguns e fortes, eu e o Marcelo subimos os degraus e detalhe: encharcados.

Sentada na beirada dos pés da cama com o celular no ouvido, dona Esmeralda chorava ouvindo alguém do outro lado.

— Ah, Marcelo! Graças a Deus, você chegou! — Ela soltou-o ar aliviada, levantando-se, e entregou o celular nas mãos dele. — Todo o sacrifício que você fez para evitar aconteceu, meu filho! Uma tragédia. — comunicou em lamentos.

— Outra? — expressou aturdido, levando o aparelho ao ouvido e logo as lágrimas desciam de seus olhos em abundância.

— Como ele ficou sabendo, Jussara? Estava quase tudo pronto para a viagem... — perguntou colocando o aparelho no viva-voz e me olhou com pesar.

— *Eu não faço ideia, Marcelo!* — A mulher desabou após a frase. O Marcelo e a dona Esmeralda nutriam do mesmo sentimento, enquanto eu... Bem, eu estava com medo do que viria. Suspirei a maior quantidade de ar que consegui, e segurei aguardando-a continuar: — *O Fabiano é um monstro! E ameaçou matar qualquer um que tentar esconder a Yasmim dele.*

— Mantenha a calma, ele não pode tirar ela de você antes de uma comprovação de paternidade. Temos tempo para pensar em alguma coisa.

— *NÃO, MARCELO!* — ela gritou em desespero, fazendo dona Esmeralda cair sentada na cama com falta de ar. Solidária, corri para me sentar ao seu lado segurando em sua mão. — *Você não entende? Já estamos sendo monitorados, o Fabiano é poderoso e tem olhos em todos os lugares, nem mesmo a polícia pode nos socorrer agora. Como vê, não há escapatória para nós. E outra: ele cortou uma mecha do cabelo da Yasmim e ameaçou você, a mim, a minha avó e todos os envolvidos, caso o teste do DNA seja positivo —* soluçou derrotada. — *O que eu faço, Marcelo? Não posso deixar a minha*

filha viver com ele no seu mundo de crimes, violência. Me ajuda, pelo Amor de Deus!

DNA, PATERNIDADE! Estava mais perdida que tudo.

— Fica calma, Jussara! Nós encontraremos uma solução. Ninguém vai tirar a pequena Yasmim de você, eu prometo.

— *Eu confio em você, Marcelo* — disse ela mais calma. — *E cuidado por aí, cuide bem da minha avó, sabe o quanto ele é perigoso.*

— Terei, prometo!

Ele desligou com os olhos fixos em meu rosto, eu sacudia a cabeça completamente no escuro.

— Entende agora o motivo pelo qual implorei naquele dia, para não se envolver, e por que nunca contei a minha família? — disse ele num tom baixo, quase imperceptível. — Estava protegendo-a e a todos vocês — finalizou vindo à minha frente, pegando minha mão e puxou. Quando levantei suas mãos grandes, quentes e fortes moldaram meus quadris e seus olhos nos meus aguardavam minha resposta.

Paralisada, não havia palavras a serem pronunciadas.

— A crise de nervoso em esconder de você, foi responsável por me levar ao hospital naquele dia, Carol. Nunca concordei em ocultar de você, minha filha. — Dona Esmeralda se aproximou, seus dedos franzinos se fecharam ao redor do meu braço. Eu e o Marcelo prosseguimos em nosso contato visual, escutando-a narrar. — A minha filha sem coração nunca trouxe a minha neta, a Jussara, para me ver. Só conheci seu rosto um pouco antes de você e o Marcelo romperem. — Uma linha de sorriso torto brotou em seus lábios. — Jamais imaginei que ela morava no Brasil e estava morando com um traficante internacional e perigoso. Só depois de apanhar muito, deu-se conta da periculosidade dele, e o agravante: estava grávida. Separar dele foi

complicado, porque ele vivia ameaçando-a até que desistiu, mas ele não fazia ideia de que a Jussara carregava um fruto dele em seu ventre.

— Foi aí que entrei nesta história! — Calou-se neste instante, declinando a cabeça, e dona Esmeralda completou:

— O Marcelo, generoso, o melhor ser humano que já conheci em toda a minha longa vida, se prontificou a ajudar, casando-se com ela e registrando a minha bisneta.

— Eu conheço você, Carol! Faria o mesmo que eu pela dona Esmeralda, a nossa rainha, lembra?

Assentia, na minha completa perplexidade, as lágrimas derramavam de meus olhos, escorrendo pelo rosto. Apesar do meu coração apertado e cheio de rancor por tantos anos estar esvaziando a cada palavra da dona Esmeralda narrando os fatos. E não esvaziava somente o meu coração, esvaziava também minha mente, sentia o peso do fardo em meu interior dissipar. *Ela não fora infiel*. Apesar do meu coração queimar de amor intenso, profundo. Apesar deste ser o meu Marcelo! Ainda assim, aquela revelação soou indigesta demais.

— Estou perdida! — declarei montando todo o cenário na minha cabeça, e faltava muito para finalizar a decoração dele. — Não faz sentido você terminar comigo apenas para casar com a Jussara. Eu não consigo entender. — Passei a mão pelo meu rosto respirando fundo, estava por um fio de cair dura ali no chão, quando suas mãos seguraram em meu rosto e seus polegares secavam minhas lágrimas.

— A ideia de casar com a Jussara para registrar a Yasmim em meu nome veio depois, bem depois do nosso rompimento... Quando não havia mais perspectiva para nós — garantia numa dor palpável. Via muita sinceridade em sua expressão. Seus olhos inquietos me deixaram aflita. — Por isso, não achei necessário contar a ninguém. E, depois diante da periculosidade,

cheguei à conclusão que dizer absolutamente nada tornaria a vida de todos segura. Já até providenciei uma casa no exterior para as duas recomeçarem. Só falta sair as papeladas para o pedido de visto. — Deu de ombros. — Por esta razão o divórcio. Enfim... eu assumi os riscos, a responsabilidade deveria ser apenas minha, entende?

Sacudia a cabeça ainda mais confusa.

— Não, eu não entendo qual foi esta falta de perspectiva. A nossa relação sempre fora saudável, por favor, não esconda nada.

Sua boca silenciou quando ele cambaleou para trás. Agarrei em sua cintura.

— Ajuda aqui, dona Esmeralda! — gritei para ela. — Você está bem, Ma?

Fechando os olhos, ele respirou fundo com a cabeça levemente arqueada antes de responder:

— Estou sentindo uma tontura chata! — esboçou inspirando num gemido de dor. — Minha cabeça começou a doer um pouco — reclamou quando alguém bateu à porta.

— Entre, por favor! — pedi. E suspirei aliviada com a entrada do policial que o interrogou. Rapidamente veio nos ajudar a deitá-lo sobre a cama. E pelo rádio chamou os paramédicos, ainda presentes na fazenda.

— Não me apresentei adequadamente. Sou o investigador Luiz Cláudio Vieira. Ainda estamos investigando, portanto ninguém poderá sair sem antes tomarmos todos os depoimentos — começou o homem da lei em pé ao lado da cama, depois de acomodar o Marcelo. — Após analisar a fechadura da porta da sauna e encontrar evidências de produtos inflamáveis ao redor da propriedade, chegamos à conclusão que existe fortes suspeitas de que os dois episódios sejam criminosos.

— Céus! — Apavorada, dona Esmeralda levou as duas mãos à boca e começou a chorar.

— Peço sigilo absoluto sobre as suspeitas enquanto durarem as investigações.

Meu queixo foi parar no chão, e o Marcelo fixou os olhos em mim.

— Já previa estes riscos — confessou atormentado e fitou meus olhos. — Pelo amor de Deus, Carol! Você não sabe de nada, ok?

Entendi sua preocupação e assenti de cabeça com o coração a mil.

— Faz sentido! — Os olhos cinza vaguearam pensativo. — Algo me empurrou pelas costas, como também notei presença de pessoas desconhecidas na arquibancada! — E focou o agente. — Tenho uma denúncia a fazer, e gostaria que desse proteção policial às duas.

Dona Esmeralda veio me abraçar pela cintura, ela tremia da cabeça aos pés.

O policial concordou.

— Tomarei as providências — disse de imediato — O silêncio é importante neste momento — alertou precavido.

— Marcelo? Marcelo? — Em desatino, Tiago entrou correndo no quarto junto aos socorristas trazendo uma maca. Ao lado dele, a Susana e o Guilherme.

— Vamos fazer a escolta até o hospital — informou o policial sem maiores detalhes.

Após acomodarem o Marcelo na maca, eu expus minha vontade em acompanhá-lo ao hospital.

— O momento é crítico e não pode ficar ao meu lado, Carol. — Segurando meu rosto curvado sobre ele na maca. — Se o policial estiver certo, se realmente os episódios foram criminosos, provavelmente o ex da Jussara deve estar por trás.

— Ainda precisa explicar esta falta de perspectiva.

Seus olhos cintilaram de imediato, atormentado.

— Eu tinha o direito de saber, não acha? — mudei fazendo cobranças com pesar. — Foi egoísta me deixar passar tanto tempo acreditando que havia me traído — soluzei. Ele negava efusivamente com a cabeça. — Eu acreditei que você havia se transformado num monstro.

Ofegante, Marcelo puxou meu rosto e selou seus lábios em minha testa.

— Não, Carol! — murmurou em minha pele. — Eu nunca traí você, nunca trairei, eu sei que não. Eu vivo apenas por você nesta vida. — Ele fechou os olhos com força em tom de punição, circulando a ponta da língua ao redor dos lábios secos, um fio de sangue surgiu do corte, já com hematoma ao redor. — Posso não ser a melhor pessoa deste mundo, posso estar certo ou errado... mas tudo, tudo o que tenho feito é para te proteger. Você é mais importante que a minha vida, acredite! — balbuciou em tom embargado.

A dor se refletia nas suas palavras, seus olhos estavam imersos em lágrimas.

— Falta de perspectiva, como assim? — insisti, sentindo aquele aperto infernal no peito, que foi se intensificando com ele permanecendo em silêncio, perambulando seu olhar cinza choroso por minha face. Sentia uma dor profunda em seu coração.

— Precisamos ir — cortou-nos o socorrista prestes a empurrar a maca.

— Só um instante, por favor — pediu Marcelo. Sorrindo terno, com os lábios apertados, colocou as mechas dos meus cabelos caindo na lateral do rosto atrás da orelha. — Existe uma porção de coisas que você não sabe e que talvez destrua sua paz. Eu não posso permitir. — Ele desabou de vez, deixando-me confusa e amedrontada.

— Mar-Marcelo... — gaguejando angustiada, assustada, segurei suas mãos em meio as minhas pressionando-as. — A minha paz já foi pro brejo — revelei tremendo muito, ele também tremia em demasia. *Meu Deus!*

— Lamento, mas precisamos ir. — O socorrista repousou a mão no meu ombro, me afastando.

— Depois vocês conversam melhor, Carolina! — Em apoio, o Guilherme trouxe o braço por minha cintura, colando nossos ombros e me tirando do caminho da maca.

— Eu vou acompanhar ele — afirmei.

E Marcelo negou de prontidão.

— Vou ficar mais tranquilo se for para sua casa juntamente com a dona Esmeralda e com a escolta policial — disse olhando ao agente, que concordou,

— Vou providenciar a segurança das duas — garantiu, fazendo-o respirar aliviado.

— Eu estou bem, Carol, e graças a você, que me salvou por duas vezes hoje — dizia sendo levando para fora do quarto. Tiago e Susana os seguia.

Consumida pela emoção, levei a mão à boca, rindo e chorando ao mesmo tempo. De fato, não sabia como classificar os meus sentimentos neste momento, só sentia o fardo da dor mais leve.

— Acredito que se eu for junto, você se sentira melhor, né, maninha? — perguntou Guilherme beijando a lateral da minha cabeça.

Concordei.

— Você faria isso por mim?

— O quê? — Seus lábios pressionaram minha bochecha. — Faço qualquer coisa pela minha irmãzinha.

— Obrigada. — Segurando sua mão, trouxe-a aos meus lábios e beijei com ternura e ele correu saindo do quarto.

— O Guilherme é um menino especial! — comentou dona Esmeralda tomando o lugar dele ao meu lado, e me abraçou deitando a cabeça na lateral do meu braço. — E, pelo jeito, ele gosta do Marcelo, como você.

Virei o rosto, encarando-a. Engoli o ímpeto se manifestando para fazer perguntas. Não achava justo com alguém que já levara tantas pancadas na vida, a leveza que eu sentia. Daria para esperar uma conversa definitiva com o Marcelo.

Aquele sorriso plantado em seu rosto era inegável que ela sabia o que passava por minha mente.

— Eu poderia descarregar um caminhão de informações agora, e mesmo assim, teria sempre uma reserva escondida que somente o Marcelo poderia descarregar — disse ela calmamente. Grunhi, baixando meus olhos e pensando o quanto ela sempre fora sábia.

Curvei beijando sua face, quando o policial insinuou para irmos embora.



O ocorrido na fazenda chegou rápido a Alphaville, inclusive nos ouvidos da minha mãe. Bem, o próprio Guilherme quem ligou do hospital; e quando a viatura parou em frente de casa, ela saiu pela porta correndo.

— Filha, filha! — Chorando, seus braços envolveram meu corpo e seus lábios quentes beijaram meu rosto repetidas vezes. — Graças a Deus, você está bem, graças a Deus! — ela chorava apertando-me entre seus braços quentes e maternos.

A segurança que sentia ali, nos braços da minha mãe, era muito maior do que a proteção da polícia, aliás, eu não me imaginava sem meus pais e meu irmão. Eles eram a minha base de vida. Havia uma frase que era conhecida por todos do meu convívio: “Eu amo mais a minha família do que a mim própria, principalmente minha mãe e meu pai”. Eles eram os responsáveis por ser quem eu sou, plantaram em mim o amor, harmonia e paz. Eles eram a

minha inspiração e por eles, eu renuncio a tudo. Afinal, pai, mãe, irmão e filho é para a vida inteira.

— Eu estou bem sim, mãe. — Abraçando seu tronco, deitei a cabeça sobre seus seios macios, aqueles que me alimentaram na fome.

— Ah, minha filha! — Arqueou segurando em meus ombros, zanzando os olhos marejados pelo meu rosto. — Quando seu irmão contou sobre a tragédia, entrei em pânico. Mesmo afirmando que você estava bem e a caminho de casa, eu não conseguia sossegar meu coração, precisava olhar assim para o seu rostinho. — Moldou-o entre as mãos quentes e delicadas. — Eu te amo, minha filha, te amo muito. — Na mesma emoção dela, assentia dizendo sim de cabeça.

— Eu te amo mais, mãe! — Seus lábios vieram à minha testa em mais um beijo gostoso. — Preciso dar um jeito de fixar moradia aqui perto de vocês. **EU QUERO A MINHA FAMILIA PERTO 24 HORAS POR DIA!** Embora não precise, com todo o amor e atenção que dedica ao papai, eu vou ajudar você a cuidar dele.

Uma expressão de sofrimento ilustrou seu rosto e ela desmoronou em lágrimas, envolvendo-me fortemente em seus braços. Matutei sem entender aquele choro! Ele parecia estar sendo alimentado por uma mistura de sentimentos como: culpa, tristeza, medo, ansiedade.

— Eu vou amar você aqui em casa, olhar para este rostinho sempre que tiver saudade. — Seus dedos dedilhavam minha pele.

— Prometo que nunca mais vou abandonar você.

Ela sorriu incrédula.

— Você jura, querida?

— Claro que juro. Eu juro! — dizia sacudindo a cabeça, cruzei os dedos mindinhos e beijei. — Eu juro, eu juro...

Pelas costas ouvia fungados leves de dona Esmeralda. Afastando-me, virei o rosto. Ela sorriu, baixando os olhos e permaneceu com eles lá no chão, voltei à minha mãe.

— Vamos entrar para ver seu pai. — Minha mãe segurou minha mão. — Vem com a gente, dona Esmeralda — convidou-a com carinho e segurando na mão franzina de dona Esmeralda, nos arrastou.

— Podem ir na frente, queridas — incentivou ela soltando da mão da minha mãe. — Daqui a pouco, eu chego lá.

Soltei um beijo no ar e minha mãe outro, observando-a caminhar lentamente.

— Se apressem — brincou ela no seu humor agradável.

Rindo, eu e minha mãe entramos em casa e subimos as escadas abraçadas.

Fiquei horas em companhia do meu pai, foi a única forma de segurar a ansiedade de ligar para o Marcelo. Pois, ao deixar o condomínio, o policial deu recomendações minuciosas e uma delas era não ligar para o Marcelo.

Passei a noite toda sem pregar os olhos, coçando os dedos para ligar, e não fiz acatando as recomendações da polícia.

Repensei os últimos anos da minha vida até o dia de ontem. Pensando o que mais eu não sabia e que seria tão grave. O fato é que meditei sobre este assunto e a suspeita do incêndio e da sauna terem sido criminosos, o emaranhado de situações surreais serviram para evaporarem meu sono.

Os primeiros raios de sol despojavam em minha janela quando saltei da cama. Já em pé, espreguicei indo para a janela e a abri me deparando com o amanhecer lindo de sol iluminado e inalei o ar puro, um remédio natural ao meu coração aflito, que se acalmou. Neste instante, o telefone fixo da minha casa tocou sobre o criado-mudo ao lado da minha cama. Estranhei ao ver o número da Uchoa.

— Alô!

— *Senhorita Carolina?* — Reconheci a voz da Lúcia Helena, a secretária.

— Sim!

— *Bom dia, aqui é a Lúcia Helena, da Uchoa* — se identificou.

— Bom dia, Lúcia Helena! Em que posso ajudá-la.

— *Precisamos de algumas assinaturas da senhorita, liguei para o senhor Marcelo e, como ele está hospitalizado, orientou-me a entrar em contato com você.*

Franzi a testa pensando se não seria arriscado sair do condomínio. Não foi necessário a escolta por morar num condomínio com alta segurança.

— O Marcelo comentou comigo sobre esta necessidade. Vou tomar um banho e daqui a pouco estarei na empresa.

— *Obrigada* — agradeceu.

Joguei-me sentada nos pés da cama pensando no próximo passo quando lembrei sobre o Gui ter ido ao hospital e corri para seu quarto.

Com a cama intacta, liguei para o seu celular.

— *Nossa! Demorou para ligar* — sem saber os detalhes da operação, brincou sorrateiro assim que atendeu.

— Como ele está? — perguntei ignorando sua brincadeira já que não poderia dizer a verdade por enquanto.

— *Agora, depois dos exames, podemos respirar. Tudo continua nos devidos lugares.* — Soltei o ar aliviada. — *Estou aqui no corredor, espera que vou levar o celular para ele no quarto.*

— Não precisa — o abortei de imediato. — Só pergunte se eu poderia ir até a empresa assinar os documentos ao qual a Lúcia Helena mencionou.

Ouvi seu resmungo do outro lado antes de falar:

— *Considerando que permaneceu um policial na porta do quarto, concluo que esteja acontecendo algo nebuloso* — jogou no ar.

— Para o bem de todos, esqueça isso — aconselhei apreensiva. — Apenas faça a pergunta a ele, por favor.

— *Tudo bem, entendido!* — disse por fim e deixou o aparelho no mudo. Sei que fez proposital, mas quer saber? Foi bem melhor assim.

Retornou alguns minutos depois com a seguinte informação.

— *Ele pediu para você seguir sua rotina normal, maninha! E dizer que vai ter alta hoje.*

Tomei um banho rápido, vesti o velho jeans claro, uma camisa cinza mesclada solta de mangas longas bufantes e uma sandália de salto na tonalidade do jeans, dando um toque mais elegante ao visual e parti à minha missão. A cinco quarteirões de chegar a Uchoa, fui surpreendida ao parar no farol por um uma buzina insistente, logo o vidro baixou e o rosto sardento e corado sorridente do primo do Marcelo surgiu.

— Está perdido por aqui? — perguntei ao baixar o vidro do meu carro.

— Conheço bem a região — respondeu no seu sorriso simpático. — Tenho uma entrevista numa empresa aqui perto — explicou ele. Sorri apenas, ele prosseguiu: — Aproveitando que estou por perto, poderia passar na Uchoa para a entrevista da vaga que ficou acertado na fazenda do Bernardo. — Sorri assentindo e pensando no conselho do Marcelo. Que não deveria empregá-lo. Mas como faria para despistá-lo? — Mudou de ideia? — indagou a minha hesitação.

Sorri sem graça.

— Quando terminar sua entrevista, passe na Uchoa que conversamos.

Sorrindo, ele piscou. O farol abriu uma buzinação.

É melhor atender logo e descartar a vaga de uma vez!

— Bom dia, José! — cumprimentei focada em seu rosto sorridente assim que entrei no laboratório. Olhar nos olhos da pessoa ao conversar com ela era uma das regras básicas aqui na empresa.

— Bom dia, senhorita Carolina! — retribuiu ele virando na cadeira acompanhando até eu me sentar. Pelo jeito, ele não estava sabendo do acidente. — A Lúcia Helena deixou várias pastas sobre sua mesa que necessitam de assinaturas.

— Ela me ligou! — avisei pegando a pilha perto do aparelho de telefone, arrastando ao centro da mesa quando o telefone tocou. Atendi. — Alô.

— *Senhorita, tem um rapaz com o nome de Wesley dizendo que tem uma entrevista com a senhorita.*

— Mas já?

— *Como?* — perguntou a recepcionista sem entender.

— Tudo bem, peça para acompanhá-lo até a sala da Lúcia Helena, por favor.

— *Sim, senhora.*

— José vou revisar estes documentos na sala da presidência — informei ao me levantar e peguei as pastas.

— Quer ajuda?

— Não precisa, obrigada. — E saí.



Wesley me aguardava em pé de frente à mesa da Lúcia Helena, ele usava um terno azul-marinho e camisa branca de seda, a bota de couro num tom caramelo como o blazer, combinava com os cabelos alaranjados, e ria com o comentário da secretária.

— Senhorita Carolina! — Ela se levantou de imediato com a minha entrada, ajeitando a saia no corpo. Ele girou nos calcanhares abrindo um sorriso simpático e vindo me ajudar com as pastas escapulindo da pilha.

— Posso te ajudar? — perguntou já retirando algumas do bolo.

— Obrigada.

— Não por isso. — Seu tom cordial me agradava. Fiquei encafifada o porquê da discrepância com o primo. Ele parecia uma excelente pessoa, o mesmo eu ouvia do meu pai. — Achei que, depois do que aconteceu ontem, você ficaria em casa descansando — disse ele despertando a curiosidade da secretária.

Ri sem graça.

— Vamos entrar!

Ele assentiu me seguindo.

— E como está o Marcelo? — Joguei para saber até onde ele sabia das coisas. Ele riu aliviado.

— Graças a Deus está ótimo. Estou com pena do Tiago, morre pelo irmão.

— O carinho na voz foi de fato encantador.

Acenei de cabeça, concordando. Não via nada de errado neste moço, era a inocência em pessoa.

— Sente-se, por favor. — Coloquei as pastas sobre a mesa. Ele colocou as que trouxe sobre a pilha e sorriu pensativo.

— Obrigado — agradeceu antes de se sentar. — Você e o Marcelo assinam em conjunto? — Franzi a testa estranhando a questão. Ele emendou:

— Ah, desculpa a minha indiscrição. Deve ter ficado esquisito vocês sócios da forma inusitada como aconteceu.

Ele sabe muito.

— Acho que podemos deixar esta pauta de lado, não?

Todo sem jeito, ele sorriu ajeitando o corpo na cadeira.

— Claro, claro! Imagina, e também não tem nada a ver comigo; e outra que você, como assina em conjunto, está sempre atenta, não é mesmo?

— Mas vamos lá! Fale sobre você, formação, experiência... — Embora intrigada com o homem babando veneno, o cortei e fui ao que importava, mesmo porque queria me ver livre deste cidadão, assinar os documentos e dar um pulo na cobertura. Meu coração gritava ansioso para que eu fosse lá para revê-lo e conversarmos sobre o assunto ao qual deixou pendente: o vilão que nos separou.



Capítulo Dezoito

MARCELO

— Vou pedir para sua funcionária preparar um caldo leve para você — falou meu pai preocupado, ajudando-me a me acomodar no sofá da minha cobertura, um incômodo diga se de passagem! Enquanto meu mundo desabava, ele parecia alheio, sossegado aos problemas do mundo. Sua fisionomia ainda mais jovial na camiseta preta revelava seus bíceps malhados, a calça jeans preta com os músculos da coxa musculosa marcando nela.

— Não precisa se preocupar. — Impaciente, exasperei estendendo meus braços. — Volta lá para sua vida particular, vai.

Ele arfou franzindo a testa, magoado.

— Poxa, filho! Está sendo injusto comigo.

Fechei meus olhos, sacudindo a cabeça inconformado. O Luiz Cláudio, investigador, entrou se sentando na poltrona de frente onde eu estava e permaneceu em silêncio, respeitando o diálogo acalorado entre pai e filho.

— Injusto eu?! — grunhi rindo, incrédulo. — Você transformou a minha vida nesta merda e eu que sou injusto?

Ele soltou o ar, demonstrando cansaço comigo o encarando ali em pé.

— Você causou isto, foi um inconsequente quando decidiu casar com a mulher do traficante. Poderia estar morto agora, seu garoto irresponsável!

— CALE SUA BOCA! — Saltei do sofá, muito ofendido. — O nome dela é Jussara e uma pessoa incrível. E não adianta desviar o assunto, porque

isto não melhora o seu lado.

Ele baixou os olhos, arrependido.

— Não foi legal deixar o seu irmão ouvir a nossa conversa ao telefone, ele veio com um tonel de perguntas.

Ri incrédulo.

— Deveria ter contado a verdade para ele. — Passando a mão pela barba longa, ele fechou os olhos atribulado. — Tem medo de uma chacina, né? — concluí. — Vocês todos são uns covardes.

— Sabe muito bem que o Tiago será incapaz de compreender.

— EU TAMBÉM NÃO COMPREENDO! — Acabei perdendo a cabeça, e meu tom de voz saiu alterado.

— Não me faça sentir pior do que já estou. — Abaixou a cabeça demonstrando ser a pessoa mais inocente deste mundo. — Minha vida está fodida.

— Fodida está a minha vida! — rebati. — Nem coragem de contar a verdade para a Carolina eu tenho. Não suportaria a dor dela quando souber a verdade.

Já considere a hipótese de nunca dizer nada.

— Se eu pudesse voltar no tempo, nada disto teria acontecido, só que não podemos mudar o passado; e outra, que a verdade plantaria o ódio — lembrou-me ele.

— Infelizmente, você tem razão. — Movi os ombros derrotado. — Mas, enfim... prometi que a pouparia pela vida toda e não vou quebrar esta promessa. Agora, por favor, saia da minha casa.

Ele arqueou chocado, mas atendeu ao meu pedido.

Eu já não sabia mais o que fazer com meu coração, todos meus planos descaminharam; na realidade, o cerco se fechou, tanto na razão como no emocional.

Percebi que seguir com isso era egoísmo meu. Não havia como mudar o passado concretizado, como disse meu pai. Nossa relação já era uma massa falida, não havia escolhas para mim como também não haveria para ela. Caso resolvesse abrir o jogo, eu sabia que não a teria para mim, apenas machucaria seu coração, sua alma, criaria uma cicatriz eterna. E por amar tanto esta mulher eu optei em partir, como uma forma de proteger, não somente a Carol, como também pouparia o meu irmão. Embora sem provas, ainda acreditava em sua inocência.

Enfim... cuidaria pessoalmente da Jussara e da Yasmim, necessitadíssimas de amparo. Eu devia muito a dona Esmeralda. Minha decisão foi bem recebida pelo investigador Luiz Cláudio, que investigava o incidente na fazenda.

— Sua situação é complicada e abrange outras coisas também — explanou ele. Sacudi a cabeça e narrei. Ele ficou pasmo, descrente.

— Puxa! — revirou os olhos, pensativo. — É difícil, concordo contigo, meu rapaz. As revelações feitas pela senhorita Jussara sobre a organização da quadrilha e sobre como é sua estrutura nacional, já garantiu a entrada dela e da filha no programa especial de proteção a vítimas e a testemunhas ameaçadas. Mãe e filha estão seguras. E vamos estender ao senhor e dona Esmeralda — garantiu. — Assim terá tempo para relaxar um pouco e pensar no que fará sobre este caso.

Assenti e me levantei, caminhando em direção à varanda e respirei o mais profundo de ar possível a fim de oxigenar meu cérebro em combustão, causando uma dor latejante em minha alma. Ele levantou, e com as mãos no bolso da calça, me seguiu.

— Acredito que será provisório, pois estamos prestes a desbaratar a quadrilha.

— Eu já vinha com a ideia de ir embora, vou aproveitar e fazer companhia para a Jussara e a Yasmim. Tentar recomeçar a minha vida. — Sem perspectiva nenhuma, inspirei antes de prosseguir: — Só que antes preciso deixar algumas pendências solucionadas. Preciso de mais um dia, é o prazo que tenho até sair a papelada, e isso depende da assinatura da Carolina. Ela deve estar neste instante na empresa assinando os restantes dos documentos necessários para juntar ao processo. — Com aquele puta aperto no peito, desviei para além da porta de vidro da varanda, contemplando o horizonte azul nesta manhã linda.

Vou partir a coração da Carol novamente em tirar dela a dona Esmeralda!

— É a única forma de proteger a todos que amo. — Cerrei meus olhos por uma fração de segundos. — Não quero pensar nisto agora! — Virei-me decidido. — Vou arrumar minhas malas. Me hospedo em algum hotel até finalizar tudo, em seguida partimos.

— Vou aguardá-lo lá embaixo para escoltá-lo.

—Obrigado.

Ele assentiu e saiu às pressas.

Como já havia tomado um banho completo no hospital, e já vestia uma roupa leve, ideal para uma viagem longa: camiseta lisa branca e uma calça moletom preta e tênis, então segui direto para o meu escritório para ajeitar as papeladas. O ambiente silencioso despontou uma angústia torturante em meu ser, peguei o controle ligando o som para tentar relaxar, em seguida abri o cofre pegando a maleta da Uchoa onde estavam os documentos necessários e repousando-a sobre a mesa, abri retirando-os quando o celular pré-pago entregue pelo investigador tocou lá na sala. Esqueci o aparelho sobre o sofá.

Coloquei os papéis timbrados sobre a mesa ao lado da maleta e corri para a sala para atender.

— *Sou eu, Ma!* — O tom de voz da Jussara estava carregado. — *Acabei de ser informada que você decidiu nos acompanhar.*

— Exatamente!

Ela rosnou tentando protestar, mas antecipei:

— Estamos todos na mira dos bandidos, infelizmente.

Ela começou a chorar cortando o meu coração.

— *Eu sinto muito, Marcelo! De alguma forma me sinto culpada, sabia?*

— Eu a proíbo de se culpar, Jussara! — ralhei com ela — No momento em que casei contigo e registrei a Yasmim, assumi todos os riscos. Cuidar de vocês duas foi a minha válvula de escape trazendo momentos de alegria, iluminando meu mundo mergulhado na escuridão e você sabe muito bem disto.

Ela soluçou densamente.

— Portanto, não tem o menor cabimento toda esta preocupação comigo. Pense apenas na Yasmim, em você. Tudo bem?

— *E você, Marcelo? Em algum momento pensou em si mesmo?*

Baixei meus olhos refletindo àquela questão.

— *Pensando e se doando a todo mundo, não sobra muito tempo para pensar em si. Você é um cara inacreditável! Único neste mundo, sabia?*

O rosto da Carol invadiu minha mente, despertando as conhecidas borboletas no estômago e aquecendo meu coração. E doeu imaginar ficar longe dela. Meu coração amolecia a cada palavra e não era o momento para fraquejar.

— A decisão já foi tomada, me aguarde que em breve estaremos juntos.

— *Você não pode e não vai agir assim com a Carolina!* — Foi irredutível. — *Eu não posso permitir.*

— Eu decido a minha vida.

— *Marcelo!* — advertiu, mergulhada num tom de voz choroso.

— Não há espaço para nós nesta vida. — Assumir a realidade magoava pacas. Inspirei densamente rolando os olhos para conter as lágrimas, querendo se apoderar. — Se eu tivesse o poder de odiar e ignorar aqueles que interferiram em minha vida, talvez conseguisse tocá-la aqui. Só que, infelizmente, não é assim que funciona. O jeito é recomeçar a milhares de quilômetros longe de Alphaville, e vamos fazer isso juntos.

— *E vai jogar tudo para o alto assim, sem mais nem menos?*

Grunhi rindo.

— *Meu pai e o Tiago dão conta das empresas, a Carol estará segura e eu já tenho meu pé de meia. Todos ficarão bem.*

— Você é incrível!

Suspirei caminhando para meu quarto e já no interior dele, ouvi ruídos na sala.

— Me esperem! — Mandeí um beijo e desliguei.

Intrigado, segui a passos rápidos para a sala. O raio de sol atravessando a porta de vidro da varanda cruzava a sala e entrava no escritório pela porta aberta. E era de lá que vinham aqueles ruídos de alguém chorando.

— Quem está aí? — perguntei aproximando-me lentamente.

Ninguém respondia e os barulhos ficavam cada vez mais altos.

Senti um baque no peito, como se fosse atingido por uma lâmina afiada rasgando meu coração, que parou de bater, parei de respirar. Tudo parou em meu entorno vendo a Carol ali, em frente à mesa, cabeça pendida, seus olhos repassando no documento que tirei da gaveta do seu pai.

— C-Carol! — balbucieí e pausei, o pânico consumiu todas minhas palavras.

— Me diga que isso aqui é uma miragem, que não é real. — Seus olhos vieram em cachoeira encontrar os meus lacrimejando.

— Eu posso explicar! — esbocei quando consegui assumir o controle do meu corpo.

Jogando a cabeça para trás, ela gritou em lágrimas:

— EU TE ODEIO COM TODAS AS MINHAS FORÇAS! — lamentou em prantos. — É muita sacanagem se apossar da fórmula do meu pai. Acredito que este roubo, esteja relacionado a falta de perspectiva, né?

— Não, Carol! — Desesperado, corri em sua direção, ela recuou. — Por favor, precisa me ouvir.

Ela soltou uma risada histérica e me encarou.

— Como é capaz de negar o inegável? — Ela abanava as folhas no ar. — Não há defesa para você! As provas estão todas aqui, olha! A fórmula do medicamento mais revolucionário do mundo que meu pai prometeu a vida inteira que criaria. Este formulário para o pedido da patente. Meu Deus! — Ela desabou vindo esmurrar meu peito. — EU TE ODEIO! — gritava desolada, me golpeando sem dó.

Segurei-a pelos pulsos.

— Calma — solicitei num fio de voz, nada amenizava sua revolta e com toda razão. — Sossegue que vou explicar tudo para você. — Puxei colando seus pulsos em meu tórax, ficamos um milímetro um do outro.

— Me larga! — Num impulso, ela escapou e se afastou. — Estou prestes a matar você, logo, permaneça bem longe. Agora estou entendendo os motivos de não querer contratar o Wesley, e o comentário dele sobre ler tudo antes de assinar. Ele tentou abrir os meus olhos.

— Não caia na lábia do Wesley — tentei argumentar. Eu desejava degolar o pescoço dele.

Ela riu indignada.

— O podre aqui é você, energúmeno! — Descontrolada, ela apontava na minha cara. — Você tinha razão quando desistiu de mim. De fato, eu nunca

perdoaria um LADRÃO estúpido. Saiba que facilitou a minha vida também.

— Está sendo injusta comigo! — Segurei seu dedo, possosso com todas estas acusações.

— VÁ SE FODER, CARA! — gritou deixando toda sua raiva extravasar. Recolhendo o braço, escorregou para o lado e muito nervosa saiu do escritório. Sabia que aquela situação havia chegado ao ponto mais sufocante.

— Espera, Carol! — Corri atrás dela e na porta de saída da sala confrontei o investigador.

— O que houve para a Carolina sair daquele jeito?

Sacudi a cabeça apenas, em desespero saí correndo pelo corredor, mas o investigador segurou em meu braço no instante que a porta do elevador se fechava.

— Não pode sair daqui sem um planejamento, Marcelo.

Bufei desanimado e fechei meus olhos respirando profundamente, buscando o equilíbrio que fugiu completamente.

— Vamos entrar, e a gente coordena sua saída e percurso.

Balancei a cabeça e o encarei repousando a mão em seu ombro.

— Estou cansado de ser tratado como um cafajeste, segurando as pontas sozinho de erro que nem é meu. Esperar por mais seis anos, a vida vai passando, as decepções aumentando como o que acabou de acontecer. Só tem uma maneira de mudar a visão deturpada que ela tem de mim, é esclarecer esta porra toda, e vai ser hoje e que se dane o mundo!

Ele ergueu as sobrancelhas sem palavras e então eu entrei em casa, peguei a chave do carro sobre o aparador de vidro, os documentos da Uchoa no escritório. Dobrando-os, coloquei no bolso da calça e saí correndo para o elevador, apertando o botão da garagem.

Desnortado, como meu coração exigindo pressa, pisei fundo no acelerador assim que saí da garagem do prédio e foi em alta velocidade que

trafeguei pelas avenidas, ganhando buzinas, costurando no trânsito, atravessando os faróis vermelhos. Se o radar deixou passar, com certeza o investigador no meu rastro multaria e enviaria as notificações à minha residência.

Os raios do sol escaldante dançavam no para-brisa do carro, ofuscando minha visão, da mesma forma que se encontrava meu coração, enquanto analisava a frase da Jussara sobre não ter tempo para mim. A questão bateu forte na minha consciência. Eu também não compreendia como esta característica de me colocar em segundo plano em tudo instalou na minha vida. Acho que desde sempre! Passei minha infância e adolescência acobertando as cagadas do meu irmão mais velho, protegendo-o das broncas. Ou seja, elas ficavam sempre comigo.

Eu sentia todo o peso do mundo em minhas costas, estava só o pó, no meu limite. Não desperdiçaria o tempo de colocar todo aquele peso que há tantos anos carregava dentro de mim para fora. Um desabafo era necessário no momento. Muito necessário.

Dona Viviane, com olhos vermelhos, inchados de quem chorou exorbitantemente e vestida num vestido de alcinha cinza claro até nos tornozelos, e os cabelos soltos sobre os ombros, atendeu a porta de cara feia, amarrada.

— Preciso falar com a Carol! — já determinei impulsionando meu corpo para dentro.

— Não, senhor — inflexível, ela segurou a porta forçando para fechar contra meu corpo, recuei para não cair para trás.

— Tem sorte de eu ainda ser um cavalheiro, mas, por favor, saia da minha frente antes que eu perca as estribeiras — avisei impaciente, espalmando a madeira. Ela segurou firme, perseverante. — Eu vou conversar com a Carol, você queira ou não.

Estirando o pescoço, inalou muito ar inflando os pulmões, numa expressão de pânico.

— Para quê? — falou baixo, porém forte. — Já basta tudo que você fez a minha menina sofrer.

Ria, incrédulo, sacudindo a cabeça com ela sentando em cima do próprio rabo. Estava complicado ouvir a barbaridade sendo expelida dos lábios tremendo de nervoso.

Não acredito!

— A víbora é você e não eu! — Apontei convicto.

Ela não se abalou, continuou segurando a porta, impedindo a minha entrada.

— Destruíu não só a minha vida, incluiu a sua filha no pacote.

— Não sabe o que está dizendo! E fala baixo... — exigiu entredentes.

— Tem medo, mas não tem vergonha! Não me conformo com a pobre da minha mãe ter passado por esta bosta toda. Você e o covarde do meu pai são da mesma laia, dois miseráveis que abusaram da confiança da família. Eu só queria poder odiá-lo como odeio VOCÊ!

Ela respirou fundo com total pesar.

— É melhor me deixar entrar, senão os vizinhos podem ouvir. O que não seria legal para a senhora, não é mesmo? — ela grunhiu à minha ironia.

Esta minha faceta era nova, nunca fui agressivo com as pessoas, mas o problema era que me sentia asfixiado e carecia botar para fora.

— Não é bem-vindo à minha casa e saia imediatamente deste condomínio.

— Num gesto desesperado, inalou fortemente. Usando uma força incomum, ela empurrou a porta inesperadamente. Desequilibrei afastando minhas mãos. E quando ia fechar a porta coloquei meu pé no vão, impedindo-a.

— Jurei nunca mais colocar os pés nesta casa, porque olhar para esta sua cara deslavada não me agrada nem um pouco também. Afinal, odeio gente

falsa, mentirosa, hipócrita, cínica, ruim, tudo o que há de pior nesta vida. Todas as suas características.

O movimento do seu tórax intensificou com a respiração acelerando.

— Eu vou chamar a polícia! — ameaçou, já com os olhos marejando.

Espalmei os batentes da porta, encarando-a com desdém.

— E qual seria a denúncia, hein, Viviane?

Ela engoliu duro sem responder.

— Que a mãe querida, o exemplo de todos, e mais amada pelos filhos e marido, não passa de uma traidora, destruidora de lares! Você traiu a sua família, e com o auxílio do meu pai, causou a morte da minha mãe. Ela adoeceu ao ver seu amado marido nos seus braços, que nojo! — Segurar minhas lágrimas passou a ser uma missão impossível. — Não vou te perdoar, nunca! — Sua expressão congelou.

— Não! — ela balbuciou, arqueando a cabeça e olhando em direção as escadas, decerto preocupada dos filhos ouvirem. — Cale a sua boca!

— Sinceramente, calei por mais tempo do que deveria, e a senhora viveu seu mundo falso de boa mãe, recebendo carinho, enquanto o meu mundo desmoronava. — Agitei a cabeça, indignado. — Me deixe passar, preciso conversar com a Carol.

Ela negava movendo a cabeça efusivamente.

— O que pretende fazer? — Seus olhos inquietos sobre meu rosto minavam. — Não pode envenenar a minha filha contra mim. — Coagia para fechar a porta. Espalmei evitando. — Por favor, repense melhor. Vai destruir nosso lar.

— Não adianta mais querer se esconder dos seus pecados! Por causa deles, eu ferrei com a minha vida e com a de sua filha. Você não tem remorso, mulher?

Soltando a porta, ela encostou os punhos na frente, e chorou em demasia.

— Vamos chamar o seu pai e a gente conversa todos juntos! — suplicou.

— Chamar o meu pai para quê? Eu cansei desta porra toda, Viviane! Estou esgotado de passar por um filho da puta, porque é nisto que a Carol acredita. Tudo porque não queria ver o meu amor sofrendo eternamente pela sua cagada. E não podia viver na mentira com ela. Que porra de mãe é você, CARALHO?! — Soquei o ar com os dois punhos. — Já imaginou um dia ela sabendo que a mãe querida traiu o pai-herói. Ela ama mais vocês do que a si própria. — A emoção tomava conta total, e absoluta. — Abri mão da minha vida, do amor intenso para protegê-la. Mas não dá mais...

— Não! — Viviane sacudia a cabeça em negativo. — Não diga nada a Carol. Ela vai me odiar.

— E eu? — Dei de ombros. — Como eu fico nesta história? — Ambos chorávamos ao desabafo. — Não vou mais abrir mão de nada na minha vida, principalmente da verdade.

— Olha só quem fala em verdade! — zombou em meio às lágrimas se aproximando. — Você também não é nenhum santo, casou rápido com aquela fulana para quem diz amar tanto a minha filha. Tem até uma filha.

Grunhi, revoltado, ao comentário maldoso.

— Vá viver a sua vida e nos deixe em paz, por favor, Marcelo? — suplicou juntando as mãos em sentido de oração.

— Eu poderia te mandar para o inferno, mas você já está lá.

Ela arfou.

— Primeiro você dobra esta sua língua antes de fazer injúrias. O nome dela é Jussara, ela é apenas uma amiga, neta da minha querida dona Esmeralda. Casei-me sim, com ela e foi nas melhores intenções, para dar meu nome a Yasmin, ainda em seu ventre, para proteger as duas do traficante ao qual ela tinha se envolvido. Este é o meu perfil, eu ajudo e não destruo.

Ela puxou o ar fortemente, inflando seus pulmões, atingida. Eu segui em frente com meu desabafo:

— Tenho plena consciência de que não há a menor possibilidade de uma vida em comum com a Carol e por sua culpa, sua irresponsabilidade e falta de respeito com as pessoas do seu convívio. Por isso, eu não teria como conviver com você por perto, e a minha índole jamais permitiria ou mesmo obrigaria a Carol a abandonar a própria mãe, como eu também sei que ela nunca aceitaria esta condição. Afinal, família é família!

— Então para que jogar poeira no ventilador, Marcelo, principalmente com o Gael lá na cama vegetando? Vamos esquecer, por favor — suplicou se vitimizando. Dando-me as costas, entrou com o rosto coberto com as mãos.

— Você deveria ter vergonha por ter fodido com a vida da Carol — acusava dali da porta — E por ela deve acertar os ponteiros, sei o quanto ela vai sofrer com toda esta sujeira, porém não vou mais ostentar o papel de vilão. Eu amo a Carol mais do que qualquer coisa nesta vida; e mesmo sem poder tê-la ao meu lado, eu vou sair daqui com toda a verdade declarada. Preciso encontrar o eixo da minha vida, a paz de espírito.

Ela não se manifestou, então entrei e congelei a imagem no último degrau, antes do piso frio da sala.

A Carol estava nitidamente arrasada no seu pijama fofo que costumava vestir em casa: regata colorida e short curto, branco. Observei lágrimas em seus olhos. Dois degraus acima estava o Guilherme, pálido, e dona Esmeralda com as mãos sobre os lábios.

— Carol! — chamei e foi neste instante que Viviane, de costas, virou abruptamente.

— Então a sua doença daquela época era medo, mãe?

— FILHA! — Correu para se encontrar com a Carol, que estendeu a mão bloqueando aproximação. — E-eu... — tentou dizer, porém Carol a impediu.

— Eu ouvi tudo em detalhes, não há a necessidade de repetir — disse entre as lágrimas escapando frequentes de seus olhos, prendendo os meus.

— Que podridão é esta, mãe? — num tom amargurado, Guilherme desceu os degraus faltantes se colocando em frente à mãe ali, em prantos. — Como assim, traiu nosso velho?

— Por favor, não julgue assim — suplicava ela esticando os braços. Nervoso, ele recuou antes de suas mãos o tocarem.

— Como você quer ser julgada? Eu e a Carol crescemos ouvindo você dizer que nunca abriria mão do bem-estar da nossa família. — Pendendo a cabeça, cobriu o rosto com as mãos trêmulas e subiu com elas embrenhando os dedos nos cabelos, seus olhos encharcados confrontando-a. — Então aquela história que a família começa no matrimônio, sobre lealdade, o respeito mútuo, não passou de fantasia? — Ela negava, movendo a cabeça, e ele respirou fundo abanando a dele, renitente. — Você foi o oposto do que pregou a vida toda, mãe.

— É claro que não! — Ela ainda tentou encostar as mãos nele. Numa atitude tempestiva, ele bufou e caminhou apressado, passou por mim e sentou à porta. Apoiando os cotovelos sobre os joelhos e cobriu o rosto com as mãos.

— Que horror! — exclamou Carol com as duas mãos na cabeça.

Estava louco para tomá-la em meus braços, implorar o seu perdão e me retive. Não sabia como seria a recepção. Emocionada, ela desceu o degrau e veio se encontrar comigo ali perto da porta. Parando à minha frente, varria meu rosto mediante um olhar indecifrável.

— Meu Deus, Ma! — balbuciou erguendo a mão direita, e seus dedos trêmulos e frios dedilhavam sobre minha barba fervendo, devido ao fato do sangue se concentrar em minha face enquanto os olhos mel, que eu tanto amava, ainda mais brilhantes percorriam ela. — Q-que merda é essa? —

gaguejou num sussurro, agora deslizando o dedo sobre o curativo na testa, bem no pé do cabelo. O mal-estar foi mais pela pancada do que o ferimento, alguns pontinhos apenas.

Minha respiração acelerou e meu coração foi a mil com os toques mergulhados de ternura.

— E-estou confusa, com a sua atitude. — Seus dedos vieram aos meus lábios, tocando-os levemente.

Respirei fundo, levando meus polegares embaixo dos seus olhos com olheiras profundas, e uma expressão tão perdida, como eu nunca havia visto e sequei suas lágrimas derramadas.

— Se eu agi corretamente eu não sei, como também não tenho a pretensão de ser desculpado. Mas tudo foi milimetricamente pensado para protegê-la.

Levei a mão entre seus seios, muito perto do seu coração golpeando sua costela. Ela arfou, sorrindo emocionada entre as lágrimas. O rosto banhado a deixava ainda mais linda, muito sensual.

— A sua intuição é admirável, estava certa! Tinha razão, meu amor, havia mesmo uma mina de ouro no laboratório do seu pai: este papel aqui. — Tirei do bolso mostrando a ela os papéis que ela havia visto no meu escritório e fez mau juízo de mim. — Você sempre foi a razão de tudo, a compra da Uchoa é mais uma prova do meu amor.

Ela fechou os olhos, com os lábios travados numa expressão arrependida, eu segui. Havia muito ainda a declarar:

— Quase fui degolado pelo meu irmão quando soube do valor absurdo que investi na compra para ter total posse.

Ela acenou de cabeça, curiosa.

— Num jantar com o meu pai, encontrei o senhor Gael muito feliz, ele nos confidenciou sobre sua fórmula revolucionária contra a obesidade. E logo quando adoeceu, ouvi o Wesley conversando com o Tiago, confabulando

sobre a Uchoa ser uma empresa promissora. Com tanto interesse assim, lembrei-me da conversa com o seu pai. Desconfiei que ele poderia estar com a intenção de roubar a fórmula, considerando que sempre foi o Wesley que atendeu o seu pai no INPI. — Sacudi as folhas no ar. — Retirei a fórmula da Uchoa por precaução, entraria com o pedido de registro da patente em seu nome e do seu irmão ainda hoje, por isso precisava de sua assinatura em alguns documentos.

Seus olhos lindos estreitaram, incrédula.

— PORRA! — Abri os braços socando o vazio. — É o trabalho brilhante do senhor Gael — enfatizei com orgulho. Ela e todos ali na sala choravam com o mesmo sentimento do ilustre homem. Um homem como nenhum outro —, um gênio incomum, esta preciosidade é dele, é sua, meu amor, do seu irmão. PORRA! EU METI A MÃO NO DINHEIRO DA EMPRESA DA MINHA FAMÍLIA PARA PROTEGER O QUE É DE VOCÊS POR DIREITO! — Acabei perdendo o controle e exasperei gesticulando com as mãos.

— Ah, Marcelo! — Em prantos, ela dependurou-se no meu pescoço. Recostando a testa em meu peito, acariciava meus cabelos no pé da nuca. — A minha intuição esteve ativada todo este tempo. Por esta razão eu fui embora, aqui eu sabia que não conseguiria resistir a você. A prova mesmo foi com tudo o que aconteceu desde que voltei. Eu juro que tentei, mas não consegui, e me punia pela minha fraqueza. Não consegui ver um cafajeste em você, apesar de tudo levá-lo a este caminho.

— Você se confundiu, Carol! Mas a sua alma não. Ela conhece a minha, e são bem parceiras. Aquele dia que me rejeitou na Uchoa, fiquei desestabilizado.

— Céus! Eu não sei o que estou sentindo. — Pausou sem fôlego. — Ódio por ter escondido tudo isto de mim, não ter deixado eu decidir de que lado

ficar. — Eu assenti, beijando o topo de sua cabeça e chorando junto com ela. — E amor — balbuciou — pelo seu sacrifício em me proteger. A verdade é que sem você eu sofri da mesma maneira, Marcelo! — desabou apertando meu pescoço entre seus braços. — Eu sofri como uma condenada.

— Ah, meu amor!

— O Tiago sabe?

Meneei negativamente a cabeça.

— Meu irmão não imagina de todo este imbróglio. — Suspirei agoniado. Punia-me vinte e quatro horas por dia em esconder dele. — A princípio, a ideia era comprar a Uchoa, registrar a patente no seu nome e do Gui — explicava com o queixo sobre sua cabeça. — E após a recuperação financeira da empresa, eu ressarciria o investimento com juros honesto de mercado a D'Ávila e daria um jeito de devolver a vocês, sem deixar ninguém ser prejudicado. — Suspirei longamente. — E aí a senhorita surgiu como uma dinamite em mãos explodindo tudo.

Ela arqueou a cabeça, olhando-me diretamente nos olhos.

— Bagunçou os meus planos, linda! — admiti.

Ela riu emocionada.

— Você fez isso, Marcelo? — indagou Viviane com a mão no peito, desmanchando em lágrimas.

— Agora estou entendendo a presença do Wesley hoje na Uchoa e a indireta. Não foi um encontro casual — disse Carol sacudindo a cabeça, furiosa.

Moldando seu rosto com minhas mãos, trouxe-o para bem perto do meu.

— Como vê, eu não planejei este nosso fim. Planejaram por nós! E, apesar de tudo, a minha fidelidade por você é indiscutível. Nunca traí você, linda! — sussurrei suavemente. — Estaria traindo a mim mesmo. Você foi o primeiro e único amor da minha vida. Meu amor por você é infinito!

— Eu não sei o que dizer, estou tão atrapalhada! — disse baixinho.

— Não precisa dizer nada, querida! — Colei nossas testas respirando pesado, como ela estava. — Já sofreu demais, eu também. — Afastei buscando seus olhos entristecido. — Só queria mesmo que soubesse a verdade, como dizia dona Esmeralda e Jussara, que você tinha o direito de saber. Talvez eu tenha errado em esconder.

Ela virou o rosto buscando dona Esmeralda ainda no degrau, e retornou.

— Me ajuda a formular uma coisa, Marcelo!

Assenti.

— O que pretendia quando voltou a minha casa naquele dia?

Respirei fundo antes de esclarecer:

— Naquele dia eu estava perdido — balançava a cabeça apreensivo ao falar —, não conseguia decidir o que fazer: contar ou não? Passei o dia perambulando pelo bairro, sem destino, tentando chegar a uma conclusão. E quando a peguei na sua casa e a levei para o hotel, estava propenso a revelar tudo, porque não podia viver na mentira. Acovardei-me, olhando em seu rosto meigo. Não conseguia, temendo instaurar o caos na sua vida familiar, como já havia na minha. Não estava conseguindo lidar com a ideia de vê-la arrasada. — Pincelei seu nariz lindo. Ela permaneceu séria, atenta. — Fui à minha cobertura. Sabendo do meu desespero, a Jussara prestava seu apoio e me incentivou a revelar de uma vez. Só que, ao chegar lá e flagrar você nos braços do Derek, me deu um ódio tremendo. Então resolvi largar mão de tudo e prossegui no silêncio, até mesmo porque ainda havia o Tiago.

Ela baixou os olhos rindo tristemente antes de repetir a minha frase daquele dia:

— Você facilitou a minha vida!

Suspirei com pesar.

— Não ficou mais fácil, porém abriu um caminho ao qual eu segui em frente.

— O caminho da omissão!

Dei de ombros.

— Pelo menos, poupei seu coração por algum tempo de padecer. Pois eu sei o significado da família e que é para a vida toda. Sinto na própria carne, não consegui odiar o meu pai. Embora, nosso relacionamento tenha mudado, e muito, eu finjo que nada mudou.

Seus braços enlaçaram meu pescoço e sua cabeça encaixou em meu peito e ali, ela permaneceu refletindo em silêncio.

— Eu te amo, meu amor!

Ela soluçou, proporcionando-me sentir o calor do seu hálito em meu peito.

— Não sou e nunca fui este monstro que me pintou. Sou apenas vítima das circunstâncias, nós somos.

— Pô, cara! — Guilherme levantou dali e veio em minha direção com os olhos vermelhos e tristes, e repousou a mão em minhas costas, neste instante a dona Viviane veio caminhando lento e segurou no braço da filha.

— Carolina!

— NÃO! — Carol vociferou tirando o braço, recusando o toque da mão da mãe e a encarou. — Sabia que a maior decepção é aquela que vem de quem nunca esperamos.

Viviane fechou os olhos sem resposta, e desmoronou. Carol desabou.

— Por favor! — Ela ainda tentou abraçar a Carol, que dizia não de cabeça com as mãos erguidas a sua frente.

— Como teve coragem de ser tão cruel? Justamente você, que eu sempre acreditei ser a melhor pessoa deste mundo. A pessoa que recebeu todo o respeito e amor do meu pai.

— Por favor! Estão equivocados em me julgarem assim. — Novamente chegou perto e a Carol se distanciou.

— Agora eu só preciso de espaço para respirar! — Ofegante, subiu as escadas em disparada.

Os quatro pares de olhos centraram no seu caminho.

Embora estivesse com o coração despedaçado, eu me sentia leve, aliviado e orgulhoso de tudo o que fiz. Parei os olhos em dona Esmeralda, acabada, coitadinha.

— Arrume suas malas, que um táxi virá buscá-la mais tarde! Sua neta e bisneta nos aguardam. Segui as orientações da polícia — pedi a ela.

Ela assentiu e deu as costas subindo as escadas em seus passos lentos. A presença da dona Viviane ainda me enojava, saí dali sem nenhum comentário indo até o meu carro.

— Marcelo! — Guilherme, naquela expressão abatida, tocando no vidro do carro, desviou minhas considerações em relação à minha vida. De como ela seria daqui para frente.

Abrindo um sorriso forçado, desci o vidro.

— Queria trocar umas ideias contigo. Será que eu poderia entrar? — perguntou apontando para a porta do passageiro.

— Claro! — Destravei enquanto ele contornava e entrou afundando no banco, expirando densamente, jogou seu olhar de pena e revolta.

— Cara! — Agitava a cabeça ainda confuso. — Que doideira tudo isso! Minha mãe ultrapassou todos os limites! — Embrenhou os dedos nervosos pelos cabelos arqueando a cabeça, usando o encosto como apoio. — Estou com pena de você e da Carol, com raiva dela... Trair o meu pai? — Bateu a mão aberta no peito. — O melhor homem deste mundo, ele dava tudo a ela e a nós... — Pendeu a cabeça, cobrindo-a com as mãos trêmulas.

— Eu sinto muito! — disse apertando o volante, com tanta força que meus dedos ficaram brancos. — Realmente, seu pai não merecia nada disso.

Magoado, ele me olhava, rindo e querendo chorar.

— Você não tem que sentir muito. Como explanou lá na sala, também é uma vítima das circunstâncias.

Assenti e baixei meus olhos, havia pouco a dizer.

— Já imaginou quando o Tiago souber desta história?

Negando de cabeça, puxei muito ar e meus olhos encheram-se de lágrimas ao imaginar o momento que se aproximava. Na verdade, doía na minha alma pensar a respeito.

— O receio é grande da reação do meu irmão quando souber toda a verdade. Apesar de mais velho, ele não tem a mesma maturidade que eu. — Ri, angustiado e virei o rosto encontrando seus olhos verdes, tão similares aos do Tiago, marejados. — E também tem o fato do relacionamento entre os dois não serem os melhores. Incompatibilidades de gênio.

— Vai ser um baque! — alertou Guilherme, inspirando profundamente consternado. — Ele ficou revoltado com Deus na época e reagia muito mal se recusando a falar sobre a morte da mãe de vocês. Alheio ao mundo.

Concordei, revivendo aquela época.

— Pois é! — Expirei, voltando a encará-lo. — É isto que me preocupa, a reação dele ao descobrir que a traição do nosso pai contribuiu para agravar a doença da nossa mãe. E vai sobrar para mim pela omissão.

Ele torceu a boca levando as mãos ao rosto, esfregando.

— E você, como está se sentindo?

Ele soltou o ar, rindo indignado, jogando-se para trás no banco, arqueou a cabeça perambulando com os olhos no teto do carro a minha indagação.

— Ainda estou começando a digerir tudo isto! — resmungou girando a cabeça e sorriu consternado. — Embora angustiado pela traição com o meu

paizão, ainda tenho esperanças de que haja uma boa explicação. — Distanciou os olhos, pensando, e retornou: — Preciso de mais detalhes da minha mãe, que talvez possam mudar totalmente o rumo desta história. — Deu de ombros. — E acredito que vou querer ouvir o seu pai também.

— Ele já está no pedaço, é só procurar por ele.

— Eu ouvi minha mãe comentar sobre você ser casado.

Acabei rindo ternamente.

— A neta da dona Esmeralda se relacionou com um traficante dos grandes e engravidou. Casei com ela apenas para registrar a bisneta. Você não sabe ainda porque o processo está em segredo de Justiça. O marginal descobriu, o incêndio na verdade foi um atentado a minha vida. Tentativa de assassinato.

Seu queixo foi parar em seu colo.

— Que história sinistra, Marcelo! — exclamou com os olhos arregalados, assustado. — Agora estou entendendo todas aquelas perguntas dos policiais.

— Por isso não deixei a Carol ir ao hospital. Não pode comentar nada por enquanto, Gui, que pode ser perigoso. Estou até com escolta policial. — Virei para trás e ele acompanhou.

Ele sacudia a cabeça, apavorado.

— É claro que não!

— Eu e a dona Esmeralda entramos para um programa especial de proteção a vítimas e a testemunhas ameaçadas. Só vou resolver o registro da patente e amanhã faremos uma viagem desconhecida, um esforço por todos nós.

— Poxa, cara! Tu és generoso demais. — Curvou-se para um abraço e batia forte em minhas costas. — Vou te perdoar até o fim dos meus dias.

— Obrigado — agradei quando ele apartou sorrindo com sinceridade.

— O dia que cedi o comando da Uchoa, eu só conseguia ver bondade em seus olhos, uma premonição, né?

Dei de ombros.

— Sabe que a minha irmã questionou por que o fiz?

Ri, sacudindo a cabeça, com o coração despedaçado.

— Ela ficou possessa e com razão. Deixa-me ir que tenho uma porção de coisas para resolver até amanhã. Vou passar rápido na D'Ávila para ajustar algumas coisas com o Cauã.

— Vai lá. Boa sorte!

Desceu, e com aquela sensação de perda, liguei o carro e saí cantando os pneus, o carro do investigador Cláudio veio no meu rastro. E logo o celular tocou sobre o console do carro, congelei pensando em mil possibilidades ruins com as meninas, considerando que estava em posse de outro número pré-pago assegurando não ser rastreado. Atendi ao telefone com um medo danado, tenso.

— Agradeceria muito se não viesse com notícias ruins.

Ele riu compreensivo.

— *Não faça julgamento equivocado a meu respeito, rapaz! Não sou portador de notícias ruins e sim notícias inesperadas.* — Seu humor não foi animador diante da melancolia. Gostaria muito de estar ao lado da Carol neste instante. Por pouco, não corri atrás dela quando subiu aquelas escadas. — *Mas creio que esta seja esperada. Seu pai está feito louco ligando na delegacia tentando um contato seu.*

Selando as pálpebras, sacudia a cabeça, contrariado.

— Tudo já foi dito, neste momento ele é a última pessoa neste mundo que desejo falar. — A frase brotou falsamente de meus lábios. O coração ficou apertado com a falta de definição dos meus sentimentos. Entre nós havia fortes vínculos de raiva, ódio, como também amor. Ele sempre fora um pai fora de série, presente, preocupado em excesso com os filhos, um bom marido e amoroso. — Que porra! — O grau de fúria extrapolou o limite e

esmurrei o volante. *Que merda que você fez, pai?! Sabe aquela sensação de impotência? Era exatamente desta forma que me sentia.*

— *Se quer um conselho, converse novamente com ele, senão pode se arrepender no futuro. Senti isto na pele, amigo.*

Pegando a avenida em direção a D'Ávila, repensei no conselho e acabei cedendo.

— Como posso falar com ele?

Ele passou o telefone de um comércio onde meu pai aguardava e solicitou para não informar meu destino.

— *Marcelo, filho! Saí da sua cobertura arrasado. Não queria causar nada disso na sua vida e nem na do seu irmão. Espero que, um dia, você possa compreender e perdoar este seu velho pai que te ama!*

— Talvez no futuro nos encontremos novamente, hoje tenho dificuldade. Hoje mesmo a minha vida parou de fluir.

Ele pausou, suspirando ruidosamente chocado.

— *Do que você está falando?*

— Falando que você deve se preparar para o tsunami que recairá sobre você, em nossa família!

— *Está me assustando, Marcelo.*

— Passei seis anos da minha vida em silêncio guardando o seu segredo, tudo para evitar uma tragédia.

Ele calou-se completamente, sabia que deveria estar tenso. Amedrontado.

— Só que eu cansei, não é justo! A tragédia tardou, mas agora ela virá com força.

— *Como assim, filho?*

— Acabei de sair da casa da Carolina e revelei toda a verdade a toda à família.

Ele grunhiu desesperado.

— Sabe que o Tiago vai querer matar você e a dona Viviane, não sabe?

— *Meu Deus! E a Viviane, o que ela falou?*

— Deveria estar preocupado com seus filhos e não com ela. — Cerrei os dentes com seu descaminho. — Depois de tudo o que aconteceu, você ainda mantém contato com ela?

— *Não! Claro que não... a gente precisa conversar, meu filho.*

A única pessoa que pretendo conversar antes da viagem é com a Carol!

— Não sei quando poderemos ter esta conversa — resumi e ele ficou aflito.

— *O que está pensando em fazer?*

— Mudar de ares.

— *Não tome nenhuma atitude precipitada, eu vou resolver tudo para você.*

Uma risada histérica escapou por meus lábios.

— Como? Por acaso, você inventou a máquina do tempo?

— *Me perdoa por tudo, garoto!*

— A decisão já foi tomada. Ficar só vai trazer mais ódio, não há a menor possibilidade de reatar com a Carolina, com ela odiando você e eu a mãe dela.

E desliguei antes de qualquer contestação e segui meu rumo, para finalizar o que me propus.



Capítulo Dezenove

CAROLINA

Estou destruída com os bombardeios de informações, atônita até de pensar.

Fui tomada por uma amargura e tristeza sem procedentes quando cheguei à porta do quarto do meu pai. Ali, observando-o sobre sua cama recebendo o raio luminoso do sol em sua testa, que atravessava a grande janela entreaberta, senti meu coração arder em brasa.

— Pai! — Fechei meus olhos e corri até ele, imaginando seus braços abertos esperando eu cair neles, como foi na minha infância, adolescência e uma boa parte da minha juventude. — Eu te amo, pai. — Deitei-me ao seu lado, enfiando com cuidado um braço por baixo de seu corpo e o outro, passando por cima e deitei em seu ombro o abraçando numa força medida. — Te amo muito, muito, muito... — E ali permaneci, doando a ele todo o amor que possuía no meu coração. No meu âmago, pedi perdão pela traição da minha mãe.

Senti-me envergonhada, revoltada e reprimi o ódio minando, querendo dominar o meu coração. Apesar dos pesares, ela era minha mãe, tão cuidadosa, a pessoa que doou muito da sua vida, do amor em demasia.

E pensar no sacrifício do Marcelo para poupar-me do sofrimento corroía meu espírito, tanto como a traição da minha mãe.

Que estupidez, mãe!

Inquieta, levantei e andei até a janela, permaneci em frente à vidraça com os olhos semicerrados contemplando o nada. Era muita coisa para assimilar ao mesmo tempo, não sabia o que doía mais... Em meio ao turbilhão interno, pendei a cabeça cobrindo o rosto com as mãos.

— Não ouvi nitidamente o teor da discussão lá na sala, porém senti a energia negativa do que ela gerou. — Lídia, sentada na poltrona à minha direita, rompeu o doloroso silêncio. Esqueci-me completamente dela.

Apenas sorri com tristeza e balancei a cabeça.

— A fenda do meu mundo rachado e em órbita abriu e dela vazou o resquício de esperança que ainda sobrava. Foi isso o que aconteceu.

— Nossa! E foi muito — definiu ela.

Com todas estas revelações, nossa reconciliação ficou distante demais.

Solidária, ela veio pegando em uma das minhas mãos carinhosamente e apertava com as suas, transmitindo um calor magnífico enquanto meus olhos se perderam no ambiente, revivendo o momento na sala, as revelações absurdas...

— Filha! — A voz da minha mãe veio como uma explosão, ao entrar com um semblante em pânico.

— Sai daqui, agora! — rosnei fechando os punhos na lateral do meu corpo. — Eu não quero falar com você, não percebe que devastou a minha vida. Destruíu tudo, mãe... Esfacelou duas famílias pelo seu prazer pessoal. — As lágrimas se espalhavam pelo rosto à medida que ela agitava a cabeça, negando. Eu prossegui no estouro, só assim evitaria ter um infarto. — Eu só não empacoto as minhas coisas e saio desta casa pelo meu pai. — Assolada, fui me sentar ao lado dele, curvando sobre seu corpo inerte, e deitei a cabeça em seu peito. Somente o seu batimento cardíaco era sereno.

— Vai me ouvir, sim senhora, está olhando apenas sob um ponto de vista, tenho o direito da minha defesa, não posso sair daqui sem dar a minha versão

da história. — Sua convicção ao pegar no meu braço causou-me náuseas.

Levantei, cruzando os braços na altura do peito, travando um olhar desafiador.

— Nem tudo é o que parece.

Recusava sua tese, meneando a cabeça.

— Eu não cometi nenhum engano, tampouco tropeços que possa me arrepender... Que droga! — Nervosa, espalmou as mãos na frente das coxas e rolou os olhos, guardando silêncio por alguns instantes e prosseguiu: — Eu juro que não tinha intenção, apenas aconteceu...

Franzi a testa, dúbia, a sua explanação enrolada.

— Se eu tivesse o controle, jamais permitiria que o passado afetasse o seu presente. — Pausou respirando forte tamanha a dificuldade.

Eu ri completamente perdida e permaneci quieta.

— Na minha adolescência, eu namorava o Ruan escondido. E, nesta época, meu pai resolveu morar na Europa. Somente quando nos mudamos é que descobri a situação financeira do seu avô, estávamos falidos. Foi quando ele levou seu pai em casa. A realidade era que ele, com o consentimento da sua avó, já planejava me unir com o seu pai. E não deu outra, seu pai chegou daquele jeito atraente, um homem lindo, mais velho. Como qualquer jovem, acabei enfeitiçada e me envolvi romanticamente. — Soltou um grunhido magoado, antes de continuar: — E quando o relacionamento ficou mais sério, eu tentei cair fora e foi aí que meus pais entraram, forçando a me comprometer com o Gael. Eu não queria me casar. — Notei uma sinceridade abundante em suas palavras.

— Ainda amava o senhor Ruan? — perguntei receosa com a resposta. E até que foi legal! Ela confirmou lentamente com a cabeça, e segurou um soluço baixo. — Mas logo após o casamento, eu aprendi a amar o seu pai, a pessoa especial que ele era, e continuo o amando — reiterou.

— Não faz sentido, mãe! Se o ama, então por que o traiu? — cobreí sem entender. Ela se levantou e veio repousar suas mãos frias e trêmulas em meus ombros. — Não agiu decentemente. Poxa! O senhor Ruan é o pai do homem que amo, estávamos sempre juntos. Que horror! — Sacudia a cabeça bloqueando as imagens desprezíveis da minha mãe se pegando com o pai do Marcelo pelos cantos. Enganando a todos...

— Eu juro que não traí seu pai, filha.

— Como não? A mãe do Marcelo os flagrou, ele disse isso lá embaixo.

— Sim, mas... — Sem fôlego, ela pausou perdida e então fechou os olhos fortemente, como se as informações não pudessem ser reveladas.

— Se não tem coragem de confessar o que é verdade, peço que não diga nada. Não minta, por favor!

Seus braços enlaçaram meu pescoço, segurando-o, afastei-os recuando, desencorajando-a.

— Não me odeie, filha... — murmurou trazendo a mão em minha face. Dei mais um passo para trás evitando o contato. Ela soluçou acabada.

— Eu ainda não sei como classificar os meus sentimentos. E mesmo depois do que me contou, não posso incluí-la como vítima das circunstâncias como eu e o Marcelo fomos. Você teve escolha, mãe, e optou contra seus filhos. Se não estivesse feliz, pelo menos tivesse a decência de finalizar o casamento antes da traição. Meu pai não merecia ser enganado, ele viveu a vida dele por você, por nós. Adoeceu de tanto que trabalhou para nos proporcionar o melhor.

— Eu sei, minha querida, eu sei... Não tem um dia que não deito ali ao lado dele. Passos horas a fio conversando em seu ouvido. Precisava tanto ouvir sua voz, seus conselhos.

— Arrasou o meu coração, mãe. — Revirei os olhos e os fechei. — O Marcelo tem uma excelente percepção. Descobrir adoeceu meu coração, e

conviver com isto vai me matar aos poucos. O papai necessita voltar à vida, ele não pode morrer sem saber de tudo. Não pode.

Ela suspirou com os olhos cheios de lágrimas.

— Oro todos os dias, para que este dia chegue, querida! — balbuciou indo até a cama, curvou-se e sussurrou no ouvido do meu pai: — Eu sinto tanto a sua falta, amor! Você é o homem mais lindo e querido do mundo. Desperta, vai?

O braço da Lídia enrolou em minha cintura e colamos nossos ombros ouvindo-a comovidas.

— Tenho tanto a esclarecer. Tanto! — Beijou-lhe a face e, respirando fundo, endireitou-se e veio em minha frente e sorriu amargurada. — O Marcelo é uma ótima pessoa, maravilhosa, eu diria! Reconheço agora que ele tem virtudes excepcionais.

Assenti efusivamente de cabeça apertando meus lábios, comovida, arrependida por tudo o que fiz e disse a ele.

— Sim! Ele é a mais perfeita pessoa deste mundo.

Ela baixou os olhos saindo do quarto a seguir.

— Lídia? — Virei de frente a ela, quando minha mãe saiu do quarto, e segurei em suas mãos quentes e acolhedoras. — Fui injusta e cometi todos os pecados possíveis, chamei-o até de ladrão e estou muito envergonhada. — Fechei meus olhos rindo, alimentada por um profundo inconformismo.

Rindo com ternura, abarcou meu corpo em seus braços amorosos, deslizando as mãos macias e mágicas em minhas costas como fazia ao tocar em meu pai.

— A culpa não é sua, Carol — segredou em meu ouvido. — Agiu conforme entendia que era certo. Ele também é tão vítima como você. Coloca-se no lugar dele! — Apartou trazendo a mão à minha face. — Pense em todas as dores dele, desolação pela morte da mãe e ainda guardou

somente para si quando poderia revelar ao planeta, e dane-se todo mundo! E tudo por amor a você. Escolheu viver no isolamento silencioso para poupá-la de sofrer. É um ser humano grandioso este Marcelo! — Meu coração batia descontroladamente, apaixonado e aquecido em meu peito a cada palavra dita por ela. E a pressa bateu com força.

Segurando seu rosto, o beijei.

— Obrigada pela linda citação. Sinto-me mais fortalecida e pronta para uma conversa definitiva com ele. — Ri arrependida por tê-lo deixado plantado lá na sala.

— Isto mesmo, garota, vá lá e resolva! — Deu um tapa incentivador na minha bunda.

Simplesmente saí do quarto com uma pressa excessiva, precisava chegar antes dele sair da cidade, segui direto para o meu quarto. Tomei um banho rápido, a urgência não permitiu secar os cabelos adequadamente, os deixei úmidos e segui para o armário pegando a roupa mais fácil que encontrei, que nada mais era do que o vestido champanhe, transpassado com detalhes em preto, usado no dia da reunião. Calcei uma sandália de salto preta e abdiquei da maquiagem e o perfume. Afinal, ao sair do banho, apliquei no corpo a colônia pós-banho, e estava perfumada o suficiente.



Embora o ar estivesse abafado nesta tarde, o tempo começou a fechar e as nuvens escuras tomavam conta do céu. Pela fresta do vidro do meu lado, aberta, entrava o zumbido do vento a cada instante mais intenso. As avenidas de Alphaville estavam transitáveis, graças a Deus! Não sabia como isto iria terminar, havia empecilhos demais em nosso entorno. Com o número do seu

celular caindo diretamente na caixa postal, escolhi a D'Ávila como primeira opção, temendo um encontro com o Tiago.

— O senhor Marcelo D'Ávila foi desligado da empresa — informou a recepcionista, a mesma jovem ao qual me atendeu da outra vez que estive aqui. Os cabelos negros, hoje estavam presos num coque elegante e combinava com o traje: terno preto, calça e blazer. Atrás do balcão de mármore branco e cinzento, ela recebia a luz acinzentada da tarde chuvosa através da janela, dando uma visão panorâmica.

— Mas já? — perguntei para mim mesma.

— Carol? — Virei ao ouvir a voz surpresa do Cauã. Estiloso como sempre num terno bege e camisa branca sem gravata, ele descia do elevador. Andei apressada indo encontrá-lo.

— Vim procurar o Marcelo. — Ele torceu a boca discreto. — Está sabendo que o incidente na fazenda foi criminoso? — cochichei correndo os olhos para os lados, apreensiva de alguém ouvir.

Assentindo, ele segurou em meu braço me guiando para dentro do elevador e apertou o botão do andar da Presidência. E colocou o dedo indicador sobre meus lábios pedindo silêncio.

Entendi emudecendo.

— Vamos conversar na minha sala — informou quando a porta do elevador se abriu, e eis que o Wesley, dentro de um terno preto e camisa cinza clara, saía da sala do Tiago no fundo do corredor.

— Carolina Uchoa! — frisou meu nome, me fazendo desviar para Cauã, que sorriu pedindo cautela. Fiz a leitura dos seus olhos e gestos corporais. Tiago deve ter ouvido, pois saiu logo a seguir, imerso em um sorriso inocente. Seu terno era cinza claro, muito semelhante ao que o Marcelo usava no dia da festa do Bernardo.

Sentia-me apreensiva com ele vindo.

— Eu ainda não a agradei direito — disse durante o percurso. — Vem cá. — Seus braços se fecharam ao redor do meu pescoço despretensiosamente. *Ele ainda não sabe!* — Agora eu sou o seu servo, salvou a vida do meu mano, é minha heroína e protegida.

Segurando meu ombro, sorria gentilmente.

— O Marcelo que me salvou de todas as maneiras — proferi sem conter o anseio.

Ele franziu a testa interrogativo.

— Resolveram se perdoar, não? — perguntou esboçando um sorriso de aprovação. — Por isso o ressarcimento aos cofres da D'Ávila e a renúncia do cargo de presidente?

— O quê? — Incrédula, soltei buscando nos olhos do Cauã a resposta.

Temia o que aquilo poderia significar. Ele não pode partir, não posso ficar mais seis anos sem ele. Não posso!

— É, vamos entrar, Carol! — Cauã rapidamente colocou a mão em meu ombro guiando-me para a sua sala. — Precisamos conversar — disse serenamente, sem causar desconfiança.

— Ah, doutor Cauã! — chamou Wesley. — Caso veja meu primo, diga que o tio Ruan está desesperado procurando por ele.

— Se o vir, dou o recado — respondeu formalmente e quase me jogou para dentro da sala.

— Por favor, me diga que o Marcelo ainda está na cidade? — Minha voz manifestava urgência conforme implorava. Mudo, num doloroso suspense contornou sua mesa, sentou, abriu a gaveta e colocou várias pastas sobre o tampo de madeira e focou em mim ali na frente, em plena crise de ansiedade depois de jogar aquele seu olhar cheio de suspeita e desconfiado na porta fechada.

— Eu não sei informar. — Curvou e abriu a primeira pasta. — Mas ele deixou bem explícito a intensão de não voltar tão cedo.

Inspirei com uma dor brutal no peito à informação.

— Então as informações do Tiago procedem, o Marcelo pretende mesmo ir embora?

Ele assentiu estendendo um documento da INPI.

— Senta, Carol.

Ressabiada, obedeci fitando-o, tensa.

— Não se apoquente, ele deixou claro que ainda teria uma conversa definitiva com você. — Fechei meus olhos aliviada. — Aqui está o registro da patente. — Peguei de suas mãos repassando os olhos pelo papel, deparando com o meu nome e do Guilherme. — E aqui está o distrato do contrato de compra e venda. — Entregou, fixando seus olhos entristecidos nos meus inquietos. — Ele ressarciu a D'Ávila do próprio bolso o montante pago ao Guilherme.

Sacudia a cabeça sem querer acreditar. Debruçando sobre a mesa espalmou nela.

— Nunca imaginei que ele fosse capaz de uma atitude tão nobre. — Riu orgulhoso. — O Marcelo é o meu ídolo.

Afundi na cadeira e inspirei com um sentimento de remorso me corroendo por dentro.

— Sempre admirei estas características no Marcelo e, infelizmente, fiquei cega ao interpretar a cena na cobertura dele como traição. Eu enxerguei um monstro em alguém tão verdadeiro. Ah, que ódio de mim! — Saltei da cadeira jogando a papelada sobre a mesa. — Vou tentar encontrar o investigador que nos atendeu na fazenda. Ele precisa me levar até o Marcelo.

— Boa sorte, amiga! — desejou ele com sinceridade.

Assenti e saí voando da sala, corredor, e entrei no elevador parado ainda no andar.



Marcamos um encontro no distrito localizado na parte central da cidade de São Paulo.

— Infelizmente, o senhor Marcelo e as três mulheres ficarão expostos à grave ameaça em razão da dona Jussara estar colaborando com o inquérito policial. Não posso lhe dar o endereço, no entanto, serão levados para um novo endereço e, caso haja necessidade, receberão novas identidades até o fim do processo. — Numa sala reservada, explicou depois de eu insistir muito.

— Você disse ficarão! Isto me faz pressupor que ainda não estão.

Ele grunhiu, erguendo as sobrancelhas.

— A senhorita é uma boa observadora. Parabéns!

Ri orgulhosa, porém mais ansiosa.

— Realmente os meliantes não imaginam que já sabemos sobre o incêndio criminoso e atentado na sauna. Se encontrar com ele, coloca a senhorita no caminho do alvo.

— Não me importo. — Dei de ombros. — Preciso falar com ele, urgente. Me leve até ele, autorizo colocarem uma venda em meus olhos, e até me entupirem de sonífero.

Ele ria de maneira divertida e se levantou.

— Não posso prometer, mas analisarei a possibilidade com cautela. Peço que aguarde.

— Obrigada.

Ele assentiu e saiu da sala.

Expirei confiante e aguardei ansiosamente.

Cinco horas de espera e chegou a hora de deixar a delegacia. O investigador Luiz Cláudio culpou os trâmites burocráticos pela demora.

A chuvinha fina virou uma tempestade imperiosa. Com vendas nos olhos, o som da chuva batendo no teto do carro, dos raios e trovões e a poluição sonora das buzinas deixavam os sons diferentes, assustadores na verdade.

— Nossa! Pelo jeito, o mundo está caindo em água! — exclamei no banco de trás do carro do investigador dirigindo. O parceiro sentado ao seu lado também à paisana comentou:

— Realmente! Muitas ruas interditadas por alagamento e, claro, o trânsito virou um caos.

— Perdoe pelo desconforto da venda, senhorita. Estamos seguindo os protocolos — explicou Luiz Cláudio.

— Você não deve pedir desculpas, eu que agradeço.

O trajeto durou mais de uma hora após esta nossa conversa, quando o veículo parou sem que a chuva desse uma trégua, era incessante e torrencial.

— Antes de deixá-la descer vamos observar a ambulância que acabou de estacionar em frente ao prédio — mencionou Luiz Cláudio enquanto seu parceiro virado para trás me ajudava com a retirada da venda.

A rua deserta só não estava mergulhada na escuridão devido à lanterna acesa da ambulância alguns metros atrás, com dois homens em seu interior com vestimenta escura, para ser mais exata, estacionada em frente à portaria do prédio de mais de dez andares, fachada de construção antiga. Não fazia a menor ideia de onde estávamos, com pouca visão, notei imóveis intercalados em terrenos sem construções. Observava o motorista descer com um guarda-chuva, e falava, acredito, com o porteiro na guarita pelo interfone. Luiz Cláudio digitava o tempo todo mensagens no seu celular.

Alguns minutos depois, o portão de alumínio lateral que dava para a garagem subiu, o motorista voltou, entrou na ambulância e entrou com ela. Com uma curta ré foi possível observar o movimento no interior da garagem. Os dois homens desceram da ambulância no mesmo instante que a porta traseira foi aberta descendo mais um homem, enfermeiro tenho certeza, devido à roupa branca. Os três tiraram uma maca, o pequeno corpo coberto por um cobertor escuro dando destaque a cabeleira branca como um chumaço de algodão, nitidamente se tratava de uma mulher idosa.

— Eu não falei? — comentou Luiz Cláudio num tom humorado intrigante. — Olha lá, é a moradora de 80 anos do 915. Ela saiu hoje à tarde de ambulância para o hospital, a um dos seus procedimentos contínuos.

Vinte minutos depois, a ambulância saiu e se foi.

Luiz Cláudio inclinou-se para trás.

— Agora está liberada. Já providenciamos a sua entrada, o porteiro vai te acompanhar até o elevador orientando-a.

— Obrigada por tudo!

— Boa sorte!

Assenti e suspirei profundamente e abri a porta.



O vento soprava violentamente e arremessava a água da chuva chicoteando meu rosto, enrolando os fios de cabelos todo pela cabeça, impedindo minha visão. Correndo com dificuldade sobre o salto, naquelas poças d'água que mais pareciam buracos, passava as mãos pelo rosto me livrando dos cabelos até que alcancei a frente da portaria. O portão destravou e corri para dentro. Parei na porta de vidro fumê; passando as mãos pela

roupa encharcada e cabelo, percorria meus olhos pelo hall espaçoso, decoração rústica, porém, charmoso e bem receptivo. O funcionário atrás do balcão escuro de madeira observava meus movimentos.

— Não tive como evitar não me molhar — expliquei. Ele acenou de cabeça, sério, e contornando o balcão, seguiu em direção aos elevadores ao fundo do cômodo e apertou o botão o chamando, e somente depois se pronunciou:

— Infelizmente, não tenho como ajudá-la. — Curvou-se dentro do elevador e apertou o botão e veio me encarar ainda ali, parada sob o tapete e preocupada em molhar o piso de granito.

“Isso que posso chamar de homem de poucas palavras!”, pensei rindo por dentro.

— É o apartamento 702 — informou ele acenando de cabeça, tipo me convocando.

Mediante um sorriso sem graça adentrei alagando por onde trafeguei, entrando no elevador, girei de frente à porta observando o playground vazio, através da porta de vidro do outro lado do corredor.



A sensação era que o meu coração sairia pela boca quando a porta do elevador se abriu e dei de cara com a porta de madeira escura do 702, ao lado de uma outra porta que deduzi ser a saída de serviço, geralmente, da cozinha. Saí no andar contendo quatro apartamentos, respirei o mais profundo possível, para tranquilizar meu coração afoito, e apertei a campainha.

— Estou no banho, alguém atende a porta, por favor! — Sua voz grave vinda de repente fez subir um arrepio em minha espinha e um tremendo frio

na barriga, uma sensação divina.

— *Dona Esmeralda, atende a porta! Estou aqui no banheiro dando banho na Yasmim.*

A voz feminina veio a seguir:

— *Ela está dormindo, fica tranquila. Eu mesmo atendo a porta.*

— Vem, meu amor, vem! — Fechei meus olhos o chamando num fio de voz com as melhores das sensações pelo corpo.

A porta se abriu e lá estava ele. O amor da minha vida com os cabelos úmidos na testa e sobre o curativo, enrolado apenas com uma toalha felpuda branca na cintura e lançando aquele olhar cinza cintilante, divinamente surpreso invadindo a minha consciência. O peitoral atlético musculoso à mostra numa intensa agitação. Abri a boca e percebi a minha incapacidade de expressar as emoções que atingia um nível elevado, revivendo todos os nossos momentos de brigas, de pensamentos negativos que joguei sobre ele, dos meus gestos brutos, das minhas atitudes, da acusação, tudo...

E não houve tempo de desarmar a bomba, deflagrou. As lágrimas jorraram dos meus olhos se expressando, como a minha expressão corporal, tremia da cabeça aos pés.

— Existe alguma possibilidade de você me perdoar, Ma? — perguntei aos prantos, caindo de joelhos aos pés dele com o grito agonizante do remorso ecoando dentro da minha cabeça.

— Levanta daí, amor — murmurou afogado na mesma sintonia minha, dando-me sua mão. Quando a peguei, ele me puxou para cima e, em seguida, para dentro e fechou a porta com urgência. E mediante sua atitude nada delicada, naquela pegada incrivelmente deliciosa, me jogou contra ela espalmando a madeira ao redor da minha cabeça.

Via uma mistura de sentimentos em seus olhos perambulando pelo meu rosto cheio de remorso, eles brilhavam em inquietação e alegria. Sim,

estavam nitidamente alegres.

— Fui tão miseravelmente injusta com você! Por favor, me perdoe se o machuquei.

Rindo e chorando, suas mãos grandes moldaram meu rosto, roçando seus lábios trêmulos e úmidos, salgados das lágrimas nos meus.

— Como você poderia saber, amor? — sussurrou soluçando. — Ambos não passamos de vítimas das injustiças da vida.

— Mesmo assim, Ma. — Deslizando as palmas de minhas mãos em seu peito, sentindo nelas seu pulso desvairadamente forte. — Preciso do seu perdão, meu amor, errei ao focar somente na parte ruim, me esquecendo das suas qualidades explícitas, da pessoa extraordinária que você sempre foi. Já cheguei chutando o balde e fodi com tudo. Fui muito imatura.

Movendo a cabeça de um lado ao outro, aqueles braços fortes me envolveram num abraço singular antes de suas mãos mergulharem em minhas costas, causando arrepios pelo meu corpo com elas passeando sobre o fino tecido molhado.

— O importante é que você nunca fechou as portas do seu coração. E têm males que vem para o bem, Carol — murmurou ao pé de meu ouvido. — Aquele dia estava a ponto de matar o meu pai e sua mãe. Sentia-me engolido pelo mundo, perdido. Tinha que terminar com você para não cair em tentação e revelar a verdade. Não achei justo com você, nem com o Tiago e o Guilherme, é claro! Destruiria vocês, como me destruiu. Abracei todo o sofrimento para poupar todos. Já que não podia mudar o que aconteceu, deixei apenas a minha vida ser esfacelada. Pensa comigo, Carol! Eu e o Tiago odiando sua mãe, você e o Guilherme, o meu pai... — Ria mortificado. — Seria uma bagunça generalizada, iríamos nos agredir o tempo todo. O ódio reinaria entre nossas famílias, o que não seria bom para nós, imagina então para os nossos filhos?

— Você foi um guerreiro, arquivando este segredo por tanto tempo, Marcelo! — Fechei meus olhos beijando seu pescoço cheirando a sabonete. Delicioso. Ele estremeceu todo.

— Só consegui porque você foi embora — murmurou arqueando a cabeça o suficiente para olhar em meus olhos. — Se não tivesse deixado a cidade, eu o faria, com certeza. — Parou com as pontas dos dedos na curva entre a coluna e a minha bunda apertando contra ele, me dando o prazer de sentir seu membro que amava de paixão. — Nosso relacionamento está fadado ao fracasso — foi sincero e eu concordava com ele. — Você pode estar brava agora com a sua mãe, mas, pelo amor que sente por ela, irá perdoá-la um dia, diferente de mim. Se não perdoar, não vai odiá-la como não consigo odiar o meu pai. Não haverá uma boa convivência depois de tudo, pensa quando vier nossos filhos. Para não os magoar, teremos que viver na mentira. — Balançou a cabeça, ambíguo. — Aqueles dois transformaram nossas vidas numa confusão enorme.

Concordei espalmando sobre a barba, esfregando minhas mãos de cima a baixo, pela fresta de seus olhos fechados escapuliam algumas gotas de lágrimas e foi sobre elas que beijei com tanto carinho, sentindo-o tremer ao meu gesto.

— Acabou, meu amor! Agora, não precisa mais carregar tantas coisas consigo, tanto peso...

— Com tudo esclarecido, eu confesso estar mais aliviado.

— Eu gostaria de esquecer este assunto por enquanto! — expus minha vontade sussurrando em sua pele. Abrindo os olhos, ele sorriu, naquele sorriso conhecido, apaixonado, aproximando seu rosto do meu e roçando a ponta de seu nariz ao meu. — Deixamos o futuro para o futuro, e vamos viver o presente, agora.

Segurou em meu queixo o erguendo, seus olhos afundaram nos meus antes de me puxar, sua língua extremamente saborosa com sabor de alívio, sabor de vida, atravessou meus lábios entreabertos, já o aguardando. A língua dominante desbravava cada canto da minha boca com uma necessidade que também era minha, a mão forte deixou meu queixo e veio espalmar minha face, enquanto a outra mergulhava na curva da minha bunda e me apertava contra ele, proporcionando um prazer incrível. Sentir seu pau, já totalmente duro como rocha, me levou à loucura, gemi em seus lábios de prazer, de alegria, de amor, completamente molhada. Sua respiração se tornou ainda mais forte ouvindo meus resmungos, sentindo a minha entrega, afoito, sua mão possessiva e quente deslizou por minhas costas.

— Este tecido molhado, colado ao seu corpo parecendo uma segunda pele me deixa louco — sussurrou em minha pele correndo as mãos pela lateral do meu corpo, apertando com demasiada força contra ele. Uma catou meu seio com firmeza, massageando sem machucar, de maneira delirante e a outra segurou em meu quadril e veio à minha virilha.

— Ah! — gemi prendendo a respiração com ela exigente, entrando pelo transpasse do meu vestido. Os dedos surpreendentemente quentes e habilidosos acharam o caminho até a minha calcinha encharcada, apalpando pra valer.

— Eu preciso sentir você! — sussurrou em meus lábios e afastou a cabeça o suficiente para olhar diretamente nos meus olhos com aquele tesão desenfreado atravessando o elástico, e descobrindo meu clitóris.

O suplício avolumou o meu tesão por este homem, queimou meu corpo entrando em ebulição, minha vagina contraiu dolorosamente deliciosa, excitada.

— Eu também, Ma! Estou tão carente de você. — Agarrei seu cabelo molhado no pé da nuca trazendo seus lábios aos meus em outro beijo

molhado e maravilhoso, quando fomos surpreendidos pela vozinha de menina, nos desgrudamos imediatamente. Marcelo cruzou as duas mãos sobre sua ereção.

— Yasmim? — Ofegante olhávamos para um corredor à meia-luz de piso de tacos, como toda a pequena sala de decoração simples, por onde vinha aquela garotinha do lanchonete. E logo atrás dela uma mulher morena, de calça jeans e camiseta branca, que logo reconheci como sendo a mulher da cobertura. — Yasmim, filha! — Ela segurou na mão da menina, vestida num pijama estampado de bichinhos e fundo branco, que ficou parada me observando.

— Ah, desculpem! — pediu sem graça.

— É-é... — gaguejou Marcelo até conseguir concretizar a frase. — Esta é a Jussara, a neta da dona Esmeralda.

Sorrindo, estendi a mão me apresentando.

— Muito prazer, Jussara! — Ela sorriu amavelmente, apertando minha mão.

— O prazer é todo meu.

E desviei para Yasmim que, por sinal, de perto era ainda mais linda.

— Tudo bem com você, Yasmim?

Ela abanou a cabeça apenas, talvez estranhando a minha presença.

— Fala um oi para a Carol, filha! — convocou a mulher carinhosamente repousando a mão no ombro da Yasmim.

— Oi, Carol! — disse ela em sua agradável vozinha inocente quando Jussara segurou na mãozinha dela.

— Vou levar a Yasmim para brincar um pouco no playground.

— Oba! — Entusiasmada, a menina começou a pular e bater palminhas.

— Minha avó está no quarto trancada, dormindo profundamente, assim podem conversar mais tranquilamente. Vou sair pela porta da cozinha.

Marcelo assentiu de cabeça, agradecido; e ansiosos ficamos ali observando mãe e filha saírem por uma porta lateral, por onde via a ponta de uma geladeira branca, quando, imprevisivelmente, o cara com sua pegada surpreendente, fechou os dedos longos ao redor da minha garganta e me lançou contra a parede na lateral da porta.

— Sou louco por você! — rosnou lascando aquele beijo urgente, exigente, repleto de saudade, desejo, fogo, selvagem, de pegada, o mais gostoso e inesquecível deste mundo, enquanto me esmagava contra a superfície sólida. *Hum... Delícia de homem!* — Vou te foder com força e gostoso como você merece — avisou descendo as mãos pela minha cintura, deu a volta agarrando minha bunda, apertando contra ele, esfregando seu membro rígido, literalmente saltei voo às nuvens.

— Uau! — Afogada, deixei escapar um gemido apertado. — Senti muita vontade desta sua forma impetuosa e intensa de pegar. Você é único neste Planeta.

— Você é a culpada em me transformar neste animal! — Afoito, chupou minha língua devorando-a magnificamente erguendo meu vestido, livrando minha bunda, seus dedos infiltraram pelo elástico da calcinha adentrando no meio dela, exercendo pressão no meu ânus, deslizando para meus lábios vaginais inchados e encharcados, comigo instintivamente empinando a bunda, querendo mais contato.

— Ah, Marcelo! — Minhas mãos se firmaram em seu cabelo quando gemi empurrando contra seu dedo, maravilhosamente sendo infiltrado em minha vagina, necessitada em contrações deliciosas.

— Eu preciso desta delícia! — rosnou doido em minha boca, e mordeu meu lábio inferior estirando enquanto tirava o dedo de dentro de mim e levou aos lábios, lambendo esfomeado, sentindo o meu sabor. Seus olhos cinza estão transparentes de desejo e sua respiração entrecortada. — Seu sabor é

divino. Experimenta! Curvou introduzindo sua língua em minha boca, circulando, sorvendo o que podia. Uma loucura, enquanto tirou meu vestido pela cabeça e o jogou por ali.

Voltando a tragar meus lábios, ergueu meus braços na parede acima da cabeça, fiquei com eles lá em cima sentindo suas mãos escorregando prazerosamente, incendiando a minha pele, na lateral do meu corpo parecia desenhar a minha silhueta. Os lábios deixando os meus tremendo e emitindo ruídos de desejo seguiam molhados até meu queixo, em seguida para o pescoço, declinando.

Arfei na expectativa do percurso e um gritinho abafado escapou com sua boca sorvendo meu seio numa gula deliciosa. Seus dentes se fecharam no bico rígido e deu aquela puxada, não muito indolor, quando suas mãos apertaram meu quadril e seus polegares invadiram o elástico da minha calcinha e correu entre meus lábios o desejando, acariciando meu clitóris.

— Não posso esperar mais, não posso. — Arrancou a toalha revelando seu pênis ereto, arfei maluca de tesão descendo uma mão pelo peitoral esculpido e todo arrepiado, acariciando com ele gemendo, arqueando a cabeça levemente para trás, curtindo minhas carícias.

E quando cheguei ao membro dele pulsando de tão duro, fechei minhas mãos ao redor o fazendo balançar.

— Que mão gostosa! — Gemendo e tremendo todo, rosnou entredentes e veio com tudo atacar meus lábios, abusando de cada centímetro com a sua língua exigente. Eu deixei seus lábios, correndo minha língua, traçando uma linha de beijos pelo abdome cheio de gomos, que amava. De joelhos, circulei a ponta da língua na glândula, brilhando de tão inchada, antes de envolvê-lo entre meus lábios. — CARALHO DE BOCA DELICIOSA! — rugiu ele levando as mãos nas laterais de minha cabeça e arqueando o quadril, fazendo eu engolir o que deu. — Oh... — gemeu quando cravei meus dentes, sem

machucar, e comecei a saboreá-lo deslizando a ponta da língua em toda extensão, da glândula à base e vice-versa, alternando com beijos e mordidinhas leves nas bolas, o provocando, o levando a estremecer sem controle. — Você nunca se esquece de como eu gosto! — sussurrou em êxtase, com ele entrando e saindo da minha boca. E comecei a acelerar, sentindo as veias saltadas.

— Senti muita saudade dele, Ma! — confessei o sugando todo e pressionei meus lábios fortemente ao redor, enquanto massageava as bolas o fazendo soltar um gemido intensamente, enlouquecido de tesão.

Enrolando meus cabelos em suas mãos, me levantou atacando meus lábios num beijo feroz com total posse, com seu pau encaixado em meu núcleo com fortes contrações, um total tsunami.

— Eu preciso saborear você também! — reclamou bruto e me virou de costas para ele.

Segurando no cócs da calcinha, arrancou do meu corpo fazendo dela apenas um inútil pedaço de pano. Com as mãos na parede, para me equilibrar, inclinei oferecendo a facilidade imposta, quando senti os lábios molhados e grossos pelas minhas costas, enquanto uma de suas mãos veio com urgência à minha vagina necessitada, totalmente excitada.

— Você é minha, Carol! — sussurrou no meu ouvido, com seus dedos escorregando no meu clitóris latejando. Estava pronta para recebê-lo, quando penetrou o dedo duramente, me arrepiando da cabeça aos pés e retirou. — Quero que sinta e aproveite cada momento de prazer absoluto. Eu te amo! — E penetrou novamente na mesma intensidade, caindo de joelhos e abrindo minha bunda.

Nossa, ele nunca abriu a minha bunda daquele jeito! E me enlouqueceu descendo a língua para a minha vagina, subia também para meus ânus, dando

um trato como nunca fizera antes. Delirando de desejo, eu não aguentava mais esperar.

— Eu quero você, agora, Marcelo! — implorei sem fôlego, desesperada para tê-lo dentro de mim.

Ele se levantou.

— Você me quer? — perguntou provocativo, passando a cabeça do pau lentamente na região com fortes contrações, fazendo-me viajar.

— Aham, muito, muito... — Completamente sem ar, empinei a bunda e abri as pernas deixando tudo exposto para ele, que rugiu desesperado, encaixando-se na porta do meu prazer. Fechei meus olhos, ansiosa para receber seu membro no meu mar com ondas revoltas.

Segurou firmemente meu quadril e sem dó nem piedade empurrou de uma só vez, me penetrando profundamente. Mordendo meu lábio, soltei um gemido alto, vendo estrelas literalmente, ouvindo o som escapando entredentes de prazer.

— Você é tão perfeita! — elogiou fodendo com vigor. Em seguida, pressionando meu corpo contra o dele completou ofegante, ensandecido de apetite sexual: — Delícia demais, gostosa! Não sabe o quanto eu te desejo!

Sentia seu pau crescendo em meio as minhas contrações internas com os espasmos se aproximando. Apaixonada, movi meu quadril contra o dele, sentindo a penetração mais profunda, arrancando um gemido animal de seus lábios. Curvou colocando seu peito quente e úmido pelo suor em minhas costas, fechei meus olhos em um mar de sensações, sentindo seus batimentos cardíacos.

— Nunca esqueci este seu cheiro. — Segurando no meu pescoço, puxou aspirando perto do meu ouvido e a outra mão mergulhou em meu clitóris, estimulando-o ainda mais, movendo deliciosamente forte. Trepidei de emoção, excitação, tudo... — Dormia com o meu subconsciente projetando o

som de sua respiração — declarou num sussurro incendiário e beijou o lóbulo da minha orelha, movendo mais lentamente, levando-me ao ápice do prazer. Mais dois movimentos e eu gozaria. — Garota nenhuma foi capaz de me fazer sentir assim — aprofundou rosnando.

Uma onda de tesão violento percorreu meu corpo, enlouquecida pelos espasmos, estiquei meu tronco, levando minhas mãos para trás, até a sua nuca, agarrando as raízes dos seus cabelos com ele ali, ofegantemente, desesperado me masturbando com os dedos mágicos, me fodendo gostoso.

— Ah! — gritei no meu limite. — Ficar sem você foi o maior sacrifício da minha vida. — Pausei com mais uma estocada, daquelas de sacudir o corpo, ouvindo sua respiração densa no meu ouvido. — Tentei me convencer de que você não era homem para mim. E fracassei, sorte minha. Agora eu entendo as minhas rendições aos seus ataques como força da minha intuição. Como você disse: a minha alma não se confundiu, ela sempre soube o quanto você é especial, amor! — A frase despertou nele um tremor intenso. Beijando meu pescoço, ouvido e sussurrando palavras doces em meu ouvido, ele tremeu mais intenso. Rosnei, sentindo as contrações, e então todo aquele jato de realização detonou em meu interior.

Atingimos o clímax juntos.

— Ah, linda! — cochichava com a língua deslizando em meu pescoço. — É maravilhoso te amar.

Alguns segundos engatados, esperando o equilíbrio do corpo, ele saiu de dentro de mim, me virando de frente e moldando meu rosto entre as mãos grandes e ainda muito trêmulas. Lindo!

— Está mesmo disposta a enfrentar a guerra que virá? — A voz rouca e tristonha perguntou ofegante, imerso à dúvida.

— A gente vai ficando, e tentando, Marcelo. Sem compromisso de futuro. Seus olhos marejados vasculharam meu rosto.

— É justo a gente viver o hoje, porque você é o homem da minha vida. Seria injusto deixar este nosso amor terminar por erros dos outros.

Assentiu, concordando. Pegou o meu vestido e a toalha no chão e, em seguida, me carregou.

— Independente do final, você será sempre a minha mulher, a única que fez meu coração sorrir, amar. — Caminhou comigo em direção ao corredor, que eu supunha ser dos quartos. — Eu quero mais de você, e aqui na sala podemos ser flagrados!

Estabeleci com seus braços enlaçando ao redor do meu pescoço.

— Ma, a Yasmim sabe que você não é pai dela? — perguntei com ele se posicionando em frente à porta e solicitou para abrir a porta do quarto.

— Não! Por segurança deixamos ela pensar que eu era o pai dela — respondeu entrando comigo no ambiente simples: piso de taco como o corredor, uma penteadeira de madeira escura e uma cama de casal ao lado de uma porta que deduzi ser do banheiro. — Mas combinei com a Jussara contar assim que ela estiver mais mocinha.

Beijou meus lábios, jogou-me sobre o colchão e veio por cima, me beijando muito gostoso.



Capítulo Ninte

MARCELO

A decisão de partir definitivamente fracassou com a sua proposta, estar com ela em meus braços era como morar no paraíso. Exatamente onde queria fixar moradia, neste lugar encantado, mágico. Abarquei mais seu corpo, úmido pelo suor, mantendo-a bem perto de mim e beijei o topo de sua cabeça.

— O Cauã me contou que não pretendia mais voltar. — O fio de voz embargada saindo de seus lábios interrompeu meus pensamentos, fechei meus olhos inspirando longamente antes de responder, experimentando o calor do seu hálito em meu peito.

— Não partiria sem antes de falar contigo. — Sorriu chateado. — Eu queria tanto ter o poder de apagar o passado! — A frase saiu quase em um sopro, aquele aperto medonho no peito me sufocava de verdade.

Ela notou, senti seu corpo estremecer em meus braços. Ergueu a cabeça, aquele olhar suplicante não disfarçava o nervosismo.

— Não tome mais nenhuma decisão sozinho, Ma! Por favor... Aceite a minha sugestão, dando tempo ao tempo sem pensar como tudo vai terminar. Quem sabe a gente encontra um meio-termo. Eu sou completamente apaixonada por você, agora ainda mais...

— Largaria todos por mim? — Precisava da resposta, aprisionando seu olhar, que desceu duvidoso.

— Preciso respeitar o tempo do meu pai — murmurou ela e voltou a me fitar, deslizando os dedos de maneira delicada pelo curativo, desgostosa. Com toda minha concentração nela, a dor se tornou supérflua — Vamos ficando, vai! Curtindo...

Grunhi, rindo, compreendendo-a completamente.

— Está ciente da violenta tempestade vindo por aí, né?

— Está falando do Tiago, não é mesmo?

Assenti e levantei um pouco a cabeça, beijando embaixo do seu queixo, passei a língua na pele macia.

— Meu irmão vai causar, tenho medo do sentimento que ele possa desenvolver por você.

— Desde que seja com você por perto, estou preparada para tudo.

— E ainda preciso passar uma temporada escondido — alertei todo arrepiado, desejando-a novamente e moldei sua cintura, trazendo-a para cima do meu corpo.

Ela moveu a cabeça afirmativamente. Enquanto eu corria minha língua ao redor dos lábios grossos, encaixei meu pau em seu centro quente escorregadio; agarrando seu quadril, penetrei-a, preenchendo-a deliciosamente, gemendo apaixonado. Ela prendeu a respiração tremendo totalmente, linda!

— Oh! — rosnei arqueando o quadril, aprofundando o máximo. — Se tem coragem, então vamos viver este nosso amor em meio ao tornado, Carol! — sussurrei em sua boca. — Há muito sentimento pulsando dentro do meu peito. — Apertei-a para baixo, penetrando com tudo, ela gritou abafado, maravilhada. — Está sentindo como tudo em mim pulsa por você?

Ela assentiu me beijando, começando aquele movimento de cavalgar fantástico quando ouvimos barulho de maçaneta de porta e, em seguida, um estalo baixo, tipo arrombamento de porta.

Segurando o quadril, impedi-a de mover-se, atento ao barulho.

— Tem algo errado. — Deitei-a na cama e levantei a seguir com o olhar fixo na porta do quarto.

— Ai! — ela se contraiu de dor com a mão na bacia do lado direito.

— Você está bem? — Regressei à cama, preocupado.

— Sim, sim... — disse num resmungo. Lancei meu olhar desconfiado, ela grunhiu rindo. — Não, não estou grávida, se esta é sua preocupação. Menstruei. Eu acho que dei mal jeito na bacia, vira e mexe vem esta dorzinha nesta região. Mas já passou — garantiu com a expressão relaxando.

Apreensivo, corri para pegar o celular no bolso da calça moletom sobre a velha penteadeira de madeira escura, e verifiquei o sinal. Nada.

— Droga! — praguejei, sendo tomado por um frio agudo e respirei fundo com uma preocupação latente. Mil preocupações circularam pela minha cabeça. Só conseguia pensar na segurança da Carol, dona Esmeralda dormindo, e as duas lá no hall. Numa rápida medida de segurança, vesti a calça e, em seguida, catei o vestido dela no chão, jogando sobre ela ali na cama. — Se vista rápido, Carol.

— Tá! — Assustada, não questionou, apenas obedeceu.

— Shhh... — Levei o dedo indicador sobre os lábios, invocando seu silêncio.

Não ouvia barulho quando lentamente abri a porta do quarto, só que a minha percepção indicava a presença indesejada no pequeno apartamento. Observei antes de sair no corredor. Averiguando não ter ninguém, dei sinal com a mão para a Carol ficar no quarto. Irredutível, ela negou veementemente de cabeça.

— Não vou te deixar sozinho! — sussurrou convicta. Já a conhecia e também não havia tempo de argumentar. Caminhando no meu passo em direção à sala, Carolina me seguia. Ambos pisávamos quase nas pontas dos

pés sobre o piso de taco de madeira evitando ruídos para não despertar a atenção de supostos invasores. Parei em frente ao quarto da dona Esmeralda e girei a maçaneta, porta trancada. *Ufa!* Respirei aliviado.

— Dona Esmeralda? — cochichava com os olhos no fim do corredor. — Dona Esmeralda?

— Sim. — A voz sonolenta chegou em nós.

— Não saia do quarto, nem abra a porta para ninguém, entendeu?

— Mas e a Jussara, a Yasmim? — cochichou de volta num fio de voz apavorado.

— Vai ficar tudo bem, não saia! — ordenei e seguimos pelo corredor. No final tínhamos a visão do aparador velho de madeira, como toda a decoração do pequeno apartamento, na parede da porta da cozinha. — Precisamos chegar ao telefone fixo. — Apontei para o aparelho cinza sobre o móvel.

Atento, não ouvimos ruídos e entramos na sala e logo de cara fomos surpreendidos com um homem vestindo calça e camisa social preta, usando uma máscara com rosto de idosa, aliás a máscara humana com os cabelos brancos espessos era ultrarrealista.

Ele estava sentado no sofá ao lado da bolsa aberta da Carol e estava com uma arma em punho, apontando para nós.

— Marcelo D'Ávila! — O tom abafado saiu de dentro da máscara em tom de deboche. — Carolina Uchoa! — Dizendo o nome dela, ele se levantou caminhando em nossa direção.

Peguei a mão da Carol, puxando-a para trás. O homem ria se divertindo.

— Achou mesmo que sairia ileso após registrar a minha filha como sua? ROUBOU A MINHA FILHA! — vociferou retirando a máscara, se revelando. Não tinha cabelo louro, mas era quase louro, castanho bem claro, com os olhos puxados. Havia muitas cicatrizes na pele branca lisa, indicando que o cara curtia uma luta corporal.

— Eu dou outro nome ao que você chama de roubo.

Ele arqueou as sobrancelhas, interrogativo.

— Doe amor e proteção.

Ele riu indignado com um sofrimento vago.

— Não estou acreditando que estou ouvindo tal absurdo. — Os olhos assumiram um vermelho assombreado ao travar o maxilar, apontando a arma para minha testa e engatilhou. Arqueei, ajeitando meu corpo para servir de escudo à Carol atrás, suas mãos espalmadas em minhas costas. — Então, está me dizendo que você se acha superior? Acha que não tenho capacidade de amar e proteger a minha própria filha? — desafiou comprimindo o dedo no gatilho.

— Por favor, não! — Desesperada, as mãos frias e trêmulas da Carol deram a volta pelo meu abdome e se fecharam nele.

— Tem que concordar comigo que um homem que bate numa mulher, não tem nada de protetor. Na verdade, é um covarde! — Deixei escapar, provocando a fúria do homem, um perigo, admito, com ele armado.

Ele acenou de cabeça impaciente.

— E você acreditou no relato da vagabunda da Jussara? É balela — zombou. — É um estúpido mesmo! Ela é mulher da vida e mereceu cada corretivo!

— VOCÊ É UM CRETINO, FABIANO! — gritou Jussara o interrompendo. Ela mostrava uma expressão de puro ódio ao ouvir as injúrias.

Um homem alto e robusto, com a cabeça coberta por uma meia-calça de mulher saía pela porta da cozinha, uma mão fechada ao redor do braço de Jussara e a outra carregando uma arma em punho, apontando para a lateral do corpo dela, sobre suas costelas.

— Não sei por que não lavei sua boca com ácido quando tive a chance, por dizer estas barbaridades a meu respeito. EU TE ODEIO! VOCÊ NÃO VAI LEVAR A MINHA FILHA, NÃO VAI! Me larga! — Ela se debatia tentando se libertar, ignorando o cano cravado na sua pele.

Ele riu, provocativamente maldoso.

— Nossa filha, você quer dizer?

— NÃO! — gritou em prantos. Tocado pelo meu instinto de defesa acionado, avancei sobre o bandido sem pensar nas consequências.

— MARCELO! — suplicou Carol angustiada, estendendo os braços para tentando me deter.

— NÃO SE ATREVA! — gritou o comparsa cravando o cano na fronte da Jussara.

Parei observando a situação de risco, ofegante.

— Tenho que admitir que você é bem corajoso, mas para trás, vamos! — ordenou Fabiano sacudindo arma. Prudente, eu recuava. — Não estou aqui para confabular, vim buscar a minha filha e já que seu anjo de guarda se intrometeu nos meus planos, eu vim matar você pessoalmente, seu retardado, metido a empresário. Ninguém neste mundo pode me passar a perna. Ficar com a ordinária da Jussara você poderia, mas não roubar a minha filha.

— PARA LEVAR A MINHA FILHA TERÁ QUE ME MATAR! — contrapôs Jussara impulsionando o corpo, e o marginal a segurou com força.

— Quietinha aí, mulher! — advertiu-a.

— Se for necessário, será por cima do seu cadáver. Então, colabora! — Os olhos diabólicos de Fabiano demonstravam que ele não estava brincando.

Perambulava meus olhos, analisando cada movimento, fazendo o cálculo, e achei um espaço de segurar em seu pulso e erguer. Com certeza tiraria o revólver de sua mão, mas não achei apropriado colocar em risco algumas das meninas. E decidi barganhar.

— Eu assumo toda e qualquer responsabilidade! — comecei meu jogo. — A Jussara recusou até onde ela pôde a minha insistência de casar com ela apenas para dar meu nome à Yasmim. Portanto, eu armei toda a farsa, o acerto de contas deve ser comigo. Solte as mulheres, deixe-as ir.

Enquanto debatíamos, a Jussara olhava para trás, no interior da cozinha, notei sua intenção de encontrar uma brecha para correr e ir atrás da filha.

— Merece uma bala na cabeça por ter empatado a minha vida. Você não tinha absolutamente nada de se meter nela.

— Mãe, mãe! — Ouvimos a voz chorosa da Yasmin vindo da cozinha.

— Volta aqui, garota! — Outra voz masculina e estrondosa indicou que estava atrás da Yasmim.

— FILHA! — berrou Jussara. Seu instinto de mãe protetora falou mais alto, ela virou de frente para o bandido acertando uma joelhada no saco dele, que soltou um gemido pavoroso de dor a libertando, antes da arma cair de sua mão, um tiro foi disparado, acertando a coxa do Fabiano, que, após ser atingido, apertou o gatilho, e mais um tiro foi deflagrado.

— Ai! — Carol gritou agudamente.

Desesperado, esqueci dos homens e virei-me deparando com uma mão no ouvido e a outra esfregando a lateral do quadril de cima a baixo.

— Você está bem, querida?

Ela assentiu convincente.

— Eu me assustei com o barulho!

Com o bandido perto da porta, curvado com as duas mãos agarrando as bolas e gritando de dor, e o Fabiano encolhido no chão com as duas mãos comprimindo sua perna ao redor de ferimento, também se contorcendo e chorando, aproveitei para correr e pegar a arma caída no chão.

— Mãe! — Yasmim correu para os braços da mãe, logo o terceiro bandido entrou desarmado. Apontei-lhe o revólver e ele levou a mão no cós

abaixo da camisa preta.

— Se eu fosse você, não faria isso! — avisei engatilhando. Sem perder o contato visual comigo, ele ergueu as mãos. — AFASTE-SE! — ordenei.

— Precisa tentar sair do prédio e avisar a polícia, Jussara. — Coordenei percorrendo os olhos, atento aos três delinquentes. Ela ameaçou sair com a Yasmim. — Sozinha, pelo que estou entendendo, estamos cercados de bandidos.

— Vem com a vovó, Yasmim. — Com os olhos estatelados e cabelos desgrenhados, chamou dona Esmeralda, surgindo no corredor

— Vem, querida! — Carol foi até as duas, pegando a Yasmim no seu colo ela correu para o corredor. As três entraram no quarto que dona Esmeralda dormia e se trancaram a chave.

Jussara saiu pela porta da cozinha em desatino.

— AH, GRAÇAS A DEUS VOCÊS CHEGARAM! — Ouvi a voz da Jussara. — O FABIANO E SEUS COMPARSAS ESTÃO LÁ DENTRO. — Respirei aliviado quando o Luiz Cláudio, o investigador, surgiu pela mesma porta que Jussara saiu com arma em punho, e no mesmo instante a porta social foi arrombada, com mais policiais fardados invadindo o recinto e dando ordem de prisão aos meliantes.

— Pegamos você! — Orgulhoso, Luiz Cláudio pegou o braço do Fabiano o levantando do chão. — Desculpa a demora, Marcelo. É que estes idiotas usavam moradores como reféns nas entradas principais do prédio, e assim atrasou nossa entrada — explicava o investigador colocando as algemas no Fabiano. O homem valentão chorava como um bebezão de dor na perna, minando sangue.

— Foi por pouco — disse ainda com o coração a mil.

— Chame a ambulância — mandou Luiz Cláudio, sendo atendido prontamente e voltou ao tal Fabiano com um olhar provocativo. — Só mesmo

um problema pessoal para tirar você da toca, não?

Fabiano apertou os olhos o fuzilando.

— Tenho que parabenizar pelo primeiro e único acerto dessa corporação de merda! — rebateu em ataque.

— O merda aqui é você, meu caro! — disse debochando. — Achou mesmo que aquele disfarce de velhinha colou? Amador demais. — Fabiano revirou os olhos, arredio. — Não é tão esperto como acreditava, não acha? Foi ingênuo. Como o maior traficante de armas e drogas entre EUA e Brasil não desconfiou que estávamos em campo, prontos a efetuar a sua prisão?

E lançou um olhar agradecido em minha direção.

— E pior, foi desarmado por um civil inexperiente. — Balançava a cabeça estalando a língua, tirando uma da cara do homem.

— VAI SE FODER, INVESTIGADOR! — praguejou antes de ser entregue aos socorristas que acabaram de chegar.

— Onde estão a menina, dona Esmeralda e a senhorita Carolina? — perguntou o investigador.

— Seguras, trancadas no quarto — falei seguindo para o corredor. Ele e a Jussara me seguiram. — Carolina, pode abrir a porta, a polícia chegou e está tudo sob controle.

— Carol, minha filha, pode sair daí, a polícia já chegou! — Ouvimos a vozinha da dona Esmeralda.

— Eu não consigo me mexer. — O tom sufocado da Carol identificava dor. — Preciso de ajuda.

— Meu Deus, dona Esmeralda, abre logo esta porta! — Arrepiei-me já querendo arrombar.

— Vovó, o que está acontecendo? Yasmim? — Jussara berrava também quando a porta se abriu.

— Cadê as duas? — perguntei já invadindo o dormitório mais espaçoso do apartamento, de decoração simples: uma penteadeira similar à que possuía no quarto ocupado por mim. Um espelho quadrado na parede à frente, um armário na parede da porta do banheiro e uma tradicional cama alta de ferro, cuja colcha estampada estava levantada, dando a visão da Carol deitada como concha sobre a Yasmim, protegendo-a. Me desesperei ao notar no chão um rastro de sangue.

— Vou tirar vocês daí, queridas! — prometi correndo e caí de joelhos no chão quando o investigador me bloqueou.

— É melhor não tocar nela! — alertou prudentemente.

— Ela está chorando, papai — contou Yasmim na sua inocência, embaixo dela.

— Está tudo bem, lindinha! — pronunciou Carol num fio de voz seguido de um gemido. — Grita se eu estiver esmagando você, tá? — Meus olhos se encheram de lágrimas com a forma carinhosa e preocupada ao qual ela se dirigiu a Yasmim.

Minha Carol era especial, esta era ela. Não havia como não a amar.

Jussara também se emocionou, rindo em meio as lágrimas. Impaciente, ela foi para tirar a filha, o investigador a impediu.

— Espera! — aconselhou rapidamente lançando um rápido olhar para mim. — Me ajude a erguer a cama, Marcelo — instruiu ele, já se posicionando nos pés da cama e eu ao seu lado, a erguemos a colocando em pé, apoiada na parede e caí de joelhos perto das duas.

— Você foi atingida, meu amor! — Agoniado, passava a mão por seus cabelos e observando o pouco sangue correr do quadril ao piso de taco.

— Eu acho que sim, estou sentindo uma ardência, e o pior, é bem na região que venho sentindo dores.

Beijei o topo de sua cabeça.

— Não toque nela, chame os socorristas, por favor — solicitou o investigador.

Imediatamente corri, obedecendo.

Após a avaliação no ferimento da Carolina, os socorristas nos deram a feliz notícia de que o tiro a atingiu de raspão. Uma felicidade imensa, embora a dor nas costas que vinha à frente, na mesma região que ela havia reclamado, persistia. Eu e a dona Esmeralda, que se recusou a deixá-la, a acompanhamos no transporte até à emergência do hospital.



Entramos com ela na emergência; ao seu lado, na maca, segurava sua mão gelada, resmungando baixo.

— Que Deus a abençoe, minha filha! — desejou dona Esmeralda chorosa, notando que não era capaz de acompanhar, devido aos seus passos lentos. E ficou para trás.

— Ei, minha pequena. Vai ficar tudo bem, meu amor. — Carol sorriu, contraindo o rosto de dor. — Eu lhe prometo.

— Poderia aguardar aqui fora, por favor! — solicitou o médico quando chegamos ao final do corredor frio, e a porta automática detectando nossa presença se abriu.

Assenti trazendo sua mão aos meus lábios.

— Eu não vou arredar o pé daqui, viu? Estarei bem aqui esperando por você.

Ela sorriu entre os lábios comprimidos.

— Ma, eu preciso da minha família aqui comigo! — rogou num fio de voz, envergonhada. — Por favor, avisa minha mãe e o Gui.

Sorri compreensivo, sem julgá-la em nenhum momento. Independentemente da atitude da sua mãe, a Carol teve uma boa base, um porto seguro, uma família de verdade que lhe proporcionou toda segurança. Eu não estava apto e nem queria destruir esta união entre eles. Afinal de contas, sempre admirei esta união e paixão familiar. Talvez este tenha sido o real motivo por não conseguir odiar o meu pai. Recebi tudo isto também.

— Estou ligando neste segundo para eles — prometi sob um sorriso de aprovação. Um gesto que foi capaz de amenizar sua expressão de angústia. Chorando agradecida, ela mandou um beijo estalado, e entraram com ela em seguida.

— Sente-se aqui, dona Esmeralda! — Acomodei-a na poltrona de couro branca fixa na parede.

Eu sequer repensei na possibilidade, apenas corri pelo corredor quando avistei o Luiz Cláudio vindo por ele.

— Poderia emprestar o seu celular para ligar para a família da Carol?

— Claro que sim — disse ele já retirando o aparelho do bolso da camisa branca e me entregando. Afastei para fazer a ligação. Contei a dona Viviane por cima o ocorrido e dei-lhe o endereço do hospital em seguida. A próxima ligação foi para o meu irmão, narrando o ocorrido, e voltei para conversar com o investigador.

— As meninas... — comecei e ele estendeu a mão se adiantando.

— As duas estão bem, e em segurança num hotel. Concentre-se apenas na Carolina.

Nervoso, embrenhei meus dedos pelos cabelos e archei, fitando o teto branco.

— Eu não acredito que a coloquei nesta situação de risco! — me punia.

Ele bateu levemente em minhas costas.

— O importante é que ela está bem. — Suas palavras de tranquilidade não me convenceram. E o encarei.

— Foi por pouco — ressaltei com aquele aperto enorme no peito.

Ele acenou de cabeça, ponderando.

— Acredito que ela seria envolvida, além da sua vontade — começou ele naquele suspense intrigante. Ergui as sobrancelhas interrogativo. — Já estávamos suspeitando que havia um delator dentro da corporação, pois o Fabiano estava sempre um passo à frente. Quando a Carolina me ligou pedindo para ver você, deveria ter negado, é claro.

Movi a cabeça, concordando.

— Deveria ser o óbvio — interrompi. — Afinal, passei seis anos escondendo, justamente evitando envolvê-la numa situação de perigo.

— Quando resolvemos acatar o pedido dela, a deixamos acomodada numa sala restrita por horas, tudo para garantir sua integridade. Já tínhamos certeza de que o sistema do programa havia sido violado, e que a sua localização já era conhecida. Montamos um cerco vendo de perto a farsa deles, tudo muito bem monitorado, inclusive a máscara de mulher idosa era uma cópia de uma das moradoras que saiu pela manhã para um tratamento. Só que ela não chegou a sair do hospital, permanece hospitalizada. Enfim... Demos espaço para ter certeza de que o Fabiano estaria presente, a célula de toda organização. Após a captura e interrogatório, constatamos que o Wesley, o seu primo, estava envolvido.

Torci a boca e apertei meus olhos, dubio.

— Ele quem passou a informação ao Fabiano sobre a paternidade e vocês estarem na fazenda.

Grunhi, balançando a cabeça sem entender.

— Mas como ele conseguiu esta informação. Fui tão cuidadoso, e...

— Eu sou a responsável, Marcelo — esboçou em prantos dona Esmeralda, chamando nossa atenção. — Ele é muito bom de conversa, me enrolou. Acabei soltando sobre a Jussara ter relacionado com um traficante.

Aproximei-me, agachando à sua frente e segurei em suas mãozinhas sobre o colo.

— Eu vi nos olhos dele a bondade como vejo nos seus, Marcelo — desabou a coitadinha.

Comovido, ergui o corpo a tomando em meus braços. Ela chorava desesperada em meu ombro.

— Eu sou uma velha imprestável, mesmo!

— Não, dona Esmeralda! Não. — Apartei segurando no rostinho amargurado.

— Ele estava na sua empresa com o seu irmão quando o prendemos. No depoimento, confessou que o empurrou para dentro da água.

Fechei meus olhos revivendo o terrível momento.

— Que filho da puta! — Levantei-me, incrédulo, revivendo o acidente. Ele deve ter me empurrado e trocou de roupa para não levantar suspeitas. Pois notei mesmo suas roupas secas quando fui resgatado com a Carolina. — Desconfiava que o ordinário queria roubar a fórmula de um medicamento revolucionário do senhor Gael, o pai da Carolina.

Ele meneou a cabeça em tom afirmativo.

— Está confirmado. Ele revelou sobre a tal fórmula e que você estava atravessando o caminho dele.

— E aí ele tentou me matar! — Ria sem acreditar que, embaixo do teto da minha família, estava um inimigo em potencial. Caí sentado na poltrona ao lado da dona Esmeralda, perplexo, e assustado pensando se o Tiago poderia estar envolvido. Vaguei meu olhar sem comentar uma só palavra, não podia levantar as suspeitas sobre o meu irmão, quando ele entrou na pauta.

— O cara é demente! — afirmou. — No depoimento, acusou seu irmão Tiago de fracassado.

Gelei com o início daquela frase.

— Que convenceu seu irmão que a compra de Uchoa era promissora, mas que somente você levou a melhor.

— Então, meu irmão estava leigo nesta história? — perguntei ainda indeciso.

— Completamente — afirmou ele me fazendo soltar o ar relaxando os músculos tensos. — Disse que somente você sabia da fórmula, e planejava ficar com ela.

— Eu vou matar aquele desgranhento, usou o meu mano! — Senti minhas mãos comicharem tamanha vontade de degolar aquele polaco doente de uma figa.

— Agora ele está atrás das grades — afirmou o investigador. — Vai precisar de um bom advogado.

— Se depender de mim, ele vai apodrecer na cadeia! — Saltei da poltrona balançando as mãos.

Precisava de mais relaxamento.



Vinte e Um

CAROLINA

O médico promovia leves pressões no lado direito do meu abdome, onde concentrava a dor, examinando longe do local do curativo onde a bala raspou levemente. Seus cabelos brancos como a neve, tão belo quanto seu rosto marcado pelo tempo, arremetiam ao meu velho querido e amado pai. De repente fui tomada pelas lembranças do presente: minha mãe, o senhor Ruan, a traição destes dois era de fato dolorosa. Como disse o Marcelo: “O ódio reinaria entre nossas famílias”. Concordava com ele, não seria nada saudável.

Como pude passar por cima de tantas qualidades do Marcelo, como? Sentia neste momento vontade de bater com a cabeça na parede, soluzei espontaneamente e o doutor notou.

— Nesta região a dor é maior? — perguntou ele concentrando as pontas dos dedos no lugar.

“Sim, doutor, mas a dor maior é no meu coração”, pensei num minuto reflexivo. Um sorriso especulativo brotou em seu rosto e dei a resposta esperada.

— Exatamente, ela ultrapassa para as costas — expliquei contraindo o rosto. Ele pausou o exame.

— Bem... — disse se virando e pegando o prontuário sobre uma mesa de rodinha no canto da maca. Seus olhos percorriam a folha. — Aqui está dizendo que sua menstruação está ok. — Voltou a mim. — Vamos fazer vários exames de sangue e imagem para ir descartando, mas adianto que está

com cara de ser apendicite. Vou pedir sua internação para a realização de um ultrassom — informou ele, fazendo anotações e então chamou a enfermeira para dar prosseguimento.



— Onde está a dona Esmeralda? — perguntei assim que entramos no quarto. Sentia sua falta desde quando saí da emergência.

— A coitadinha estava exausta, recomendei ao Luiz Cláudio levá-la ao hotel onde estão hospedadas a Jussara e Yasmim — respondeu Marcelo enquanto eu movia meu corpo da maca para a cama.

— Elas estão bem? — perguntei aflita. Embora tenha feito de tudo para não esmagar a Yasmim embaixo do meu corpo, não tinha certeza se consegui.

— Estão ótimas, e mandaram um beijo enorme para você — informou ele ternamente, comovendo meu coração.

Enquanto a enfermeira terminava os procedimentos, entreolhamo-nos em silêncio, ambos sabíamos o que teríamos a enfrentar pela frente.

Bem, na verdade sentia um imenso medo; seus olhos e seus gestos diziam que ele estava na mesma sintonia.

Ele se deitou de frente comigo, quando a enfermeira saiu do recinto. Passando o braço por baixo do meu corpo e o outro por cima, me envolveu em seus braços, nossa comunicação permaneceu visual e, então, eu me apoiei no peito dele e permaneci ali, com uma confusão tremenda na cabeça, e notei-o distante.

— O que foi?

— Estou aqui pensando sobre a conversa com o Luiz Cláudio enquanto você era atendida na emergência.

— Me conta! — pedi. Ele narrou tudo em detalhes, inclusive do crápula do primo e seu receio quando o Tiago souber de tudo.

— Estou com tanto medo, sabia! — balbuciei fechando meus olhos com força, tentando não ver a imagem horripilante que a minha imaginação criava entre minha mãe e o pai do Marcelo. Era complicado conviver com isso. *Que merda!*

— Esquece tudo, meu amor! — exclamou me envolvendo ainda mais em seus braços e beijou o topo da minha cabeça. — A sua saúde é a coisa mais importante agora, depois a gente vê o que faz. — Sua voz era muito baixa, e eu me aproximei mais, necessitada de mais contato.

Levantei a cabeça buscando seus olhos, eles sorriram com cumplicidade.

— Você é a coisa mais importante, Marcelo — expus com o coração na mão. — A minha família é mais importante... todos vocês são meu alicerce.

Lindamente, ele assentiu ao meu desabafo e veio beijar a ponta do meu nariz antes de me fitar. Seus olhos apaixonantes, sedutores, passeavam pelo meu rosto e travou em meus lábios, trêmulos.

— Eu sei, Carol! — Curvou circulando a língua por ele e colocou sua testa na minha, ofegante. — Por isso omiti os fatos. Eu sei perfeitamente o valor da sua família na sua vida. Afinal, quanto mais importante as pessoas são para nós, mais elas podem influenciar. — Pausou para respirar profundamente e abriu os olhos com um sorriso divino no rosto. — Amar alguém tão iluminado como você é um privilégio. Não faz ideia do quanto é querida! — Beijou-me longamente e prosseguiu: — Independente da decisão tomada, gostaria que soubesse que o meu coração é a tua morada eterna!

O meu coração queimou de amor, alcançando a raiz da minha alma, levando toda melancolia embora.

— Ah, como eu te amo, Ma! — Segurei em seu rosto dando repetidos beijos, enquanto ele, agarrado em meu corpo, ria deslumbrado. Infiltei minha língua em sua boca, sendo bem recebida. Um beijo apaixonado, erótico, que transmitia dez milhões de sensações conflitantes.

— Em qual quarto está Carolina Uchoa? — Reconheci a voz aflita da minha mãe.

Olhando-me assustado, Marcelo saltou para fora da cama à medida que os passos pelo mármore se aproximavam do quarto.

— Filha! — Com os olhos cheios de lágrimas, ela sorriu soltando um suspiro aliviada quando abriu a porta de supetão. Logo atrás dela entrou meu irmão vestido todo de preto: calça e camisa. As profundas orelhas destacavam ainda mais os olhos verdes e inchados, indicando que chorou em demasia. Como a minha mãe, vestida numa calça jeans surrada e camiseta vinho, e cabelos desgrehados sobre os ombros, ela estava muito abatida, muito diferente da mulher extremamente organizada ao qual eu estava acostumada a ver. — Quase morri de preocupação quando o Marcelo me ligou. — Debruçou-se sobre a cama, fechando seus braços ao redor do meu corpo. — Meu Deus! O que foi que provoquei na nossa família, meu Deus! — dizia ela arrependida ao pé de meu ouvido.

Embora me sentisse protegida com seu abraço, não movi meu corpo porque estava sem coragem e nem vontade de abraçá-la.

— Eu ainda continuo engasgado. — Guilherme se manifestou parado perto da porta. A impressão que me deu era que ele evitava a proximidade com ela. Todos o olhamos. Ele fuzilou a minha mãe antes de travar seu olhar no meu. — Estou feliz que esteja bem, maninha! — A voz embargada cortou meu coração.

Estendi as mãos e ele veio rapidamente para meus braços. Ambos choramingamos, um no ombro do outro.

— Encontramos com o investigar lá fora, ele nos contou dos absurdos. E aquele idiota do Wesley querendo roubar a fórmula do nosso pai — comentou arqueando, segurando em meu rosto, beijou minha testa.

— Aconteceu muita coisa ao mesmo tempo — admiti buscando os olhos do Marcelo. Com as mãos no bolso da calça de moletom, ele sorriu e piscou com os dois olhos. “Eu te amo!”, articulei com os lábios.

“Eu te amo mais!”, articulou ele antes de dizer:

— A fórmula já está segura em seu nome e da sua irmã. Eu mesmo já providenciei tudo.

Guilherme não se conteve e foi abraçar o Marcelo.

— Seu pai não presta, mas você é o CARA! — dizia aplicando tapas leves nas costas do Marcelo, que desviou para a minha mãe um olhar acusatório de dar medo. Este sentimento pairando fazia do nosso futuro incerto, quase nulo.

— Eu nem sei como te agradecer, Marcelo! E como pedir perdão, pelo mal de contribuir para separar vocês dois. — Fechei meus olhos amargurada com as palavras da minha mãe. Tarde demais para um pedido de desculpas.

— Imagino o quanto custou para você assumir esta postura de super-herói, cara! — Aquelas palavras do Gui, batendo nos ombros do Ma, ecoando como elogio, diminuiu um pouco do meu dissabor. Todos se emocionaram na verdade, inclusive ele, e foi neste instante que a porta se abriu e os humores mudaram.

— O QUE VOCÊ VEIO CHEIRAR AQUI, SEU VELHO IDIOTA?! — Inesperadamente, e furioso, Guilherme explodiu e avançou sobre senhor Ruan, que carregava uma maletinha preta de couro dependurada no ombro, e pegou na gola da camiseta dele, que sem se abalar, enfrentava olhando diretamente nos olhos do Guilherme. Um homem bem resolvido e estiloso: usando calça jeans escura e uma camiseta de manga curta dobrada salmão mostrando a tatuagem colorida nos bíceps. Os cabelos ainda curtos, porém,

mais grisalhos, como sua barba mais longa, faziam dele um homem maduro e charmoso. Mudou muito pouco.

Apertei meus olhos com a comparação dos olhos. E balancei a cabeça para dissipar o que passava pela minha cabeça.

— Ei, larga o meu pai, seu maluco! — Tiago, muito elegante, vestindo um terno preto e camisa branca sem gravata, chegando ao lado da Susana, num vestido muito chique tipo envelope preto, correu para empurrar o Guilherme em defesa do pai.

Guilherme desequilibrou recuando, salvo pelas mãos da minha mãe em suas costas, evitando sua queda de bunda no chão.

— Você pirou, cara? — perguntou avançando.

Neste momento, Marcelo segurou em seu braço no ar, pronto para dar um soco na cara do Guilherme, que ainda se recompunha.

— Vê se acalma, Tiago — aconselhou Marcelo, sendo fuzilado pelos olhos verdes do irmão, possesso.

— E me larga, seu molenga! — Ele deu um tranco recolhendo o braço. — Eu não vou permitir que este panaca do Guilherme ameace o nosso pai.

Minha mãe lançou um olhar de súplica para o senhor Ruan, que assentiu de cabeça e respirou fundo, se colocando entre os dois filhos, em cada lado do seu ombro no peito arfante de cada um.

— Estou aqui porque tenho algo importante a revelar a todos vocês, principalmente a você, Guilherme — disse prendendo os olhos indignados do meu irmão. — Na verdade, eu e a sua mãe temos.

Ele evitava olhar para a minha mãe, ali com seus braços abraçada a si própria, e os olhos umedecidos.

— Você perdeu a noção de tudo, né, mãe? Acha mesmo que o trazendo aqui vai aliviar o seu lado? — revoltado, Guilherme ria histérico sacudindo a

cabeça. — Nunca vou perdoar você por ter traído o meu pai com este velhote idiota.

— Eita! — se pronunciou Tiago nada satisfeito com o rumo que levava a conversa. — Que história é essa de traição? — Ele juntava as peças do quebra-cabeça.

O senhor Ruan respirou consternado e, em seguida, oscilou os olhos aos filhos e estacionou em Marcelo.

— Não houve traição e é justamente por isso que estou aqui. Para colocar ordem nesta história mal explicada — começou.

Inalei ruidosamente o ar inflando meus pulmões, aquela frase soou como uma estúpida esperança. Mas alimentou meu coração atribulado. Notando a minha ansiedade, ele veio caminhando até a cama. Sorrindo arrependido, pegou na minha mão sobre a minha barriga.

— Você está bem, Carolina?

— Depois que o senhor terminar sua explanação, eu possa dar-lhe uma resposta definitiva sobre o meu diagnóstico.

Ele riu compreensivo e voltou ao Marcelo antes de prosseguir:

— Não houve traição alguma, meu filho!

Marcelo acenou de cabeça num momento conflitante.

— Minha mãe não mentiria! — rebateu convicto.

Seu pai baixou os olhos, suspirando, refletindo.

— Pelo amor de Deus, pai, não venha dizer que você traiu a minha mãe, por isso ela ficou tão triste daquele jeito? — Os olhos de Tiago minavam e foram à minha mãe. Ela entrelaçava os dedos, nervosa.

— Não, Tiago! — encorajou minha mãe tomando à frente. — Seu pai não traiu a sua mãe, assim como eu não traí meu marido.

Fechei meus olhos com as esperanças se avolumando dentro de mim.

— Eu e o seu pai tivemos um namorico escondido na adolescência.

E ela narrou toda a conversa que tivemos no quarto do meu pai que contei ao Guilherme depois, deixando Tiago, Marcelo e Susana perto da janela atentos e perplexos.

— Sua mãe não presenciou uma traição como ela te contou, Marcelo, e me fez afirmar sob ameaça de suicidar-se, caso eu revelasse a verdade. E todos nós sabemos que ela não brincava, era mesmo capaz. — O senhor Ruan se posicionou ao lado da minha mãe em sinal de apoio e deu seguimento a explicação: — O que ela viu foi apenas um abraço de duas pessoas com um problema comum e sério a ser solucionado.

— Exatamente! — afirmou minha mãe erguendo a cabeça, buscando equilíbrio. Ela segurava as lágrimas querendo explodir de seus olhos. — Quando eu me casei com o pai de vocês... — Ela fixou em meus olhos e foi para o Guilherme, que havia mudado de cor. Ambos já imaginávamos o que viria. — Eu estava grávida e escondi com medo e vergonha, meu pai me mataria se soubesse. — Era perceptível o movimento em seu peito quando focou no Guilherme.

Eu comecei a rir aliviada, aliás dispensava mais explicações, aqueles olhos tão semelhantes explicavam tudo.

— E antes de você nascer, não suportei esconder o segredo do seu pai. — Suspirou densamente antes de dar sequência: — Como não amar aquele homem extraordinário lá em casa? Ele não se importou, o recebeu com toda a alegria, o criou como um filho querido, né?

Em choque, a resposta do Guilherme foi fechar os olhos de imediato, com todos os olhares indo sobre ele.

— O problema era a minha consciência me cobrando a todo momento. Não conseguia conviver na mentira. Me fazia mal — seguiu ela explicando. — Perspicaz, recebi todo o apoio do seu pai a fim de procurar o Ruan e

revelar sobre a paternidade, como também aconselhou a esquecer este assunto, protegendo você da mágoa quando foi rejeitado.

— Eu a proibi de revelar sobre você, Guilherme — confessou o senhor Ruan revirando os olhos, e permaneceu com eles angustiados no teto branco por alguns instantes, antes de retornar. — Eu juro que não foi pela minha vontade, respeitei a imposição da minha esposa. Ela ameaçou contra a própria vida, caso eu deixasse este fato vir à tona, como expliquei. Eu a amava demais para perdê-la.

Guilherme enfiou os dedos pelos cabelos, nervoso.

— Me perdoa!

Marcelo grunhiu estupefato.

— Agora faz sentido você ter concordado com o valor que me propus a pagar pela Uchoa.

Ele assentiu.

— Estava ciente de que o Guilherme precisava de uma guinada na vida profissional, por isso aceitei com muito gosto — confessou causando uma crise de choro na minha mãe.

Guilherme e Tiago ficaram paralisados, um olhando para o outro com aqueles olhos idênticos. E o Marcelo veio se sentar ao meu lado na cama, pegou na minha mão levando aos lábios, e ficou com ela ali. Estávamos tremendo de emoção com aquela revelação toda, ela resumia a nossa vida. Dava abertura para um futuro, que não acreditávamos mais.

— Me desculpa, Viviane! — A sinceridade do senhor Ruan tocou a todos ali presentes. Ela assentiu olhando para o Guilherme, ele evitava olhando para o chão. Então, o senhor Ruan focou nos seus filhos. — Me perdoem por tudo. — Abriu sua maleta tirando de lá uma pasta e estendeu na frente do Guilherme, que pegou resabiado, olhando em seus olhos. — Desde o momento em que sua mãe revelou sobre eu ser o seu pai, já o considerei

como filho legítimo. Acompanhei cada passo seu, tudo. A minha viagem foi justamente para preparar este testamento. É meu filho e tem o mesmo direito do Tiago e do Marcelo.

— Ruan! — Minha mãe desabou e Guilherme, ainda digerindo, seguiu para a janela e permaneceu ali, ao lado da Susana, contemplando a paisagem iluminada de São Paulo.

Ruan veio até o Marcelo, beijando-lhe a testa e, em seguida, curvou sobre mim dando um beijo na minha.

— Além de um covarde, eu fui mesquinho com você, meu filho. — Ruan batia no rosto do Marcelo, imerso em arrependimento. — Mas eu não podia quebrar a promessa que fiz à sua mãe. Eu não podia!

Marcelo o puxou para um abraço e os dois permaneceram juntos por alguns instantes. E quando ele se aproximou do Tiago, foi rejeitado.

— Espero que um dia você possa me perdoar, filho!

Sem uma manifestação do Tiago, ele acenou e caminhou em direção a porta e saiu.

— P-prenderam o Wesley hoje lá na D'Ávila — Tiago gaguejou totalmente fora de órbita.

O Marcelo pausadamente o colocou a par.

— CARALHO! Só merda hoje... — praguejou desnorteado e girou o corpo, travando a mandíbula ao notar Susana dando um abraço no meu irmão.

Eu vi como consolo, mas o Tiago não, seus olhos verdes, tão iguais ao do meu irmão brilharam perigosamente antes de agir.

— Você pode ter levado uma fatia da minha herança, mas a minha mulher você não leva não. — Pegando no braço da Susana, arrastou-a pelo quarto em direção à porta.

— O que é isso, Tiago? — ela reclamou quando o Guilherme foi para cima. Minha mãe bloqueou seu caminho e se colou à frente dele, espalmando sobre seu peito num movimento acelerado.

— Não, Guilherme! — Hesitante, ele obedeceu observando o casal sair discutindo.

Marcelo curvou-se sobre mim na cama, passando seus braços ao redor do meu corpo e colou ao dele. E ali, chorávamos de alegria e das grandes, envoltos num brilho radiante. Enquanto as lágrimas para nossos irmãos tivessem um significado de confusão em busca de um equilíbrio emocional, para mim e o Marcelo elas aumentavam a sensação de felicidade, diminuindo a dor que vivemos por tanto tempo em nossos corações ali unidos, acelerados, como se batessem no mesmo ritmo.

Guilherme e minha mãe vendo nosso desabafo, foram se retirando do quarto. Ficamos abraçados por um tempão. E muito, muitíssimo emocionados até sermos interrompidos pela enfermeira.

— Vamos ao exame de ultrassom? — perguntou ela encostando a maca ao lado da cama.

Quando entramos na sala do ultrassom, o médico, que iniciou meu atendimento na emergência, estava em frente ao monitor.

Ele posicionou a maca em que eu estava ao seu lado e já aplicou o gel em minha barriga. Marcelo se acomodou na cadeira no fundo da sala espaçosa à meia-luz e começou o exame.

Eu torcia para não ser apendicite, e não era.

— Hum... Não há sinal de apendicite, porém tem pedra aqui na vesícula — falou ele. Eu e o Marcelo nos entreolhamos, preocupados.

— Como assim? — perguntei com um gelo na boca do estômago de medo.

Alguém bateu à porta antes dele continuar a explicação.

— Só um minuto que já conversamos — pediu ele enquanto uma enfermeira entrava com um envelope em mãos e o entregou.

— Aqui está o exame Beta-HCG que o senhor solicitou com urgência.

— Obrigado — agradeceu.

Ela saiu da sala rapidamente.

Naquele momento, eu já estava congelada de nervoso. Ele abria o envelope e torceu a boca, numa expressão corporal que não entendi.

— É o seguinte... — Olhou-me. — Dentro da sua barriga temos uma pedra, mas, pelo exame do seu Beta-HCG positivo aqui — ergueu o papel e balançou no ar —, tem também um Pedrão! Bem, no sentido figurado, pois ainda é cedo para saber sexo.

Meu coração deu um salto tremendo em meu peito, quase não conseguia respirar.

— Como assim, tem um bebê na minha barriga? — Fiquei em choque, minhas mãos ficaram trêmulas, Marcelo fitava preocupado e eu não sabia o que pensar ou dizer. Levantou às pressas e veio segurar a minha mão. Rapidamente aquela sensação súbita de temor foi substituída pela calma quando senti seu contato.

— Isto é um problema, amor? — ele perguntou sob uma respiração acelerada. Eu sacudia a cabeça rindo, mas querendo chorar. E era de emoção.

— Não, meu amor! — Puxei-o para mais perto. Seus lábios encostaram nos secos meus. — Não mais... — meu sussurro trêmulo foi tão baixo que nem eu mesma ouvi. — Grávida, eu não acredito!

— Sim, amor, nós estamos grávidos! — Ali curvado, repetia em meus lábios, afagando meus cabelos na lateral da cabeça.

— Vou deixar vocês a sós por um instante. — Respeitando nosso momento, o médico se levantou, chamou a enfermeira e ambos se retiraram

da sala. E o Marcelo deitou comigo e nos abraçamos, um olhando incrédulo para o outro.

— Eu descuidei um pouquinho, Marcelo!

— Não, meu amor! Sabe o que eu acho? — perguntou ele com os olhos imersos em lágrimas.

— O quê? — perguntei esfregando a ponta do meu nariz no dele.

— Que a gente merecia esta felicidade depois de tudo. — Assentia com sua mão descendo entre nós, acariciando meu ventre. — Foi um presente! O Pedrão veio num ótimo momento.

— Não sabemos se é Pedrão! — interrompi-o simulando cara de brava e ele riu gostoso, voltando a me abraçar reconfortante.

— Não importa se é o Pedrão, se é a Maria... O importante é que ele veio como uma bênção em nossa vida num momento complicado. Eu tenho convicção de que ele ou ela será a união da nossa família.

Ria, concordando e nos beijamos.

— Que venha lindo, maravilhoso e cheio de saúde.

— Eu estou amando ser pai — sussurrou pausando o beijo.

— E eu, mãe — sussurrei de volta.



Na sequência, saímos do ultrassom feliz da vida e retornamos ao quarto. Minha mãe era a única pessoa no ambiente, de costas para a porta, de frente a janela; pensativa, ela contemplava lá fora. E girou o corpo abruptamente quando entramos e veio correndo nos encontrar, bloqueando o caminho da enfermeira.

— Como foi o exame, filha? — perguntou aflita segurando a minha mão, olhei para seu rosto tão preocupado e dei-lhe a mais linda notícia que recebi nos últimos tempos, com os olhos cheios de lágrimas. — Foi... que a senhora será vovó.

Ela arfou abrindo os lábios e seus olhos se abriram mais, focando no Marcelo do outro lado da maca. Ele dizia sim movendo a cabeça e com aquele sorriso largo no rosto másculo e perfeito.

— Parabéns, vovó.

Os olhos dela suavizaram por um momento, e rindo e chorando ela chegou a perder o fôlego.

— Que presente maravilhoso! — Debruçou-se sobre mim me abraçando, curtindo aquele momento único. Estendeu a mão chamando o Marcelo, que veio ao seu lado. Então, ela passou o braço pelo seu ombro. — Posso te dar um beijo, filho? — rogou em lágrimas.

— Você pode tudo, sogrinha. — Muito lindo, ele a puxou para um abarcamento apertado, abraço de pedidos de desculpas, de perdão.

— Obrigada, meu filho. Obrigada! — repetia beijando sua face repetidas vezes. — Vivi todos estes anos no silêncio, com meu coração partido, minha alma chorando desolada, mas nunca, nunca, perdi a esperança diante dos desafios e contratempos que a vida impôs — revelou ela se apartando e segurou no rosto dele. — Obrigada por existir em nossas vidas e proporcionar instantes fantásticos.

Ele a levou de volta aos seus braços. Assisti a cena linda, agradecida.

— Será que agora podemos acomodar a paciente? — interveio a enfermeira, sorrateiramente.

Rindo, ambos recuaram dando espaço.



Vinte e Dois

MARCELO

Embora os exames tivessem que ser refeitos, o médico dava quase certeza de que nosso anjinho estava a caminho. O único desconforto talvez fossem as dores que poderiam vir intensas, mas que também seriam controladas com medicamentos paliativos e dieta, para diminuir a atividade biliar e evitar as dores. Pensar em algum procedimento para a retirada das danadas pedras na vesícula, somente após o parto.

Eram dez horas da manhã quando entrei na garagem de casa depois de deixar a Carol na sua. O raio do sol batendo no piso criava um caminho brilhante até que estacionei ao lado do carro do Tiago, o carro do meu pai também estava por ali. Desliguei o motor e soltei o ar com força pensando em enfrentar a fera, e desci.

Além dos vidros na parte externa, no espaço gourmet a céu aberto, ao lado da piscina estava o meu pai, ainda vestido no seu pijama cinza claro – calção e camiseta –, aos sessenta anos, bebericando café na xícara de porcelana branca. E à sua frente Tiago, já vestido para o trabalho, usando um terno grafite de corte italiano, e indagando furiosamente o meu pai, tentando ser flexível.

— Que direito você e o Marcelo tinham de não contar algo tão importante para mim? Ninguém merece ser enganado, traído, muito menos minha mãe.
— Espalmou a mesa com violência. As porcelanas chocaram sobre o vidro, fazendo meu pai comprimir os lábios, repousando a xícara em suas mãos

sobre o tampo e o encarou com uma calma destreza. — É a minha mãe! — exclamou ele nitidamente magoado.

— A ideia de traição é equivocada, acredito que eu não precise repetir tudo o que foi dito no hospital.

Tiago revirou os olhos parando com eles no céu azul limpo, sem nuvens.

— Por favor, meu filho, preencha sua mente com pensamentos verdadeiros. Não se deixe ser confundido, eu amava sua mãe, e amo até hoje, e foi por este amor que respeitei a sua vontade de não revelar sobre a paternidade. Mas não podemos colocar panos quentes por cima. A depressão, no caso da sua mãe, vem de um histórico familiar. Ela não vinha se sentindo bem psicologicamente e a descoberta sobre a paternidade provocou sintomas como tristeza, pessimismo, desamor, desesperança e se tornou um monstro para ela. Mesmo com todos os tratamentos, não conseguiu enxergar meios de como encarar e com isso a levou ao infarto fulminante. Não vou dizer que me arrependo por esconder e obrigar a Viviane a não dizer nada. Mas também não me orgulho de nada. Afinal, o maior prejudicado foi o seu irmão. Comeu o pão que o diabo amassou, sofreu sem merecer, e tudo porque queria preservar vocês de mágoas. Guardou tudo para ele — grunhiu emocionado.

Seu velho idiota que amo! No fundo, sempre soube da sua postura íntegra, por isso nunca consegui odiá-lo!

— Então eu sugiro que o agradeça, ele merece e devemos isso a ele.

Saí pela porta de vidro me revelando. Tiago saltou da cadeira no mesmo instante, sorrindo com os lábios comprimidos; e meu pai, no seu estilo sereno, me observava.

— Eu não quero que peça perdão, Tiago. Só quero que acredite que eu te amo demais, cara!

Ele sacudiu a cabeça rindo e veio me abraçar.

— Apesar de não querer, sei que um dia vou te perdoar — disse rindo ao meu ouvido e batendo levemente em minhas costas, e eu na dele. Uma cena que alegrou meu pai, que afundou na cadeira imerso no seu largo sorriso. — Brincadeira, mano! Quero te dizer que admiro muito a sua postura, viu?

— Talvez admire mais quando souber que seu irmão aqui é um machão viril que não nega fogo. — Joguei matreiro no ar e me afastei com ambos me encarando, especulativos. — O CARA AQUI VAI SER PAI, PORRA! — Feliz da vida, batia repetidas vezes com todos os dedos em meu peito.

— Você está brincando?! — meu pai exclamou levantando, incrédulo, e veio se posicionando em minha frente.

— Não, vovô! Não é brincadeira.

Ele ria de uma maneira engraçada à minha afirmação e me envolveu nos seus braços tatuados.

— Parabéns, meu filhão! — Beijava meu rosto. — Você merece tudo de bom nesta vida.

— Obrigado, pai.

— Pô, mano! — Tiago abriu os braços abraçando a nós dois, e ficamos ali por um tempinho, rindo à toa. — É bem legal isso! — pronunciou — Quero ser um tio admirável para esse anjinho que está para chegar.

— E eu um avô nota mil. E agora eu preciso dizer uma coisa para vocês dois — meu pai começou nos deixando atentos. Nos afastamos sem desmanchar a roda. Espalmou cada mão em nosso rosto, olhando-nos inquieto. — Não vou muito com a cara do primo de vocês, mas, em nome da família da sua mãe, eu contratei um bom advogado

— Como assim, pai? Ele tentou me matar duas vezes!

Ele concordou vacilante comigo.

— Eu sei, meu filho. Mas mandei sondar e descobri que o seu primo está com sérios problemas psiquiátricos, um tipo de demência! Ele perdeu

totalmente o contato com a realidade. Vamos tentar transferi-lo para um dos hospitais de custódia, mais conhecidos como manicômios judiciários.

Respirei aliviado.

— E você, meu filho — deu tapinhas leves no rosto do Tiago —, se esforce para se dar bem com o Guilherme, tá bom?

Tiago acenou de cabeça indeciso.

— Eu e o Guilherme temos um entrave na área sentimental — revirou os olhos, irritado —, mas prometo que vou tentar.

Leves, cada um fazia seus planos para o futuro. E terminamos o café da manhã numa cumplicidade que há muito não havia em nossa casa.

Tomei um banho rápido e corri para a casa do meu amor. Não queria ficar um minuto longe dela, do meu filho ou filha. Não importava o sexo e sim pela sua grande responsabilidade de trazer paz à nossas famílias.



Sempre tive passagem livre no condomínio da Carol e entrei direto, sem ser anunciado. De praxe, as cortinas estavam abertas e respirei a claridade da luz natural no ambiente sofisticado. Batendo os olhos no sofá de couro cinza na sala de estar, o lugar que um dia tatuou minha alma de maneira negativa, soou agora como saudades dos meus momentos com meu amor.

— Pois não! — Fui surpreendido por uma jovem funcionária. Eu não a conhecia e, pelo jeito como ela me olhava apreensiva, também não me conhecia.

— Oi, eu sou o Marcelo, namorado da Carolina.

Sua expressão suavizou junto a um leve sorriso.

— A Carolina está lá em cima? — Apontei em direção às escadas.

— Sim, pode subir — autorizou de prontidão.

Subi as escadas para encontrar o meu amor, queria fazer uma surpresa. E ao passar em frente ao primeiro quarto, lá estava ela, vestida no seu tradicional pijama de algodão azul-marinho com bolinhas cor-de-rosa e muito sensual, deitada de barriga para cima na cama junto com seu pai. E o Guilherme, usando apenas um calção estampado sentado do outro lado. Segurando na mão inerte do senhor Gael, ela deslizava sobre sua barriga numa conversa profundamente íntima, intensa e linda com ele.

— Fala com seu netinho ou netinha, papai! — pedia ela rindo, muito feliz.

— Acredita mesmo que ele nos ouve, Carol? — Ela fechou os olhos e pousou a mão dele em seu ventre à pergunta do irmão indeciso.

— Eu acredito piamente na consciência dele — começou ela suspirando e virou de lado, ficando de frente àquele velho fantástico e passou o braço por seu abdome. — Um ser tão iluminado, de tão pura essência, não a perderia de jeito nenhum. — Beijou sua face antes de sussurrar no ouvido dele: — Estou certa, não estou, pai? Você está nos ouvindo, né?

Comecei a rir, questionando como foi possível viver tanto tempo longe dela. Pois eu a amava mais do que tudo, sem ela eu não vivia, eu padecia.

— Estou tão confuso, Carolina! — esboçou Guilherme em um tom baixo.

— Por quê?

— Não preguei os olhos a noite toda, refletindo sobre tudo o que nos aconteceu e cheguei à conclusão que não existe rancor no meu coração. Portanto, tenho medo de reconhecer a paternidade do senhor Ruan e isso ofender nosso pai aqui. — Tocou o rosto pálido com muito carinho.

— Não, não, meu irmão. O fato do senhor Ruan ser seu pai biológico não muda a nossa vida. Coloque uma coisa na sua cabeça: esse velho lindo aqui... — carinhosamente, o meu amor espalmou o rosto do seu ídolo e sorriu apaixonada — ele sempre foi e será o seu pai. — Beijou a face dele

suspirando de prazer. — O nosso amado e eterno pai. — Sentando, ela curvou sobre o pai e os dois irmãos se abraçaram. Nitidamente ela oferecia o conforto que o Guilherme necessitava e foi neste instante que seu irmão me encontrou ali, parado à porta, bisbilhotando.

— Ah, você está aí? — disse se afastando e levantou passando as mãos embaixo dos olhos, secando as lágrimas que começavam a surgir.

— Acabei de chegar — menti evitando constrangê-lo.

— Amor! — Carol pulou da cama dependurando-se no meu pescoço.

— Calminha, garota! — ralhei fechando meus braços ao redor da cintura ainda fina. — Assim vai machucar nosso bebê.

— Seu bobo — disse ela esfregando seu nariz no meu, notei o Gui atento em meu rosto.

— Posso te fazer uma pergunta, Marcelo?

— Deve!

— O que você sente a respeito de sermos irmãos?

Dei de ombros, sorrindo para quebrar a tensão.

— Para mim não mudou nada, afinal sempre fizemos parte de uma mesma família.

Guilherme sacudia a cabeça e, sorrindo aliviado, bateu em meu braço deixando o quarto. E quando voltei à Carolina, franzi o cenho flagrando seus olhos pensativos, vasculhando meu rosto.

— Ah, Marcelo! Tenho tanto orgulho de você... e sei que o meu pai também tem. Serei eternamente agradecida por proteger o trabalho intelectual dele. — Direcionou seu olhar à cama. Virei-a de costas para mim despretensiosamente encaixando meu pau no meio da sua bunda, a intenção era dar a ela mais amplitude para analisar seu pai. A intenção foi confundida pelo meu pau, endurecendo rapidamente e me dando um arrepio dos diabos. — Pena que ele não pode estar presente nos melhores momentos, né?

Fixei nele, esfregando nela arrepiado, ouvindo seus gemidos curtindo a safadeza, enquanto passava mil e uma ideias por minha cabeça.

— Nossa, que tesão! — sussurrei ao pé de seu ouvido segurando seu quadril, esmagando-a contra mim. — Dava tudo para enterrar dentro de você agora.

— Delícia! — murmurou empinando contra ele. E quando subia as mãos pelo abdome traçando o caminho dos seios, Lídia entrou no quarto com todos os apetrechos para higiene do senhor Gael, quebrando nosso barato.

— Agora peço que saiam, preciso de espaço para banhar nossa celebridade — brincou ela colocando tudo sobre a cama.

Rindo, Carol pegou na minha mão me arrastando para fora do quarto.

Corremos pelo corredor e entramos no espaçoso quarto dela, ganhando calor através do sol que entrava pela janela. A luz natural, que refletia, dava a sensação de que o ambiente era maior e mais espaçoso. Ria saudoso repassando os olhos ao redor pelo quarto, reparando nos móveis de marcenaria planejada de cores neutras e delicadas, a cama ultraconfortável, pensando que tinha muito palpite meu na decoração.

Segurando os dois lados do meu rosto com força, como se eu fosse escapar da sua boca, me beijava com ardor enquanto eu mergulhei as mãos por suas costas e entrei pelo elástico frágil do pijama e calcinha, encontrando a bunda dura e apertei.

Ela trepidou com a pressão dos meus dedos em seu canal, enquanto a esmagava contra meu membro, desesperado para enterrar dentro dela.

— Eu quero ele dentro de mim, agora! — ela implorou em meus lábios, arrancando minha camiseta e começou a beijar meu pescoço, meu tórax, me tocava, arranhava com as unhas, beijava me deixando maluco. Eu não parava de apertá-la. Eu sentia um tesão do tamanho do mundo pela minha princesa. Arqueou o quadril abrindo minha calça e as duas mãos invadiram pegando

meu poderoso, faminto. — Nossa! Ele parece maior, mais duro e agora é todinho meu.

— Precisa conquistar primeiro antes da posse, bonitinha — sussurrei em seu ouvido, sentindo-a tremer em meus lábios.

Ela parou de me beijar e observou meus olhos, que encaravam seu mamilo arrepiado, sob a blusa fina e linda do pijama de menina.

— Ah, tá! Você quem tem que me conquistar! — provocou com olhar sorrateiramente safado, curvando-se e arrastou os lábios pelo meu rosto até tomar minha boca em outro beijo ardente.

— Você já foi pega, minha filha! — Ostentei em seus lábios, descendo as mãos roçando apenas a lateral do seu seio. Sem resistir ela mordeu os lábios, gemendo baixinho.

— Eu quero mais deste toque, por favor! — suplicou.

— Sempre soube que a sua convicção é frágil, meu bem — exprimi simulando um tom rouco de deboche, deslizando para a sua bunda, a atarracando ainda mais em mim naquela excitação desmedida.

Seus olhos tempestuosos travaram nos meus.

— Vai se ferrar! — ela disse sufocada, agarrando meus cabelos na nuca e puxando contra seus lábios. Eu sugava sua língua quente e gostosa para dentro da minha boca. Era demais sentir a vibração do seu corpo emanando ondas de excitação pura, levei minhas mãos aos meus seios, beliscando os bicos já intumescidos sobre o tecido a levando à loucura.

— Gostosa demais! — sussurrei suspirando em seus lábios e descí as mãos pela lateral do corpo escultural, e voltei subindo a blusa de alcinha até tirar pela sua cabeça, espalmei a mão em seu ventre e descí, meus dedos invadiram o elástico da calcinha. Ela respirou fundo, quando alcancei o clitóris molhado, sensível e inchado. — Eu quero! — murmurei em

desespero, introduzindo o dedo naquele aperto quente, molhado, repleto de nervos. E gemeu brincando com minha língua.

— AH! — o prazer era tamanho que não mediu o tom de sua voz, aumentando o meu. Não dei trégua, estimulava enfiando e tirando os dedos numa força e golpes medidos, proporcionando a ela todo prazer deste mundo.

Atrevida, ela desceu uma mão entre nós agarrando meu membro muito duro, ereto, me arrancando gemidos entre a respiração pesada e me sufocou com mais um beijo surreal, sua determinação, ousadia, atitude... tudo era maravilhoso e único!

— É humanamente impossível de resistir a você estando por perto. — balbuciou em meus lábios, cingindo-o firmemente.

Arfei sem aguentar mais.

— Porra, eu quero você! — rosnei implorando, tremendo em sua boca, estirando seu lábio inferior sem machucar, acariciando-a ao redor do seu núcleo de prazer e ela deslizando firme meu pau, da base à glândula numa luxúria irresistível.

Um devorando a língua do outro, nos masturbando alucinados.

— Não vamos abusar da sorte, amor! — murmurei com as mãos no cós do short e da calcinha e desci. Enquanto ela se livrava das roupas pelos pés, desci minha calça junto a boxer.

— Hum... — ela liberou um suspiro ruidoso, engolindo duro. Aquele som me fez endurecer mais e pulsar dolorosamente gostoso.

— Vem cá! — Agarrei sua bunda e a levantei para meu colo, um rosnado extremamente forte escapou de sua boca em contato com meu pau duro. Abraçando minha cabeça, ela entrelaçou as pernas ao redor de mim.

Caminhei com ela até os pés da cama e a desci. Sentando-me na beirada a puxando para meu colo de frente a mim, e penetrei-a forte e fundo. Uma

sensação indescritível tomou meu corpo, que achei que ia morrer de tanto tesão.

— Ahhhh, M-Marcelo! — exclamou sufocada, arquejando quase gozando. — Eu te amo! — ela disse quase arrancando meus cabelos no pé da nuca.

— Ah! — gemi alucinado, segurando em seus quadris e fazendo movimentos possessivos, curtindo aquele aperto divino e único antes de me pronunciar. — Duvido que ame mais do que eu!

Sem controle do prazer, ela gemia alto, cobri seus lábios, amenizando o barulho e recebendo seus gemidos em minha boca enquanto mexia rápido, sempre relando no seu ponto G.

Investindo com mais força, ela se contraiu toda, senti as contrações internas esmagando-o e então ela gritou sufocada, gozando gostoso no meu pau. Beijava-a com força e duro, ainda mais excitado.

— Eu quero mais... — Exigente, tirei-a do meu colo a colocando de quatro na cama e pincelei meu pau, pulsando de tesão, na sua bunda, ela empinou e deslizei-o na sua vagina linda, escorrendo de tão molhada que estava. Posicionei-o enterrando com tudo, arrancando um grito exaltado dela.

— OHHH... — Esquecendo de tudo e todos, concentrado no prazer absoluto, gemi no mesmo tom dela juntando os seus cabelos, aumentando a velocidade das estocadas. — É muito bom foder você, amor! — E continuei vigoroso.

— Isso, assim... ah... eu vou gozar de novo, MARCELO! — avisou tremendo e remexendo, meu corpo também se preparava com espasmos violentos. — Puta que pariu! — blasfemou endoidecida, deixando-me também. Depois de algumas socadas e gemidos roucos, o impulsionei com força no meu limite, tendo um orgasmo arrebatador, e ela também.

Respirando exausto e preocupado com seu esforço, eu saí de dentro dela, caindo ao seu lado na cama, e ficamos abraçados, com nossas testas coladas, ouvindo a respiração barulhenta um do outro, um sentindo o perfume do outro.

— Céus! Não sei como aguentei ficar tanto tempo sem você — Ela sorriu apaixonada e bonitinha trazendo seus lábios aos meus num beijo lento, cansado.

— Idem, meu bem — sussurrou em meus lábios. — Idem...

Apertando-a mais em meus braços falei:

— Acredito que se casando comigo este problema pode ser solucionado.

Ela arfou engolindo duro antes de me encarar.

— Afinal, agora sou oficialmente pai. — Ri da minha dedução errônea. — Quase, né?

— Lindo! — Pincelou meu nariz. — Acha que vai precisar tirar a Yasmim do seu nome?

Uma possibilidade que me entristeceu de fato.

— A Justiça é quem vai decidir. — Dei de ombros fitando no meu tradicional olhar sincero. — Ficaria imensamente feliz se ela carregasse meu sobrenome para a vida toda.

— Faria muito gosto também. — Sua sinceridade me encantou, de um jeito que me sentei na cama e a trouxe para o meu colo. Suas pernas se fecharam ao redor da minha bunda e ficamos ali por um longo momento, um tocando no rosto do outro numa cumplicidade só nossa.

— Você é muito especial na minha vida, Carol! — Segurando em seu rosto, a puxei para meus lábios num beijo apaixonado, molhado e nosso. — A gente já perdeu tempo demais, quero muito que seja minha esposa, e tem que ser para ontem. Topa casar comigo amanhã?

Ela assentia com os olhos cheios de lágrimas.

— Claro que topo, topo tudo com você.

— A gente faz uma cerimônia simples, parentes e os amigos mais chegados.

— Tá bom, tá bom... — respondeu rebolando no meu pau, já duro novamente e nos beijamos.

Joguei-a sobre a cama faminto e devorei tudo dela, bebi de toda sua essência. E ela da minha, o melhor do oral antes de uma segunda penetração fantástica e nos deitamos abraçados e ficamos assim até adormecemos juntos.



Vinte e Três

CAROLINA

Não saiu exatamente como o planejado, como sempre sonhei em entrar de véu e grinalda na igreja, tivemos que seguir uma série de procedimentos e requisitos para o casamento religioso. Bem, esperamos mais de sessenta dias e valeu a pena.

Nem acredito que a celebração do meu casamento acontecerá aqui nesta capela em uma área de reserva legal, literalmente construída dentro de uma gruta. Um lugar único, mágico. Um pedaço do céu, como dizia meu pai. Um homem devoto e frequentador daqui.

Dentro de um terno caqui e os cabelos presos num coque samurai perto das árvores estava Derek, que foi o primeiro que viu a limusine em que eu e o Guilherme estávamos, chegar. Ele acenou sorridente.

Neste período, conseguimos colocar muitas coisas em ordem, unir a galera. Inclusive o Derek, que voltou a amizade de adolescência com o Marcelo, agora eles formaram um único time, e a competição passou a ser estadual.

— Mamãe, mamãe, a Carol chegou! — De mãos dadas com a Jussara, linda num vestido azul-claro, a Yasmim gritou. Linda demais no vestido rodado de dama de honra, a coroa delicada de flores naturais na cabeça dava-lhe ainda mais beleza as madeixas douradas. Ela entraria com as alianças.

Levei a mão sobre os lábios enviando um beijo carinhoso àquela linda e recebi o dela com muito amor e carinho. Depois do episódio perigoso que

passamos, ficamos muito íntimas. Agora mãe, filha e avó moravam numa casa espaçosa no bairro, que eu e o Marcelo fizemos questão de comprar para elas.

— Esta Jussara além de ser um pedaço de mau caminho, tem um ar familiar, já devo ter cruzado com ela por aí! — Vestido elegantemente no terno preto, observou Guilherme num tom interesseiro.

Segurei sua mão apertado.

— É uma pessoa maravilhosa, encantei-me com ela — incitei propositalmente. Aliás, a única coisa que eu e o Marcelo não conseguimos ajustar foi a amizade entre ele e o Tiago com o pivô “Susana”. Que, aliás, tinha um pouco de culpa. Sempre em cima do muro. Ela estava com o Tiago, porém, sempre muito preocupada com o Gui.

Vai entender?

— Eu também. — Seu tom mudou para um desinteressado quando viu a Susana, que estava linda usando um vestido dourado, sua cor predileta, que a fazia parecer uma sereia, dependurada no braço do Tiago, muito elegante, também usando um terno preto, próximo à porta de entrada da gruta.

Sobre a Yasmim poder ou não permanecer com o sobrenome D’Ávila, ainda era uma incerteza, sem uma definição da Justiça. Só que, independente de tudo, ela fazia parte de nossa família, e já se intitulou irmã do Pedro... Sim, a intuição do doutor estava certa. Era mesmo o Pedrão Uchoa D’Ávila! Como já se passaram mais oito semanas, detectou no exame de sangue para a sexagem fetal.

Ali fora, sentia falta apenas do Marcelo, do seu Ruan, que se tornou um grande amigo e pai do Gui, e dona Esmeralda que, provavelmente, estaria acomodada aguardando a minha entrada.

Todos estavam presentes, Cauã, Cláudia, linda esticando o pescoço para dentro da limusine para ver melhor o Guilherme, que ainda estava focado

descontente no irmão com a Susana. As duas secretárias e suas famílias, o Bernardo, elegantemente despojado. Claro! A Ingrid estupenda num vestido reluzente preto com o seu elegante marido a tiracolo. Morri de vergonha pelo que aprontei com ela. Pedi mil desculpas, mas ainda não achava o suficiente diante da pessoa maravilhosa que esta mulher era. Inclusive, ela quem me vestiu: o vestido único e especial inspirado pelos contos de fadas confeccionado para mim, um modelo princesa, mais lindo que já existiu, nos braços e ombros era uma renda que parecia colada na pele, o corselete valorizava minha cintura, mas já dava indícios da minha pequenina barriga e a saia não muito volumosa. Na cabeça, eu usava guirlanda de flores naturais com meus cabelos descendo pelas laterais. E vestiu também o meu amor, estava ansiosa para vê-lo.

Minha mãe, num arraso em seu vestido verde combinando com os olhos do Guilherme. Sorrindo carinhosa, correu até o carro quando paramos e abriu a porta, enfiando metade do corpo para dentro.

— Você não tem ideia de como a capela está linda! — Seus olhos minavam. — É uma pena que seu pai não esteja aqui para ver isso. — Desabou fechando seus braços ao meu redor, em um abraço calorosamente materno.

Segurava para não chorar, evitando borrar minha maquiagem.

— Acredito que, de alguma forma, ele está aqui, sim — afirmei fechando os olhos e segurando a emoção.

— Mulheres, mulheres, assim vocês vão entrar borradas na igreja! — alertou Guilherme quando ouvimos a música tocar.

— Gostaria de um rápido abraço da família antes de entrar na igreja. — A voz rouca do senhor Ruan soou agradavelmente. Lindo no terno grafite, sorria ali, parado atrás da minha mãe, que endireitou e postou-se de frente a

ele. — Você está muito bonita, Viviane! — Minha mãe sorriu ao elogio sincero.

— Obrigada — agradeceu ela retribuindo o mesmo sorriso.

— Será que poderia dar um abraço? — pediu humildemente já abrindo os braços.

— E por que não? — disse despreziosamente se envolvendo nos braços fortes. Suspirei emocionada à cena com a certeza de que ali não havia resquícios do sentimento do passado. Ambos realmente amavam suas famílias.

— Eu não vou ficar de fora. — Humorado, Guilherme abriu a porta do carro e desceu tomando o lugar da minha mãe nos braços do homem simpático, como o filho.

— Meu filho! — Esfregando as costas do meu irmão, o senhor Ruan expressava com gosto.

— Meu pai! — respondia Gui, comovido.

O senhor Ruan apartou, continuando com as mãos no ombro do Gui.

— Precisamos conversar na semana que vem — começou ele. — Estou com algumas ideias bacanas e acho interessante empregar na sua construtora.

— Vindo de você, um exímio empresário, acredito que será mesmo. — Ele beijou a face do Gui e veio me beijar em seguida, desejando toda a felicidade do mundo. Piscou e correu para igreja. Quando todos adentraram na capela, a porta se fechou.

— Preciso entrar, meu amor! — avisou minha mãe. Beijou minha testa e esticou a mão pegando a do Gui, que piscou para ela, então ela saiu.

E quando descia, eis que fui abordada por aquela loira de parar o trânsito, corpo escultural revelado pelo vestido vinho. Os cabelos negros na altura dos ombros bem escovados, e os olhos negros puxados de cílios enormes.

— Embora o convite não tenha partido de você, eu vim mesmo assim — informou Adrienne Oliveira, com os braços escancarados, aguardando o meu abraço. Minha amiga e braço direito no Group Uchoa.

— Você veio, mulher! — Abracei-a muito feliz esfregando as mãos por suas costas.

— Não podia recusar o convite do senhor seu noivo, quase marido — disse apartando, moldando meu rosto entre suas mãos.

— Ele é lindo! Não esqueceu nem de você. — Fechei meus olhos ainda mais encantada com o Marcelo.

Ela me puxou novamente para o abraço.

— Vocês se merecem, se completam, minha amiga, minha chefe.

Bati em seu braço quando Guilherme se posicionou ao meu lado e estendeu a mão.

— Muito prazer, Guilherme, o mano desta lindeza aqui. — Beijou a lateral da minha cabeça.

— Então eu tenho certeza de que também é especial.

Ele arqueou as sobrancelhas, safado.

— Depois de conversarmos na recepção, você poderá confirmar se a informação procede.

Ela riu, piscou e foi neste instante que o coral do casamento começou a tocar avisando que era hora de eu entrar, ela correu para a igreja.

Em seguida, tremendo de emoção com os braços dados ao Guilherme eu posicionei-me em frente à grande porta, com aquele tradicional frio na boca do estômago e coração acelerado.

Quando a porta da igreja se abriu, meu coração veio parar na garganta, meu olhar voou para o altar, nossos amigos, minha mãe. Aliás, a cerimônia era simples, apenas amigos íntimos e familiares. As lágrimas vieram com força quando nossos olhos se encontraram, ele, meu futuro marido, estava

lindo de viver dentro de um terno completo, com colete azul-marinho. Muito bem escolhido para o mês de setembro, primavera e temperatura amena.

Mandou um beijo apaixonante quando o Guilherme soltou do meu braço. Lancei um olhar desentendido sobre meu irmão se afastando me deixando no vácuo.

— Não sou eu quem vai entrar na igreja com você. — Senti todo meu sangue subir para o meu rosto, de tão quente que ficou.

— O que está dizendo, Gui?

— Espera! — dizendo isto, ele enfiou a mão no bolso e pegou uma braçadeira porta celular com um aparelho já ali.

Estranhei a tela enorme.

— O que está fazendo, Guilherme? — perguntei, com todos os olhares interrogativos lá de dentro sobre nós ali na porta.

— Já vai saber. — Colocou no meu antebraço direito. — Tem uma câmera IP instalada em frente à cama do papai. É a alta tecnologia, maninha! Vai permitir ver nosso pai em tempo real pela internet e ele também está assistindo você. — Apontou para além do altar, na pedra havia uma câmara ligada posicionado em nós.

Ergui meu braço olhando meu paizinho ali, em seu conforto silencioso, vestido elegantemente num terno completo, usava até colete cinza, combinando com seus chumaços de algodão na cabeça. Atrás da cabeceira estava a Lídia, dando tchauzinho.

Acenei emocionada, toda a igreja se emocionou junto comigo.

— Foi ideia do Marcelo, né? — Suspirando, Guilherme disse sim movendo a cabeça.

— Pai, eu te amo — declarei com todo meu amor recolhendo o braço e beijei a tela. Fechei meus olhos, imaginando eu com os braços agarrado aos dele e entrei lentamente.

Guilherme veio um passo atrás.

Passei meus olhos por aquela igreja, sorrindo a todos e fixei no Marcelo. Seus olhos cinzas cintilando. Enfim, chegamos no altar e Marcelo estendeu sua mão em minha direção.

— Obrigado, meu sogro! — agradeceu picando para a tela e fixou em meu rosto, transmitindo uma energia tão boa, tão gostosa antes de curvar-se. — Quem disse que ele não poderia estar num momento tão importante de sua vida, hum? — sussurrou ao meu ouvido. Impossível não se impressionar, se emocionar. Um momento inusitado e especial, que tocou a todos, inclusive o sacerdote. Ele beijou sobre minhas lágrimas banhando meu rosto. — Se continuar chorando vai borrar sua maquiagem, amor.

— Ah. Marcelo! Você é uma pessoa incrível! — Não resisti em dependurar-me em seu pescoço e beijar seu rosto inúmeras vezes.

— E que te ama muito! — Beijou minha face e nos posicionamos para a início da cerimônia.

— Estamos reunidos aqui na presença de Deus para testemunharmos... — prosseguiu o padre.

A entrada da Yasmim com as alianças foi mais um momento de suspiros, de tão lindo.

— Marcelo D'Ávila, você aceita Carolina Uchoa como sua legítima esposa? Para amá-la e respeitá-la na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza até que a morte os separe? — o sacerdote perguntou.

— Tudo o que eu mais quero é recebê-la como minha esposa — respondeu ele colocando a aliança em meu dedo e beijou com seus olhos brilhando nos meus.

E depois foi a minha vez de responder:

— Sim, aceito ele como meu legítimo esposo, como tudo na minha vida — respondi colocando a aliança em seu dedo anular e com a igreja

explodindo em aplausos.

— Diante de Deus, eu os declaro casados. — O padre ergueu as mãos abençoando. — Pode beijar a noiva.

Marcelo segurou em meu rosto, perambulando por todo ele e sorriu suspirando.

— Me desculpa por tudo, meu amor. — Puxou me para um beijo exigente e sufocante, tirando a possibilidade de me expressar. Um lindo gesto de amor causando um coro de “oh” no ambiente. — Obrigado por existir na minha vida, obrigado, obrigado! — sussurrou e me agarrou pela cintura girando comigo. — Obrigado!

E me colocando no chão, abraçado à minha cintura, ficamos de frente a câmera.

— Obrigado, sogrão, por ter colocado esta belezura no mundo para mim. — Bateu continência e virou beijando o lateral da minha cabeça. Pela câmera em meu braço, observamos a Lídia pegar a mão dele e retribuir a continência ao Marcelo.

Eu chorava sem acreditar que meu pai de fato estava presente.

Abri meus braços e os fechei ao redor do meu tronco, simulando um abraço bem gostoso.

— PAI, EU TE AMO, AMO, AMOOO! — clamava em tom altíssimo, tocando a todos. Levei a mão à boca e mandei um beijo verdadeiro.

— Eu também quero deixar minha mensagem a este velho incrível que é o senhor Gael. — Derek passou a mão pelo ombro do Marcelo; em seguida, veio o Cauã, Tiago, Susana, Bernardo, minha mãe, meu irmão, a igreja toda. Todos posicionados de frente a câmera e gritaram:

— Nós te amamos!

A Lídia pegou nas mãos do meu pai levando aos lábios dele, e simulou como se ele estivesse enviando um beijo a todos em agradecimento.

Aplausos e abraços verdadeiros aconteceu ali no altar.

— Vem, amor — Marcelo pegou na minha mão —, agora vamos a humilde e nossa recepção.

Assenti encantada, tombando a cabeça ao lado direito, encostando meu rosto na tela do celular, e saímos pelo corredor recebendo aquela linda chuva de pétalas.

Agora a minha vida estava completa, casar com o Marcelo sempre foi um sonho, ele é um sonho, tudo em relação a ele envolve sonhos. Meu pai tinha razão quando repetia aquele velho ditado: “A esperança é a última que morre”. Seis anos se passaram e finalmente chegamos ao sonho de casamento, e o mais divino, o sonho de estar gerando uma vida dentro de mim.

— Você está bem, amor? — Marcelo, notando meu silêncio, enlaçou minha cintura e me puxou colando nossos corpos quando chegamos perto da limusine.

— Como não poderia estar, amor? — Pincelei a ponta do seu nariz com o meu. — Eu tenho tudo agora. Você, que ilumina a minha vida. — Ele se curvou me beijando, demoradamente, de língua e transbordando meu coração de paixão. — Tenho o Pedro, minha família, a sua família, nossos amigos. — E olhei para a tela do celular em meu braço, e suspirei vendo o rosto sereno do meu pai. — E tenho meu pai, meu herói, meu alicerce no seu silêncio confortável, mas com seu coração pulsando.

— Ah, meu amor! — Suas mãos seguraram meu pescoço e ganhei mais um beijo, daqueles que ficam na história. — O senhor Gael é o meu ídolo, eu já te disse isso? — sussurrou em meus lábios, um fofo!

Neguei de cabeça, emocionada.

— Eu te amo, Marcelo! Te amo...

— Eu também te amo, querida! — Beijou-me mais uma vez esfregando o grandalhão, que acordou de repente dentro das suas calças. — Vamos logo para a nossa festa, porque não pretendo ficar muito tempo, quero chegar cedo em nossa nova casa e degustar você completamente — sussurrou mordendo meu lábio inferior e puxou.

— Você é muito safado, Marcelo — quase gemi com toda aquela esfregação. Os risinhos dos convidados saindo pela porta da gruta ecoou.

— A lua de mel é mais tarde! — A voz do senhor Ruan tirou-nos do nosso momento quente.

Rindo como duas crianças sapecas que acabavam de aprontar, entramos na limusine.



Biografia

ELISETE DUARTE

ELISETE DUARTE nasceu em 1 de novembro de 1967, na cidade de Osasco (SP), hoje vive em Barueri com seu marido e seu filho.

Descobriu seu dom da escrita em 1998 quando começou a sofrer com a Síndrome do Pânico. Na mesma época, teve um sonho com um senhor de óculos que lhe entregou um caderno de brochura e um lápis já desgastado e pediu a ela que escrevesse muito, porque assim aliviaria a dor de sua alma. Daí em diante não parou mais.

Publicou *Talvez um dia, Além dos Olhos, Eternamente Eu, Príncipe Imortal, Meu vizinho, minha perdição, Conexão imortal, Um dom perigoso, De repente, você!*, entre outros.

REDES SOCIAIS:

Site:

www.eliseteduarte.com.br

Instagram:

[@autora.eliseteduarte](https://www.instagram.com/autora.eliseteduarte)

Fanpage:

Elisete Duarte

Grupo no Facebook:

Romances quentes de Elisete Duarte

Wattpad:

Elisete Duarte



Obras

Os livros impressos estão à venda no site da autora e você ainda recebe autografado com marcadores:

www.eliseteduarte.com.br

À venda em e-book também na Amazon:

[Encontro com o Acaso](#)

[Só mais uma noite](#)

[De Repente, Você!](#)

[De Repente, Você! Um Sonho Quase Impossível](#)

[Devorador de Corações - Parte 1](#)

[Devorador de Corações - Parte 2](#)

[Um Sonho a Dois](#)

[Alguns Minutos com Você](#)

[Eternamente Eu](#)

[Eternamente Eu: a Morte era só o Começo](#)